

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E METODOLOGIA DAS CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

ANDRÉ SANTANA MATTOS

**SINGULARIDADE E UNIVERSALIDADE EM A *INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS*, DE
SIGMUND FREUD**

São Carlos

2013

ANDRÉ SANTANA MATTOS

**SINGULARIDADE E UNIVERSALIDADE EM A *INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS*, DE
SIGMUND FREUD**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani.

São Carlos

2013

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

M444su Mattos, André Santana.
Singularidade e universalidade em *A interpretação dos sonhos*, de Sigmund Freud / André Santana Mattos. -- São Carlos : UFSCar, 2013.
192 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2013.

1. Psicanálise freudiana - filosofia. 2. Freud, Sigmund, 1856-1939. 3. Singularidade. 4. Universalidade. 5. Interpretação de sonhos. I. Título.

CDD: 150.195201 (20^a)

ANDRÉ SANTANA MATTOS

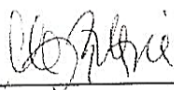
**SINGULARIDADE E UNIVERSALIDADE EM “A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS”,
DE SIGMUN FREUD.**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para
obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Aprovada em 26 de setembro de 2013.

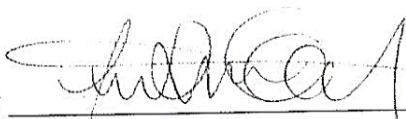
BANCA EXAMINADORA

Presidente _____



Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani (Orientador - UFSCar)

1º Examinador _____



Profa. Dra. Ana Carolina Soliva Soria (Membro Titular - UFSCar)

2º Examinador _____



Prof. Dr. José Francisco Miguel Bairrão (Membro Titular - USP/Ribeirão Preto)

AGRADECIMENTOS

Ao professor Luiz Roberto Monzani, pela orientação atenciosa e dedicada desta pesquisa, pelas preciosas indicações e sugestões, sem as quais este trabalho não receberia sua forma atual, assim como pela generosa amizade e afetuosidade.

A Josette e Luiz Henrique, por terem me recebido tão bem em São Carlos e pela amizade e convivência durante esses dois anos e meio.

Aos colegas e amigos com quem compartilhei parte do tempo e das atividades acadêmicas e extra-acadêmicas: Gustavo, Fillipa, Carlos Eduardo, Michael, Jota, Juan, Marquinho, Patrícia, Duba, Hugo, Maria Ines, Ju, Will, Marina, Andressa, Edson, Dário, Laila e todos os demais que estiveram presentes durante esse tempo.

Aos professores Miguel Bairrão e Ana Carolina Soria, pelas questões e sugestões colocadas ao trabalho por ocasião do Exame de Qualificação e da Defesa, contribuindo para o seu aprimoramento.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar que contribuíram direta ou indiretamente para a minha formação. Ao professor Paulo Licht, pela dedicação, junto aos estudantes, às atividades de organização dos seminários de pós-graduação.

Às professoras Denise Coutinho e Carlota Ibertis, pelo importante papel que tiveram em minha trajetória acadêmica.

Aos meus pais, por todo o apoio que me deram, do início ao fim deste trabalho, às irmãs Clara, Nanda e Mari, a Rosário, Léo, a minhas avós, assim como a todos os familiares que, mesmo distantes, estão sempre presentes.

À CAPES e à FAPESP, que concederam, cada uma, um ano de bolsa de estudos, possibilitando minha dedicação exclusiva a esta pesquisa por dois anos.

RESUMO

MATTOS, André S. *Singularidade e universalidade em A interpretação dos sonhos, de Sigmund Freud*. 192f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) — Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

Em *A interpretação dos sonhos*, Freud apresenta um rico material de análises de sonhos, que se articula ao estabelecimento de teses gerais sobre o sonho, vindo a desembocar, no sétimo e último capítulo, nas formulações metapsicológicas acerca do aparelho psíquico. Com o propósito de investigar as relações entre singularidade e universalidade que se configuram na obra, distinguimos, entre estes três planos epistêmicos, dois momentos onde se constitui, em cada um deles, uma relação entre dois daqueles planos. Em um primeiro momento, analisamos a relação que se situa no domínio entre *um sonho* e *todos os sonhos*, isto é, entre a análise pormenorizada de um sonho singular e as teses gerais sobre o sonho. Identificamos que, na articulação entre estes dois termos, Freud lança mão da análise em profundidade de casos singulares, tomados como casos exemplares que apresentam mais claramente certa característica geral do sonho, mas também se prolonga em análises breves de diversos sonhos, estendendo-se na pluralidade da experiência que se articula a uma tese geral. Em um segundo momento, analisamos as relações postas em jogo quando se toma o sonho em geral como *uma formação psíquica* singular, entre outras, estabelecendo relações epistêmicas com as formações psicopatológicas e com o aparelho psíquico, este que deveria ser, no limite, responsável por *todas as formações psíquicas*. Enquanto Freud se propõe, inicialmente, a fundamentar a explicação das formações psicopatológicas na explicação do sonho, essa ordem epistêmica é invertida, na medida em que é a partir da psicologia das neuroses que ele vai justificar a universalidade da presença do desejo infantil no sonho. Do mesmo modo, enquanto uma primeira leitura que tentasse derivar o esquema do aparelho psíquico apenas da interpretação de sonhos encontraria o seu limite, é preciso reconhecer que há uma subordinação recíproca entre a interpretação e a explicação metapsicológica, como afirma Monzani.

Palavras-chave: Sigmund Freud, *A interpretação dos sonhos*, singularidade, universalidade.

ABSTRACT

MATTOS, André S. *Singularity and universality in Sigmund Freud's The interpretation of dreams*. 192f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) — Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

In *The interpretation of dreams*, Freud presents a rich material of dream analyses, which is articulated with the establishment of general theses about the dream, leading into the metapsychological formulations about the psychic apparatus carried out in the seventh and last chapter. With the purpose of investigating the relations between singularity and universality that are characterized in the book, we have distinguished, among these three epistemic planes, two moments where it is constituted, in which one of them, a relation between two of those planes. In the first moment, we have analyzed the relation that finds itself in the domain between *one dream* and *all dreams*, i.e., between the detailed analysis of a singular dream and the general theses about the dream. We have identified that in the articulation between these two terms Freud makes use of the profound analysis of singular cases, taken as exemplar cases that present more clearly a determinate general characteristic of dream, but he also extends himself in brief analyses of various dreams, dwelling on the plurality of experience that articulates itself to a general thesis. In a second moment we have analyzed the relations that are at stake when we take the dream as *one psychic formation* among others, establishing epistemic relations with the psychopathological formations and with the psychic apparatus, which should be responsible for *all psychic formations*. While Freud initially intends to base the explication of psychopathological formations in the explication of dream, this epistemic order is inverted, in so far as it is based on the psychology of neurosis that he is going to justify the universality of the presence of the infantile desire on dream. In the same way, while a first reading that tried to understand the schema of the psychic apparatus only based on the interpretation of dreams would find its limit, it is necessary to recognize that there is a reciprocal subordination between the interpretation and the metapsychological explanation, as asserted by Monzani.

Palavras-chave: Sigmund Freud, *The interpretation of dreams*, singularity, universality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
Uma leitura de Freud	7
Experiência e teoria, singularidade e universalidade	10
Singularidade e universalidade em <i>A interpretação dos sonhos</i>	13
1. <i>ENTRE UM SONHO E TODOS OS SONHOS</i>	27
1.1. <i>Die Traumdeutung</i>	28
1.2. O método de interpretação de sonhos e o sonho da injeção de Irma	36
1.3. O sonho é uma realização de desejo	46
1.4. O material e as fontes dos sonhos	56
1.5. O trabalho do sonho	84
1.5.1 Condensação e deslocamento	84
1.5.2 Consideração à figurabilidade	94
1.5.3. Elaboração secundária	99
1.5.4 Outros aspectos dos sonhos	101
1.6. A interpretação por meio do simbolismo: um método auxiliar	104
1.7. O esquecimento dos sonhos como efeito da ação da censura	117
2. <i>O SONHO, A PSICOPATOLOGIA, O APARELHO PSÍQUICO</i>	123
2.1. O sonho em primeiro lugar: o plano epistêmico da obra	125
2.2. Os limites epistêmicos do plano da obra	143
2.2.1. Dos sintomas neuróticos aos sonhos	143
2.2.2. Do <i>Projeto</i> de 1895 ao esquema do capítulo VII	150
2.3. O sonho, a psicopatologia e o aparelho psíquico: estratégias de sustentação epistêmica	157
CONSIDERAÇÕES FINAIS	183
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	189

INTRODUÇÃO

O que apresentamos aqui é um estudo das relações entre singularidade e universalidade em *A interpretação dos sonhos*, de Sigmund Freud. Entendendo fazer uma leitura epistemológica dessa obra, nos atemos inicialmente a algumas considerações introdutórias que buscarão explicitar o modo como compreendemos essa leitura e, em seguida, nos estenderemos em observações que têm o propósito de delinear a questão de pesquisa que será desenvolvida neste trabalho.

Uma leitura de Freud

Talvez não sejam desnecessárias algumas palavras sobre a leitura que aqui fazemos de Freud, se esta pode ser feita de diferentes maneiras¹. Em primeiro lugar, vale uma observação sobre os limites dessa leitura, que não trata da psicanálise de modo geral. Para isso, nos servimos inicialmente das palavras de Paul Ricoeur, no seu ensaio clássico sobre Freud, as quais fazemos nossas:

Em primeiro lugar, este livro trata de Freud e não da psicanálise; isso significa que faltam aqui duas coisas: a própria experiência analítica e a consideração das escolas pós-freudianas. No que diz respeito ao primeiro ponto, é sem dúvida um desafio escrever sobre Freud sem ser nem analista nem analisado e tratar sua obra como um monumento de nossa cultura, como um texto no qual esta se exprime e se compreende; o leitor julgará se este desafio é uma aposta perdida.²

¹ Para um panorama geral dos tipos possíveis de trabalho que envolvem a interação entre filosofia e psicanálise, cf. Simanke, “O que a filosofia da psicanálise é e o que ela não é”, 2010.

² Ricoeur, *De l'interprétation*, 1965, p. 7. Tradução nossa.

Desse modo, não partindo da experiência analítica e não tratando de autores pós-freudianos, podemos dizer que este trabalho não pretende falar sobre a psicanálise. Talvez pudéssemos dizer que falamos aqui sobre o discurso freudiano, ou sobre Freud, se a nossa pretensão não fosse mais uma vez limitada em seu escopo, já que a nossa investigação se insere nas fronteiras mais ou menos delimitadas da obra *A interpretação dos sonhos*³. Apesar de a escolha desta obra ter se pautado pela sua considerável importância no conjunto das obras de Freud, assim como por apresentar de modo bastante privilegiado uma articulação entre os âmbitos da singularidade e da universalidade, não temos a intenção de imputar ao discurso freudiano em geral as eventuais conclusões aqui apresentadas, já que uma avaliação geral deste só poderia ser feita a partir de um efetivo exame do conjunto das obras de Freud.

Em *De l'interprétation*, Ricoeur distingue uma leitura e uma interpretação filosófica de Freud. Enquanto a primeira pretende ser uma leitura rigorosa detida no texto freudiano, a segunda situa Freud numa problemática filosófica, cuja solução será ensaiada na última parte de sua obra, apresentada sob o signo da dialética. Colocando-se de acordo, em termos gerais, com aquilo que Ricoeur apresenta como uma leitura de Freud, Monzani a resume:

Nesse sentido, uma leitura de Freud seria uma tentativa de reconstrução do movimento de seu pensamento. Reconstrução que não coincidiria necessariamente com uma repetição pura do autor em questão, mas que procuraria explicitar as articulações que comandam a estrutura da obra.⁴

Tratar-se-ia então, segundo Monzani, de “tentar esclarecer algumas articulações que guiam o movimento de pensamento no interior da obra de Freud”⁵. Porém, enquanto Ricoeur, na descrição de sua leitura de Freud, tem em vista apenas o rigor obtido pela história da filosofia na leitura de textos, Monzani observa que este autor não dá atenção à especificidade do discurso

³ Se, porém, no decurso deste trabalho nos referimos à psicanálise, a Freud ou ao discurso freudiano, sem as devidas ressalvas, como apresentadas acima, trata-se apenas de um descuido da expressão, com relação ao qual contamos com a indulgência do leitor.

⁴ Monzani, *Freud: o movimento de um pensamento*, 1989, p. 21. Em *Le conflit des interprétations*, Ricoeur retoma a questão, distinguindo “a leitura” de “uma interpretação filosófica” de Freud (1969, p. 161). Ainda que nos coloquemos de acordo com a ideia de uma pretensão à objetividade na leitura de Freud, vale observar que preferimos, ainda assim, falar em “uma leitura” de Freud, a fim de evitar a ideia de que, através de uma oposição entre leitura e interpretação, se excluiria o caráter interpretativo inerente a qualquer leitura, elevando-a a uma objetividade supostamente alcançada e não apenas pretendida ou mantida como horizonte.

⁵ Monzani, *Freud: o movimento de um pensamento*, 1989, p. 21-2.

freudiano, que, ao pretender-se um discurso científico, colocaria outros requisitos para a sua leitura.

Nesse sentido, ao buscar precisar melhor a sua proposta de leitura, Monzani⁶ descreve, primeiramente, o que seria um trabalho de filosofia da ciência, caracterizado por estabelecer critérios externos de cientificidade para a disciplina estudada, e então inquiri-la sobre a sua adequação a tais critérios, donde se extrai a distinção entre ciência e pseudociência. Busca, desse modo, realçar as limitações deste tipo de procedimento, especialmente no caso da psicanálise, à qual seria mal aplicado, e então apresenta algumas alternativas.

A primeira delas pertenceria à história das ciências, consistindo em tomar o discurso psicanalítico como um *corpus* de textos, procurando “estabelecer um conjunto de genealogias conceituais que influenciaram e mesmo determinaram, em certa medida, a constituição desse discurso, sem se preocupar com a verdade ou falsidade desse mesmo discurso”⁷. A segunda alternativa consiste em tomar o discurso psicanalítico como uma rede discursiva, “como um tecido de significações que vale a pena ser explicitado, comentado, discutido e interpretado”⁸, algo como uma reconstituição discursiva, uma análise dos procedimentos e encadeamentos discursivos. Nesta se enraíza a terceira alternativa, que o autor considera a mais interessante, apresentada como um trabalho de *epistemologia da psicanálise*:

Parte-se da idéia de que cada disciplina produz um determinado saber que tem seu contorno e sua especificidade própria. Enfim, desse ponto de vista, abandona-se o ideal unitário de ciência, pelo menos provisoriamente, e seu correlato: o de que só existe um tipo de verdade [...]. A partir daí [e realizada essa leitura interna preconizada no segundo tipo (encadeamento das teses, postulados, conseqüências etc.)] esse terceiro tipo de leitura procurará examinar e demarcar o conjunto dos critérios próprios e específicos de validação da disciplina em questão, e qual o critério e a idéia de verdade que daí brotam.⁹

⁶ Cf. Monzani, “O que é filosofia da psicanálise?”, 2008.

⁷ Ibid., p. 14.

⁸ Ibid., p. 14.

⁹ Ibid., p. 15.

Pensamos que é de acordo com essa concepção que fazemos aqui uma leitura de Freud, com o propósito de compreender e explicitar certas articulações próprias ao discurso freudiano, na medida em que estas procuram constituir e justificar um saber singular. Isto é, procuramos nos situar no terreno que toma um corpo de textos que se pretende científico em sua contingência histórico-filológica, sem que, por um lado, o destitua de seu valor epistêmico, buscando delinear as estratégias das quais este discurso lança mão para compor e validar o conhecimento — e sem que ainda, por outro lado, se veja obrigado a apresentar este saber como um conjunto de verdades¹⁰. Se conceber a nossa leitura de uma obra de Freud como uma investigação histórico-filológica sem dúvida ressalta o aspecto de tratar-se da análise de um texto segundo sua contingência histórica, cremos que, ao buscar explicitar nesse texto as condições da produção de conhecimento nele inscritas, esta leitura merece ser caracterizada mais propriamente como filológico-epistemológica¹¹.

Experiência e teoria, singularidade e universalidade

Na leitura de Freud, é difícil não distinguir, em uma primeira aproximação, os âmbitos da experiência e da teoria, enquanto tematizações do discurso. É comum Freud se referir à “experiência” (*Erfahrung*), à experiência psicanalítica, para justificar certas teses teóricas, por exemplo. Mas o discurso da experiência é levado à sua mais própria expressão quando Freud se detém, com a análise de casos singulares, na exposição do material empírico com que lida em suas investigações, condicionadas pelo seu método de interpretação. Seja na análise de sonhos ou de sintomas neuróticos, é a partir do método de associação livre, que evoca conteúdos psíquicos diversos, os quais estabelecem complexas relações entre si, que se caracteriza aquilo que Freud

¹⁰ Cf. Lebrun, “A idéia de epistemologia”, 2006 [1977], p. 143: “[...] por mais atrasada que esteja a epistemologia em relação à história da ciência, ela sabe ao menos como deve orientar-se na ciência que estuda: nem deve fazê-la tender ao Conceito nem historicizá-la, mas determinar os sistemas e subsistemas que a fazem ‘funcionar’ como máquina de inteligibilidade”.

¹¹ Como se pôde notar, tecemos essas últimas considerações com base no inspirador artigo de Gérard Lebrun, citado acima, que concebe a ideia de um trabalho epistemológico mais ou menos nesses termos. Talvez se possa dizer que o que está em questão é tratar um discurso científico como uma estratégia contingente: “o fato de haver ‘história da ciência’ implica que a palavra *epístasthai* designa *uma aventura*; o fato de haver ‘epistemologia’ implica que designa *uma estratégia*” (ibid., p. 138).

toma como a experiência psicanalítica. Com isso queremos afirmar que uma distinção entre um discurso da experiência e um discurso da interpretação só é relevante na medida em que for possível distinguir uma parcela da experiência freudiana na qual não tenha participação o seu método de interpretação¹². A interpretação, em todo caso, não é pensada como algo exterior à noção de experiência.

A referência ao âmbito da teoria (*Theorie, Lehre*), por sua vez, que poderia ser descrito também como o âmbito da psicologia ou da metapsicologia, se caracteriza pela concepção geral de determinadas formações psíquicas, ou, em um plano de maior universalidade, pelas formulações acerca do aparelho psíquico e os processos psíquicos em geral, que servem de base teórica para a explicação das formações psíquicas particulares. Este discurso teórico já não se deterá no conteúdo psíquico singular dos casos, mas se afirmará sobretudo a partir de teses gerais e, frequentemente, em uma linguagem que põe em jogo certas suposições explicativas que não são derivadas diretamente da experiência. O discurso teórico encontrará, desse modo, sua expressão mais própria em textos como o *Projeto de uma psicologia científica*, de 1895, os artigos metapsicológicos de 1915, *O eu e o isso* e o *Esboço da psicanálise*, nos quais também se expressa, sobretudo, como um discurso do universal. Na medida em que discorrem sobre formulações acerca da psique humana em geral, estes textos trabalham no âmbito da universalidade teórica, já que aquilo que é concebido sobre o aparelho psíquico deve valer igualmente para *todos* os seres humanos.

Por outro lado, o que denominamos discurso da experiência poderá ser observado em sua expressão mais própria nos estudos de caso publicados por Freud, onde, naturalmente, o discurso da experiência é também um discurso do singular; conhecidos como as cinco grandes psicanálises, os mais eminentes são o caso Dora, o pequeno Hans, o homem dos ratos, o

¹² Algumas considerações de Pontalis, que não tratam, contudo, da análise dos textos de Freud, nos levaram a indagar se não seria necessário levar em conta a distinção entre experiência e interpretação. Tendo diante de si a questão dos sonhos, o autor fala de uma distinção – e mesmo oposição – entre sentido e experiência, já que tem em vista a consideração da experiência do sonho enquanto vivência sensorial, que teria sido negligenciada a partir do tratamento do sonho como um texto, e sobretudo um texto que já foi interpretado na forma em que nos é dada (cf. Pontalis, “La pénétration du rêve”, 1992 [1972], pp. 19-38). Nos parece que a distinção ou oposição do autor, se aclimatada no vocabulário freudiano, deve ser traduzida como a distinção entre interpretação e “vivência” (*Erlebnis*), já que a noção freudiana de “experiência” (*Erfahrung*) não exclui a interpretação. O que caberia considerar, porém, é se o discurso freudiano não levaria em conta também um âmbito da experiência que não faz o recurso à interpretação, como a apreciação do conteúdo manifesto do sonho pelos autores anteriores que não consideravam a existência de um conteúdo latente. Nesse caso, seria mais interessante manter a noção de discurso da experiência como algo mais abrangente que o âmbito da interpretação.

presidente Schreber e o homem dos lobos. Em textos como estes, na medida em que se discorre extensamente sobre os detalhes do caso a partir do material próprio da análise, que é tomado como material empírico, estamos diante de um discurso da experiência por excelência. Do mesmo modo, como a análise de um caso específico põe em jogo a vida psíquica de *uma* pessoa, como as interpretações pormenorizadas põem em jogo constelações psíquicas bastante particulares àquela pessoa, mostrando-a como algo *único*, estamos diante também de um discurso do singular em sua mais genuína forma.

Se apresentamos essa distinção entre tematizações do discurso freudiano, porém, não é com a intenção de concebê-los separadamente; não temos a intenção — nem cremos que seja possível — estabelecer separações tão claras nos textos freudianos a esse respeito. Se consideramos interessante esse tipo de distinção conceitual, não é para ressaltar cada um dos polos em uma suposta forma pura. Se nos impressiona, à primeira vista, a distância que parece haver entre dois âmbitos discursivos, entre os textos em que o discurso da experiência e o discurso da metapsicologia são postos em sua maior expressão, deve-nos ser ao menos igualmente notável o fato de que estes discursos estabelecem entre si uma íntima articulação, em qualquer texto que tivermos em mão¹³.

Enquanto, porém, de modo geral, só em textos tão distintos podemos encontrar esses dois polos epistêmicos do discurso freudiano levados a seu maior desenvolvimento, quem desejar investigar as relações estabelecidas entre os planos da singularidade e da universalidade no pensamento freudiano poderá encontrar em *A interpretação dos sonhos*, a nosso ver, uma obra privilegiada para a análise da questão. *A Traumdeutung* talvez seja a única obra em que podemos encontrar, em uma expressão tão notável, tanto o discurso do singular como o discurso do universal, e em especial a sua íntima articulação. Com efeito, a maior parte da obra se debruça sobre a interpretação de sonhos, detendo-se muitas vezes em uma análise extremamente pormenorizada de um sonho em sua singularidade, como é o caso do sonho da injeção de Irma, no capítulo II. As inúmeras análises de sonhos são, contudo, articuladas à exposição de teses gerais sobre o sonho, enquanto o famoso capítulo VII trará as formulações sobre a estrutura e o

¹³ Temos um exemplo emblemático disto com relação ao *Projeto* de 1895, quando Ricoeur, após ter apresentado inicialmente este texto como “uma energética sem hermenêutica”, reconhece ali a presença da interpretação: “o *Projeto* não é somente um sistema mecânico dissociado da interpretação por sua hipótese anatômica; ele já é uma tópica, *ligada* subterraneamente ao trabalho de decifração dos sintomas” (Ricoeur, *De l'interprétation*, 1965, pp. 92-3, tradução nossa).

jogo de forças do aparelho psíquico, que, em sua universalidade, deve servir de base não só à explicação dos sonhos, mas também das formações psicopatológicas, para as quais o sonho serve como paradigma, lançando assim as bases da chamada primeira tópica.

A seguir, devemos precisar melhor a conceituação da relação entre singularidade e universalidade e inseri-la no contexto da obra *A interpretação dos sonhos*, onde poderemos também desemaranhá-la da distinção entre experiência e teoria, a partir da qual a fizemos brotar em nossa exposição.

Singularidade e universalidade em A interpretação dos sonhos

As noções de singularidade e universalidade, às quais se acresce a de particularidade, terão, naturalmente, um uso diverso em cada autor em que as encontrarmos. De acordo com a nossa proposta de leitura de Freud, nada seria mais indicado do que derivar o significado e o uso das noções que analisamos a partir do próprio interior de seus textos. Assim, poderíamos buscar nos textos o uso que é feito de termos como *einzel* (singular), *besondere* (particular) e *allgemein* (universal), que de fato encontramos, em maior ou menor quantidade, e procurar delinear quais as relações que eles estabelecem entre si, no contexto da obra, e que concepção epistemológica está implícita no texto freudiano. Pois, como é evidente, Freud não é um filósofo, de modo que não precisamos exigir dele a formulação explícita de uma teoria do conhecimento, apesar de encontrarmos aqui e ali observações interessantes nesse sentido.

Em termos gerais, é isso que pretendemos fazer, mas uma ressalva nos impede de simplesmente ler Freud e explicitar o uso desses conceitos. Nosso autor não apenas não possui uma teoria do conhecimento enunciada explicitamente, mas mesmo o seu uso desses termos não é feito sempre de uma maneira precisa, de modo que uma leitura por demais literal, nesse aspecto, nos deixaria à deriva. Mesmo o vocabulário mais próprio de Freud, como se sabe, muitas vezes vacila entre um rigor conceitual e uma alternância entre termos que vão progressivamente adquirindo — ou não — um uso mais uniforme e preciso, o que eventualmente põe dificuldades ao leitor desavisado. Não era de se esperar que a situação fosse mais cômoda no

caso de termos cuja formulação conceitual costuma ficar a cargo do filósofo. E, além disso, não é apenas no uso dos termos que indicamos acima que encontraremos as relações entre singularidade, particularidade e universalidade que merecem ser investigadas na nossa leitura do discurso freudiano.

Desse modo, talvez se fosse levado a buscar os recursos para se ler Freud, não de modo disperso na filosofia, cuja babel nos deixaria em apuros, mas em um filósofo que nos provesse uma formulação precisa e rigorosa dos conceitos em questão. Contudo, um uso rigoroso dos termos a partir de alguma perspectiva filosófica específica nos pareceria colocar o problema de uma escolha inevitavelmente arbitrária, além de trair nossa orientação inicial, expondo-nos aos riscos inerentes a uma leitura de Freud feita a partir de um sistema filosófico exterior¹⁴.

Portanto, a solução que encontramos, levando em conta o fato de que a prosa freudiana se situa em certa medida em uma linguagem coloquial, foi fazer um uso relativamente livre dessas noções, apoiando-nos nas raízes etimológicas que se relacionam ao seu uso filosófico, o qual tomará, em cada autor, um viés específico. Procuraremos precisar aqui as relações que condicionam o nosso uso dos termos em questão, os quais, porém, deverão manter certa flexibilidade, em decorrência, como se verá adiante, do próprio modo pelo qual os empregaremos para a leitura do discurso freudiano. Confiamos, assim, que a rigidez no uso dos conceitos talvez não se identifique com um bom uso, o qual, pela via de uma preocupação epistemológica, não estaria limitado ao uso coloquial.

Em primeiro lugar, portanto, devemos procurar contornar o significado das noções de singular, particular e universal. Vejamos o que nos diz o verbete do *Historisches Wörterbuch der Philosophie* sobre o universal e o particular:

A expressão καθόλου significa, traduzida literalmente, “com respeito ao todo [Ganzen]”. Ela representa o equivalente grego para o “universal” [allgemeinen] no interior da terminologia aristotélica e está em conformidade com o καθ’ἕκαστον (traduzido literalmente: “com respeito a cada singular [Einzelnen]”), isto é, está oposta ao “particular” [Besonderen]; às vezes, a

¹⁴ A esse respeito, cf. Monzani, “Discurso filosófico e discurso psicanalítico”, 1991.

expressão κατὰ μέρος (“com respeito à parte [Teils]”) forma o conceito contrário [Gegenbegriff] de καθόλου.¹⁵

A palavra grega que designa o *universal*, portanto, está relacionada ao *todo*, a uma *totalidade*, estando também em conformidade com a referência a cada um dos singulares, isto é, a *todos* os singulares de um determinado agrupamento. A palavra alemã correspondente, *allgemein*, significaria, traduzida literalmente, “comum a todos”. Já a expressão grega para o *particular* é marcada, como se viu, pela relação à *parte*, relação também preservada de modo visível pela palavra em português. Isto é confirmado por Ferrater Mora, que afirma a oposição desta parcialidade do particular, a partir das expressões gregas, ao caráter total, geral ou universal¹⁶. Segundo Ferrater Mora, tradicionalmente, “juízos ou proposições particulares são os que afirmam ou negam um predicado de um ou vários sujeitos”¹⁷.

Porém, enquanto o particular se referiria a um ou vários, o *singular*, segundo nos indica a palavra alemã *einzel*, aponta especificamente para a referência ao “um” (*eins*), à qualidade de ser *um*. “A proposição singular se refere a um único objeto”, afirma Ferrater Mora, “ao contrário da proposição particular, que se refere a alguns sujeitos e à proposição universal que se refere a todos os sujeitos (de uma mesma classe)”¹⁸. Como vemos, há aí o desacordo quanto à questão de se o particular se refere também a um, ou a apenas alguns ou vários sujeitos de uma determinada classe. Parece-nos, porém, que a noção de particular é caracterizada sobretudo pela referência negativa a uma totalidade, descrevendo uma parcela qualquer de um universal, e é levando em conta esse sentido que a empregaremos. O particular poderia ser, no caso, um ou vários membros de uma classe, enquanto o singular, apesar de ser um, não expressaria tão claramente essa referência ao universal do qual seria um exemplo, mas se apresentaria como algo que não apenas é *um*, mas que se mostra no que tem de *único*, que é um dos significados abarcados ao menos pela noção coloquial de singular. Assim, dizer “um sonho” é apenas particularizar o conceito universal de “sonho”, mostrando-se como singular apenas pelo fato de ser “um”; mas dizer “este sonho” já inclui uma determinação singular do universal em um contexto, e a construção

¹⁵ Zimmermann, “Allgemeines/Besonderes”, in: Ritter (Ed.), *Historisches Wörterbuch der Philosophie*, 1971, p. 164. Tradução nossa.

¹⁶ Cf. Ferrater Mora, *Dicionário de filosofia*, 2001, p. 554.

¹⁷ *Ibid.*, p. 553.

¹⁸ Ferrater Mora, *Dicionário de filosofia*, tomo IV (Q-Z), 2004, verbete “Singular”, p. 2697.

discursiva que predica o sujeito singular e contorna suas inúmeras determinações o mostra, cada vez mais, não apenas como um exemplar do conceito universal de sonho, mas também como algo único, possivelmente diferente de todos os outros membros de sua classe.

Sobre o universal, contudo, consideramos necessária mais uma observação, cuja importância será confirmada, como veremos, pela leitura de Freud. A palavra alemã *allgemein* parece admitir uma certa variação semântica, podendo ser traduzida por “geral”, “genérico” ou “universal”¹⁹, de modo que a sua identificação apressada com uma universalidade irrestrita poderia nos trazer problemas. A esta parece corresponder o termo *universell*, enquanto o *generell* marca ainda mais inequivocamente a incompletude, referindo-se a uma maioria dos casos e aproximando-se do nosso “geralmente”. Em geral, não encontraremos esses dois últimos termos no texto de Freud, que costuma usar o *allgemein* e seus derivados, colocando-nos um problema de tradução, se prezamos pela precisão, já que o *allgemein* pode ser usado tanto para designar aquela universalidade irrestrita quanto uma mais amena, que não parece, contudo, tão fraca quanto o nosso “geralmente”. Ferrater Mora aponta a necessidade de se distinguir o geral do universal, a partir de um uso do termo “geral” que “fundamenta-se no caráter vago de sua significação”: “com efeito, enquanto é possível dizer ‘é um juízo muito geral’, não é possível dizer ‘é um juízo muito universal’”²⁰. Seguindo essas indicações, faremos um uso das noções de generalidade e universalidade que ressalte o caráter impreciso e incompleto da primeira, enquanto procuraremos tomar a segunda como uma universalidade irrestrita, que não dá lugar a exceções, com o fim de evitar a ambiguidade com relação ao caráter exaustivo do universal. É sobretudo com a referência ao contexto, porém, que acreditamos deverem ser entendidas nossas observações, que, como a linguagem freudiana, poderão se servir de certa mobilidade semântica.

Insiramos, portanto, tais noções no contexto a que nos referimos, ou seja, a leitura de *A interpretação dos sonhos*. Assim, partindo do conceito geral ou universal de “sonho”, o discurso freudiano pode singularizá-lo, ao se referir a “um sonho”, a “este sonho”. O primeiro sonho analisado, por exemplo, o sonho da injeção de Irma, é apresentado de modo extremamente pormenorizado. A análise inclui detalhes do dia anterior ao sonho e parte dos elementos do sonho em associações diversas que formam uma rede bastante complexa de elementos psíquicos, envolvendo de modo profundo a vida psíquica do sonhador. Trata-se ainda de um sonho, como

¹⁹ Langenscheidt *Taschenwörterbuch Portugiesisch*, 2011, p. 699.

²⁰ Ferrater Mora, *Dicionário de filosofia*, 2001, verbete “Geral”, p. 318.

há muitos outros, mas esta construção discursiva se estende nas determinações próprias a este sonho de modo que ele se apresenta em muitos aspectos como algo único — é a isso que nos referimos como o discurso do singular em sua maior expressão.

Desse modo, na análise de um sonho, está em questão ao menos certa relação entre um singular e um universal, na medida em que este sonho é um exemplar do conceito universal de sonho e está inserido numa obra que trata dos sonhos. Se a exposição da análise de um sonho está articulada à exposição de uma tese geral sobre o sonho, temos, mais nitidamente, a relação entre singularidade e universalidade que se dá entre estes dois âmbitos: “um sonho” e “todos os sonhos”. Esse plano epistêmico onde se situa o sonho em geral, assim como as teses gerais sobre o sonho, não precisa ser concebido necessariamente, contudo, como relativo a todos os sonhos. Assim, as teses gerais que serão desenvolvidas na obra (o sonho possui um sentido, o sonho é uma realização de desejo etc.), as quais situamos nesse plano, podem tanto ser afirmadas como universais, como se passa com a realização de desejo, como também serem afirmadas como algo apenas frequente, por exemplo, como se passa com a característica de o sonho figurar uma impressão indiferente do dia anterior. O que deve ser decisivo para caracterizarmos o plano epistêmico em questão não seria tanto o grau de generalidade de cada tese, mas o fato de que cada tese teórica estabelecida, mesmo que não seja afirmada como universal, tem em vista o sonho em sua universalidade; isto é, afirmar uma característica do sonho como frequente já é fazer referência a uma totalidade da qual se está levando em conta uma parcela de exceções. Desse modo, esse plano se caracteriza em primeiro lugar pela referência ao universal “o sonho”, em contraste com o plano discursivo que procura descrever um sonho singular.

Porém, há ainda de se reconhecer que, entre um sonho e todos os sonhos, há um imenso espaço a se preencher — um espaço infinito, deveríamos dizer, se considerado do ponto de vista empírico. Mas, como a essa consideração não nos obrigamos, limitando-nos a uma leitura filológico-epistemológica de um texto, devemos caracterizar como esse espaço se preenche no discurso freudiano. Isso pode ser feito, a nosso ver, segundo dois aspectos. O primeiro deles parte daquilo que chamamos o discurso do singular, isto é, a detalhada análise de um sonho, e se estende pelas diversas análises de sonhos encontradas na obra de Freud, já que a exposição das teses gerais sobre o sonho são articuladas a muitas análises singulares. Aí encontramos o singular se estendendo em uma pluralidade, a qual não costuma exaurir a totalidade da experiência, e não poderia, de nenhum modo, alcançar a universalidade de uma tese teórica, já que esta se

caracteriza como uma universalidade infinita, cuja referencialidade deve se manter aberta a toda experiência possível²¹. O segundo aspecto pelo qual podemos abordar este espaço entre um sonho e todos os sonhos parte da referência ao plano mais geral e o particulariza, como na afirmação de que certa característica do sonho ocorre frequentemente. Em uma afirmação como essa, não se chega a pôr em jogo o discurso do singular, mas o que está em questão é o emprego de palavras e expressões que caracterizem um determinado grau de frequência a ser atribuído a uma tese, situando-nos então no âmbito da particularidade. Assim, do mesmo modo que se pode usar o “um” (*ein*) ou o “todos” (*alle*) para designar a singularidade e a universalidade, pode-se atribuir uma tese a “alguns” (*einige*) ou “muitos” (*viele*) sonhos, ou mesmo dizer que tal característica ocorre “raramente” (*selten*), “frequentemente” (*oft, häufig*) ou “com muita frequência” (*sehr oft, sehr häufig*) nos sonhos²².

Enquanto a maior parte da *Traumdeutung* trabalha, ao menos em seu primeiro plano, com essa relação entre singularidade e universalidade que se dá entre os planos da análise de um sonho e do estabelecimento de teses gerais sobre o sonho, nos veremos diante de um outro nível de relação quando tomarmos o sonho como uma formação psíquica singular, o que é posto em jogo sobretudo no capítulo VII. Enquanto estava diante dos sonhos singulares, “o sonho” aparecia para nós como o universal; porém, nesse segundo momento epistêmico, ele ocupará o lado da singularidade, na medida em que o tomamos como *uma* formação psíquica, que se coloca diante de outras — em especial, as formações psicopatológicas — e que será articulada às formulações acerca do aparelho psíquico, que ocupa aqui o lugar da universalidade, na medida em que deve ser o responsável por *toda e qualquer* formação psíquica.

Desse modo, ao pensar a relação entre singularidade e universalidade em *A interpretação dos sonhos*, acreditamos que se deve distinguir dois níveis de relação, que se dão entre três termos ou planos epistêmicos. Em um primeiro momento, a relação se dá entre os sonhos singulares e as teses gerais sobre o sonho, e, em um segundo momento epistêmico, entre o sonho em geral (enquanto uma formação psíquica singular) e o aparelho psíquico. Ou, poderíamos

²¹ Nesta observação já encontramos uma distinção entre os planos da experiência e da teoria, que não identificamos com a distinção entre singularidade e universalidade, na medida em que pudermos falar de uma universalidade da experiência e uma universalidade teórica.

²² Naturalmente, as palavras e expressões para designar frequência são muito diversas, abrangendo, na gramática da língua portuguesa, por exemplo, os numerais e certos advérbios de tempo. A gramática da língua inglesa possui, inclusive, uma categoria de advérbios voltada especialmente para esse caso: os *frequency adverbs*, que incluem, por exemplo, *once, always, usually, generally, often, rarely, seldom etc.*

dizer: entre “um sonho” e “todos os sonhos”, e entre “uma formação psíquica” (o sonho) e “todas as formações psíquicas” (equivalente ao aparelho psíquico).

Georges Politzer se apoiou na construção discursiva que se detém nas características singulares de um sonho, inserido em seu contexto e articulado à vida psíquica do sonhador, para reconhecer em Freud uma “inspiração fundamental”, no sentido de tomar os fatos psicológicos em função do “sujeito”, do “eu”, da “primeira pessoa”, do indivíduo concreto e singular²³. Porém, apesar da sua inspiração fundamental, o que tornaria a psicanálise a abordagem psicológica mais próxima de realizar a psicologia concreta que Politzer tanto almeja, Freud teria recaído na abstração, quando, sobretudo no capítulo VII, tentou traduzir os fatos psicanalíticos “na linguagem da psicologia clássica”²⁴. “Na *Traumdeutung*”, afirma o autor, “percebemos o antagonismo entre duas tendências em psicologia: por um lado, o da psicologia oficial, cujo procedimento fundamental é a abstração, e, por outro, o da tendência freudiana que é uma orientação para o concreto”²⁵. Contudo, ao reconhecer na obra de Freud estas duas tendências, parece-nos que o próprio texto de Politzer deixa claro como a atribuição unilateral de uma inspiração fundamental e propriamente freudiana ao âmbito da singularidade concreta não consegue se dissociar de uma arbitrariedade ou predileção que permanece estranha ao que consideramos próprio ao texto de Freud.

A construção discursiva configurada pela análise detalhada de um sonho poderia ser designada como uma singularidade concreta, na medida em que contorna as diversas determinações de um sonho singular, sem dissociá-lo do seu contexto. Por outro lado, a análise de um sonho que está subordinada à ilustração de determinada tese geral, fragmentando sua exposição com o fim de destacar a característica específica em questão, pode ser considerada menos concreta, pondo em jogo a abstração, na medida em que separa certa característica do complexo de determinações que caracteriza um sonho singular²⁶. Assim, o discurso que busca extrair dos sonhos singulares certas características gerais pode ser considerado como um

²³ Cf. Politzer, *Crítica dos fundamentos da psicologia*, 1998 [1928].

²⁴ *Ibid.*, p. 69.

²⁵ *Ibid.*, p. 78.

²⁶ Lembremos que a palavra “abstrair”, em suas origens grega e latina, remete ao significado de separar ou extrair algo de outra coisa, enquanto o termo grego para “concreto” significava “tudo junto”, “inteiro”, “completo” (cf. Ferrater Mora, *Dicionário de filosofia*, 2001, pp. 6 e 112). Não pretendemos que o sentido em que usamos os termos “concreto” e “abstrato” se identifique com o uso feito por Politzer. Estamos aclimatando estas noções no nosso vocabulário.

processo de abstração. De modo semelhante, as formulações metapsicológicas aparecem a Politzer como abstração, na medida em que Freud procura justificá-las a partir do trabalho de interpretação, enquanto o que rege a sua construção não é inteiramente dado pelas teses gerais sobre o sonho.

Podemos encontrar uma orientação de leitura semelhante numa observação de Jacques Lacan, no livro 1 do *Seminário*, onde transparece também a tendência a ressaltar, em Freud, o valor da singularidade concreta do sujeito. Ele afirma que “é a reconstituição completa da história do sujeito, que é o elemento essencial, constitutivo, estrutural, do progresso analítico”²⁷. Assim, o essencial à descoberta freudiana é localizado explicitamente nesse valor do singular: “Trata-se a cada vez, para ele, da apreensão de um caso singular. É nisso que está o valor de cada uma das cinco grandes psicanálises. [...] O progresso de Freud, sua descoberta, está na maneira de tomar um caso na sua singularidade”²⁸. Isto quer dizer que, para Freud, “o interesse, a essência, o fundamento, a dimensão própria da análise, é a reintegração, pelo sujeito, da sua história até os seus últimos limites sensíveis”²⁹.

Enquanto Politzer lia Freud sobretudo a partir da oposição entre o concreto e o abstrato, Paul Ricoeur faz a sua leitura tendo em vista a relação entre interpretação e explicação no discurso freudiano, no qual reconhece a distinção entre uma hermenêutica e uma energética, apresentada como um “dilema aparente”: “em cada momento, a psicanálise nos aparecerá como uma explicação dos fenômenos psíquicos por conflitos de forças, portanto como uma energética — e como uma exegese do sentido aparente por um sentido latente, portanto como uma hermenêutica”³⁰. Essa seria, segundo o autor, “a dificuldade central da epistemologia psicanalítica”: “Os escritos de Freud se apresentam de imediato como um discurso misto, e mesmo ambíguo, que ora enuncia conflitos de força que fazem jus a uma energética, ora relações de sentido que fazem jus a uma hermenêutica”³¹.

A distinção entre os dois âmbitos discursivos com a qual Ricoeur trabalha parece se sobrepor, em termos gerais, com a distinção de Politzer entre a psicologia concreta e a psicologia abstrata. Porém, enquanto a predileção de Politzer pelo concreto culminava, ao fim de sua obra,

²⁷ Lacan, *O Seminário, livro 1*, 2009, p. 22.

²⁸ *Ibid.*, p. 22.

²⁹ *Ibid.*, p. 22.

³⁰ Ricoeur, *De l'interprétation*, 1965, p. 70. Tradução nossa.

³¹ *Ibid.*, p. 75. Tradução nossa.

na declaração da morte da metapsicologia, a leitura de Ricoeur é mais respeitosa, afirmando que “o freudismo não existe senão pela recusa dessa alternativa”³² entre dois discursos cujo ajuste mútuo pareceria ambíguo ou mesmo antinômico: “Eu quero mostrar que essa ambigüidade aparente é bem fundada, que esse discurso misto é a razão de ser da psicanálise”³³. Contudo, ainda que procurando defender, ao contrário de Politzer, que haveria um bom ajuste entre os dois domínios discursivos, não é difícil notar em Ricoeur uma predileção que faz sobressair o âmbito da interpretação. Assim, o autor afirma que, apesar de a explicação energética parecer “tirar toda base a uma leitura da psicanálise como hermenêutica”³⁴, é sempre ao trabalho da interpretação que nela somos reenviados, não havendo dúvidas, portanto, que se trate de uma hermenêutica: “A psicanálise é, assim, de ponta a ponta interpretação”³⁵.

De acordo com Ricoeur, a primazia da interpretação fica mais clara em *A interpretação dos sonhos*. Ele diagnostica, na passagem do *Projeto* de 1895 à *Traumdeutung*, uma transformação radical nas relações entre interpretação e explicação. Enquanto, no *Projeto*, “a explicação parecia independente do trabalho concreto do analista e do trabalho do próprio doente sobre sua neurose”, em *A interpretação dos sonhos* “a explicação sistemática é transferida para o fim de um trabalho efetivo cujas próprias regras são elaboradas”³⁶. Ao que afirma: “A explicação está, portanto, explicitamente subordinada à interpretação”³⁷. A leitura de Ricoeur trabalha, portanto, por um lado, com um domínio discursivo que, como vimos, se lança detidamente à singularidade de cada sonho, na análise de seu sentido, mas pode também ser tomado como um todo, como o domínio da interpretação ou da experiência, ou ainda a partir do plano de universalidade em que se afirmam algumas teses teóricas sobre o sonho, como a tese de que o sonho possui um sentido. Por outro lado, porém, este mesmo plano onde se afirma a linguagem da interpretação não pode se desenvolver, segundo Ricoeur, sem pôr em jogo os conceitos energéticos, necessários à elaboração dos mecanismos do trabalho do sonho, responsáveis pela desfiguração do sonho. Com efeito, a explicação metapsicológica do capítulo VII, que põe em jogo o plano de universalidade do aparelho psíquico, não estaria, segundo o autor, bem

³² Ibid., p. 76. Tradução nossa.

³³ Ibid., p. 75. Tradução nossa.

³⁴ Ibid., p. 75. Tradução nossa.

³⁵ Ibid., p. 76. Tradução nossa.

³⁶ Ibid., p. 96. Tradução nossa.

³⁷ Ibid., p. 96. Tradução nossa.

coordenada com o resto da obra, e não teria sido capaz de ajustar bem a linguagem do sentido e a linguagem da força.

Monzani, por sua vez, parte do modo como a questão é colocada por Ricoeur, isto é, a relação entre interpretação e explicação, e retoma a articulação epistêmica da *Traumdeutung*³⁸. A afirmação feita por Ricoeur de que, nessa obra, a explicação estaria subordinada à interpretação encontraria dificuldades em esclarecer a necessidade de, no capítulo VII, Freud introduzir novas hipóteses teóricas, já que, a princípio, as teses estabelecidas pelo trabalho da interpretação não precisariam de ulterior fundamentação. Acompanhando o estabelecimento e justificação da tese de que o sonho é uma realização de desejo, Monzani observa que as objeções singulares colocadas à universalidade da tese, no capítulo IV, põem Freud diante de um problema incontornável, “pois a cada objeção se torna necessária uma análise, fazendo com que o trabalho de prova fique relegado praticamente a uma tarefa sem fim ou pelo menos indefinida”³⁹. Desse modo, o trabalho da interpretação não seria capaz de fundar as teses em sua universalidade, o que coloca em jogo a necessidade da explicação metapsicológica do capítulo VII, que estabelece que apenas um desejo pode pôr em movimento o aparelho psíquico, garantindo assim a universalidade da tese de que o sonho é uma realização de desejo. A tese de Ricoeur é, portanto, substituída pela seguinte formulação: “existiria, assim, uma subordinação recíproca entre interpretação e explicação, cada uma a seu nível: a interpretação *produz* teses que a explicação *fundamenta*”⁴⁰.

Entre os estudos mais recentes que trazem contribuições para a questão, está o trabalho de Ivan Estêvão⁴¹, que aborda a relação entre singularidade e universalidade na obra de Freud, em um conjunto amplo de textos, partindo da hipótese de que Freud faz o salto “do singular para o universal através da formulação do conceito de Complexo de Édipo”⁴², que é tomado como uma espécie de operador que permite a Freud articular a clínica, a metapsicologia e a teoria da cultura. Estêvão afirma que Freud se vê diante de uma exigência de universalidade, ao procurar formular uma explicação da clínica dos neuróticos em uma psicologia normal, partindo do pressuposto de que as neuroses são apenas uma variação quantitativa do funcionamento normal

³⁸ Cf. Monzani, *Freud: o movimento de um pensamento*, 1989, pp. 104-15.

³⁹ *Ibid.*, p. 111.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 114.

⁴¹ Estêvão, *Sobre a universalidade na psicanálise: um estudo da teoria freudiana do complexo de Édipo*, 2003.

⁴² *Ibid.*, p. 22.

da psique. Segundo o autor, diante da dificuldade em fundamentar uma psicologia do normal a partir de uma clínica de neuróticos vienenses, Freud teria lançado mão do recurso à cultura, que, como na menção ao efeito universal provocado pelo *Édipo-Rei* de Sófocles, em *A interpretação dos sonhos*, daria sustentação à universalidade de sua teoria psicológica, dando provas de seu poder explicativo também em outros campos além da clínica.

No estudo derivado de sua dissertação de mestrado, Ana Carolina Soria⁴³ aborda a relação entre singularidade e universalidade em Freud, na medida em que examina a relação entre o indivíduo e a cultura, ou entre o indivíduo e a espécie, ou ainda, se considerada segundo seu aspecto genético, entre a ontogênese e a filogênese. Esta relação é abordada sobretudo no plano teórico, tomando a teoria pulsional como o elemento que permite a articulação entre os dois âmbitos, entre a psicologia individual e a psicologia dos povos (*Völkerpsychologie*). Uma visão geral desta relação pode ser encontrada na seguinte afirmação: “podemos dizer que a espécie humana e o indivíduo são feitos do mesmo estofa, ou seja, que em ambos opera o mesmo conflito pulsional, e que o desenvolvimento do primeiro não difere do desenvolvimento do segundo” (p. 15).

Em sua tese de doutorado, Soria aborda a questão ao empreender um estudo do modo como a concepção freudiana de fantasia articula aquilo que há de mais singular e mais universal nos seres humanos⁴⁴. Essa universalidade se expressa nas “proto-fantasias” (*Urphantasie*), consideradas como “a retomada, em cada indivíduo, dos eventos marcantes da espécie”⁴⁵, o que remete à concepção de um “proto-homem” (*Urmensch*). Nesse sentido, como as recordações e fantasias particulares encontram o seu correlato nos mitos coletivos, Freud teria tomado a figura de Édipo como uma espécie de homem universal, no qual se expressa “o elemento comum compartilhado por todos os homens”⁴⁶, e a partir do qual se reconstrói os casos particulares, como na escrita dos cinco casos clínicos mais eminentes.

Em um conjunto de textos que abordam nosso tema, Hélio Honda trata da relação entre os casos clínicos e a teorização metapsicológica, numa pesquisa que se apresenta em um campo que o autor denomina “metodologia freudiana”. No primeiro destes textos, Honda afirma que o

⁴³ Cf. Soria, *Do indivíduo à cultura: um estudo sobre Freud*, 2012.

⁴⁴ Cf. Soria, *Interpretação, sentido e jogo: um estudo sobre a concepção de fantasia (Phantasie) em Sigmund Freud*, 2010.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 138.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 169.

seu objetivo é “analisar o papel do caso clínico como utilizado por Freud na constituição da metapsicologia”, isto é, “trata-se de tentar, senão entender, pelo menos pensar, como é possível a construção de uma teoria da envergadura da psicanálise freudiana, a partir da exploração de alguns poucos casos clínicos”⁴⁷. Pois, apesar de Freud ter atendido inúmeros pacientes, o que interessa ao autor são “os cinco casos publicados e que teriam servido para as inferências feitas por Freud em forma de teoria”⁴⁸. Diante do reconhecimento em Freud de uma “tendência a explorar ao máximo o caso único”, o autor levanta a questão de “como justificar logicamente generalizações teóricas feitas a partir de casos únicos”⁴⁹, questão para a qual reconhece, contudo, não possuir uma resposta satisfatória. O que é explorado é a utilização, por Freud, de casos típicos, exemplificados pelo caso Anna O. e o sonho da injeção de Irma, no início da psicanálise. Esse método orientado pela busca de casos típicos é remetido a Charcot e a Hughlings Jackson, encontrando uma elaboração filosófica na teoria da classificação de Stuart Mill, onde o autor pretende buscar “fundamentos epistemológicos para a metodologia freudiana”⁵⁰ ou ao menos recursos para “nos auxiliar na definição do estatuto do caso clínico”⁵¹.

No último destes textos, Honda aborda o papel do caso clínico a partir da questão de sua ficcionalidade ou objetividade⁵². Abordando os problemas decorrentes, por um lado, de uma interpretação ficcionalista que destitua o caso de seu valor epistêmico, e, por outro lado, de um objetivismo ingênuo que aposte suas fichas na noção de dados clínicos brutos, o autor afirma que nenhuma destas perspectivas, tomadas isoladamente, “fariam jus ao caso clínico conforme elaborado por Freud”⁵³. Apoiando-se em uma passagem do caso clínico do Homem dos Lobos, o autor defende que a função do caso clínico estaria em apresentar “algo novo”, isto é, em “introduzir um domínio epistêmico novo”⁵⁴. A argumentação se direciona à afirmação de que, “desde as primeiras elaborações [...] em Freud, teoria e prática, metapsicologia e clínica

⁴⁷ Honda, “O caso clínico e a constituição da metapsicologia freudiana”, 2008, p. 177.

⁴⁸ Loc. cit.

⁴⁹ Ibid., p. 178.

⁵⁰ Ibid., p. 187.

⁵¹ Honda, “O estatuto do caso clínico na psicanálise de Freud: notas sobre a metodologia freudiana”, 2010, p. 368.

⁵² Cf. Honda, “Entre ficcionalidade e objetivismo: o caso clínico como *locus* de elaboração conceitual do material fátual”, 2011.

⁵³ Ibid., p. 342.

⁵⁴ Ibid., p. 337.

encontram-se soldadas de modo indissolúvel”⁵⁵, de modo que o caso é entendido como o lugar de elaboração conceitual do material clínico.

Tendo em vista esse panorama, procuremos formular agora de modo mais claro nossa questão de pesquisa, tomando em consideração as contribuições dos autores. Temos à nossa disposição a distinção de dois domínios discursivos, cuja relação recíproca pode ser entendida como uma relação de subordinação, mas que não é compreendida pelos autores do mesmo modo. Devemos indagar, dessa maneira, como podemos compreender, na leitura da *Traumdeutung*, esse valor atribuído à singularidade concreta, presente em leituras como as de Politzer e de Lacan, enquanto, por outro lado, é patente que o discurso freudiano se afirma também no plano da mais alta universalidade, cuja importância é restaurada na reavaliação feita por Monzani do papel epistêmico da explicação metapsicológica. Cabe-nos investigar, portanto, as relações entre singularidade e universalidade que se configuram em *A interpretação dos sonhos*, na medida em que constituem estratégias de fundamentação epistêmica.

Organizaremos a exposição com base na distinção dos dois momentos epistêmicos onde se dão essas relações identificadas na *Traumdeutung*, como já foi exposto. No primeiro momento, que será abordado no capítulo seguinte, se configura a relação entre os sonhos singulares e as teses gerais sobre o sonho, de modo que nos cabe investigar quais as relações estabelecidas entre esses dois termos quanto à produção e à justificação epistêmicas. Em um segundo momento, devemos investigar que relações são estabelecidas entre o sonho, tomado como uma formação psíquica singular, e as formações psicopatológicas, por um lado, e entre o sonho e as formulações sobre o aparelho psíquico, por outro, onde a explicação metapsicológica se afirma no plano de universalidade mais elevado.

⁵⁵ Ibid., p. 341. Em uma posição semelhante a esta se situa o estudo de Izabel Barbelli sobre a relação entre a clínica e a metapsicologia, que argumenta em favor da indissociabilidade entre ambas, defendendo a ideia de que “não é possível separar a metapsicologia da psicanálise freudiana” (Barbelli, *Metapsicologia e clínica psicanalítica*, 2011, p. 12).

* * *

Um comentário quanto às edições da *Traumdeutung* aqui utilizadas e quanto às traduções de citações. A edição alemã que consultamos foi a da *Studienausgabe* (vol. 2, 10ª edição, Fischer, 1996). Consultamos a edição em espanhol da Amorrortu Editores (vols. 4 e 5, 2ª edição, 1991), com tradução de José L. Etcheverry, e utilizamos a tradução em português de Renato Zwick, publicada em 2012 (2 vols., L&PM). Algumas das citações traduzimos diretamente do texto alemão, mas apresentamos a maior parte delas a partir da versão de Renato Zwick, que consideramos uma boa tradução, apesar de fazer escolhas terminológicas que nem sempre se coadunam com as escolhas que faríamos. Procuramos contornar essa dificuldade cotejando todas as citações com o texto alemão e indicando, nas citações, os termos alemães que consideramos especialmente significativos em um dado contexto, assim como os termos cuja tradução não nos agrada inteiramente. Em cada citação, indicamos a referência de paginação nas edições em alemão (*SA*), castelhano (*AE*) e em português (*LPM*), assim como a origem da tradução apresentada e o ano do trecho citado, para esclarecer os casos em que se trata de um acréscimo às edições posteriores da obra.

1. ENTRE UM SONHO E TODOS OS SONHOS

A circunscrição de um domínio epistêmico que se situa entre dois extremos, entre “um sonho”, a construção discursiva que, ao se deter longamente na análise de um sonho singular, o expõe em suas mais pormenorizadas determinações, em sua singularidade concreta, mostrando-o mesmo como algo único, e o extremo representado por “todos os sonhos”, que, no plano do conceito universal de sonho, configura uma teoria geral do sonho, desmembrada em diversas teses específicas — é isso que apresentaremos neste capítulo. Entre estes dois polos, tomados aqui como os termos da singularidade e da universalidade, há, naturalmente, todo um espaço que é preenchido pelo discurso freudiano, que tomamos como o espaço da particularidade, afirmando-se seja na pluralização das análises singulares de sonhos, seja na atribuição de determinado grau de frequência à ocorrência de certa característica nos sonhos em geral.

É sobretudo, mas não exclusivamente, nos seis primeiros capítulos da *Traumdeutung* que esse domínio epistêmico é tratado e desenvolvido. Como se poderá ver, aqui e ali, se fazem observações que ultrapassam o âmbito que procuramos circunscrever, mas o desenvolvimento mais próprio a esses capítulos pode ser situado no espaço cujos contornos descrevemos acima. Faremos, em primeiro lugar, uma apresentação geral da obra, contextualizando brevemente o panorama traçado por Freud em sua revisão da literatura sobre os sonhos, caracterizando as opiniões dos outros autores, as quais a concepção freudiana tomará posteriormente como pano de fundo.

1.1. *Die Traumdeutung*

Em 4 de novembro de 1899, a editora de Franz Deuticke, com sede em Leipzig e Viena, publicou um livro de vulto de Sigmund Freud, *Die Traumdeutung*. Mas na página de rosto de *A Interpretação dos Sonhos* constava a data de 1900. Ainda que, à primeira vista, essa informação bibliográfica contraditória reflita apenas uma convenção editorial, retrospectivamente é um bom símbolo da herança intelectual e influência definitiva de Freud. Seu “livro do sonho”, como ele gostava de chamá-lo, era produto de uma mente moldada no século XIX, mas tornou-se propriedade – amada, tripudiada, inescapável – do século XX.⁵⁶

Assim Peter Gay apresenta a obra de Freud que é frequentemente considerada sua *magnum opus*. A importância da *Traumdeutung*, no conjunto das obras de Freud, é um fato largamente reconhecido, não apenas por ser uma obra volumosa (a sua obra mais volumosa, de fato), mas por ter sido considerada uma obra fundadora, como exposto por Monzani:

[...] considera-se freqüentemente que *A interpretação dos sonhos* é o momento de gênese do discurso psicanalítico, sua certidão de nascimento. Várias razões sustentam essa opinião sobre a obra: a instauração de uma *nova* região do saber, a decifração metódica das leis que regulam o funcionamento desse novo espaço, a instauração do trabalho psicanalítico como pesquisa dos efeitos desse campo no plano consciente (sonhos, atos falhos, sintomas), efeitos que se revelam basicamente como efeitos de *sentido*, sentido velado, escondido, que é mister pôr a nu.⁵⁷

Desse modo, por esses e por outros motivos, ressalta-se a importância da obra: “*A interpretação dos sonhos* é considerada uma das maiores contribuições científicas de Freud. É tida também como sua obra-mestra. E com justa razão.”⁵⁸. O próprio Freud tinha a obra em grande conta, como vemos expresso no prefácio à segunda edição, escrito no período do *splendid isolation*, em uma manifestação do apreço pela estabilidade dos conhecimentos que nela

⁵⁶ Gay, *Freud: uma vida para o nosso tempo*, 1989, p. 21.

⁵⁷ Monzani, *Freud: o movimento de um pensamento*, 1989, pp. 59-60.

⁵⁸ *Ibid.*, p. 57.

permaneceram válidos: “Nos longos anos de meu trabalho com os problemas das neuroses, fui levado a vacilar repetidas vezes e fiquei desorientado quanto a muitos deles; nesses momentos, foi sempre *A interpretação dos sonhos* que devolveu minha segurança”⁵⁹.

As edições posteriores, porém, testemunham que o conhecimento estabelecido pela *Traumdeutung* não permaneceu inalterado, do mesmo modo que a obra também não permaneceu intocada, já que Freud introduziu diversos acréscimos em suas sucessivas reedições. Devemos o discernimento de cada um desses acréscimos sobretudo ao trabalho minucioso de James Strachey, editor e tradutor da *Standard Edition* inglesa, cujo aparato de notas é também de grande utilidade para o estudioso.

Uma visão geral da obra é dada na abertura do capítulo I, o capítulo introdutório que contém a revisão da bibliografia sobre os sonhos:

Nas páginas seguintes, apresentarei a comprovação [*Nachweis*] de que há uma técnica psicológica que permite interpretar sonhos, e de que, com o emprego desse procedimento, todo [*jeder*] sonho se mostra como uma formação psíquica dotada de sentido [*sinnvolles*], que pode ser inserida em um lugar assinalável na atividade anímica da vigília. Depois disso, tentarei esclarecer [*klarzulegen*] os processos dos quais derivam a estranheza e irreconhecibilidade [*Unkenntlichkeit*] do sonho, e a partir deles extrair uma conclusão sobre a natureza das forças psíquicas [*psychischen Kräfte*] de cuja atuação conjunta ou contrária o sonho resulta. Nessa altura, minha exposição se interromperá, pois terá alcançado o ponto onde o problema dos sonhos desemboca em problemas mais amplos, cuja solução precisa ser buscada em outro material.⁶⁰

Esta apresentação nos sugere, de saída, uma abordagem dos sonhos em sua universalidade: trata-se de mostrar que “todo sonho” possui um sentido, após interpretado segundo um método específico. Os processos do trabalho do sonho, responsáveis pelo seu caráter de estranheza, são apresentados também como relacionados de maneira geral ao sonho. Já a “natureza das forças psíquicas” responsáveis por esse processo, por sua vez, parecem apontar para algo que está em outro âmbito, o que poderia ser elaborado em uma primeira aproximação — e a superfície desse texto parece dar a deixa para isso — a partir da distinção entre os campos da força e do sentido, com a qual trabalha Ricoeur. Mas não queremos nos precipitar em uma

⁵⁹ *Die Traumdeutung*, 1909, SA 23, AE 20, LPM 6. Versão da L&PM.

⁶⁰ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 29, AE 29, LPM 15. Tradução nossa.

adesão a semelhante distinção. Contentamos-nos apenas em mostrar que a referência feita aqui às forças psíquicas já colocará em questão um outro âmbito discursivo, o qual possui um estatuto de universalidade distinto, o que, portanto, nos interessa sobremaneira.

A avaliação do material encontrado na literatura parece indicar mais uma vez que, para Freud, o que está em questão é algo como uma teoria geral do sonho:

Nos textos cuja lista anexe ao final de meu trabalho se encontram muitas observações instigantes e muito material interessante sobre nosso tema, mas nada ou pouco que toque a essência [*Wesen*] do sonho ou que resolva de maneira definitiva algum de seus enigmas.⁶¹

Se bem entendemos o uso coloquial, no vocabulário freudiano, do termo “essência” (*Wesen*), o que poderemos ler aí é que se trata daquilo que é próprio e universal ao sonho. Outros autores podem ter feito observações aparentemente e parcialmente corretas aqui e ali, mas não tocaram nas características essenciais ao sonho que podem fornecer uma explicação universal de todo e qualquer sonho. Mas não precisamos, evidentemente, com esse reconhecimento relativo à universalidade onde parece se mover o discurso teórico freudiano, relegar a este autor uma suposição da realidade de “essências universais” ou algo semelhante.

Os sonhos eram concebidos, entre os povos antigos, como uma produção de seres sobre-humanos, de deuses ou demônios, o que “se encontrava em plena harmonia com toda sua visão de mundo, que costumava projetar no mundo externo, como realidade [*Realität*], aquilo que era real apenas na vida psíquica [*Seelenlebens*]”⁶². É a partir de Aristóteles que o sonho passa a ser tomado como objeto de estudo psicológico, sendo concebido não como algo de natureza divina, como uma revelação, mas de natureza demoníaca, na medida em que é determinado pelas leis do espírito humano. “No último período da Antiguidade”, diz-nos ainda Freud, “Artemidoro de Daldis era considerado a maior autoridade na interpretação de sonhos”⁶³.

⁶¹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 29, AE 29, LPM 15. Versão da L&PM.

⁶² *Die Traumdeutung*, 1900, SA 32, AE 32, LPM 18. Versão da L&PM. Freud afirma ainda que essa concepção pré-científica dos antigos sobrevivia, nos seus dias atuais, nos escritores místicos e nos seguidores da filosofia de Schelling, a título de exemplo.

⁶³ *Die Traumdeutung*, 1914, SA 31, AE 31-2, LPM 18. Versão da L&PM.

Com relação à compreensão científica do sonho, o fato de haver empreendido tão pouco avanço, e de seu progresso não ter se dado em direções específicas, torna inviável a Freud apresentar as opiniões dos autores segundo uma ordem cronológica. Os problemas do sonho na literatura são abordados, portanto, a partir de temas específicos, que constituem as diferentes seções do primeiro capítulo. Apresentaremos aqui um panorama dos temas abordados que se relacionam de modo mais imediato às seções seguintes deste capítulo, de modo a esclarecer qual o pano de fundo ao qual Freud vai se referir e se contrapor, ao afirmar, no capítulo II, que o sonho é uma formação psíquica dotada de sentido, passível de ser inserida na atividade psíquica de vigília, e que o seu sentido é ser uma realização de desejo. Os eventuais temas que não são abordados aqui serão retomados no contexto das questões com os quais se relacionam, de modo a tornar mais clara a sua articulação com o resto da obra.

Na seção A do primeiro capítulo, Freud expõe as opiniões contrárias dos autores quanto à relação dos sonhos com a vida de vigília: primeiro, aqueles que defendem uma radical separação entre o mundo onírico e a vida da vigília (Burdach, 1838; Fichte, 1864; Strümpell, 1877), e em seguida aqueles que defendem enfaticamente uma continuidade entre os dois âmbitos (Haffner, 1887; Weygandt, 1893; Maury, 1878; Jessen, 1855; Maass, 1805; Lucrécio; Cícero). Ao final, Freud cita Hildebrandt (1875), que apresenta como uma peculiaridade dos sonhos esses dois aspectos opostos, que de algum modo coexistem no sonho, ao ponto de parecerem contraditórios.

Na seção B, será tratada a questão do material dos sonhos em relação com as peculiaridades apresentadas pela memória. Em primeiro lugar, Freud toma como “conhecimento inquestionável [*unbestrittene*] que todo o material que compõe o conteúdo onírico provém de alguma forma da experiência e, portanto, que é reproduzido, ou *lembrado*, no sonho”⁶⁴. Porém, essa relação do conteúdo do sonho com a vida de vigília não é evidente, devido a uma série de peculiaridades exibidas pela capacidade de recordação no sonho. Apesar de tais peculiaridades terem sido bem observadas por todos, ainda não receberam explicação, o que justifica estudá-las mais detidamente.

Freud reúne, a partir da literatura, alguns exemplos de sonhos hipermnésicos, isto é, sonhos que se utilizam de recordações inacessíveis durante a vigília (Delboeuf, 1885; Maury, 1878; Jessen, 1855). Aponta a observação, por outros autores, de que também a vida infantil se

⁶⁴ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 38, AE 38, LPM 25. Versão da L&PM.

constitui em fonte de material para o sonho (Hildebrandt, 1875; Strümpell, 1877; Volkelt, 1875; Maury, 1878), apresentando em seguida exemplos de sonhos hipermnésicos que se utilizam de material infantil. Por outro lado, “vários autores afirmam que é possível indicar elementos dos dias mais recentes na maioria dos sonhos”⁶⁵ (Robert, 1886; Nelson, 1888). E outros autores ainda notaram que no material reproduzido nos sonhos se atribui valor não apenas ao que é considerado importante, mas também ao mais insignificante (Hildebrandt, 1875; Strümpell, 1877; Havelock Ellis, 1899; Binz, 1878).

A seção C, chamada “Estímulos e fontes dos sonhos”, tratará da origem das causas estimuladoras ou excitadoras dos sonhos. São apresentadas quatro classes de fontes dos sonhos: os estímulos sensoriais externos, as excitações sensoriais internas, os estímulos somáticos orgânicos e as fontes psíquicas. Os autores, em geral, admitem múltiplas fontes como excitadores dos sonhos, mas divergem quanto à importância dada a cada uma delas. Com relação aos estímulos sensoriais externos, haveria, em primeiro lugar, os sonhos “que podem ser atribuídos a estimulações sensoriais objetivas, mais ou menos acidentais”⁶⁶, dos quais é apresentada uma seleção de sonhos feita por Jessen. Haveria também os sonhos produzidos experimentalmente, a partir da provocação de um estímulo sensorial específico, e que correspondem a esse estímulo (Maury, 1878; d’Hervey, 1867; Weygandt, 1893). Por fim, haveriam os casos em que ocorre a assimilação, pelo sonho, de uma impressão sensorial externa repentina, os sonhos com estímulos despertadores (*Weckerträume*), como exemplificados por Hildebrandt (1875), Volkelt (1875), Garnier (1872) e Maury (1878). Quanto às excitações sensoriais internas ou subjetivas, de mais difícil comprovação, a principal prova de seu papel na formação de sonhos está nas alucinações hipnagógicas, descritas por Johannes Müller, em 1826, como “fenômenos visuais fantásticos”. O fenômeno consiste nas imagens sensoriais que surgem durante o período do adormecer, tendo sido comentadas também por Maury e Trumbull Ladd. Os estímulos corporais orgânicos são apontados também por diversos autores, a partir da compreensão de que o estado de sono envolve uma ampliação da sensibilidade às excitações provenientes dos órgãos internos (Strümpell, Simon, Radestock, Spitta, Maury, Tissié, Weygandt, Scherner, Volkelt, Krauss, Mourly Vold). As interpretações dos sonhos típicos são, de modo um tanto consensual, relegadas

⁶⁵ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 44, AE 44, LPM 32. Versão da L&PM.

⁶⁶ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 49, AE 49, LPM 39. Versão da L&PM.

a estímulos orgânicos. As fontes psíquicas, de modo geral, são pouco estimadas pelos outros autores, ao menos em comparação com a importância que Freud dará a elas.

Tomando em consideração as opiniões opostas, expressas sobretudo quanto à relação do sonho com a vida de vigília, Freud aponta como esse panorama nos levaria à impressão de uma impossibilidade de estabelecer teses gerais ou universais sobre os sonhos:

Assim, a cada passo que damos na análise da vida onírica recebemos a impressão de que é inadmissível estabelecer regras universais [*allgemeine Regeln*] sem prever restrições por meio de palavras como “com frequência” [*oft*], “via de regra” [*in der Regel*] ou “na maioria dos casos” [*meistens*] e sem prepará-las para a validade das exceções [*Ausnahmen*].⁶⁷

Naturalmente, se trata apenas de uma preparação do terreno para, destituindo o valor das opiniões dos outros autores, por não proporcionarem a universalidade de uma teoria do sonho, apresentar mais à frente a tese universal da realização de desejo, do desejo como fonte psíquica dos sonhos:

Mais adiante, veremos que o enigma da formação dos sonhos pode ser resolvido pela descoberta de uma insuspeitada fonte psíquica de estímulo. Por enquanto, não nos admiremos com a supervalorização dada aos estímulos para a formação do sonho não provenientes da vida psíquica. Eles não só podem ser descobertos com facilidade e mesmo comprovados por meio de experimentos; a concepção somática da origem dos sonhos também corresponde plenamente ao modo de pensar dominante na psiquiatria de hoje.⁶⁸

A consideração, por alguns autores, do interesse da vida de vigília como fonte psíquica não é tão justificado a ponto de poder explicar todos os elementos de um sonho. Pode-se encontrar, em geral, a classificação dos sonhos entre aqueles provocados por estímulos nervosos e os sonhos de associação, mas a maioria dos autores tendem a diminuir a importância das fontes psíquicas como legítimas motivadoras do sonho (Wundt, Volkelt, Weygandt, Tissié).

⁶⁷ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 65, AE 65, LPM 56. Versão da L&PM.

⁶⁸ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 66, AE 66, LPM 58. Versão da L&PM.

Talvez a única tentativa digna de uma explicação genuinamente psicológica para a derivação das imagens oníricas tenha sido aquela empreendida por Scherner e seguida pelo seu discípulo Volkelt. Segundo a concepção de Scherner, as faculdades psíquicas não permanecem intactas durante o sonho, mas, por outro lado, “a atividade psíquica que cabe chamar de *fantasia* [*Phantasie*], liberta de todo domínio do entendimento, e, assim, livre de uma moderação austera ascende no sonho ao domínio irrestrito”⁶⁹. As peculiaridades do sonho se explicam pelos fatos de que à fantasia onírica falta a linguagem conceitual, limitando-se a uma figuração plástica, e, em especial, devido à sua atividade simbolizadora, que figura um objeto através de uma imagem estranha a ele. Vale dizer que as fontes do sonho, para Scherner, são os estímulos orgânicos, de modo que aí ele se alinha com outros autores; porém, enquanto, para estes, a atividade psíquica se esgota com uma reação a estes estímulos, segundo a concepção de Scherner, estes estímulos dão apenas o material para se iniciar a atividade da fantasia, num esforço em figurar simbolicamente os órgãos que constituem a fonte desses estímulos. Por fim, Freud afirma que espera poder mostrar que as tentativas de interpretação de Scherner possuem algo de aproveitável, isto é, que por trás delas “se encontra algo real que, no entanto, apenas foi reconhecido nebulosamente e não possui o caráter de universalidade [*Allgemeinheit*] que uma teoria do sonho pode reclamar”⁷⁰.

Aqui, vale um comentário com respeito à expressão dessa exigência de universalidade relativa a uma teoria do sonho. Esta exposição da concepção de Scherner se encontra na seção G do primeiro capítulo, intitulada “Teorias do sonho e função do sonho”, cujas primeiras linhas expressam o que Freud entende aí por uma teoria do sonho:

Um enunciado sobre o sonho que procure explicar a partir de um único ponto de vista o maior número possível das suas características observadas e que ao mesmo tempo determine o seu lugar numa esfera mais abrangente de fenômenos poderá ser chamado de uma teoria do sonho.⁷¹

Desse modo, a concepção de Scherner se caracteriza como uma teoria do sonho, ao tentar explicá-lo através da atividade simbolizadora da fantasia, a qual, porém, para Freud, não é capaz

⁶⁹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 105, AE 106, LPM 104. Versão da L&PM.

⁷⁰ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 108, AE 109, LPM 108. Versão da L&PM.

⁷¹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 97, AE 98, LPM 94. Versão da L&PM.

de explicar universalmente a formação do sonho. E, além disso, esta universalidade atribuída à noção de “teoria do sonho” também deve esclarecer o fato de que Freud se refere muitas vezes à tese de que o sonho é uma realização de desejo como a “teoria da realização de desejo”, de modo distinto das outras teses contidas na obra. Afinal, é em torno dessa tese universal que gira a explicação freudiana dos sonhos.

1.2. O método de interpretação de sonhos e o sonho da injeção de Irma

No capítulo II, “O método de interpretação dos sonhos: a análise de um modelo de sonho”, Freud apresentará o seu método de interpretação de sonhos, sobretudo a partir da análise do sonho da injeção de Irma. Este ocupa, sem dúvida, um lugar privilegiado na obra, enquanto sonho singular, cujo relato e análise detalhados⁷² têm a função, aqui, não só de ilustrar a aplicação do método de interpretação dos sonhos — que é universal em seus procedimentos básicos —, mas também, como veremos em seguida, de mostrar que os sonhos possuem um sentido e podem ser inseridos no encadeamento da vida psíquica da vigília. A articulação se dá, portanto, entre as regras gerais de um método e os pormenores de um sonho singular, e entre a interpretação deste sonho e o estabelecimento da tese geral de que o sonho possui um sentido.

O título da obra de Freud, como ele mesmo afirma, o situa na tradição que defende que os sonhos são suscetíveis de uma interpretação (*Deutung*), e o que ele se propõe é a mostrar (*zeigen*) que de fato o são. Sendo essa a tarefa principal da obra, as contribuições que aí se possa fazer ao esclarecimento dos problemas dos sonhos tratados no primeiro capítulo serão resultados secundários. Ao defender a ideia de que os sonhos são interpretáveis, Freud se coloca em oposição às teorias dominantes sobre os sonhos, com exceção da de Scherner e da visão dos leigos. Desse modo, ele insere o sonho no campo do sentido, como o mostra a sua definição de interpretação: “[...] »interpretar um sonho« significa indicar seu »sentido« [*Sinn*], substituí-lo por algo que se insira no encadeamento de nossas ações anímicas como membro de inteira importância e valor”⁷³.

Segundo Freud, o mundo dos leigos recorre a dois métodos diferentes para interpretar o sonho. O primeiro, chamado por Freud de interpretação simbólica (*symbolische Traumdeutung*), “toma em consideração o conteúdo do sonho como um todo e busca substituí-lo por outro

⁷² A análise do sonho é detalhada, mas aparentemente não exaustiva, é bom lembrar. Enquanto nos impressiona o fato de apenas a análise do sonho ocupar cerca de dez páginas, não devemos deixar de notar também que Freud afirma, em uma nota de rodapé antes de iniciar a análise, que quase nunca comunicou uma interpretação completa de um de seus próprios sonhos (cf. *Die Traumdeutung*, 1900, SA 125, AE 127, LPM 126). No fim do capítulo, ele ainda afirma que poderia deter-se mais longamente na interpretação do sonho, a qual não estaria completa ou sem lacunas, mas não o faz por uma reserva pessoal.

⁷³ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 117, AE 118, LPM 117. Tradução nossa. A expressão “de inteira importância e valor” traduz os adjetivos *vollwichtig* e *gleichwertig*.

conteúdo compreensível e em certo aspecto análogo”⁷⁴. Como na interpretação que o José bíblico deu ao sonho do faraó, que mostrava sete vacas gordas, seguidas por sete vacas magras que as devoram, a atribuição de um significado profético aos sonhos transpõe o seu sentido para o futuro, mediante um “será” (*es wird*): haverão sete anos de fome, que devorarão a fartura produzida nos sete anos férteis. Porém, essa interpretação fracassa diante dos sonhos incompreensíveis e confusos. E como não se pode dar instruções sobre o caminho para encontrar a interpretação simbólica, este método foi relacionado a uma arte (*Kunstübung*) ligada a um talento especial.

O segundo método de interpretação dos sonhos, denominado por Freud de “método de decifração” (*Chiffriermethode*), “trata o sonho como uma espécie de escrito cifrado [*Geheimschrift*], em que cada signo é traduzido, de acordo com uma chave fixa, em outro signo de significado conhecido”⁷⁵. A obra de Artemidoro de Daldis apresenta uma variação deste método, que, em alguma medida, corrige o seu caráter de tradução puramente mecânica, ao levar em consideração não apenas o conteúdo do sonho, mas também a pessoa e as circunstâncias de vida. Em uma longa nota de rodapé, Freud discorre sobre o método de Artemidoro, que, além de tratar os elementos do sonho separadamente, atribuía o significado de cada elemento àquilo que ele provocava na lembrança. Porém, tratar-se-ia do que seria provocado na lembrança do intérprete, e não na do sonhador, o que é reprovado por Freud, que marca em seguida o ponto onde a sua técnica se diferencia:

A técnica que distingo a seguir difere da antiga em um dos pontos essenciais, a saber, que impõe o trabalho da interpretação [*Deutungsarbeit*] ao próprio sonhador. Ela não pretende tomar em consideração o que ocorre [*einfällt*] ao intérprete do sonho, mas o que ocorre ao sonhador acerca do elemento do sonho em questão.⁷⁶

⁷⁴ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 117, AE 118, LPM 118. Tradução nossa.

⁷⁵ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 118, AE 119, LPM 119. Tradução nossa.

⁷⁶ *Die Traumdeutung*, 1914, SA 119, AE 120, LPM 119. Tradução nossa. O comentário mais detalhado do método de Artemidoro foi introduzido em nota de rodapé em 1914, na qual Freud comenta também, a partir de informe de Tfindji (1913), que os intérpretes orientais modernos também dão grande importância às informações pessoais do sonhador para a interpretação.

Mesmo no procedimento de Artemidoro permanece o essencial desse método, que é tomar cada parte do sonho separadamente, ao contrário do método simbólico, que tomava o sonho como um todo. Contudo, Freud afirma que estes dois métodos populares não servem para o tratamento científico, pelas seguintes razões: “O método simbólico é limitado em sua aplicação e não é passível de qualquer exposição geral [*allgemeinen Darlegung*]. Quanto ao método de decifração, dependeria sempre de que a »chave«, o livro dos sonhos [*Traumbuch*], fosse confiável, e disso não há qualquer garantia.”⁷⁷. As críticas de Freud aqui parecem deixar-nos entrever duas características por ele valorizadas em um método de interpretação de sonhos, que estarão presentes no seu procedimento: a possibilidade de uma exposição geral do método, em contraste com a indeterminação do método simbólico, e o recurso à experiência na decifração do sentido, em contraste com as chaves universais arbitrariamente fixadas do segundo método.

Porém, se, diante da falência destes dois métodos, estaríamos inclinados a desconsiderar a tarefa da interpretação de sonhos, como os filósofos e os psiquiatras, Freud afirma que foi levado a reconhecer que aqui estamos frente a um daqueles casos em que uma antiga crença popular parece se aproximar mais da verdade do que a ciência atual, e que de fato os sonhos têm um significado e que é possível interpretá-los.

Em nota de rodapé, Freud menciona a obra de Stumpf (1899), autor que, assim como ele, defende que o sonho tem um sentido e é interpretável; contudo, suas interpretações baseiam-se num simbolismo alegórico, que não tem qualquer garantia (*Gewähr*) da validade universal (*Allgemeingültigkeit*) do seu procedimento. A crítica com a qual Freud rejeita aqui o método de Stumpf parece restringir a universalidade deste procedimento, que por sua vez deveria ser substituído por outro método que se mostre de fato universalmente válido.

Freud faz, em seguida, uma exposição histórica de como veio a se deparar com a interpretação de sonhos. Há anos se ocupava da resolução de certas formações psicopatológicas, quando teve notícia, por uma comunicação de Breuer⁷⁸, que a “solução” (*Lösung*) dos sintomas patológicos — isto é, a recondução das “representações patológicas aos elementos a partir dos quais surgiu na vida anímica do doente”⁷⁹ — coincide com a sua “dissolução” (*Auflösung*) — o

⁷⁷ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 120, AE 121, LPM 121. Tradução nossa.

⁷⁸ A comunicação referida se trata, naturalmente, do caso “Anna O.”, relatado nos *Estudos sobre a histeria* (Breuer e Freud, 1895).

⁷⁹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 121, AE 122, LPM 121. Tradução nossa.

desaparecimento do sintoma. Seguindo o caminho aberto por Breuer, Freud buscou um esclarecimento completo daqueles problemas, mas a comunicação sobre a forma final da técnica e dos seus resultados, como afirma, terá de ficar para outra ocasião.

Ele se deparou com a interpretação de sonhos no curso de seus estudos psicanalíticos, já que, ao comprometerem-se a comunicar-lhe todas as ocorrências, os pacientes também comunicavam-lhe os seus sonhos. Como essas ocorrências estavam ligadas a alguma ideia patológica, da qual se partia, os relatos de sonho que aí surgiam ensinaram que os sonhos podem ser inseridos nesse encadeamento psíquico, e o sugeriu a tratar o próprio sonho como um sintoma, aplicando-lhe o seu método de interpretação.

Freud expõe então a sua técnica de interpretação de sonhos. Em suma, temos que conseguir do paciente “um aumento de atenção para suas percepções psíquicas e a suspensão da crítica com que costuma examinar os pensamentos que lhe ocorrem”⁸⁰. E, mais especificamente sobre a crítica: “Ele deve se comportar de maneira inteiramente imparcial em relação a suas ideias; pois, caso não consiga encontrar a solução que busca para o sonho, a ideia obsessiva etc., a responsável por isso será justamente a crítica”⁸¹.

Freud discorre sobre a diferença do funcionamento psíquico na “reflexão” (*Nachdenken*) e na “auto-observação” (*Selbstbeobachtung*). Em ambos os casos há uma atenção concentrada, mas durante a reflexão há o exercício de uma crítica, que influencia as ocorrências, desestimando-as depois de percebidas, ou mesmo suprimindo-as (*unterdrücken*) antes que cheguem à consciência. O estado de auto-observação, necessário para o método freudiano, teria certa analogia com o estado anterior ao adormecimento⁸², no qual as “representações involuntárias” (*ungewollten Vorstellungen*) transformam-se em “imagens” (*Bilder*). No estado utilizado para a análise, porém, não há a mudança em imagens, mas a transformação das representações “involuntárias” (*ungewollten*) em “voluntárias” (*gewollten*), de modo que os pensamentos que surgem conservam o seu caráter de “representações” (*Vorstellungen*).

⁸⁰ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 121, AE 122, LPM 122. Versão da L&PM.

⁸¹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 121, AE 123, LPM 122. Versão da L&PM.

⁸² Freud refere-se aqui à distribuição da “energia psíquica” (*psychischen Energie*), explicando-a entre parênteses como “a atenção móvel”. Em seguida, no mesmo parágrafo, há uma nova menção à *psychische Energie*. Notemos que nestas breves observações psicológicas que envolvem a exposição do método já se insinua uma energética.

Freud discorre então sobre a dificuldade que muitas pessoas têm em adotar uma atitude de renúncia à crítica, devido à “resistência” (*Widerstand*) provocada pelos pensamentos involuntários, e apresenta uma longa citação do “filósofo-poeta” Schiller, sobre a necessidade de se adotar essa postura também na criação artística⁸³. Porém, adotar essa atitude de renúncia à crítica não é realmente difícil, diz Freud, acrescentando que a maioria dos seus pacientes, assim como ele mesmo, o conseguem sem maiores dificuldades.

O primeiro passo na aplicação do seu procedimento, diz Freud, é tomar como objeto da atenção os fragmentos singulares do sonho, e não o sonho como um todo, o que o aproxima do método de decifração, afastando-o do método simbólico. O seu método toma o sonho “como algo composto, como um conglomerado de formações psíquicas”⁸⁴.

Freud afirma que, apesar de já ter interpretado mais de mil sonhos, em suas análises de neuróticos, não quis usar aqui esse material para uma introdução à técnica e à teoria da interpretação de sonhos, por dois motivos. O primeiro motivo é que esse material o exporia à objeção de que se trata de sonhos de neuropatas, não permitindo inferências sobre os sonhos de pessoas sadias. O segundo motivo é que o tema dos sonhos dos pacientes neuróticos sempre aponta para a sua história clínica, de modo que seria necessário, antes de cada sonho, uma longa introdução acerca das características das psicneuroses, desviando-nos assim do tema dos sonhos. Ao contrário, o que Freud pretende é expor a psicologia dos sonhos como um trabalho prévio à abordagem do problema das neuroses⁸⁵.

Ao descartar os sonhos de seus pacientes neuróticos, porém, não sobram a Freud muitas opções. Também não poderá usar os sonhos a ele relatados por pessoas conhecidas ou relatados na literatura sobre o tema, pois não é possível analisá-los segundo o seu método, já que este

⁸³ É notável como se poderá encontrar, na *Traumdeutung*, seja com relação ao método ou ao objeto de estudo, interessantes comparações com o fazer artístico, como as artes figurativas e a poesia. Na “Nota preliminar”, a questão já se expressa, em uma aproximação que também é logo marcada pela distinção do caráter de cientificidade que o autor atribui à obra e a si mesmo: “Ao comunicar meus próprios sonhos”, afirma Freud, “tornou-se inevitável mostrar a desconhecidos mais do que eu gostaria acerca das intimidades de minha vida psíquica e do que normalmente cabe a um autor que não é poeta [*Poet*], e sim investigador da natureza [*Naturforscher*]” (*Die Traumdeutung*, 1900, SA 21-2, AE 18, LPM 3-4, versão da L&PM).

⁸⁴ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 124, AE 125, LPM 125. Versão da L&PM.

⁸⁵ “Meu propósito está antes em fazer da resolução dos sonhos [*Traumauflösung*] um trabalho preliminar para a exploração dos problemas mais difíceis da psicologia das neuroses” (*Die Traumdeutung*, 1900, SA 124, AE 126, LPM 125, tradução nossa). Uma nota de Strachey remete aqui a outros momentos em que Freud reflete sobre as dificuldades trazidas à sua exposição por ter se proposto a não tratar das neuroses e utilizar apenas os seus sonhos – como o início da seção E do cap. VII. Acrescenta também que Freud não cumpre à risca a sua proposta, utilizando muitos sonhos de seus pacientes e discutindo o mecanismo dos sintomas neuróticos.

depende das associações produzidas pelo sonhador. Ao contrário do método de decifração, o método de Freud não dispõe de uma “chave fixa” — isto é, universal — para traduzir os elementos do sonho, apontando, por outro lado, para a singularidade e diferença do seu sentido: “Meu procedimento não é tão cômodo como o do método popular de decifração, que traduz o conteúdo onírico dado segundo uma chave fixa; pelo contrário, estou preparado para que o mesmo conteúdo onírico possa também encobrir um sentido diverso em pessoas diferentes e em contextos diferentes”⁸⁶.

O material que resta para Freud é constituído, portanto, por seus próprios sonhos, que viriam de “uma pessoa aproximadamente normal”⁸⁷. Estes, por sua vez, seriam passíveis da objeção de que tal “autoanálise” estaria sujeita à arbitrariedade, mas Freud considera que a auto-observação ainda está em condições mais favoráveis do que a observação de outras pessoas, e julga lícito, de qualquer modo, ver até onde esta autoanálise nos leva na interpretação dos sonhos. Há, porém, mais uma dificuldade ligada a esse material, que é a hesitação em revelar tantos detalhes de sua vida psíquica, através da análise de seus sonhos. Credo, porém, poder superar essa limitação, Freud não deixa de apontar, em uma nota de rodapé, que quase nunca comunicou uma interpretação completa de um de seus próprios sonhos.

Afirma então que escolherá um de seus sonhos, através do qual esclarecerá o seu método de interpretação. Apesar de Freud não anunciar, de início, o sonho da injeção de Irma como um sonho especialmente importante, mas como se fosse um sonho qualquer, dentre muitos que poderia analisar, sabemos da importância deste sonho na “descoberta” da tese sobre a realização de desejo⁸⁸. Em 1914, de fato, ele acrescenta uma nota de rodapé ao texto, indicando que este havia sido o primeiro sonho que submeteu a uma análise detalhada.

No informe preliminar do sonho, Freud afirma que havia tratado sua paciente Irma, no verão de 1895, com êxito parcial. Um dia, seu colega Otto lhe visita, e, tendo estado com Irma recentemente, afirma que ela está melhor, mas não de todo bem, o que irrita Freud, que toma as

⁸⁶ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 125, AE 126, LPM 126. Tradução nossa.

⁸⁷ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 125, AE 126, LPM 126. Tradução nossa. “*einer ungefähr normalen Person*”.

⁸⁸ Talvez possamos, de fato, considerar este sonho não apenas como um “exemplo” ou “modelo de sonho”, como cremos que se traduza a expressão no título deste capítulo (*Traummuster*), mas mesmo como um “sonho-modelo”, ou um “sonho paradigmático”, como figura na tradução da Amorrortu. A L&PM traduz a expressão por “amostra onírica”.

palavras como uma reprimenda. Na mesma noite, ele escreveu a história clínica de Irma, com o propósito de enviar ao Dr. M. Nesta noite, teve o sonho que relata em seguida.

Em algumas considerações posteriores ao relato do sonho, Freud afirma que, apesar de o sonho deixar claros os acontecimentos da véspera aos quais está ligado, “ninguém que tomou conhecimento do informe preliminar e do conteúdo do sonho deveria poder suspeitar o significado deste”⁸⁹ — nem mesmo o próprio Freud poderia. Para isso, é necessária uma análise pormenorizada, segundo o método exposto.

Não repetiremos aqui o relato e a análise do sonho, mas seguiremos algumas linhas do seu encadeamento que ilustrem o desvendamento do seu sentido. A análise pormenorizada do sonho, empreendida aqui por Freud ao longo de cerca de nove páginas, considera detidamente cada fragmento, a partir do texto do relato apresentado. O trabalho da análise consiste em fazer remontar o conteúdo do sonho ao material a partir do qual ele se compõe: as recordações, os pensamentos de fundo e os desejos — e tudo isso procurando explicar, na medida em que o material se apresenta de forma mais ou menos disfarçada, qual o caminho de associações e substituições percorrido pelas lembranças até chegar à forma exibida no sonho.

Assim, o salão figurado no sonho, onde Freud recebe muitos convidados, estando Irma entre eles, remete ao aniversário de sua esposa, que ocorreria depois de poucos dias, na casa em Bellevue onde estavam, e sobre o qual ela comentara no dia anterior. Freud diz a Irma: “Se você ainda sente dores, é por sua própria culpa”⁹⁰, e reconhece aí o seu querer: “[...] eu noto que, na frase que digo a Irma no sonho, acima de tudo não quero [*will*] ser culpado pelas dores que ela ainda sente. Se isso é culpa da própria Irma, então a culpa não pode ser minha.”; e então ele se pergunta: “O propósito [*Absicht*] do sonho deveria ser buscado nessa direção?”⁹¹.

O sonho figura certos sintomas em Irma que não desempenhavam quase nenhum papel em sua doença, quando Freud então desconfia que esteja desconsiderando uma afecção orgânica. Se assim o fosse, ele não teria obrigação de curá-la, de modo que esta figuração do sonho expressaria um desejo: “Parece-me, portanto, que eu devia desejar [*wünschen*] um erro no diagnóstico; então a repreensão pelo fracasso também estaria eliminada”⁹². O desejo é

⁸⁹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 127-8, AE 129, LPM 129. Tradução nossa.

⁹⁰ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 128, AE 130, LPM 130. Versão da L&PM.

⁹¹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 128, AE 130, LPM 130. Tradução nossa.

⁹² *Die Traumdeutung*, 1900, SA 129, AE 130, LPM 131. Tradução nossa.

posteriormente confirmado, no sonho, pelo diagnóstico do Dr. M. de que se trataria de uma infecção.

Ao considerar o modo como Irma aparecia parada junto à janela, Freud percebe que a substituíra por uma amiga dela, e remete o sentido de tal substituição mais uma vez ao seu querer: “Que sentido [*Sinn*] pode ter que eu a tenha trocado [*vertauscht*] por sua amiga no sonho? Talvez que eu gostaria de trocá-la [*ich sie vertauschen möchte*]”⁹³.

Com o prognóstico que o Dr. M. dá à infecção diagnosticada em Irma, assim como com o consolo absurdo acerca desse prognóstico, Freud interpreta, a partir da associação com algumas recordações, que estaria ali ridicularizando o Dr. M. e os colegas que ignoram a histeria. O “motivo” (*Motiv*) de fazê-lo seria o fato de que o Dr. M. também não está de acordo com a solução dada por Freud para as dores de Irma, e desse modo estaria vingando-se dele no sonho, assim como já o fizera com relação à própria Irma. Em seguida, com a repreensão acerca da leviandade com que Otto aplicou em Irma a injeção de trimetilamina, e com a observação de que a seringa provavelmente não estava limpa, Freud também se vinga dele, por conta de suas palavras acerca do estado de Irma, ditas no dia anterior ao sonho.

Freud afirmará então haver completado a interpretação do sonho, apesar de que, como informa em nota de rodapé de 1909, não informou tudo o que lhe ocorreu durante o trabalho de interpretação. Podemos dizer que o discurso freudiano, aqui, pouco ou nada apresenta dos conceitos e desenvolvimentos teóricos levados a cabo posteriormente na obra:

Durante esse trabalho, tive o cuidado [*Mühe*] de conter todas as ocorrências [*Einfälle*] que a comparação entre o conteúdo do sonho e os pensamentos oníricos ocultos por trás dele deveria sugerir. Do mesmo modo, porém, surgiu diante de mim o «sentido» [*Sinn*] do sonho.⁹⁴

A ideia de que os sonhos têm um sentido, ao menos, está presente de saída, e já estava desde o título da obra, já que, ao que parece, dizer que os sonhos são passíveis de uma interpretação é o mesmo que dizer que têm um sentido. Aparecem aqui os conceitos de “conteúdo do sonho” (*Trauminhalt*) e “pensamento onírico” (*Traumgedanke*). Freud afirma que

⁹³ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 130, AE 132, LPM 132. Tradução nossa.

⁹⁴ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 137, AE 138-9, LPM 139. Tradução nossa.

o “sentido” (*Sinn*) do sonho emergiu, e diz que pôde notar um propósito (*Absicht*) realizado (*verwirklicht*) no sonho, o qual deve ser o motivo (*Motiv*) de ter sonhado. O sonho realiza (*erfüllt*) alguns desejos (*Wünsche*) instigados na noite anterior.

Muitos detalhes do sonho tornam-se compreensíveis sob o ponto de vista da realização de desejo, nos diz Freud. No sonho, ele se vinga de Otto, de Irma e do Dr. M., em virtude do desejo que motivou o sonho, “o desejo de não ser culpado pela doença de Irma”⁹⁵. Porém, além desse tema mais restrito, os temas do sonho podem ser compreendidos em um círculo mais amplo de pensamentos, que poderia se chamar, diz Freud, “preocupação com a saúde, própria e alheia, conscienciosidade médica”⁹⁶.

A tese sobre a realização de desejo é então afirmada para este sonho singular: “O sonho apresenta um certo estado de coisas, tal como eu desejaria que fosse; *seu conteúdo é, portanto, uma realização de desejo, e seu motivo, um desejo*”⁹⁷.

No final do capítulo, após ter reconhecido o sonho da injeção de Irma como uma realização de desejo, Freud faz algumas ressalvas quanto à incompletude da análise exposta, mas diz contentar-se com o novo conhecimento (*Erkenntnis*) obtido, enunciado aparentemente em sua universalidade:

Se se segue o método de interpretação de sonhos aqui indicado, descobre-se [*findet man*] que o sonho tem realmente [*wirklich*] um sentido e de modo algum é a expressão de uma atividade cerebral fragmentada, como querem os autores. *Depois de um trabalho completo de interpretação, o sonho se dá a conhecer como uma realização de desejo.*⁹⁸

Portanto, o que temos neste capítulo é a articulação que envolve o método de interpretação exposto, universal em seus procedimentos básicos, e sua aplicação nos pormenores de um caso singular, o sonho da injeção de Irma, levando à enunciação da tese geral de que o sonho possui um sentido. Dizer que o sonho tem um sentido equivale a dizer que ele é “um fenômeno legitimamente psíquico [*psychisches*]”; e a análise do sonho da injeção de Irma ainda

⁹⁵ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 139, AE 140, LPM 142. Tradução nossa.

⁹⁶ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 139, AE 140, LPM 141. Tradução nossa.

⁹⁷ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 137, AE 139, LPM 140. Tradução nossa.

⁹⁸ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 140, AE 141, LPM 142. Tradução nossa.

permite afirmar que “ele deve ser inserido no conjunto das ações anímicas [*seelischen*] da vigília que nos são compreensíveis” e que “uma atividade espiritual [*geistige*] altamente complexa o construiu”⁹⁹. Além disso, desde já é enunciada a tese de que o sonho é uma realização de desejo, o que nos leva à próxima seção.

⁹⁹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 141, AE 142, LPM 143. Tradução nossa.

1.3. *Todo sonho é uma realização de desejo*

No início do capítulo III, após o reconhecimento de que o sonho tem um sentido, de que o sonho é uma realização de desejo, Freud se vê diante de uma multiplicidade de perguntas, acerca, por exemplo, do modo pelo qual os pensamentos oníricos foram transformados no conteúdo manifesto do sonho, ou acerca da origem do material empregado nos sonhos. Afirma, porém, que deixará momentaneamente de lado essas questões, para deter-se sobre a questão da universalidade da tese da realização de desejo:

Ficamos sabendo que o sonho figura um desejo como realizado. Nosso objetivo seguinte deve ser descobrir se essa é uma característica geral [*allgemeiner Charakter*] dos sonhos ou apenas o conteúdo casual [*zufällige*] daquele sonho com que começou nossa análise (o “sonho da injeção de Irma”), pois, mesmo se estivermos preparados para o fato de todo sonho ter um sentido e um valor psíquico, ainda precisamos deixar aberta a possibilidade de que esse sentido não seja o mesmo para todos [*jedem*] os sonhos. Nosso primeiro sonho foi uma realização de desejo; outro talvez se revele como a realização de um temor; o conteúdo de um terceiro pode ser uma reflexão, um quarto pode simplesmente reproduzir uma lembrança. Há, portanto, ainda outros sonhos de desejo, ou talvez existam apenas sonhos de desejo?¹⁰⁰

Para iniciar o tratamento da questão, Freud afirma que é fácil mostrar que “os sonhos muitas vezes [*häufig*] revelam sem reservas o caráter de realização de desejo”¹⁰¹; e ele o mostra, ao longo deste capítulo, apresentando exemplos de “sonhos de comodidade” (*Bequemlichkeitsträume*), nos adultos, e sonhos de simples realização de desejo, nas crianças. O que há em comum entre estas classes de sonhos é que elas apresentam-se abertamente como uma realização de desejo, sem colocar dificuldades ao trabalho de interpretação.

Um exemplo dos sonhos de comodidade são os sonhos provocados pela sensação de sede, os quais Freud afirma poder produzir em si mesmo experimentalmente quando quiser: quando come algum alimento muito salgado no jantar, sonha que está bebendo água, e logo em seguida

¹⁰⁰ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 142, AE 143, LPM 144. Versão da LPM.

¹⁰¹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 142, AE 143, LPM 144. Versão da LPM.

acorda, precisando de fato beber água. O sonho tenta, assim, evitar que se torne necessário o despertar, mas não é capaz de evitá-lo, devido à insistência da sensação de sede. Outros sonhos de comodidade lhe ocorriam quando tinha de acordar cedo, estando habituado a trabalhar até tarde: o sonho mostrava então que ele já estava de pé, junto ao lavatório, de modo que não precisaria acordar, e assim dormia mais um pouco. Freud cita um exemplo semelhante de um jovem colega, que, diante da necessidade de acordar para ir ao hospital, sonhou que já estava lá¹⁰². São citados mais quatro exemplos de sonhos, entre pacientes de Freud e pessoas saudáveis, e então ele afirma:

Talvez esses exemplos sejam suficientes para demonstrar que com muita frequência [*sehr häufig*] e sob as mais variadas condições encontramos sonhos que só podem ser compreendidos como realizações de desejo e que exibem seu conteúdo sem reservas. Em sua maioria, são sonhos curtos e simples, que contrastam de maneira agradável com as composições oníricas confusas e luxuriantes que mais atraíram a atenção dos autores.¹⁰³

Detendo-se ainda nos sonhos simples, Freud afirmará que os sonhos mais simples são encontrados nas crianças, que têm aqui grande valor para a demonstração da tese da realização de desejo:

Os sonhos das crianças pequenas são muitas vezes [*häufig*] simples realizações de desejo, e, assim, em contraste com os sonhos dos adultos, desprovidos de qualquer interesse. Eles não oferecem enigmas para resolver, mas, naturalmente, são inestimáveis para demonstrar que o sonho, segundo sua essência mais íntima, significa uma realização de desejo.¹⁰⁴

¹⁰² Em nota, Strachey afirma que este sonho foi relatado a Fliess em carta de 4 de março de 1895, sendo a primeira alusão à teoria da realização de desejo. O jovem médico que teve o sonho era, de acordo com a referida carta, um sobrinho de Breuer (cf. Masson, *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess — 1887-1904*, 1986).

¹⁰³ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 145, AE 146, LPM 147. Versão da LPM.

¹⁰⁴ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 145, AE 146-7, LPM 148. Versão da LPM. De acordo com nota de Strachey, a palavra *häufig* foi introduzida na primeira frase em 1911. Desse modo, antes desta data a frase atribuía universalmente a realização indisfarçada de desejo aos sonhos das crianças, e a partir de 1911 esta universalidade foi restrita para um “muitas vezes”. Na edição de 1925, dos *Gesammelte Schriften*, Freud acrescenta o comentário: “A experiência demonstrou que em crianças de quatro ou cinco anos já se encontram sonhos desfigurados, que requerem interpretação”.

Freud apresentará então alguns exemplos de sonhos de crianças que se mostram como realizações indisfarçadas de desejo, colhendo a maioria deles de seus próprios filhos. Em uma excursão que fizera com seus filhos a Hallstatt, estavam instalados em uma colina onde tinham uma bela vista do Dachstein, montanha dos Alpes austríacos, na qual, através de um telescópio, era possível ver a Cabana Simony. Quando partiram para a excursão, uma das crianças, que enganosamente esperava que eles fossem até o Dachstein, perguntava insistentemente pela montanha, até desistir e calar-se. Na noite seguinte, porém, ela sonhou que eles iam até a Cabana Simony, no Dachstein, realizando o desejo que havia sido deixado insatisfeito durante o dia. Além deste, são narrados mais seis sonhos de crianças, e o capítulo se encerra reencontrando a tese da realização de desejo em alguns provérbios populares.

A análise do sonho da injeção de Irma, no capítulo II, nos mostrava uma tendência a explorar a fundo o caso singular, como reconhecia Honda¹⁰⁵, e a enunciação geral da tese da realização de desejo, no final daquele capítulo, parecia, de fato, colocar em questão a dificuldade em “justificar logicamente generalizações teóricas feitas a partir de casos únicos”¹⁰⁶. Contudo, o capítulo III já nos mostra que, apesar de iniciar com a exploração em profundidade de um caso, o discurso freudiano não se limita a isso. Com efeito, os diversos sonhos apresentados nesse capítulo nos mostram que não parece adequado falar em “caso único” ao referir-se aos casos singulares analisados por Freud de modo privilegiado. Talvez eles mereçam a designação de “caso típico”, também utilizada por Honda, mas o que devemos ressaltar, em primeiro lugar, é que a tese teórica não se sustenta a partir de apenas um caso, mas também a partir de diversos casos, como já mostra o capítulo III, apesar de o sonho da injeção de Irma ter tido, como já comentamos, uma importância histórica no surgimento da tese. Desse modo, o procedimento de Freud, pelo que pudemos observar até aqui, não pode ser resumido a uma generalização a partir de um caso único, mas parece se caracterizar pela combinação da análise em profundidade do caso singular exemplar e da análise menos detida de diversos casos, mais ou menos como a posição que descreve Widlöcher¹⁰⁷, apesar de seu vocabulário não ser o mais apropriado ao caso.

¹⁰⁵ Cf. Honda, “O caso clínico e a constituição da metapsicologia freudiana”, 2008.

¹⁰⁶ *Ibid.*, p. 178.

¹⁰⁷ “Se o método indutivo quantitativo tem por interesse sobretudo verificar a regularidade de um acontecimento observado, o método do caso único tem como meta sobretudo descobrir novos objetos de conhecimento. O primeiro, forte no plano metodológico, não traz, entretanto, nada de novo; o contrário se observa quanto ao segundo, embora

Mas o tratamento da questão não está ainda encerrado. Afinal, a pluralidade de casos apresentada neste capítulo permitiu afirmar apenas que os sonhos são, com frequência ou com muita frequência, uma realização de desejo.

No início do capítulo IV, com efeito, é recolocada a questão da universalidade da tese de que o sonho é uma realização de desejo, diante da objeção de que esta seria facilmente refutável pelos sonhos de conteúdo desagradável e, notadamente, pelos sonhos de angústia:

Ao apresentar a tese [*Behauptung*] de que a realização de desejo é o sentido de *todos* [*jeden*] os sonhos, ou seja, de que não pode haver outros sonhos além dos sonhos de desejo, estou certo de antemão de que enfrentarei a mais decidida oposição. Dirão: “O fato de haver sonhos que cabe compreender como realizações de desejo não é novo, mas foi observado há muito tempo pelos autores¹⁰⁸. [...] Que não devam existir outros sonhos além dos sonhos de cumprimento de desejo é uma generalização ilegítima [*ungerechtfertigte Verallgemeinerung*], felizmente fácil de refutar [*zurückweisen*]. Afinal, é grande o bastante [*reichlich genug*] o número de sonhos que revelam os conteúdos mais desagradáveis [*peinlichsten*], sem qualquer traço de alguma realização de desejo. [...] Além dos sonhos que continuam no sono as múltiplas sensações desagradáveis [*peinlich*] da vida, também há os sonhos de angústia [*Angsträume*], em que a mais horrenda das sensações de desprazer [*Unlustempfindungen*] nos sacode até acordarmos, e são justamente as crianças, nas quais o senhor encontrou sonhos de desejo sem disfarces, que são atormentadas por eles com mais facilidade [...]”¹⁰⁹.

Porém, se os sonhos de angústia “parecem realmente impossibilitam uma generalização [*Verallgemeinerung*] do enunciado, baseado nos exemplos do capítulo anterior, de que o sonho é uma realização de desejo”¹¹⁰, esta objeção pode ser respondida a partir da consideração da distinção entre “conteúdo manifesto” e “conteúdo latente”. Desse modo, apesar de ser claro que

ao preço de uma certa fraqueza da demonstração. Os dois procedimentos são, portanto, mais complementares do que rivais. O caso único precede a verificação” (Widlöcher, “La méthode du cas unique”, 1999, p. 199, tradução nossa).

¹⁰⁸ A afirmação de que há sonhos que são realizações de desejo é apontada, segundo Freud, por autores como Plotino, Herófilo, Scherner, Radestock, Volkelt, Purkinje, Tissie, Simon e, mais especialmente, por Griesinger, que vê na realização de desejo o ponto em comum entre o sonho e a psicose.

¹⁰⁹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 151-2, AE 153-4, LPM 155-6. Versão da LPM.

¹¹⁰ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 152, AE 154, LPM 156. Tradução nossa.

existem sonhos cujo conteúdo manifesto seja de caráter desagradável, é possível que, após a interpretação do sonho, o seu conteúdo latente mostre ser um desejo.

Ao se perguntar por que os sonhos de conteúdo indiferente, ou seja, que não têm conteúdo desagradável, não se mostram abertamente como uma realização de desejo, Freud remete à questão da “desfiguração do sonho” (*Traumentstellung*), que está no bojo da transformação do conteúdo latente no conteúdo manifesto, e que se coloca como questão mais geral, mas que deve também responder a objeção relativa aos sonhos de conteúdo desagradável e aos sonhos de angústia.

Para desenvolver a explicação da *Traumentstellung*, Freud se estenderá na análise de um de seus sonhos. Trata-se do sonho que funde o seu amigo R. e o seu tio Josef, tendo sido precedido pelos seguintes acontecimentos. Freud soubera, certo tempo antes, que dois professores da universidade haviam indicado o seu nome para o cargo de *professor extraordinarius*¹¹¹. No dia anterior ao sonho, recebera a visita de um amigo e colega que também aguardava a nomeação para o cargo, e que voltava de uma visita ao Ministério, onde, em uma conversa com o Ministro, confirmou a sua suspeita de que a demora da promoção se devia a motivos confessionais, isto é, se devia ao fato de ser judeu, o que, devido ao antissemitismo já presente em Viena na época, também era um obstáculo para Freud. Na noite seguinte, vem a Freud o sonho cujo relato apresentamos a seguir:

I. ... *meu amigo R. é meu tio. – Sinto grande ternura por ele.*

II. *Vejo o seu rosto um tanto modificado diante de mim. É como se tivesse sido esticado, e uma barba amarela que o cobre se destaca com especial nitidez.*¹¹²

Esta é a primeira metade do sonho, sendo que sua primeira parte é um pensamento e a segunda uma imagem. A segunda metade do sonho é omitida aqui por Freud.

¹¹¹ Equivalente aproximado do cargo de professor adjunto. De acordo com Peter Gay (op. cit.), Freud possuía, desde 1885, o título de *Privatdozent* (Livre-docente). A sua promoção para *professor extraordinarius*, porém, esperaria até 1902 para ser concedida, ainda que o corpo docente da Faculdade de Medicina tenha aprovado em 1897 a sua indicação, evento ao qual Freud aí se refere.

¹¹² *Die Traumdeutung*, 1900, SA 154, AE 156-7, LPM 159. Versão da L&PM.

A análise se dá do seguinte modo. A identificação entre o seu amigo e o seu tio, pensada na primeira parte, é levada a cabo também na imagem da segunda parte, que consiste numa fusão da imagem dos dois, já que a barba amarela que aparece pertence ao seu tio Josef. O seu tio era tido pelo pai de Freud como um “imbecil”, devido a um certo problema que teve com a lei, e, portanto, a identificação feita pelo sonho quer dizer que o seu amigo R. é um imbecil. A razão desta estranha identificação, ao ser buscada por Freud durante a análise, leva à recordação de uma conversa que tivera alguns dias antes do sonho com o seu amigo N., também postulante ao cargo de professor, que lhe comentara sobre uma falsa acusação que sofreu, a qual poderia prejudicar a sua nomeação. A partir daí, Freud estabelece a ligação que permite relacionar o seu tio Josef, enquanto criminoso, e os seus dois colegas, pois, se há uma razão para que eles não sejam nomeados, então o caminho estaria livre para a nomeação de Freud, realizando assim este seu desejo.

O sentimento de ternura que o sonho atribui a R., por sua vez, parece a Freud exagerado, constituindo-se em uma tentativa do sonho de dissimular a ofensa a ele figurada em seu conteúdo, que nunca seria dita por Freud em seu pensamento de vigília. A partir daí, ele deduz que o que está em questão é uma intenção de “recalcar” (*verdrängen*) uma ideia, e assim a “distorção” ou “desfiguração” (*Entstellung*) mostra-se como um meio de “dissimulação” (*Verstellung*)¹¹³.

Freud remeterá então a *Traumentstellung* a uma “tendência à defesa” (*Tendenz zur Abwehr*) contra o desejo, e, encontrando um símile na vida social e política, o formulará como o efeito de uma censura (*Zensur*). Freud avança um pouco e chega a supor a existência de duas forças psíquicas¹¹⁴, das quais uma forma o desejo que motiva o sonho e a outra exerce uma censura sobre este desejo, impondo a sua desfiguração para que se expresse no conteúdo do sonho. Desse modo, fica posta uma estrutura explicativa capaz de responder a objeção relativa aos sonhos de conteúdo penoso:

¹¹³ Após expor a questão neste sonho singular, Freud afirma: “Este poderia ser um conhecimento universalmente válido [*allgemeingültige*]” (*Die Traumdeutung*, 1900, SA 158, AE 160, LPM 163, tradução nossa). Difícil tirar conclusões precisas dessa frase. Tratar-se-ia da atribuição de universalidade à dissimulação relacionada à *Traumentstellung* para o âmbito de todo e qualquer sonho ou para o de uma classe de sonhos? Ou trata-se apenas do vislumbre de uma generalização?

¹¹⁴ “*zwei psychische Mächte (Strömungen, Systeme)*” (SA 160), “duas forças psíquicas (correntes, sistemas)” (LPM 165). Posteriormente, ele as designará “instâncias psíquicas” (*psychischen Instanzen*).

Perguntávamos de que modo, afinal, os sonhos de conteúdo desagradável [*peinlich*] podem ser explicados como realizações de desejo. Vemos agora que isso é possível quando ocorreu uma distorção onírica [*Traumentstellung*], quando o conteúdo desagradável apenas serve para disfarçar um conteúdo desejado. Considerando nossas hipóteses sobre as duas instâncias psíquicas, também podemos dizer agora que os sonhos desagradáveis de fato contêm algo que é desagradável para a segunda instância, mas que ao mesmo tempo também cumpre um desejo da primeira.¹¹⁵

Voltando-se então sobre a tese da realização de desejo, diante agora do problema da desfiguração do sonho, Freud afirma: “Que o sonho tem realmente [*wirklich*] um sentido oculto, que resulta ser uma realização de desejo, é algo que deve ser provado [*erwiesen*] novamente em cada caso [*jeden Fall*] através da análise”¹¹⁶. Para isso, seleciona alguns sonhos de conteúdo desagradável, interpretando, desse modo, uma série de dez sonhos que parecem contradizer a sua teoria, os quais são por ele reunidos sob o título de “sonhos de contra-desejo” (*Gegenwunschräume*). Porém, como afirma Monzani, “é mais que evidente o problema que está envolvido nesse tipo de análise, pois a cada objeção se torna necessária uma análise, fazendo com que o trabalho de prova fique relegado praticamente a uma tarefa sem fim ou pelo menos indefinida”¹¹⁷. Assim, o fato de Freud remeter o trabalho da interpretação ao “cada caso” parece implicar em uma irreduzibilidade do trabalho do singular, ou da particularidade da experiência, impossibilitando a fundamentação da tese da realização de desejo em sua universalidade. Após a análise daquela série de sonhos, Freud afirma: “Espero que os exemplos anteriores sejam suficientes – até que surjam novas objeções – para que pareça digno de crédito que os sonhos de conteúdo desagradável também devam ser explicados como realizações de desejo”¹¹⁸.

Freud insere uma observação aqui, em 1919, afirmando que o tema não está encerrado e será retomado mais adiante, o que é feito na seção C do capítulo VII, onde se analisa, em trecho acrescentado neste mesmo ano, outras objeções apresentadas por sonhos de conteúdo desagradável. As objeções aqui analisadas por Freud possuem características distintas daqueles

¹¹⁵ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 161, AE 164, LPM 166-7. Versão da L&PM.

¹¹⁶ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 162, AE 164, LPM 167. Tradução nossa.

¹¹⁷ Monzani, *Freud: o movimento de um pensamento*, 1989, p. 111.

¹¹⁸ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 174, AE 176, LPM 181. Versão da L&PM.

sonhos analisados no capítulo IV, devendo talvez ser concebidas como outras classes de sonhos. No trecho do capítulo VII a que nos referimos, Freud desenvolve uma explicação, em primeiro lugar, para sonhos cujos pensamentos oníricos são conteúdos desagradáveis que se expressam no conteúdo manifesto do sonho, com alguma modificação, mas ainda reconhecíveis:

Um desejo inconsciente e recalcado [*verdrängter*], cuja realização não poderia ser sentida pelo eu do sonhador senão como desagradável [*peinlich*], serviu-se da oportunidade que lhe foi oferecida pela permanência do investimento dos restos diurnos desagradáveis, deu-lhes apoio e por meio dele os tornou capazes de se transformarem num sonho.¹¹⁹

A título de ilustração, Freud analisa um de seus sonhos que tem essas características. O outro caso dos sonhos desagradáveis a ser explicado são os chamados “sonhos punitivos”, que teriam por conteúdo latente um desejo recalcado que anseia a uma satisfação ilícita, à qual o “eu” reage com um desejo punitivo, o qual seria propriamente o formador do sonho. Essa classe de sonhos propõe algo novo à teoria do sonho, pois já não se trata de um desejo pertencente ao inconsciente que provê a força impulsora para o sonho, mas um desejo pertencente ao “eu”¹²⁰.

Resta tratar, porém, dos sonhos de angústia, como um subtipo particular dos sonhos com conteúdo penoso. Freud não os tratará no capítulo IV, pois eles não trazem nenhum aspecto novo do problema dos sonhos, mas remetem à angústia neurótica. Apresenta de modo breve a tese de que “os sonhos de angústia são sonhos de conteúdo sexual, cuja libido correspondente transformou-se em angústia”¹²¹. Afirma então que retomará a questão mais adiante, o que é feito na seção D do capítulo VII, onde explica os sonhos de angústia como um fracasso da função normal dos sonhos¹²², de acordo com a qual haveria um compromisso entre o desejo inconsciente formador do sonho e o desejo de dormir do pré-consciente. No caso do sonho de angústia,

¹¹⁹ *Die Traumdeutung*, 1919, SA 531, AE 549, LPM 585. Versão da L&PM.

¹²⁰ Como se vê, este acréscimo já ensaia uma substituição da oposição entre “inconsciente” e “consciente”, para a oposição entre o “eu” e o “recalcado”. Como afirma Freud em acréscimo de 1930, este seria o lugar onde se introduziria o papel do “supereu”, descoberto posteriormente.

¹²¹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 176, AE 178-9, LPM 183. Tradução nossa.

¹²² No capítulo V, ao discutir as fontes somáticas do sonho, Freud retoma também a questão dos sonhos de angústia, referindo-se a esse caso também como um fracasso da realização de desejo, que é descrita como uma tendência: “Essa angústia, assim como o sonho de angústia em seu todo, tem o significado de um sintoma neurótico, e nos encontramos no limite onde fracassa a tendência realizadora de desejos [*die wunscherfüllende Tendenz*] do sonho” (*Die Traumdeutung*, 1900, SA 243, AE 248, LPM 258, versão da L&PM).

porém, o desejo recalcado desencadeia a liberação de um afeto que, após o recalçamento, é sentido pelo pré-consciente como desprazer, perturbando-o de tal modo a acordá-lo. Reafirmando que a teoria dos sonhos de angústia é um problema da psicologia das neuroses, Freud analisa dois sonhos desse tipo, apenas para indicar o conteúdo sexual dos pensamentos oníricos.

Finda a análise das objeções à universalidade da tese da realização de desejo¹²³, e ficando demonstrado que a *Traumentstellung* é um ato da censura, Freud modifica sua fórmula sobre a realização de desejo: “O sonho é a realização (disfarçada) de um desejo (suprimido, recalcado)”¹²⁴. Se levarmos em consideração a questão da universalidade desta nova apresentação da tese, como a nossa análise obriga, haveremos de precisar o que o enunciado de Freud quer dizer, isto é, o que significa precisamente o recurso às palavras entre parênteses. Pois dizer simplesmente que o sonho é a realização disfarçada de um desejo suprimido ou recalcado, enquanto uma tese universal, pareceria contradizer o que foi apresentado no capítulo III, isto é, que o sonho muitas vezes, em crianças e adultos, se apresenta sem disfarces como uma realização de desejo. Assim, interpretando a nova formulação da tese, de modo a mantê-la de acordo com os exemplos de sonhos do capítulo III, poderíamos enunciá-la da seguinte maneira: todo sonho é uma realização de desejo, sendo que algumas vezes ou muitas vezes trata-se da realização disfarçada de um desejo suprimido ou recalcado. Assim, nos vemos diante de duas classes de sonhos, de modo que os parênteses fazem referência aos casos particulares de uma dessas classes.

Porém, a questão, como pudemos notar, ainda não estaria encerrada no capítulo IV, e nem se esgota na breve incursão que aqui fizemos ao capítulo VII. Afinal, como afirma Monzani, do trabalho da interpretação “pode-se extrair uma tese, mas dele nunca se pode fundar essa mesma tese”¹²⁵. Com efeito, no início do capítulo V, Freud afirma que, após a análise do sonho da injeção de Irma, havia se ocupado apenas da questão de se ali havia descoberto um “caráter

¹²³ Notemos que, além dos sonhos de angústia, surgirá, em *Além do princípio de prazer*, uma objeção forte à tese, constituída pelos sonhos traumáticos, o que levará Freud a descrever a realização de desejo como uma tendência: “Supondo que os sonhos destes neuróticos traumáticos não nos dissuadam de afirmar que a tendência do sonho é o cumprimento de um desejo, talvez nos reste o recurso de sustentar que, neste estado, a função do sonho, como tantas outras coisas, foi afetada e desviada de seus propósitos” (Freud, *Más allá del principio de placer*, 1920, AE, v. 18, p. 13-4).

¹²⁴ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 175, AE 177, LPM 182. Tradução nossa. Aqui vale a pena reproduzir o texto alemão: “Der Traum ist die (verkleidete) Erfüllung eines (unterdrückten, verdrängten) Wunsches”.

¹²⁵ Monzani, op. cit., p. 111.

universal” (*allgemeinen Charakter*) dos sonhos, e assim havia deixado de lado todas as outras questões despertadas pela análise. E quando afirma que abordará agora esses outros problemas do sonho, deixando momentaneamente de lado a questão da realização de desejo, observa que este tema não está “de modo algum inteiramente esgotado”¹²⁶. O modo como a questão é retomada no capítulo VII será tratado no capítulo seguinte deste trabalho, pois já põe em jogo, mais explicitamente, outro nível discursivo que, por um lado, se descola em alguma medida da experiência — com a proposição teórica de que o desejo do sonho seja sempre um desejo infantil — e, por outro lado, possui um estatuto de universalidade que ultrapassa o âmbito dos sonhos, com o recurso às formações psicopatológicas e ao esquema do aparelho psíquico.

¹²⁶ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 177, AE 180, LPM 184. Tradução nossa.

1.4. O material e as fontes dos sonhos

No capítulo V, Freud abordará as outras curiosidades científicas despertadas pela análise que haviam sido deixadas de lado nos capítulos anteriores, mas vêm ser agora esclarecidas a partir da tese da realização de desejo e da distinção entre o conteúdo manifesto e o conteúdo latente dos sonhos. Do modo como é abordada no capítulo I, a questão do material dos sonhos refere-se ao material mnêmico do qual o sonho se serve, enquanto as fontes dos sonhos seriam os seus excitadores ou motivadores¹²⁷. Porém, nos parece que, no capítulo V, essa distinção conceitual já não é usada de modo muito preciso¹²⁸. Freud divide o capítulo em quatro seções, tratando as questões do material recente e indiferente no sonho, o material infantil como fonte do sonho, as fontes somáticas do sonho e, por fim, os sonhos típicos.

Iniciando com a questão do material recente do sonho, Freud afirma que há universalmente no sonho uma ligação com material do dia anterior, o que se apoia em sua experiência:

Se agora consulto minha própria experiência [*Erfahrung*], em relação à origem dos elementos apresentados no conteúdo onírico, devo afirmar, em primeiro lugar, que em todo [*jedem*] sonho se pode encontrar uma ligação com as vivências do *dia anterior*. Seja qual for o sonho do qual eu me ocupe, próprio ou alheio, essa experiência [*Erfahrung*] sempre [*jedesmal*] se confirma.¹²⁹

¹²⁷ Cf. Gabbi Jr., “A leitura freudiana das teorias pré-psicanalíticas sobre o sonho”, 1991, p. 144: “A noção de material é pensada a partir de um dos termos de uma oposição proposta por Hildebrandt (há uma contínua inserção da vida diurna no sonho), onde material, como Freud irá insistentemente mostrar, aparece como designando matéria-prima e não fonte do sonho, como desejaria a literatura médica”. Há de se notar que, enquanto a seção do primeiro capítulo que tratava a questão era intitulada “Estímulos e fontes dos sonhos”, a palavra “estímulos” já encontra-se ausente no título do capítulo V, o que não deve ser por acaso, já que, ao ter considerado o desejo a fonte e motivo do sonho em sua universalidade, os estímulos perdem o privilégio de serem tratados no mesmo patamar. Mas devem ainda receber tratamento, ainda se deve determinar o seu lugar na formação dos sonhos.

¹²⁸ Citamos, a esse exemplo, uma passagem que parece falar em favor do abandono de uma distinção clara entre as noções de material e fonte dos sonhos, ao contrapor as fontes aos desejos excitadores do sonho: “[...] mesmo daqueles sonhos cuja interpretação de início parece completa porque as fontes oníricas [*Traumquellen*] e o desejo excitador [*Wunscherreger*] são facilmente comprováveis [...]” (*Die Traumdeutung*, 1900, SA 226-7, AE 231, LPM 239, versão da L&PM).

¹²⁹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 179, AE 182, LPM 186. Tradução nossa. Vale notar que, além de dizer aqui que há uma “ligação” (*Anknüpfung*) entre o sonho e as vivências do dia anterior, Freud afirmará mais à frente que há, em todo sonho, entre estas vivências, um “excitador do sonho” (*Traumerreger*) (cf. *Die Traumdeutung*, 1900, SA 182, AE 185, LPM 190).

Freud apresentará então alguns excertos de seus sonhos, para mostrar “o quão regularmente [*regelmässig*] pode-se demonstrar [*erweisen*] essa relação”¹³⁰ do conteúdo onírico com as vivências do dia anterior. A comunicação de seis casos de sonhos, que vemos nos curtos parágrafos que vêm em seguida, vai apenas até onde é necessária para a descoberta da fonte do sonho, como afirma aqui Freud, limitando-se de fato a um pequeno trecho do relato do sonho.

Analisemos esse movimento do texto: inicialmente, Freud apresenta a afirmação universal de que o conteúdo onírico possui uma ligação com as vivências do dia anterior, de modo que aí o discurso da experiência é também o discurso do universal. Em seguida, neste conjunto de parágrafos, ele particulariza a universalidade do discurso da experiência, apresentando uma pluralidade de singulares: seis sonhos que, além de dois outros sonhos já apresentados¹³¹, mostram como essa relação pode ser demonstrada regularmente. Essa pluralidade mostra a regularidade da possibilidade de demonstração da tese em casos singulares. O discurso da experiência passa então agora como discurso do singular ou do plural (a pluralidade de singulares), mas a singularidade é exposta o mais brevemente possível, não mergulhando na detalhada conjuntura (a *Zusammenhang*...) do sonho, como na análise do sonho da injeção de Irma e do sonho “meu amigo R. é meu tio”. Parece-nos que Freud não considera necessário se deter aqui nos casos singulares de modo detalhado pela razão de que o material proveniente do dia anterior se apresenta de modo mais ou menos evidente no conteúdo manifesto do sonho, o que nos faz levantar a hipótese de que um fator que contribui para a importância dada à análise em profundidade dos pormenores de um sonho singular consiste na necessidade de desvendar os pensamentos oníricos que se apresentam de modo distorcido, o que se mostra um empreendimento trabalhoso.

Por outro lado, é ao empreender uma análise minuciosa do sonho da monografia de botânica que Freud procura mostrar como a figuração no sonho de um material indiferente, proveniente de um vivência do dia anterior, aparece em lugar da vivência da véspera que de fato provocou o sonho, o que já põe em questão o trabalho da *Traumentstellung*. O relato do conteúdo do sonho é relativamente curto:

¹³⁰ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 179, AE 182, LPM 186. Tradução nossa.

¹³¹ O sonho da injeção de Irma e o sonho “meu amigo R. é meu tio”.

*Escrevi uma monografia sobre certa planta. O livro está diante de mim e folheio uma lâmina colorida dobrada. Cada exemplar é acompanhado por um espécime dessecado da planta, semelhante aos espécimes de um herbário.*¹³²

O material do dia anterior com o qual o sonho se relaciona de modo mais evidente teria sido um livro sobre o gênero *Cyclamen*, visto por Freud na vitrine de uma livraria, que seria *uma monografia sobre certa planta*. A partir daí, uma cadeia de associações leva à recordação de que o ciclâmen é a *flor predileta* de sua esposa e que ele se lembra tão poucas vezes de *lhe dar flores*. A isso se acrescenta uma história que Freud contara a alguns amigos sobre uma ex-paciente que caíra em prantos quando o seu marido esquecera de *lhe dar flores* no dia de seu aniversário.

Outro caminho associativo parte de *escrevi uma monografia sobre certa planta* e leva ao artigo que Freud escrevera sobre a coca (*Ueber Coca*, publicado em 1884), o qual fazia uma alusão à sua propriedade anestésica, chamando a atenção de Karl Koller, que investigaria a questão mais a fundo e estabeleceria o uso da cocaína como anestésico local para cirurgias oftalmológicas. No dia que se seguiu ao sonho, ainda antes de analisá-lo, Freud fantasiara com a ideia de que, se viesse a ter um glaucoma, gostaria de ser operado com o uso da cocaína em Berlim, na casa de seu amigo Fliess, por um médico que não o conhecesse, de modo a poder pagar os seus honorários como qualquer paciente. Ele percebe, posteriormente, que essa fantasia se enraíza na lembrança de que, quando o seu pai teve glaucoma, foi operado pelo Dr. Königstein, tendo o Dr. Koller preparado a anestesia a base de cocaína. O episódio com a cocaína também lhe veio à lembrança quando, alguns dias antes do sonho, teve em mãos uma publicação que mencionava a descoberta feita por Koller das propriedades anestésicas da cocaína. Freud percebe, então, que o sonho se relaciona ainda com uma conversa que tivera com o Dr. Königstein, no dia anterior ao sonho. Durante a conversa, apareceram o Prof. Gärtner (“jardineiro”, em alemão) e a sua esposa, os quais Freud cumprimentou por sua aparência *florescente*, e ainda foi mencionada a paciente que protagonizou a história mencionada anteriormente sobre o *dar flores*.

Cada exemplar é acompanhado por um espécime dessecado da planta, semelhante aos espécimes de um herbário. A essa parte do conteúdo do sonho se relaciona uma recordação do

¹³² *Die Traumdeutung*, 1900, SA 183, AE 186, LPM 190. Versão da L&PM.

ginásio, quando o diretor atribuía a alguns alunos a limpeza do herbário, pois haviam sido encontradas traças (*Würmer; Bücherwurm*, traça-dos-livros, bibliómano, rato de biblioteca). As plantas que lhe foram confiadas eram crucíferas, o que leva o seu pensamento à alcachofra, que é sua *flor predileta* e que sua esposa costuma trazer-lhe.

O livro está diante de mim e folheio... Este trecho remete ao que o seu amigo Fliess lhe escrevera no dia anterior. Dizia que se ocupava com o livro de Freud sobre os sonhos: “*Eu o vejo acabado diante de mim e o folheio*”¹³³. A cadeia de lembranças que parte da *lâmina colorida dobrada* passa pelas lâminas coloridas dos arquivos de medicina que Freud possuía quando estudante, por sua vontade de estudar sempre por monografias, e leva a uma recordação de infância, quando, aos cinco anos, seu pai deu a ele e a uma de suas irmãs um livro com lâminas coloridas, para que eles o destruíssem. Freud considera essa cena de sua infância como uma “lembrança encobridora” de sua tendência posterior a colecionar livros, de sua bibliofilia — ele se tornaria um *Bücherwurm*. O que está em jogo aí é, desse modo, uma de suas *paixões*, e uma experiência posterior lhe mostrou como elas podem causar sofrimento, quando se endividou com a compra de livros, aos dezessete anos. Com esse tema, Freud retoma a associação com a conversa tida com o Dr. Königstein, pois esta tratava também da crítica com relação à sua excessiva condescendência com as próprias *paixões*.

A continuidade da interpretação do sonho esbarra em uma reserva pessoal de Freud, em uma espécie de censura que condiciona a incompletude da análise deste sonho singular. “Por razões que não vêm ao caso”, afirma, “não quero prosseguir a interpretação desse sonho, mas apenas indicar o caminho que leva até ela”¹³⁴. Freud indica que, tendo em mente os temas levantados pela análise em relação com a conversa com o Dr. Königstein, pode chegar à interpretação do sentido do sonho:

Todas as cadeias de ideias começadas [...] ganham uma continuação e desembocam em algum dos fios daquela conversa tão ramificada. O sonho ganha mais uma vez o caráter de uma justificação, de uma defesa de meus direitos, tal como o primeiro sonho analisado, o da injeção de Irma; ele inclusive leva adiante o tema começado neste último e o esclarece a partir do material novo que foi acrescentado no intervalo entre os dois sonhos. Mesmo a

¹³³ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 185, AE 188, LPM 193. Versão da L&PM.

¹³⁴ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 186, AE 189, LPM 194. Versão da L&PM.

forma de expressão aparentemente indiferente do sonho recebe uma ênfase. Agora ela quer dizer: “Ora, eu sou o homem que escreveu um ensaio valioso e bem-sucedido” (sobre a cocaína), da mesma forma como naquela outra ocasião aleguei para me justificar: “Ora, eu sou um estudante capaz e aplicado”; em ambos os casos, portanto: “Posso me permitir isso”.¹³⁵

Ao afirmar que interromperá a interpretação do sonho, Freud dirá, justificando-o, que o propósito que o levou a comunicar este sonho foi apenas o de “investigar a partir de um exemplo [*Beispiele*] a relação do conteúdo onírico com a vivência excitadora [*erregenden Erlebnis*] do dia anterior”¹³⁶. Desse modo, ao mesmo tempo em que a análise não pode deixar de se estender nos detalhes do singular, ela permanece incompleta também por sua concatenação no discurso, já que está em relação com a exposição acerca de uma característica geral dos sonhos, e por esse aspecto o singular se apresenta como o exemplo de um universal.

Com a interpretação do sonho, a partir da consideração não só do seu conteúdo manifesto, mas também do seu conteúdo latente, Freud pôde perceber que este sonho mantém uma relação não apenas com uma impressão indiferente do dia anterior (a monografia sobre o gênero *Cyclamen*), mas também com uma vivência significativa de elevado valor psíquico ocorrida no dia do sonho (a conversa com o Dr. Königstein), a qual teria propriamente provocado o sonho, enquanto a impressão indiferente mencionada figuraria no sonho como uma “alusão” (*Anspielung*) a esta última. Com isso, desfaz-se o enigma da figuração de material indiferente da vida diurna no sonho, assim como nega-se a afirmação de que o sonho não daria continuidade à vida de vigília. E, desse modo, surgem duas teses gerais, que afirmam a continuidade do trabalho da vigília e a excitação do sonho por conteúdos importantes e não insignificantes: “o que nos ocupou durante o dia também domina os pensamentos oníricos, e só nos damos ao trabalho de sonhar com aqueles assuntos que durante o dia nos deram o que pensar”¹³⁷.

A explicação para a substituição das impressões que provocaram o sonho pelas impressões indiferentes remete ao fenômeno da “desfiguração do sonho” (*Traumentstellung*), que, como nos diz Freud, já havia sido por ele atribuído a uma “força psíquica” (*psychische*

¹³⁵ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 186, AE 189-90, LPM 194. Versão da L&PM.

¹³⁶ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 187, AE 190, LPM 194. Tradução nossa.

¹³⁷ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 187, AE 191, LPM 195. Versão da L&PM.

Macht) que age como “censura” (*Zensur*)¹³⁸. Freud prossegue na explicação, adentrando o processo psíquico que seria responsável pela *Traumentstellung*, neste caso da figuração das impressões indiferentes da véspera. Trata-se do “deslocamento” (*Verschiebung*), um deslocamento de “ênfase psíquica”, que já coloca em jogo uma linguagem que envolve intensidades, ocupações e forças. As considerações sobre o deslocamento, porém, são evidentemente apenas indicações alusivas, de modo que este processo, entre outros característicos do trabalho do sonho, será efetivamente descrito no capítulo VI. Vale notar, ainda, que aqui há também uma breve alusão ao processo primário¹³⁹.

Ao procurar uma explicação para “o fato de que uma das impressões indiferentes do dia — nomeadamente do dia anterior — oferece regularmente [*regelmäßig*] uma contribuição ao conteúdo do sonho”¹⁴⁰, Freud encaminha-se para uma formulação da condensação, mas sem nomeá-la: “Se um dia nos trouxe duas ou mais vivências que são dignas de incitar sonhos, o sonho une a menção a ambas em um todo único; ele obedece a uma *coação* [*Zwang*] a formar uma unidade a partir delas”¹⁴¹. A questão é ilustrada em um exemplo de sonho, que dá lugar à enunciação de uma tese, baseada na multiplicidade da experiência: “Com base em muitas experiências semelhantes, devo apresentar a tese [*Satz*] de que há, para o trabalho do sonho, uma espécie de coação [*Nötigung*] a compor em uma unidade todas as fontes de estímulo do sonho existentes”¹⁴².

Ao se questionar “se a fonte excitadora do sonho à qual a análise nos conduz deve ser sempre [*jedesmal*] um acontecimento [*Ereignis*] recente (e significativo), ou se uma vivência [*Erlebnis*] interna, ou seja, a lembrança de um acontecimento dotado de valor psíquico, uma sequência de ideias, pode assumir o papel de excitadora do sonho”¹⁴³, Freud afirma que, de acordo com “inúmeras” (*zahlreichen*) análises, o provocador do sonho “pode ser um processo interno que, por assim dizer, se tornou recente por meio do trabalho do pensamento durante o dia”¹⁴⁴.

¹³⁸ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 187, AE 191, LPM 195. A formulação já havia sido feita no capítulo IV.

¹³⁹ Cf. *Die Traumdeutung*, 1900, SA 189-90, AE 192-3, LPM 197-8.

¹⁴⁰ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 191, AE 194, LPM 199. Tradução nossa.

¹⁴¹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 191, AE 194, LPM 199. Tradução nossa.

¹⁴² *Die Traumdeutung*, 1900, SA 192, AE 195, LPM 200. Tradução nossa.

¹⁴³ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 192, AE 195, LPM 200. Tradução nossa.

¹⁴⁴ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 192, AE 195, LPM 200. Tradução nossa.

Desse modo, Freud desmembra a tese geral de que o excitador do sonho é uma vivência significativa do dia anterior, discernindo aí quatro fontes particulares possíveis para os sonhos, caracterizadas, como segue, a partir das distinções entre uma ou várias vivências, entre a representação direta ou substituída por uma impressão indiferente e entre uma vivência que corresponde a um acontecimento ou a um pensamento:

- a) Uma vivência recente e psiquicamente significativa, a qual é representada [*vertreten*] diretamente no sonho.
- b) Várias vivências recentes e significativas, que são compostas em uma unidade pelo sonho.
- c) Uma ou mais vivências recentes e significativas, que são representadas [*vertreten*] no conteúdo do sonho pela menção a uma vivência do mesmo período, porém indiferente.
- d) Uma vivência significativa interna (lembança, cadeia de pensamentos), que é então *regularmente* [*regelmäßig*] representada [*vertreten*] no sonho pela menção a uma impressão recente, mas indiferente.¹⁴⁵

Assim, notamos que, consideradas as condições específicas dos casos distinguidos acima, a tese de que o sonho deva figurar uma vivência da véspera parece permanecer como universal: “Como vemos, na interpretação dos sonhos fica assegurada, sem exceção [*durchwegs*], a condição de que um elemento do conteúdo do sonho retome uma impressão recente do dia anterior”¹⁴⁶.

Ainda considerando as impressões recentes, Freud levanta “a hipótese [*Annahme*] de que o frescor de uma impressão, por si mesmo, confere a ela um certo valor psíquico [*psychischen Wert*] para a formação do sonho que, de algum modo, equivale ao valor [*Wertigkeit*] de recordações ou cadeias de pensamento carregadas de afeto”¹⁴⁷. Para melhor explicar esse valor obtido pelas impressões recentes, remete aqui às observações levadas a cabo no capítulo VII¹⁴⁸,

¹⁴⁵ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 193, AE 196, LPM 201. Tradução nossa. O verbo *vertreten* pode ser traduzido tanto por “substituir” como por “representar”.

¹⁴⁶ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 193, AE 196, LPM 201. Tradução nossa. O advérbio *durchwegs* guarda ainda certa ambiguidade quanto ao grau de generalidade que denota. O *Langenscheidt Taschenwörterbuch Portugiesisch* oferece como opções de tradução “geralmente, sem exceção, (quase) sempre” (p. 809). Contudo, o contexto parece indicar a ideia de uma universalidade sem exceções.

¹⁴⁷ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 194, AE 197, LPM 202. Tradução nossa.

¹⁴⁸ Cf. *Die Traumdeutung*, 1900, SA 536-8, AE 554-6, LPM 590-2.

onde será desenvolvida a ideia de que o valor que as impressões recentes e indiferentes guardam é devido à escassez de suas associações, o que lhes permite, estando fora do campo de ação da censura, servir de apoio à transferência do desejo recalcado que impulsionaria a formação do sonho.

“Das discussões precedentes”, diz-nos Freud, “se concluirá com razão que estou afirmando que não existem excitadores do sonho indiferentes e, portanto, que também não há sonhos inocentes [*harmlosen*]”¹⁴⁹. A universalidade da tese, entretanto, é logo em seguida restringida pelas exceções que lhe cabem: “Essa é minha opinião rigorosa e absoluta, excetuando os sonhos das crianças e, talvez, as breves reações oníricas a sensações noturnas”¹⁵⁰. É claro que há aqueles sonhos que são apenas aparentemente inocentes, em virtude do trabalho da *Traumentstellung*, mas que, após a interpretação, mostram-se maliciosos. E, como estes casos são sempre passíveis de suscitar objeções à sua tese, Freud submete cinco desses sonhos a uma análise relativamente breve¹⁵¹.

Ao abordar agora o material infantil como fonte do sonho, Freud retoma o que havia enunciado, no início do capítulo, como a terceira peculiaridade dos sonhos, isto é, a capacidade de dispor de material mnêmico da primeira infância que não parece estar disponível para a nossa memória de vigília. Freud afirma que é difícil avaliar a frequência ou raridade com que o sonho figura tais impressões, pois a sua origem não é conhecida durante a vigília, de modo que a prova (*Nachweis*) de que se trata de material infantil teria de ser fornecida por meios objetivos, o que só é possível em casos raros. É citado como exemplo aqui um caso narrado por Maury que possuiria uma especial força comprobatória nesse sentido. Freud cita também um sonho relatado por um de seus alunos, cuja impressão infantil teve sua origem também comprovada por uma fonte externa. E outro caso de sonhos nos quais se pode haver essa comprovação são os

¹⁴⁹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 195, AE 198, LPM 203. Versão da L&PM.

¹⁵⁰ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 195, AE 198, LPM 203. Versão da L&PM. Essa passagem é um momento privilegiado para indicarmos a necessidade de uma precaução com relação a qualquer asseveração por parte de Freud com relação à universalidade absoluta de uma tese. Como vemos aqui, logo após afirmar do modo mais contundente sua tese ou opinião (“*Dies ist in aller Strenge und Ausschließlichkeit meine Meinung*”, diz a expressão em alemão), ele apresenta as exceções que lhe cabem. Mais uma vez, enfatizamos a importância de considerar o contexto mais amplo no qual está inserida uma afirmação.

¹⁵¹ Os sonhos analisados aqui por Freud são de pacientes neuróticos, quatro deles de uma mesma paciente. Na análise do primeiro sonho, Freud enuncia uma espécie de critério ou índice de prova do acerto da sua interpretação: “O fato de realmente [*wirklich*] termos encontrado a pista da interpretação é provado [*beweisen*] pela consonância com as alusões registradas no episódio com a verdureira” (*Die Traumdeutung*, 1900, SA 197, AE 200, LPM 205, versão da L&PM).

chamados sonhos “recorrentes” (*perennierender*), isto é, o sonho “que, sonhado pela primeira vez na infância, mais tarde se repete de tempos em tempos durante o sono do adulto”¹⁵². Freud cita também um exemplo desses sonhos que lhe foi relatado por um colega médico.

As dificuldades envolvidas na comprovação da proveniência do material infantil, porém, assim como os exemplos citados em que isso é possível, que não são frequentes, estão em jogo enquanto ainda se estava considerando apenas o conteúdo manifesto do sonho:

Se agora passarmos do conteúdo onírico manifesto aos pensamentos oníricos que apenas são descobertos pela análise, constataremos com assombro que as experiências infantis [*Kindheitserlebnissen*] também tomam parte naqueles sonhos cujo conteúdo não teria despertado semelhante suspeita [*Vermutung*].¹⁵³

Em seguida, Freud analisará alguns sonhos cujo conteúdo manifesto não apresenta qualquer material infantil identificável, mas que, com a sua interpretação, nos faz remontar ao infantil como uma de suas fontes. Nos dois primeiros sonhos, são estabelecidas associações com recordações infantis. O primeiro sonho lhe foi relatado pelo mesmo colega do último exemplo, enquanto o segundo é o seu sonho da monografia de botânica. Na análise deste sonho, feita anteriormente, já se chegou, como vimos, a uma recordação infantil, a saber, a cena em que o pai de Freud lhe entregava um livro com lâminas coloridas para que o destruísse. Diante da possível objeção de que a associação da recordação infantil com o sonho teria sido estabelecida apenas posteriormente, pelo trabalho da análise, Freud apresenta como índice de prova “a abundância e o entrelaçamento das ligações associativas”¹⁵⁴. E, além disso, outra garantia de que a lembrança infantil em questão não foi arbitrariamente relacionada ao sonho encontra-se na asseveração de que o “sentido último” deste, omitido na análise, “se encontra na mais íntima relação com o conteúdo da cena infantil”¹⁵⁵.

O terceiro caso tomado para análise é o sonho “meu amigo R. é meu tio”, cuja análise apresentada no capítulo IV havia levado ao reconhecimento do desejo de Freud de ser nomeado professor como o “motivo do sonho” (*Wunschmotiv*) e havia remetido o sentimento de ternura

¹⁵² *Die Traumdeutung*, 1900, SA 202, AE 205, LPM 211. Versão da L&PM.

¹⁵³ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 202, AE 205, LPM 211. Versão da L&PM.

¹⁵⁴ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 203, AE 206, LPM 212. Versão da L&PM.

¹⁵⁵ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 203, AE 206, LPM 212. Versão da L&PM.

por R. a uma reação contra as ofensas direcionadas a ele e ao seu amigo N., o segundo concorrente à nomeação. Insatisfeito com essa solução, Freud ainda considera que o seu desejo de tornar-se professor não seria forte o bastante para motivar um sonho onde dirige ofensas a seus amigos de uma maneira tão discrepante daquilo que admitiria em seu pensamento de vigília. As ambições capazes de provocar tal sonho serão então buscadas por Freud em recordações infantis. Em primeiro lugar, chega à recordação de que lhe contaram várias vezes que, quando nasceu, uma velha camponesa profetizou a sua mãe que ela havia dado à luz um grande homem. Mas é em outra recordação, dos últimos anos de sua infância, que Freud encontrará uma explicação que considera mais adequada para a ambição que tem em vista. Quando tinha onze ou doze anos, seus pais lhe levaram a um restaurante onde um homem que improvisava versos lhe profetizou que era provável que ele um dia se tornaria ministro. Teria sido então esse desejo de tornar-se ministro, provindo da infância, o responsável pela formação do sonho, de modo que, ao ofender os seus amigos por serem judeus, ele se comporta como ministro, e, tomando o lugar do próprio ministro, dele se vinga por não lhe ter concedido o cargo de professor. Podemos observar novamente, aqui, certa subordinação da análise de um sonho singular à elucidação de teses gerais: a análise levada a cabo no capítulo IV vai até certo ponto, mostrando o processo da desfiguração do sonho, mas a interpretação é desmembrada em favor da construção discursiva a partir do estabelecimento de teses, de modo que só na seção B do capítulo V a análise do sonho é retomada e prolongada até a recordação e ao desejo infantis que estariam na base da formação do sonho.

No caso do sonho “meu amigo R. é meu tio”, o desejo infantil seria o próprio desejo que estimulou o sonho. Freud analisa, em seguida, uma série de sonhos que expressam o seu “anseio” (*Sehnsucht*) de ir a Roma, que, por outro lado, é um desejo atual, mas recebe reforço de recordações infantis. Os quatro sonhos brevemente analisados dão lugar ao rastreamento das lembranças infantis a eles associadas, as quais, indo do plano de Aníbal a ir a Roma até a questão do orgulho judaico ferido, desembocam em uma recordação com o seu pai e outra acerca da convivência com um menino um ano mais velho, em sua primeira infância.

Freud lembra que é muito raro que o conteúdo manifesto do sonho reproduza, sem alterações, alguma recordação infantil que ocupe todo o conteúdo do sonho. Ele apresenta aqui um exemplo desses casos, de um de seus pacientes, e depois disso apresentará análises de mais alguns sonhos de pacientes em que a lembrança infantil é figurada apenas por uma alusão, de

modo que o seu reconhecimento demanda a interpretação do conteúdo manifesto. Nesses últimos casos, haveria uma complicação adicional com relação ao valor conclusivo que a comunicação das análises dos sonhos poderia ter, já que, por um lado, quando as recordações infantis em questão ocorreram em idade muito precoce, a memória já não é capaz de reconhecê-las, mesmo após a interpretação, e, por outro lado, a incompletude da comunicação das análises, retiradas do seu contexto no trabalho psicanalítico, implicará em um prejuízo no seu valor:

No trabalho psicanalítico, o direito a inferir dos sonhos tais experiências infantis [*Kindererlebnisse*] resulta de toda uma série de fatores que parecem bastante confiáveis em sua ação conjunta. Arrancadas de seu contexto [*Zusammenhänge*] para fins de interpretação, tais derivações a partir de experiências infantis talvez causem pouca impressão, especialmente pelo fato de eu não comunicar todo o material em que a interpretação se apoia.¹⁵⁶

Creio podermos dizer que esta observação de Freud se refere ao valor de evidência das análises de sonhos, enquanto ligado à exigência de uma exposição do singular em sua integralidade, sem a fragmentação imposta pela sua inserção num discurso que o articula à exposição de teses gerais. Entretanto, ainda que ciente das limitações do seu valor, Freud analisa quatro sonhos de pacientes neuróticos, de modo relativamente breve, procurando mostrar como certo elemento do conteúdo manifesto do sonho seria uma alusão a uma vivência da infância. E em seguida, diante do problema de, a partir dos sonhos de neuróticos, tirar conclusões para os sonhos em geral, afirma que encontra a mesma relação com as vivências infantis em seus próprios sonhos:

Naturalmente, minha coleção tem um estoque abundante desses sonhos de pacientes cuja análise conduz a impressões infantis obscuras ou nem sequer mais recordadas, com frequência [*oft*] oriundas dos três primeiros anos de vida. No entanto, é melindroso tirar deles conclusões que sejam válidas para os sonhos em geral [*im allgemeinen*]; afinal, trata-se normalmente [*regelmäßig*] de pessoas neuróticas, em especial histéricas, e o papel que cabe às cenas infantis poderia ser determinado pela natureza da neurose e não pela do sonho. Entretanto, na interpretação de meus próprios sonhos, que faço não em razão de sintomas patológicos [*Leidenssymptome*] graves, ocorre, exatamente com a mesma

¹⁵⁶ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 209-10, AE 213, LPM 220. Versão da L&PM.

frequência [*ebensooft*], que eu tope de maneira inesperada [*unvermutet*] com uma cena infantil no conteúdo onírico latente e que toda uma série de sonhos desemboque nas vias que partem de uma experiência infantil [*Kindererlebnis*].¹⁵⁷

Desse modo, Freud empreenderá uma análise mais extensa de dois de seus sonhos, para mostrar como neles o material recente se liga a recordações infantis.

Ao observar como mesmo aqueles sonhos cuja interpretação parecia de início completa vêm mostrar uma ligação com as vivências infantis, Freud toma para consideração a universalidade desta ligação, questionando se ela não seria “uma condição essencial do sonhar”¹⁵⁸. E continua, na enunciação de sua hipótese:

Se me fosse permitido generalizar [*verallgemeinern*] esse pensamento, eu diria que cada [*jedem*] sonho tem uma ligação com as experiências recentes em seu conteúdo manifesto, mas em seu conteúdo latente se liga a experiências mais antigas, que, na análise da histeria, realmente posso mostrar que permaneceram recentes até o presente no mais verdadeiro sentido da palavra.¹⁵⁹

A generalização da proposição, como vemos, é mantida como horizonte, mas a prudência ainda não nos coloca aqui no âmbito da universalidade da tese. Ela é apresentada como uma conjectura, já que permanece fora do campo do demonstrável, e, como vemos na continuação do texto, a questão será retomada no capítulo VII:

No entanto, essa hipótese [*Vermutung*] ainda parece bastante difícil de demonstrar; em outro contexto (no capítulo VII), precisarei tratar outra vez do provável papel das experiências mais remotas da infância na formação dos sonhos.¹⁶⁰

Entre as três características distintas da memória do sonho, listadas por Freud no início do capítulo, a preferência pelo indiferente já teria sido suficientemente explicada, segundo ele,

¹⁵⁷ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 214, AE 217, LPM 224-5. Versão da L&PM.

¹⁵⁸ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 227, AE 231, LPM 239. Versão da L&PM. “*eine wesentliche Bedingung des Träumens*”.

¹⁵⁹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 227, AE 231-2, LPM 239-40. Versão da L&PM.

¹⁶⁰ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 227, AE 232, LPM 240. Versão da L&PM.

pela *Traumentstellung*, mas a preferência pelo recente e pelo infantil ainda requeririam explicação posterior:

Queremos manter na memória essas duas características, cuja explicação ou utilização ainda precisamos fazer; elas terão de ser incluídas em outro lugar, seja na psicologia do estado do sono, seja naquelas ponderações acerca da estrutura do aparelho psíquico que faremos posteriormente, quando tivermos observado que por meio da interpretação dos sonhos podemos lançar um olhar ao seu interior como por uma janela.¹⁶¹

Freud, em seguida, aborda outra questão, tendo também a sua universalidade como horizonte de sua perspectiva. Como poderemos notar, trata-se de uma questão que levanta recursos em favor da interpretação do material infantil nos sonhos, e que, junto a ele, tem aqui em questão a possibilidade de alçar-se à universalidade:

O sonho com frequência [*häufig*] parece *plurívoco* [*mehrdeutig*]; como mostram os exemplos, ele não só pode reunir várias realizações de desejo; também pode ocorrer que um sentido, uma realização de desejo, recubra os outros, até que, bem no fundo, topemos com a realização de um desejo da primeira infância, cabendo considerar se nesta frase não é mais acertado substituir o “com frequência” [*häufig*] por “sempre” [*regelmäßig*].¹⁶²

Ao passar à avaliação das fontes somáticas do sonho, Freud retoma o levantamento das opiniões encontradas na literatura científica, no primeiro capítulo. De modo geral, os autores negligenciam o papel das fontes psíquicas na formação do sonho, e dividem as fontes somáticas em três categorias: estímulos sensoriais objetivos, estímulos sensoriais subjetivos e estímulos corporais.

São revisitadas as opiniões de Spitta, Strümpell e Wundt. Aos defensores da explicação dos sonhos pelas fontes somáticas, Freud apresenta algumas objeções: a consideração das fontes somáticas não explica suficientemente as particularidades das impressões produzidas no sonho a partir dos estímulos; o pressuposto de que a psique não é capaz de interpretar corretamente os

¹⁶¹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 227, AE 232, LPM 240. Versão da L&PM.

¹⁶² *Die Traumdeutung*, 1900, SA 227, AE 232, LPM 240. Versão da L&PM.

estímulos durante o sono — pressuposto que fundamenta a teoria de que, no sonho, interpretamos incorretamente os estímulos provocadores — é incorreto; os estímulos externos ocorridos durante o sono não implicam necessariamente a produção de um sonho.

Diferenciando-se das concepções de outros autores, Scherner e Volkelt deslocam a investigação da formação das imagens oníricas para o âmbito do psíquico, procurando distinguir o modo como o sonho figura simbolicamente a natureza do órgão corporal do qual proviria o estímulo somático provocador. À semelhança do antigo método do simbolismo, porém, este método de interpretação recai na arbitrariedade, o que dificulta a sua aplicação como uma técnica científica. Uma outra objeção que se impõe a esta teoria é a de que, como os estímulos corporais estão sempre presentes, e ainda seriam mais perceptíveis durante à noite, deveríamos sonhar durante todo o nosso sono. Mas Freud apresenta a ressalva de que há, na concepção de Scherner e Volkelt, uma parcela de legitimidade, e que o seu valor está em voltar a nossa atenção, através da questão da simbolização, para algo que ainda requer explicação.

Abordando a questão agora a partir da sua concepção de que o sonho é uma realização de desejo, reclamando um lugar privilegiado para o psíquico entre as suas fontes, Freud atribui também lugar às fontes somáticas, ao relembrar a exigência de condensação do material onírico, que reúne na apresentação do conteúdo manifesto os estímulos somáticos, junto às impressões recentes, indiferentes etc., impulsionados pelo desejo, cuja realização é figurada no sonho.

Enquanto a solução para a incorporação dos estímulos somáticos reforça o fato de o sonho ser, em sua universalidade, uma realização de desejo, Freud se lança, em seguida, para uma avaliação das particularidades que em cada circunstância envolverão a participação dos estímulos externos nos sonhos:

Imagino que uma combinação de elementos individuais [*individueller*], fisiológicos e casuais [*zufälliger*], próprios de cada circunstância, decida como iremos nos comportar nos casos particulares [*einzelnen Fällen*] de estimulação objetiva mais intensa durante o sono; a profundidade habitual e acidental [*akzidentelle*] do nosso sono, em associação com a intensidade do estímulo, possibilitará que, num caso, o estímulo seja reprimido [*unterdrücken*] de tal maneira a não perturbar o sono, e, em outro, nos obrigará a acordar ou a apoiar a tentativa de superar o estímulo ao entrecê-lo no sonho. Correspondendo à multiplicidade dessas constelações, os estímulos objetivos externos se

expressarão com mais frequência [*häufiger*] ou mais raridade [*seltener*] nos sonhos de uma pessoa do que no de outra.¹⁶³

Freud prepara assim o terreno para relatar a análise de um de seus sonhos, o único em que pôde reconhecer uma fonte de estímulo objetiva. O estímulo em causa havia sido a dor provocada por um furúnculo, enquanto o sonho, ao mostrá-lo cavalgando, procura convencê-lo de que não sente qualquer dor, e assim pode continuar dormindo. Em 1914, Freud acrescenta um breve relato de outro sonho seu, no qual o barulho de sinos foi incorporado. São relatados ainda alguns outros sonhos, seus e de outras pessoas, que ilustram a participação das fontes somáticas.

Em seguida, Freud relata um sonho de comodidade, onde um jovem estudante que dormia é acordado por sua governanta, para ir ao hospital, mas então sonha que está no hospital, e, como lá está, não precisa para lá ir. E Freud nota que aqui se revela uma característica geral dos sonhos: “Em certo sentido, todos [*alle*] os sonhos são *sonhos de comodidade* [*Bequemlichkeitsträume*]; eles servem ao propósito de continuar o sono, em vez de despertar. *O sonho é o guardião do sono, e não o seu perturbador*”¹⁶⁴. Desse modo, o desejo de dormir, que aqui é remetido ao “eu consciente” (*bewußte Ich*)¹⁶⁵, figura como um desejo universal na motivação dos sonhos:

*Assim, o desejo de dormir [...] sempre [jedesmal] precisa ser levado em conta como motivo para a formação dos sonhos, e todo [jeder] sonho bem-sucedido é uma realização desse desejo. Em outra discussão, trataremos de como esse desejo de dormir, que é universal [allgemeine], regularmente [regelmäßig] presente e constante, se relaciona com os outros desejos, dos quais ora um, ora outro é realizado pelo conteúdo onírico.*¹⁶⁶

Freud afirma que os estímulos sensoriais externos, assim como os estímulos somáticos, podem constituir-se num núcleo do material onírico, caso se tornem suficientemente intensos,

¹⁶³ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 236, AE 241, LPM 250-1. Versão da L&PM.

¹⁶⁴ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 240, AE 245, LPM 255-6. Versão da L&PM.

¹⁶⁵ Há de se notar aqui a menção à noção de “eu” (*das Ich*), praticamente ausente em *A interpretação dos sonhos*, à qual são atribuídos, nessa passagem, além do desejo de dormir, a censura e a elaboração secundária, que serão mais à frente relacionados à instância do “pré-consciente”. No *Projeto* de 1895, por outro lado, o “eu” tem papel destacado, assumindo a função da inibição, que é atribuída, na *Traumdeutung*, também ao pré-consciente. Ademais, como se sabe, o conceito de “eu” voltará a tomar o primeiro plano na segunda tópica.

¹⁶⁶ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 241, AE 246, LPM 256. Versão da L&PM.

porém, para que se chegue à formação de um sonho, terão de buscar apoio em um desejo a ser realizado. No caso em que esses estímulos são de natureza dolorosa ou desagradável, eles se ligarão a um desejo cuja realização também provoca sensações desagradáveis, desencadeando um sonho de angústia.

Tendo em mente a sensação de paralisia nos sonhos, que é bastante frequente e relacionada intimamente à angústia, Freud analisará um de seus sonhos, onde está envolvida esta paralisia. A interpretação, de início, pode mostrar que a paralisia não se deve ao estado especial da motilidade no sono, pois, no início do sonho, Freud subia agilmente os degraus de uma escada, até topor com uma empregada e, após sentir-se envergonhado por não estar completamente vestido, sentir-se paralisado e não conseguir sair mais do lugar. Porém, a continuidade da análise será adiada, pois só poderá ser realizada após a consideração do sonho típico de nudez, encerrando assim a seção sobre as fontes somáticas e dando lugar à seção sobre os sonhos típicos. Vemos aqui, novamente, a fragmentação da análise de um sonho em razão da subordinação da exposição a questões gerais. A explicação do sonho típico mencionado, como veremos em seguida, remete a sua fonte a um desejo exibicionista proveniente da infância, enquanto a sensação de estar paralisado se deveria ao conflito decorrente da censura desse desejo por parte do pré-consciente. Em conformidade com isso, o prosseguimento da análise interrompida relaciona o sonho de Freud à recordação de uma empregada que havia cuidado dele em sua primeira infância.

Aos sonhos típicos é dedicada a última seção do capítulo V, que se insere na concatenação do texto aparentemente a partir da deixa dada pelo último sonho de Freud analisado, o qual remete, como vimos, ao sonho típico de nudez. Freud inicia a seção comentando como estes sonhos constituem-se num contraponto àqueles usualmente analisados através do método exposto no capítulo II:

De um modo geral [*im allgemeinen*], não somos capazes de interpretar um sonho de outra pessoa se ela não quer nos revelar os pensamentos inconscientes que se encontram por trás do conteúdo onírico, algo que prejudica seriamente a aplicabilidade prática de nosso método de interpretação de sonhos. No entanto, em inteira oposição à liberdade habitual do indivíduo para dotar seu mundo onírico de particularidades individuais [*individueller Besonderheit*] e assim torná-lo inacessível à compreensão alheia, há um certo número de sonhos que

quase todo mundo [*fast jedermann*] sonhou da mesma maneira e que estamos acostumados a supor que também têm o mesmo significado [*Bedeutung*] para todos [*jedermann*]. Esses sonhos típicos [*typischen Träumen*] também despertam um interesse especial porque supostamente provêm das mesmas fontes em todas as pessoas [*bei allen Menschen*], parecendo portanto especialmente apropriados para nos dar esclarecimentos sobre as fontes dos sonhos.¹⁶⁷

Podemos levantar aqui algumas questões. Ao contrário das seções anteriores, a seção sobre os sonhos típicos não diz de modo muito explícito que aspecto do material ou fontes do sonho está tratando. Inserindo-a na temática do capítulo, cabe compreender que o seu propósito não deve ser meramente tratar dos sonhos típicos, mas, como fica claro a partir da passagem citada acima, trata-se de esclarecer algum aspecto da questão das fontes do sonho, já que os sonhos típicos “supostamente provêm das mesmas fontes em todas as pessoas”¹⁶⁸. Desse modo, em primeiro lugar, devemos nos perguntar qual a razão de ser da seção sobre os sonhos típicos, que aspecto da fonte dos sonhos ela pretende esclarecer. Como afirma Freud em seguida, a aplicação aos sonhos típicos do seu método de interpretação de sonhos não dá resultados, pois o sonhador, em geral, não produz as associações que levariam habitualmente à compreensão do sonho. Cabe também nos perguntarmos, portanto, qual a razão disso.

O primeiro sonho típico analisado por Freud é o sonho embaraçoso de nudez, isto é, aqueles sonhos em que não apenas nos encontramos nus (ou com pouca roupa) na presença de outras pessoas, mas nos quais também se acompanha um sentimento de vergonha ou embaraço, de modo que queremos fugir da situação, mas logo nos vemos inibidos em nossa capacidade de nos mover para evitar o embaraço. Uma observação de Freud pode nos servir de esclarecimento geral sobre o que está em questão em um sonho típico, se temos em vista o que há nele de universal e de singular:

¹⁶⁷ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 247, AE 252, LPM 263. Versão da L&PM. A referência feita por Freud aqui ao “mundo onírico” (*Traumwelt*) parece coincidir de algum modo com a noção encontrada em Heráclito de um “mundo próprio”, que é contraposto ao “mundo comum” da vigília: “O mundo que é comum a todos os que estão despertos e que os conecta uns com os outros enquanto ponto de referência [*Bezugspunkt*] idêntico (κοινὸς κόσμος) é contraposto ao mundo que é próprio a cada um (ἴδιος κόσμος), ao qual se recolhem os que dormem” (Zimmermann, 1971, p. 164, tradução nossa).

¹⁶⁸ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 247, AE 252, LPM 263. Versão da L&PM.

O sonho é típico apenas quando tem essa composição [acima descrita]; o núcleo [*Kern*] de seu conteúdo normalmente [*sonst*] pode se incluir em todo tipo de combinação ou se ligar com componentes individuais [*individuellen*]. No essencial [*im wesentlichen*], trata-se da sensação desagradável [*peinliche*], da natureza da vergonha, de que gostaríamos de ocultar nossa nudez, na maioria dos casos por meio da locomoção, e de não conseguirmos fazê-lo.¹⁶⁹

Desse modo, apesar de os sonhos típicos terem sido descritos como sonhos “que quase todo mundo sonhou da mesma maneira”¹⁷⁰, não se trata de uma completa identidade do conteúdo manifesto destes sonhos, mas há de se distinguir ainda o que há realmente de comum a todos os casos, esta “essência” ou “núcleo” fixo, e aquilo que é diferente em cada um destes sonhos, o contexto singular ao qual se liga o núcleo do sonho típico, o qual, não obstante essa “identidade essencial”, não deixa de se desdobrar em algo único em cada caso singular.

Freud insere a interpretação deste sonho típico no contexto de suas análises de pacientes neuróticos, que deixam claro que “na base desse sonho se encontra uma lembrança da primeira infância”¹⁷¹. Discorre, a partir de observações gerais, sobre como as crianças “frequentemente” (*häufig*) mostram “desejos exibicionistas” (*Exhibitionsgelüste*) e afirma, por fim, que “os sonhos de nudez são *sonhos de exibição*”¹⁷².

Freud faz aqui algumas observações que estendem o estudo do sonho a uma reflexão sobre a cultura, ao afirmar que este sonho típico seria o fundamento do conto “A roupa nova do imperador”, de Andersen, o que já é uma primeira indicação de uma relação entre o grau de frequência dos sonhos típicos e o âmbito da universalidade da cultura. E, logo adiante, as observações sobre a nudez desenvergonhada da infância o levam a uma reflexão sobre a fantasia acerca do paraíso:

A um olhar retrospectivo, essa infância desprovida de vergonha nos parece um paraíso, e o próprio paraíso não é outra coisa senão a fantasia coletiva [*Massenphantasie*] acerca da infância do indivíduo. É por isso que as pessoas também estão nuas no paraíso e não sentem vergonha umas das outras até chegar um momento

¹⁶⁹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 248, AE 253, LPM 264. Versão da L&PM.

¹⁷⁰ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 247, AE 252, LPM 263. Versão da L&PM.

¹⁷¹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 249, AE 254, LPM 266. Versão da L&PM.

¹⁷² *Die Traumdeutung*, 1900, SA 250, AE 255, LPM 267. Versão da L&PM.

em que a vergonha e o medo despertam, ocorre a expulsão e tem início a vida sexual e o trabalho da civilização [*Kulturarbeit*]. O sonho pode nos levar todas as noites de volta a esse paraíso [...].¹⁷³

Freud afirmará aqui, de modo mais incisivo, a relação entre o sonho e produtos da cultura, retirando-a do âmbito da singularidade e da contingência: “As relações entre nossos sonhos típicos e os contos de fadas e outros materiais literários não são por certo isoladas [*vereinzelte*] nem casuais [*zufällige*]”¹⁷⁴. Aqui, a singularidade do isolamento e a contingência ou casualidade adquirem uma conotação em certo sentido negativa, na medida em que denotam uma restrição à universalidade desta relação e à causalidade entre os seus termos. Porém, como se trata de negar a sua singularidade e contingência, o que está em questão é a afirmação da relação entre os sonhos típicos e esses materiais literários no âmbito da universalidade e da necessidade.

Ainda na pista das considerações gerais sobre a cultura, a partir da literatura, Freud se lança a uma afirmação que tem por objeto a “humanidade”, senão em geral, em sua essência eterna e mais profunda: “A natureza [*Wesen*] mais profunda e eterna da humanidade¹⁷⁵, que o escritor geralmente conta despertar em seu auditório, é constituída por aquelas moções [*Regung*] da vida psíquica que se enraízam no período da infância que depois se tornou pré-histórico”¹⁷⁶.

E a partir da tese geral de que o sonho típico de nudez é motivado por desejos exibicionistas infantis, Freud retoma o sonho cuja análise fora interrompida no fim da seção anterior, partindo de um raciocínio que poderíamos chamar dedutivo, isto é, que toma um conhecimento do universal como premissa para estabelecer o conhecimento do particular: “Meu próprio sonho em que corro pelas escadas, e que pouco depois se transforma num ficar grudado nos degraus, também é um sonho de exibição, visto que apresenta os mesmos componentes essenciais dos sonhos desse tipo”¹⁷⁷. A partir disso, a exigência se torna encontrar uma vivência infantil que explique satisfatoriamente os elementos da configuração singular do sonho, o que é

¹⁷³ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 250, AE 255, LPM 266-7. Versão da L&PM.

¹⁷⁴ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 251, AE 256, LPM 268. Versão da L&PM.

¹⁷⁵ A expressão *das tiefste und ewige Wesen der Menschheit*, que destoa do vocabulário usado ordinariamente por Freud, ocorre pela ocasião da citação de um trecho de uma obra de Gottfried Keller, que, citando uma situação que Homero figura com a personagem Ulisses, usa esta expressão, que é retomada em seguida por Freud.

¹⁷⁶ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 252, AE 257, LPM 269. Versão da L&PM.

¹⁷⁷ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 252, AE 257, LPM 269. Versão da L&PM. Uma reconstrução do raciocínio poderia ser assim enunciada: se o sonho embaraçoso de nudez, que é a realização de um desejo infantil de exibição, possui como conteúdo manifesto tais componentes essenciais, e este meu sonho apresenta tais componentes essenciais, então o meu sonho é a realização de um desejo infantil de exibição.

localizado na recordação já mencionada de uma babá que cuidara de Freud até os seus dois anos e meio e estava relacionada a uma série de sonhos da qual este fazia parte.

Em seguida, Freud analisará o sonho típico que figura a morte de parentes queridos, acompanhada de um afeto doloroso. Os sonhos com a morte de pessoas queridas que não apresentam este sentimento de luto não se inserem na classe deste sonho típico. Enquanto o conteúdo manifesto destes sonhos é um modo de ocultar um outro desejo recalcado, Freud afirma que, no caso do sonho típico em questão, que é acompanhado pelo luto, o seu conteúdo de fato representa o desejo de que a pessoa ali figurada morra.

Em primeiro lugar, diante da expectativa de uma oposição à sua interpretação por parte dos leitores, Freud argumentará que o desejo figurado em alguns sonhos não é um desejo atual, mas pode ser um desejo abandonado, recalcado, como o mostrou o sonho de uma paciente, analisado no capítulo IV, que figurava uma criança morta em uma caixa, realmente motivado por um desejo de morte de uma criança, mas quinze anos antes do sonho, quando a mulher estava grávida. “Se, entre manifestações de dor”, afirma Freud, “alguém sonhar que seu pai ou sua mãe, seu irmão ou irmã morreram, jamais usarei esse sonho como prova de que ele lhes deseja a morte *agora*”. E continua: “A teoria do sonho não exige tanto; ela se contenta em concluir que ele – alguma vez na infância – lhes desejou a morte”¹⁷⁸. É notável, nessa passagem, como a tentativa de atenuação da atualidade destes desejos recalcados, em consideração aos sentimentos dos leitores, contrasta com outras passagens onde Freud procura enfatizar que os desejos infantis recalcados continuam atuais em certo sentido, apoiando-se sobretudo na psicologia da histeria¹⁷⁹.

Porém, como julga que a afirmação de que o desejo de morte de um parente querido não é um desejo atual não será suficiente para convencer os seus leitores, Freud recorrerá, para a justificação de seu ponto de vista, a algumas observações gerais sobre a vida psíquica infantil. Discorre sobre o egoísmo inicial da criança e as relações de hostilidade que mantém com seus irmãos, o que leva à conclusão de que “muitas pessoas que hoje amam seus irmãos e que se

¹⁷⁸ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 255, AE 259, LPM 271-2. Versão da L&PM.

¹⁷⁹ Na seção sobre o material infantil, por exemplo, Freud afirma que a análise da histeria mostra que as vivências infantis “permaneceram recentes até o presente no mais verdadeiro sentido da palavra” (*Die Traumdeutung*, 1900, SA 227, AE 232, LPM 240, versão da L&PM). Na seção C do mesmo capítulo, afirma que a existência dos desejos recalcados “não tem o sentido histórico de que tais desejos existiram e depois foram aniquilados; a teoria do recalçamento [*Verdrängung*], de que necessitamos para explicar as psiconeuroses, afirma que esses desejos recalcados [*verdrängte*] continuam existindo, mas que ao mesmo tempo também há uma inibição [*Hemmung*] pesando sobre eles” (*Die Traumdeutung*, 1900, SA 242, AE 247, LPM 257-8, versão da L&PM).

sentiriam roubadas pela sua morte conservam em seu inconsciente desejos maus contra eles surgidos no passado e que podem se realizar em sonhos”¹⁸⁰. As considerações gerais são também seguidas de observações acerca de casos particulares e, além disso, mais à frente, serão analisados quatro sonhos que ilustram o egoísmo nos sonhos em geral.

Porém, enquanto os sonhos com a morte de irmãos são explicados pelo egoísmo das crianças, a interpretação do sonho com a morte de um dos pais deve ser buscada em outro lugar. Para isso, Freud recorre à experiência de que estes sonhos, “com a maior frequência” (*überwiegend häufig*), figuram a morte do pai que possui o mesmo sexo do sonhador. A constância dessa relação não pode ser tomada como estritamente universal, mas põe em questão algo de valor geral a ser explicitado: “Não posso considerar isso como regra [*regelmäßig*], mas a predominância [*Überwiegen*] no sentido mencionado é tão nítida que exige uma explicação mediante um fator de importância geral [*allgemeiner Bedeutung*]”¹⁸¹. E esse fator será buscado, como se pode ver, pondo em jogo a questão da sexualidade: “É como se – dito de modo grosseiro – uma predileção sexual se declarasse de maneira precoce, como se o menino e a menina vissem respectivamente no pai e na mãe os seus rivais no amor, cuja eliminação só lhes poderia trazer vantagens”¹⁸².

Aqui também, diante da expectativa de uma rejeição da ideia apresentada, Freud empreenderá algumas considerações acerca da hostilidade presente nas relações entre pais e filhos, apontando a necessidade de distinguir a concepção dessa relação segundo a “exigência civilizada” e segundo a “observação cotidiana” dos fatos. A relação hostil entre pai e filho é remetida à soberania do pai na família antiga, registrada na mitologia pela relação entre Zeus e Cronos, e que se prolonga ainda na sociedade burguesa, onde se encontra motivos para uma relação conflituosa tanto entre pai e filho quanto entre mãe e filha. Mas, se os sonhos com a morte de um dos pais ocorre mesmo a pessoas às quais o respeito aos pais se tornou inviolável, a explicação para isso é que estes desejos de morte são desejos infantis que virão a ser recalçados, o que encontra apoio na psicanálise das neuroses: “Aprendemos com tais análises que os desejos sexuais da criança – na medida em que, em estágio embrionário, mereçam esse nome –

¹⁸⁰ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 256, AE 261, LPM 273. Versão da L&PM.

¹⁸¹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 260, AE 265, LPM 278. Versão da L&PM. Aqui, enquanto o *regelmäßig* (regularmente) se apresenta mais geral do que a “predominância”, o *allgemein* parece se referir a uma generalidade mais fraca.

¹⁸² *Die Traumdeutung*, 1900, SA 260-1, AE 265, LPM 278. Versão da L&PM.

despertam bastante precocemente e que a primeira inclinação da menina se dirige ao pai e os primeiros apetites infantis do menino à mãe”¹⁸³.

À exposição geral se segue a ilustração a partir de episódios singulares com crianças, assim como a breve análise desta relação conflituosa em três pacientes neuróticos. A importância decisiva da relação com os pais na vida infantil é atribuída por Freud a “todos” (*alle*) os neuróticos, com base em suas “numerosas experiências” (*zahlreichen Erfahrungen*). E, a partir da suposição de que não haveria uma diferença radical entre os neuróticos e as pessoas que permanecem normais, ensaia uma generalização desta observação para além dos limites da neurose, o que encontra apoio em observações de crianças normais, mas também na lenda de Édipo, “cujo efeito profundo e universal [*allgemeingültige*] só se torna compreensível mediante uma universalidade [*Allgemeingültigkeit*] semelhante da hipótese [*Voraussetzung*] da psicologia infantil em discussão”¹⁸⁴. Édipo, que matou o seu pai, Laio, rei de Tebas, tomando seu lugar e casando-se com sua mãe, Jocasta, representaria a realização desse desejo infantil, cuja universalidade explicaria o efeito provocado ainda hoje pela tragédia de Sófocles, segundo Freud, que se contrapõe à interpretação que busca compreendê-lo a partir da oposição entre a vontade dos deuses e a vontade dos homens. A lenda de Édipo seria uma “reação da fantasia” a dois sonhos típicos, o sonho com a morte do pai e o sonho de ter relações sexuais com a mãe¹⁸⁵, sendo este último inclusive mencionado no *Édipo-rei* de Sófocles. Enquanto Édipo, porém, realiza esses desejos infantis em questão como no sonho, o *Hamlet*, de Shakespeare, que tem como base esse mesmos desejos, é marcado pela diferença do progresso cultural que distancia os dois personagens, de modo que mantém o desejo infantil recalcado, do qual apenas temos notícia pelos seus efeitos inibidores no protagonista, como ocorre em uma neurose¹⁸⁶.

¹⁸³ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 262, AE 266-7, LPM 280. Versão da L&PM.

¹⁸⁴ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 265, AE 270, LPM 283. Versão da L&PM.

¹⁸⁵ Em 1909, Freud acrescenta a observação de que, “entre os sonhos de manter relações sexuais com a mãe, os disfarçados são muito mais frequentes do que os diretos” (*Die Traumdeutung*, 1909, SA 389, AE 400, LPM 424, versão da L&PM).

¹⁸⁶ Esta relação da criança com os seus pais, que receberia em 1910 o nome “complexo de Édipo”, é reconhecida por Freud já nas cartas a Fliess de 31 de maio de 1897 e 15 de outubro de 1897. Enquanto a primeira afirma a importância do desejo de morte contra os pais para a formação das neuroses, a carta de 15 de outubro amplia a concepção do complexo de Édipo, que, a partir da autoanálise de Freud, é generalizada também para as pessoas normais: “Descobri, também em meu próprio caso, [o fenômeno de] me apaixonar por mamãe e ter ciúme de papai, e agora o considero um acontecimento universal do início da infância, mesmo que não [ocorra] tão cedo quanto nas crianças que se tornam histéricas” (Masson, *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess — 1887-1904*, 1986, p. 273). Esta última carta também já contém as considerações sobre o *Édipo-rei* e sobre *Hamlet*.

No sonho com a morte de entes queridos, porém, como se pode notar, ocorre algo extremamente incomum, que é a realização sem disfarces de um desejo recalcado, o que exige uma explicação. Freud atribui a isso dois motivos: em primeiro lugar, este seria um desejo que teria se tornado tão distante de nós que, segundo nosso julgamento, “nem em sonhos” poderíamos tê-los, de modo que a censura não estaria preparada para inibi-los; em segundo lugar, eles podem se aproveitar de preocupações do dia anterior com a morte da pessoa em questão, que, como restos diurnos, têm para si transferida a força impulsora do desejo infantil e servem a ele de cobertura.

Freud aborda em seguida um grupo de sonhos típicos que envolve os sonhos de voar, acompanhados de prazer, e os sonhos de cair, acompanhados do medo. Ao contrário dos outros autores, que remetiam tais sonhos a alterações na sensibilidade cutânea ou ao movimento dos pulmões, Freud atribui a sua fonte a vivências infantis, como as brincadeiras onde os tios lançam as crianças ao alto ou simulam uma queda, afirmando que não é raro que tais brincadeiras despertem nas crianças sensações sexuais. A incompletude da análise dessa série de sonhos típicos, porém, é reconhecida por Freud, o que se deve aos fatos de que ele mesmo não tem um sonho próprio desse tipo à disposição e de que os sonhos de seus pacientes neuróticos não se deixam interpretar inteiramente:

Os sonhos dos neuróticos que normalmente [*sonst*] estão à minha disposição, no entanto, não são todos interpretáveis, e com frequência [*oft*] não o são até o fundo de sua intenção oculta; certa potência psíquica que tomou parte na formação da neurose e voltou à atividade quando da sua dissolução se opõe a que os interpretemos até o último enigma.¹⁸⁷

O sonho típico de ter sido reprovado em um exame, por sua vez, é explicado a partir das “lembranças indeléveis das punições que sofremos na infância por faltas praticadas”¹⁸⁸, e ocorreria quando em nós surge a expectativa de punição por algo que não foi feito como deveria. Em 1909, Freud acrescenta uma explicação a partir da observação de Stekel de que só as pessoas que passaram num exame específico sonham com este exame, o que é confirmado pela sua

¹⁸⁷ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 277, AE 281, LPM 296. Versão da L&PM.

¹⁸⁸ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 277, AE 282, LPM 296. Versão da L&PM.

experiência. Desse modo, o sonho seria na verdade um consolo ao sonhador, que, diante da expectativa de um possível fracasso no dia seguinte, figuraria uma situação onde um medo semelhante mostrou-se infundado. Em 1914, é levantada a hipótese de que estes sonhos se relacionam à censura pela “repetição de atos sexuais repreensíveis”¹⁸⁹, o que se coaduna com a interpretação dada por Stekel de que o sonho com exames “geralmente [*regelmäßig*] se refere a experiências sexuais e à maturidade sexual”¹⁹⁰.

Retomemos as duas perguntas que levantamos no início da seção. Em primeiro lugar, qual o aspecto das fontes dos sonhos está em questão no tratamento dos sonhos típicos? Vimos que a fonte do sonho embaraçoso de nudez é remetida a um desejo infantil de exibição, que poderia ser descrito como um desejo sexual. O sonho típico com a morte de parentes queridos remete também à vida psíquica infantil, às relações hostis com os irmãos e às relações de hostilidade mantidas com os pais, ou mais precisamente, com um dos pais. Mas não se trata, como se viu, apenas de uma relação de hostilidade, já que, enquanto a um dos pais é dirigido o impulso hostil, ao outro é dirigido o amor, ou, nos termos de Freud, os desejos sexuais da criança. Também o grupo de sonhos típicos de voar ou de cair foi remetido a vivências infantis relacionadas a sensações sexuais, apesar de nesse caso o material não oferecer uma análise completa. E, por fim, a explicação do sonho com exames se relaciona a temas da sexualidade que parecem apontar também para o infantil. Tratar-se-ia, portanto, a partir dos sonhos típicos, de ressaltar a importância dos desejos sexuais infantis como fonte dos sonhos, apesar de Freud encerrar a seção sem dizer qualquer palavra sobre a questão em geral. A seção, em certo sentido, pode ser inserida no contexto da seção que trata do material infantil, mas o que há de ser tratado agora especificamente é o tema ainda não plenamente elaborado da sexualidade infantil.

Apesar de Freud deter-se longamente na exposição do complexo de Édipo, não deixa de ser notável o lugar marginal que a questão ocupa na obra, em contraste com a importância teórica que Freud já lhe atribuía desde 1897¹⁹¹. Assim, a interessante articulação que o conceito de complexo de Édipo realiza entre a clínica, a metapsicologia e a teoria da cultura, como descrita por Estêvão¹⁹², está dando apenas os seus primeiros passos na *Traumdeutung*, de modo mais modesto, através de um “recurso à cultura”, como afirma o autor. Ao contrário da

¹⁸⁹ *Die Traumdeutung*, 1914, SA 279, AE 284, LPM 298. Versão da L&PM.

¹⁹⁰ *Die Traumdeutung*, 1925, SA 279, AE 284, LPM 298. Versão da L&PM.

¹⁹¹ Cf. Monzani, op. cit., p. 35.

¹⁹² Cf. Estêvão, *Sobre a universalidade na psicanálise: um estudo da teoria freudiana do complexo de Édipo*, 2003.

articulação que será tecida com o desenvolvimento da obra de Freud, aqui o Édipo ainda não é inserido na relação entre a clínica e a metapsicologia do capítulo VII, enquanto o recurso à cultura (ao mito e à tragédia) serve como apoio para a universalidade do próprio complexo de Édipo, isto é, de uma “hipótese” relativa à “psicologia infantil”¹⁹³. Contudo, o papel de Édipo, este “modelo do homem universal”¹⁹⁴, ainda que inserido no contexto do tema dos sonhos típicos, não deve ser minimizado, reclamando sua importância no mesmo sentido destes, isto é, na tentativa de enfatizar a importância dos desejos sexuais infantis para a formação dos sonhos.

Na nossa segunda questão, perguntávamos por que o método que Freud apresenta no capítulo II não dá bons resultados quanto aos sonhos típicos em geral. Ao tratar dos sonhos de cair ou de voar, pudemos ver um exemplo claro desse problema, de modo que as dificuldades para obter uma interpretação completa do sentido desses sonhos em seus pacientes neuróticos são atribuídas a uma “potência psíquica”, isto é, à censura, que teve participação na formação do sintoma neurótico e que impede que o paciente produza as associações que levariam à solução do sonho. Mas isso talvez seja apenas uma indicação do problema. Os sonhos típicos ainda serão retomados na seção do capítulo VI que trata do simbolismo, onde também se indicará o meio pelo qual a insuficiência do seu método pode ser contornada:

A origem disso e a maneira encontrada para remediar essa falha em nossa técnica serão abordadas mais adiante. Então o leitor também compreenderá por que posso tratar aqui apenas de alguns sonhos do grupo dos sonhos típicos, adiando para um contexto posterior a explicação dos demais.¹⁹⁵

O material sobre o simbolismo, abordado na seção E do capítulo VI, ressalta também a importância da sexualidade e põe em jogo um método auxiliar para a interpretação de sonhos, que dependerá também da experiência do intérprete com a tradução de símbolos. Parece que é nesse método auxiliar que reside o meio de remediar as dificuldades colocadas ao método da associação livre tanto pelos sonhos típicos quanto pelo simbolismo. “Somente depois de apreciarmos o simbolismo no sonho”, afirma Freud no capítulo VI, “podemos prosseguir a

¹⁹³ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 265, AE 270, LPM 283. Versão da L&PM.

¹⁹⁴ Cf. Soria, *Interpretação, sentido e jogo: um estudo sobre a concepção de fantasia (Phantasie) em Sigmund Freud*, 2010, p. 173.

¹⁹⁵ *Die Traumdeutung*, 1914, SA 247, AE 252, LPM 264. Versão da L&PM.

exposição dos *sonhos típicos*¹⁹⁶, interrompida no fim da seção D do capítulo V. Desse modo, findo o tratamento da questão do simbolismo, a continuação da seção E retoma o tratamento dos sonhos típicos, que são divididos agora em duas classes: “aqueles que realmente sempre têm o mesmo sentido e aqueles que, apesar do conteúdo idêntico ou parecido, precisam ser submetidos às mais diversas interpretações”¹⁹⁷.

À primeira classe pertencem o sonho embaraçoso de nudez, o sonho com a morte de parentes queridos, o sonho com exames, o sonho no qual não se alcança um trem e o sonho de estímulo dental. O sonho com exames foi tratado em detalhes no capítulo V, interpretado como um consolo com relação ao medo de se ter feito alguma atividade indevidamente. Os sonhos nos quais o sonhador não alcança um trem também seriam sonhos consoladores, mas desta vez com relação ao medo de morrer, já que partir seria um dos símbolos mais frequentes da morte. Os sonhos de estímulo dental, por sua vez, seriam motivados pelo desejo onanista da puberdade. Freud analisa dois sonhos desse tipo, de um paciente, e reproduz a análise de outro desses sonhos feita por Otto Rank.

Ao segundo grupo, que envolve os sonhos que não têm o mesmo sentido, apesar de possuírem um conteúdo semelhante, estão sonhos em que voamos ou flutuamos, por exemplo. No capítulo V, estes sonhos foram remetidos a vivências infantis, mas em cada caso devem receber uma interpretação distinta, como, no exemplo dado aqui por Freud, a realização do desejo de uma paciente de não tocar o solo para não ser contaminada e o desejo de ser mais alta. Nos homens, esse sonho tem um significado tipicamente sexual, em decorrência da ligação do voo com o pássaro, e da relação desta última palavra em alemão, *Vogel*, com um termo vulgar para designar o ato sexual, *vögeln*. Os sonhos de cair, também pertencentes a essa classe, trazem, com maior frequência, um caráter fóbico; no caso das mulheres, são remetidos quase sempre ao “uso simbólico da queda, que parafraseia a atitude de ceder a uma tentação erótica”¹⁹⁸, mas suas fontes infantis remetem a diversas vivências infantis. Os sonhos em que se está nadando em geral reproduz o prazer de urinar na cama, recordação à qual também se devem os sonhos com fogo, cuja ligação se encontra na advertência de que quem brinca com fogo molha a cama.

¹⁹⁶ *Die Traumdeutung*, 1914, SA 377, AE 388, LPM 410. Versão da L&PM. Nas edições de 1909 e 1911, a parte da seção E do capítulo VI que trata dos outros sonhos típicos estava no capítulo V, em continuidade com o primeiro tratamento dos sonhos típicos. Só depois de abordar os outros sonhos típicos é que Freud introduzia o material sobre o simbolismo.

¹⁹⁷ *Die Traumdeutung*, 1909, SA 377, AE 388, LPM 410. Versão da L&PM.

¹⁹⁸ *Die Traumdeutung*, 1909, SA 386, AE 397, LPM 420. Versão da L&PM.

“Poderíamos mencionar ainda um grande número de sonhos ‘típicos’”, afirma Freud, “se por essa designação entendermos o fato do retorno frequente [*häufigen*] do mesmo conteúdo onírico manifesto em sonhadores diferentes”¹⁹⁹. São listados, então, alguns outros sonhos típicos nos quais Freud não irá se deter, mas que afirma merecerem investigação posterior:

[...] os sonhos de caminhar por ruas estreitas, de passar por uma série de quartos, os sonhos com um ladrão noturno (ao qual também se referem as medidas preventivas dos neuróticos antes de dormir), os sonhos de perseguição por animais selvagens (touros, cavalos) ou de ameaça com facas, punhais ou lanças (esses dois últimos são característicos do conteúdo onírico manifesto de pessoas fóbicas) etc.²⁰⁰

O corolário da abordagem dos sonhos típicos é o reconhecimento da importância da sexualidade como fonte do sonho, confirmando a nossa observação anterior com a menção à presença da pulsão sexual desde a infância:

Quanto mais nos ocupamos da análise [*Lösung*] dos sonhos, tanto mais precisamos estar dispostos a reconhecer que a maioria [*Mehrzahl*] dos sonhos das pessoas adultas trata de material sexual e expressa desejos eróticos. [...] Declaremos de imediato que esse fato não traz nada de surpreendente para nós, mas que se encontra em completa harmonia com nossos princípios da explicação dos sonhos. Nenhum outro impulso [*Trieb*] precisou experimentar desde a infância tanta repressão [*Unterdrückung*] quanto o impulso sexual [*Sexualtrieb*] em seus inúmeros componentes; nenhum outro deixa tantos e tão fortes desejos inconscientes, que agora agem no estado de sono produzindo sonhos. Ao interpretar sonhos, jamais devemos esquecer a importância dos complexos sexuais, como naturalmente também não devemos exagerá-la até a exclusividade [*Ausschließlichkeit*].²⁰¹

Desse modo, apesar de enfatizar a importância dos desejos sexuais, Freud nega explicitamente a universalidade da tese, o que será sublinhado com maior ênfase em 1919: “A

¹⁹⁹ *Die Traumdeutung*, 1909, SA 386, AE 398, LPM 421. Versão da L&PM.

²⁰⁰ *Die Traumdeutung*, 1909, SA 386-7, AE 398, LPM 421. Versão da L&PM.

²⁰¹ *Die Traumdeutung*, 1909, SA 387, AE 398-9, LPM 421-2. Versão da L&PM.

afirmação de que *todos os sonhos exigem uma interpretação sexual*, contra a qual se polemiza incansavelmente na literatura, é estranha à minha *Interpretação dos sonhos*²⁰². Assim também, Freud afirma que “muitos” (*vielen*) sonhos devem receber uma interpretação num sentido bissexual, mas que a tese universal de que todos os sonhos devam receber tal interpretação, defendida por Stekel e Adler, é naturalmente ainda menos justificável. Os sonhos que escapam à motivação por desejos sexuais, tratados por Freud no capítulo III e retomados nessa observação, são os sonhos de fome e sede, assim como os sonhos de comodidade.

²⁰² *Die Traumdeutung*, 1919, SA 388, AE 399, LPM 422-3. Versão da L&PM.

1.5. O trabalho do sonho

Ao contrário dos autores que se ocuparam do sonho antes dele, que levavam em conta apenas o seu conteúdo manifesto, Freud toma em consideração o conteúdo latente dos sonhos, também designado por ele como os pensamentos oníricos. Portanto, impõe-se agora a tarefa “de investigar as relações do conteúdo onírico manifesto com os pensamentos oníricos latentes e pesquisar os processos [Vorgänge] que levaram estes a se transformar naquele”²⁰³. Freud compara a relação entre o conteúdo latente e o conteúdo manifesto do sonho com a tradução de uma língua em outra:

Os pensamentos oníricos [*Traumgedanken*] e o conteúdo onírico [*Trauminhalt*] se mostram a nós como duas figurações [*Darstellungen*] do mesmo conteúdo em duas línguas [*Sprachen*] diferentes, ou melhor, o conteúdo onírico se apresenta a nós como uma tradução [*Übertragung*] dos pensamentos oníricos numa outra forma de expressão [*Ausdrucksweise*], cujos signos e leis sintáticas devemos chegar a conhecer pela comparação entre o original [*Original*] e a tradução [*Übersetzung*].²⁰⁴

O sonho, como se apresenta em seu conteúdo onírico, não deve ser considerado pelo valor imagético de seus elementos, mas pelo valor destes enquanto signos de outra coisa; deve ser encarado como uma espécie de pictograma cifrado, como um rébus.

1.5.1. Condensação e deslocamento

Freud apresentará, em primeiro lugar, e de modo bastante extenso, o processo da condensação, estendendo-se em análises de diversos sonhos, desenvolvendo o raciocínio a partir dos casos ilustrativos. O deslocamento, por sua vez, exposto na seção seguinte, é delineado de

²⁰³ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 280, AE 285, LPM 299. Versão da L&PM.

²⁰⁴ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 280, AE 285, LPM 299. Versão da L&PM.

modo bem mais breve, já que Freud usa alguns sonhos analisados na exposição sobre a condensação para ilustrar este segundo processo do trabalho do sonho, cuja presença já se impunha naquela ocasião. Os dois processos, de fato, se relacionam de modo estreito, e por isso os exporemos aqui em conjunto, procurando ilustrar o deslocamento a partir das análises de sonhos feitas na seção sobre a condensação. Não devemos pensar, porém, que a diferença de páginas ocupadas por cada seção no texto freudiano implica em uma proporcional diferença de importância; Freud deixa explicitamente em aberto a questão de qual seria o principal, mas deixa claro que são eles dois que regem a orquestra: “*O deslocamento onírico e a condensação onírica são os dois mestres de obras [Werkmeister] a cuja atividade podemos atribuir essencialmente [hauptsächlich] a configuração do sonho*”²⁰⁵.

Eis então como a condensação é apresentada por Freud:

A primeira coisa que fica clara ao investigador quando compara o conteúdo onírico com os pensamentos oníricos é o fato de aí ter ocorrido um imenso *trabalho de condensação [Verdichtungsarbeit]*. O sonho é curto, pobre e lacônico se comparado à extensão e à riqueza dos pensamentos oníricos.²⁰⁶

Não é possível, porém, determinar algo como uma cota fixa de condensação (*Verdichtungsquote*), pois sempre é possível que um trabalho de interpretação posterior encontre novos pensamentos oníricos por trás do sonho, que não haviam sido trazidos à tona na primeira interpretação. O que está aí expresso é o fato da “superinterpretação”, decorrente da “sobredeterminação” no sonho, o que será elaborado mais adiante.

O trabalho do deslocamento, por sua vez, se expressa no fato de que “os elementos que se destacam como componentes essenciais [*wesentlichen*] no conteúdo onírico de forma alguma representam o mesmo papel nos pensamentos oníricos”, o que se complementa pela tese inversa, segundo a qual “o conteúdo essencial dos pensamentos oníricos não precisa de forma alguma aparecer no sonho”²⁰⁷. “O sonho”, diz Freud, “é *diversamente centrado [anders zentriert]*; seu

²⁰⁵ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 307, AE 313, LPM 331. Versão da L&PM.

²⁰⁶ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 282, AE 287, LPM 301. Versão da L&PM.

²⁰⁷ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 305, AE 311, LPM 328. Versão da L&PM.

conteúdo é ordenado em torno de elementos centrais diferentes dos pensamentos oníricos”²⁰⁸. Enquanto a condensação ilustra de modo notável a sobredeterminação do conteúdo manifesto pelos pensamentos oníricos, a discrepância ou estranheza entre estes, pela qual é responsável o deslocamento, não pode ser explicada apenas pela determinação múltipla, mas por uma força psíquica que “despoja os elementos dotados de alta valência psíquica de sua intensidade e, por outro lado, *pela via da sobredeterminação*, cria novas valências a partir de elementos de valência inferior, as quais entram então no conteúdo onírico”²⁰⁹. A força psíquica em questão trata-se, naturalmente, da censura, de modo que o deslocamento serve à desfiguração do sonho, através de uma “transvaloração de todos os valores psíquicos”²¹⁰.

Quanto à objeção de que as associações surgidas na análise não poderiam ser tomadas como os pensamentos oníricos, Freud responde:

Precisamos reconhecer que a maioria das massas de pensamento descobertas durante a análise já estava ativa na formação do sonho, pois quando chegamos ao fim de uma dessas cadeias de pensamento que não parecem ter ligação com a formação do sonho, topamos de súbito com um pensamento que, representado no conteúdo onírico, é imprescindível para a interpretação do sonho e, no entanto, não era acessível de outro modo senão por meio daquela cadeia de pensamentos.²¹¹

A fim de determinar o modo como se dá a condensação — isto é, as condições que determinam a escolha dos elementos dos pensamentos oníricos que encontrarão expressão no conteúdo manifesto do sonho —, Freud retornará ao sonho da monografia de botânica, por ser um sonho no qual a condensação desempenhou um papel bastante significativo. Eis o curto texto do conteúdo onírico, apresentado novamente por Freud:

²⁰⁸ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 305, AE 311, LPM 328. Versão da L&PM.

²⁰⁹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 307, AE 313, LPM 331. Versão da L&PM.

²¹⁰ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 486, AE 503, LPM 533. Versão da L&PM.

²¹¹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 283, AE 288, LPM 303. Versão da L&PM.

*Escrevi uma monografia sobre uma espécie (indeterminada) de planta. O livro está diante de mim e folheio uma lâmina colorida dobrada. O exemplar é acompanhado por um espécime dessecado da planta.*²¹²

Tomando a monografia de botânica como o elemento mais chamativo do sonho, Freud discorrerá sobre as múltiplas relações que este elemento estabelece com os elementos do pensamento onírico. A monografia de botânica se relaciona com a lembrança recente do dia anterior, quando Freud viu, numa livraria, uma monografia sobre o gênero *Cyclamen*, e se relaciona também de modo mais imediato ao seu artigo sobre a cocaína, que também é algo semelhante a uma monografia sobre uma planta. A cadeia associativa leva a um escrito comemorativo que alguns alunos publicaram em homenagem ao diretor de seu laboratório, no qual consta uma referência a K. Koller, que se tornou a principal figura na descoberta da propriedade anestésica da cocaína; leva também à recordação do Dr. Königstein, que, além de ter participado de uma cirurgia realizada no pai de Freud, com a utilização da cocaína como anestésico, tomou parte em uma conversa com Freud na tarde anterior. Esta conversa teria sido, segundo Freud, o verdadeiro excitador do sonho, enquanto a monografia vista na vitrine da loja teria sido um elemento atual, mas indiferente. Aos diversos elementos que se relacionam para a determinação do elemento da monografia de botânica no conteúdo do sonho, se adicionam alguns detalhes presentes na conversa tida com o Dr. Königstein, compreendidas também na temática da botânica: enquanto conversavam, lá chegou o Prof. *Gärtner* (“jardineiro”) com sua esposa, os quais Freud cumprimentou por sua aparência *florescente*, o que o faz lembrar-se de sua paciente chamada *Flora*, e assim por diante. Freud afirma, desse modo, que “botânica” é “um verdadeiro ponto nodal [*Knotenpunkt*] em que convergem inúmeras cadeias de pensamento”²¹³, assim como acontece com o elemento “monografia”. Daí, as conclusões que se depreendem para a compreensão da condensação:

Dessa primeira investigação, recebemos a impressão de que os elementos “monografia” e “botânica” foram acolhidos no conteúdo onírico por poderem produzir os mais abundantes contatos com a maioria dos pensamentos oníricos, ou seja, por representarem *pontos nodais* [*Knotenpunkten*] em que se reúnem

²¹² *Die Traumdeutung*, 1900, SA 284, AE 290, LPM 304. Versão da L&PM.

²¹³ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 285-6, AE 291, LPM 305. Versão da L&PM.

muitos desses pensamentos; ou ainda, por serem *multívocos* [*vieldeutig*] com respeito à interpretação do sonho. O fato subjacente a essa explicação também pode ser exprimido de outro modo: cada um dos elementos do conteúdo onírico mostra ser *sobredeterminado* [*überdeterminiert*] – mostra estar representado de várias maneiras nos pensamentos oníricos.²¹⁴

Mas essa sobredeterminação, como argumentará Freud em seguida, é uma via dupla, não se limitando à determinação de um elemento do conteúdo do sonho por vários pensamentos oníricos. Ao tomar em consideração, por exemplo, o elemento da lâmina colorida que ele folheia, percebe que esse elemento leva não apenas a um novo pensamento (a crítica de seus colegas a seus trabalhos), mas também ao tema de suas paixões, que estava em ligação associativa com o tema da botânica, tendo também contribuído para determinar a figuração deste elemento no conteúdo manifesto. Desse modo, Freud conclui:

[...] não apenas os elementos do sonho são determinados *de várias maneiras* [*mehrfach*] pelos pensamentos oníricos, mas cada um destes também é representado no sonho por vários elementos. De um elemento do sonho, o caminho de associações conduz a vários pensamentos oníricos; de um pensamento onírico, a vários elementos oníricos.²¹⁵

Do mesmo modo, o sonho da monografia de botânica serve de modo exemplar para ilustrar o processo do deslocamento. Na primeira ocasião na qual Freud se deteve na análise deste sonho, com o fim de apontar o papel das vivências recentes e indiferentes no sonho, já observara que a substituição da vivência significativa do dia anterior que provocara o sonho (a conversa com o Dr. Königstein) pela impressão indiferente da monografia sobre o gênero *Cyclamen* deveria ser explicada a partir de um deslocamento de ênfase psíquica. Ao tratar do deslocamento agora no capítulo VI, retoma o modo como este sonho mostra uma diferença chamativa entre os elementos de maior importância no conteúdo latente e os elementos mais destacados no conteúdo manifesto:

²¹⁴ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 286, AE 291, LPM 306. Versão da L&PM.

²¹⁵ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 286, AE 292, LPM 306. Versão da L&PM.

[...] o centro [*Mittelpunkt*] do conteúdo onírico é manifestamente o elemento “botânica”; nos pensamentos oníricos, trata-se das complicações e dos conflitos que resultam dos serviços que exigem retribuição entre colegas, e, depois, da crítica de que costumo fazer sacrifícios grandes demais às minhas paixões, sendo que o elemento “botânica” não encontra qualquer lugar nesse núcleo [*Kern*] dos pensamentos oníricos, a não ser que esteja frouxamente ligado a esse núcleo por meio de uma oposição, já que a botânica nunca esteve entre as minhas disciplinas favoritas.²¹⁶

Retornemos, porém, ao contexto da abordagem do processo de condensação, onde Freud, tendo mostrado em detalhe o funcionamento da condensação em um sonho exemplar, no qual se expressa de modo mais destacado, assevera que a formulação exposta não se limita àquele caso singular, mas se confirma na universalidade de sua experiência: “Seja qual for o sonho que eu submeta a semelhante análise, sempre [*immer*] vejo confirmados os mesmos princípios [*Grundsätze*]”²¹⁷. Porém, esta afirmação da formulação sobre a condensação na universalidade da experiência não põe fim à exposição da questão: “Por certo não é supérfluo demonstrar [*erweisen*] essa relação do conteúdo onírico com os pensamentos oníricos mediante um novo exemplo que se destaca pelo entrelaçamento especialmente engenhoso das relações recíprocas”²¹⁸. Freud reforça aqui o valor da análise em detalhe dos casos singulares em seu discurso, enquanto um recurso demonstrativo ou ilustrativo.

Ele se estenderá então na análise detalhada do sonho intitulado “Um belo sonho”, e em seguida também analisará em detalhe mais um exemplo, chamado “O sonho do besouro”, os quais também mostram a ação do deslocamento. No primeiro sonho analisado, o sonho da monografia de botânica, Freud está dentro dos limites a que se propôs inicialmente na *Traumdeutung*, quando expressou a pretensão de utilizar apenas seus próprios sonhos, permanecendo no domínio do aproximadamente normal. Estes dois últimos sonhos, porém, são sonhos de pacientes neuróticos, que se expõem, portanto, às possíveis críticas que Freud procura evitar. Tendo sido o mecanismo da condensação estabelecido em primeiro lugar a partir de um sonho seu, porém, o problema parece ter sido afastado em certa medida.

²¹⁶ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 305, AE 311, LPM 328. Versão da L&PM.

²¹⁷ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 287, AE 292, LPM 307. Versão da L&PM.

²¹⁸ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 287, AE 292, LPM 307. Versão da L&PM.

Na continuidade do texto, Freud ainda se deterá numa retomada do sonho da injeção de Irma, que havia sido analisado de modo mais detalhado, fornecendo mais elementos para a ilustração da sobredeterminação do conteúdo manifesto dos sonhos, isto é, a condensação. Como Freud nos relembra, a figura de Irma condensará a referência a inúmeros elementos dos pensamentos oníricos, como a uma senhora que Freud gostaria de ter como paciente em lugar de Irma, e fazendo referência ainda à filha de Freud, a uma paciente que morreu intoxicada, às crianças examinadas no hospital infantil etc. A imagem de Irma no sonho, portanto, é uma espécie de imagem coletiva, ou uma “pessoa coletiva” (*Sammelperson*)²¹⁹, que também pode ser produzida pela reunião de traços de mais de uma pessoa em uma só imagem, como acontece, nesse sonho, com o Dr. M., que tem características físicas do irmão mais velho de Freud. Outro caso notável deste gênero é o sonho em que une as imagens do seu tio e do seu amigo R.

Enquanto o sonho da injeção de Irma ilustra de modo exemplar o trabalho da condensação, ele não nos permitiria, porém, testemunhar a ação do deslocamento, mostrando que “na formação do sonho os elementos singulares [*einzelnen*] também podem conservar o lugar que ocupam nos pensamentos oníricos”²²⁰. O sonho “meu amigo R. é meu tio”, por outro lado, ilustra a discrepância entre conteúdo manifesto e latente, entre a chamativa barba loira de seu tio e os desejos de grandeza motivadores do sonho, ou ainda a estranheza do sentimento afetuoso atribuído ao seu amigo R., mostrando, assim, como o trabalho do deslocamento age no sentido de uma desfiguração dos pensamentos oníricos, decorrente da exigência de driblar a censura.

Vejamos como Freud descreve, em uma visão geral, os aspectos do trabalho da condensação abordados: “Descobrimos que a escolha de elementos que surgem várias vezes nos pensamentos oníricos, a formação de novas unidades (pessoas coletivas, estruturas mistas [*Mischgebilde*]) e a produção de elementos intermediários comuns são particularidades [*Einzelheiten*] do trabalho de condensação”²²¹. Agora ele se deterá, por sua vez, no modo como o trabalho do sonho transforma palavras, quando tomadas como material onírico:

O trabalho de condensação do sonho se torna mais evidente quando escolhe como objeto palavras e nomes. O sonho com muita frequência trata palavras

²¹⁹ Cf. *Die Traumdeutung*, 1900, SA 294, AE 300, LPM 316.

²²⁰ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 305, AE 312, LPM 329. Versão da L&PM.

²²¹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 296, AE 302, LPM 318. Versão da L&PM.

como se fossem coisas e, por conseguinte, elas experimentam os mesmos processos de combinação que as representações de coisa [*Dingvorstellungen*]. O resultado de tais sonhos são neologismos [*Wortschöpfungen*] cômicos e curiosos.²²²

Os exemplos reunidos que mostram esse processo são constituídos de três sonhos do próprio Freud e dois sonhos de seus pacientes, além do acréscimo, em 1914, de um sonho citado na literatura. Cabe notar que o primeiro dos sonhos relatados é do próprio Freud, o que parece se dever ao cuidado em evitar conclusões tiradas a partir do material de pacientes neuróticos, que, apesar de serem utilizados, cedem a prioridade aos sonhos de Freud. As condições da observação de sonhos, no entanto, ligada à sua clínica, impede que ele comunique muitos exemplos, já que a ligação com as neuroses os tornariam incompreensíveis para o público geral. Desse modo, além dos seis exemplos de composição de palavras citados, Freud adiciona uma observação, com o fim de afirmar a frequência da ocorrência desta formação:

Da pequena seleção de exemplos aqui apresentada não se deve concluir que tal material seja observado rara ou apenas excepcionalmente [*selten oder gar nur ausnahmsweise*]. Ele é, antes, muito frequente [*sehr häufig*], só que o fato de a interpretação dos sonhos depender do tratamento psicanalítico tem por consequência que o número de exemplos observados e comunicados seja mínimo, e que as análises comunicadas sejam na sua maioria compreensíveis apenas para o conhecedor da patologia das neuroses.²²³

O relato e análise dos exemplos de sonhos é feito de modo breve e econômico, com exceção de um dos sonhos de Freud, que também acompanharemos aqui em maior detalhe, pois será retomado posteriormente por outros motivos.

Noutra ocasião, tive um sonho composto de duas partes separadas. A primeira consistia na palavra *Autodidasker*, recordada com vivacidade; a segunda coincidia fielmente com uma fantasia curta e inocente produzida dias antes que tinha por conteúdo algo que eu devia dizer ao professor N. assim que o

²²² *Die Traumdeutung*, 1900, SA 297, AE 302, LPM 318-9. Versão da L&PM.

²²³ *Die Traumdeutung*, 1919, SA 304, AE 310, LPM 326. Versão da L&PM.

encontrasse: “O paciente acerca de cujo estado o consultei há pouco sofre de fato apenas de uma neurose, exatamente como o senhor supôs”.²²⁴

Em primeiro lugar, Freud decompõe a palavra *Autodidasker* nas palavras “autor”, “autodidata” e “Lasker”. As primeiras duas palavras remetem ao evento significativo do dia anterior que deu ocasião ao sonho: uma conversa com a sua esposa, que se iniciou a partir da impressão que ela tivera ao ler um romance de um autor conhecido que era amigo do irmão de Freud. Como a história tratava de um talento arruinado, a conversa se prolongou em preocupações acerca de seus filhos. Durante a noite, o pensamento de Freud prosseguiu em sua cadeia associativa, de modo que, através de representações intermediárias, buscou o caminho para a figuração dos pensamentos oníricos na cidade de Breslau, onde encontrou os nomes de Lasker e Lassale. O primeiro, que foi um dos fundadores do Partido Liberal Nacional na Alemanha, morreu em decorrência da sífilis, isto é, de uma infecção contraída de uma mulher, e o segundo, fundador do movimento Social Democrata alemão, morreu em um duelo por causa de uma mulher. A escolha desses nomes seria devida ao fato de que o núcleo das preocupações presentes nos pensamentos oníricos de Freud era o perigo de sucumbir por causa das mulheres, que, além de estar relacionado à conversa com sua esposa, é reforçado ainda mais explicitamente pela conversa que teve certa vez com o professor N., cujas observações sobre o cuidado que se deve ter com os filhos homens levanta a preocupação que estava em questão para o pensamento do sonho. Desse modo, a condensação omite o nome “Lassale” e resume-se ao “Lasker”, que é utilizado para a figuração no sonho, também de modo parcial, na composição da palavra *Autodidasker*.

Mas a mencionada conversa com o professor N. não tem apenas esta ligação com o conteúdo manifesto do sonho; como vimos, este personagem está presente na segunda parte do sonho, que corresponde a uma fantasia de Freud de dizê-lo que ele tinha razão sobre a doença de certo paciente. Estando incerto sobre a questão de se este paciente possuiria uma neurose ou uma doença orgânica grave, Freud consultou o respeitado professor, que indicou tratar-se provavelmente de uma neurose. Apesar da inicial incredulidade de Freud, o paciente revelou em seguida a etiologia sexual que Freud considerava necessária ao diagnóstico de uma neurose. Daí, seguia-se que, para seu alívio (e vergonha), ele pretendia dizer ao professor N. que este tivera

²²⁴ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 299-300, AE 305, LPM 321-2. Versão da L&PM.

razão quanto à neurose. Porém, se, por um lado, o vexame de admitir não ter razão quanto à questão tornaria pouco compreensível a figuração desta confissão no sonho como uma realização de desejo, por outro, Freud reconhece que desejaria não ter razão sobre a presença de uma doença orgânica no seu paciente, sendo um alívio reconhecer a presença da neurose. Desse modo, a segunda parte do sonho figura exatamente o seu desejo de não ter razão, não apenas sobre o seu paciente, mas especialmente sobre os receios que sua esposa expressara sobre os seus filhos, tema que se relaciona com a segunda parte do sonho a partir da conversa tida com professor N., que ocorreu após a consulta que Freud fez com ele acerca do paciente, e que enveredou para os receios com relação à educação dos filhos.

A tese que Freud enunciara em seguida, ainda acerca da questão da composição de palavras, suscita um notável interesse para a compreensão do estatuto de universalidade que podemos atribuir a suas teses: “Quando num sonho ocorrem falas [*Reden*] que, como tais, se diferenciam expressamente de pensamentos [*Gedanken*], vale sem exceções a regra [*da gilt als ausnahmslose Regel*] de que a fala onírica provém de falas recordadas no material do sonho”²²⁵. O interesse surge quando, após ter afirmado, em 1900, uma “regra sem exceções”, Freud acrescenta, em 1909, em nota de rodapé, que houvera encontrado “a única exceção a essa regra”²²⁶: um jovem obsessivo cujos sonhos apresentavam falas que correspondiam justamente aos seus pensamentos, e não a falas provenientes do material mnêmico do sonho. Enquanto a tese de 1900 atesta como o discurso freudiano se lança à afirmação de uma universalidade absoluta, sem exceções, o posterior reconhecimento da exceção atesta, de igual modo, como o pensamento freudiano não toma a universalidade destas teses de modo dogmático e irrefutável, mas mantém-se atento à experiência, que poderá impor uma revisão das teses teóricas estabelecidas. Esta observação ainda deve nos proporcionar outro ensinamento, já que, ao dar testemunho de uma alteração na posição teórica de Freud, ainda que sutil, nos sugere que, para melhor compreender o estatuto epistêmico do discurso freudiano, não podemos nos manter apenas no ano de 1900, de modo que suas adições posteriores nos lançam inevitavelmente ao movimento do seu pensamento.

²²⁵ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 304, AE 310, LPM 327. Versão da L&PM.

²²⁶ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 304, AE 310, LPM 327. Versão da L&PM.

1.5.2. Consideração à figurabilidade

O trabalho do sonho, isto é, as transformações do material onírico exigidas para a formação do sonho, tema do capítulo VI, já tem aqui, no rol de seus mecanismos, a condensação e o deslocamento. “Os deslocamentos [*Verschiebungen*] que consideramos”, diz Freud na seção D do sexto capítulo, “se mostram como substituições [*Ersetzungen*] de uma determinada representação [*Vorstellung*] por outra que, de algum modo, lhe seja próxima na associação, sendo que tais deslocamentos são utilizados pela condensação [*Verdichtung*], pois, dessa maneira, em vez de dois elementos entra no sonho um só elemento intermediário com características comuns a ambos”²²⁷. Há ainda, porém, outro tipo de deslocamento, além daquele descrito no trecho citado, ao qual a seção B do capítulo VI se dedica. O segundo tipo de deslocamento, a ser apresentado nesta seção, “se manifesta por uma *troca* [*Vertauschung*] da expressão linguística [*sprachlichen Ausdrucks*] dos pensamentos em questão”²²⁸. Freud enuncia então a distinção entre os dois tipos:

Nos dois casos, se trata de um deslocamento ao longo de uma cadeia de associações, porém o mesmo processo ocorre em diferentes esferas psíquicas [*psychischen Sphären*], e o resultado desse deslocamento é, no primeiro caso, a substituição [*substituiert*] de um elemento [*Element*] por outro, enquanto no segundo caso um elemento troca [*vertauscht*] suas *palavras* [*Wortfassung*] por outras.²²⁹

A referência às duas esferas psíquicas, aqui, pode nos colocar diante da distinção entre inconsciente e pré-consciente, distinção capital para a *Traumdeutung*, mas também diante da distinção entre “representação de palavra” (*Wortvorstellung*) e “representação de objeto” (*Objektvorstellung*), ou algo nesse sentido, como havia sido exposta em 1891 na monografia sobre as afasias²³⁰. Caberia aqui perguntar qual o significado preciso que Freud está atribuindo

²²⁷ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 335, AE 345, LPM 363. Versão da L&PM.

²²⁸ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 335, AE 345, LPM 363. Versão da L&PM.

²²⁹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 335, AE 345, LPM 363. Versão da L&PM.

²³⁰ O trecho de *Zur Auffassung der Aphasien* onde são formulados esses conceitos foi reproduzido por Strachey como um apêndice ao artigo *O inconsciente*, de 1915, já que neste artigo metapsicológico aqueles conceitos são reformulados, e a eles passará a corresponder a distinção entre “representação de palavra” e “representação de coisa” (*Sachvorstellung*), enquanto o termo “representação de objeto” passa a designar a conjunção dos dois primeiros (cf. Freud, “Lo inconsciente”, 1915, *AE*, vol. 14, pp. 153-213; e ver, aí, o Apêndice C, “Palabra y cosa”, pp. 207-13).

ao “elemento” (*Element*) do sonho e à sua *Wortfassung*, a sua versão em palavras. Esta distinção corresponderia, de modo simples, à distinção entre conteúdo manifesto e conteúdo latente, entre conteúdo onírico e pensamento onírico, que, por sua vez, corresponderia à distinção entre elementos sensoriais e uma espécie de texto em palavras?

O seguimento do texto de Freud parece confirmar um recobrimento entre as esferas do pensamento onírico e da palavra: “Em geral [*in der Regel*], o deslocamento ocorre no sentido de que uma expressão [*Ausdruck*] incolor [*farbloser*] e abstrata do pensamento onírico seja trocada por uma expressão imagética [*bildlichen*] e concreta”²³¹. Portanto, nesse segundo tipo de deslocamento, trata-se de uma substituição da expressão do pensamento onírico; — da sua expressão linguística, poderíamos completar. E não se trata de uma transformação da expressão em palavras para uma figuração em imagens sensoriais, mas uma transformação de uma expressão linguística abstrata em uma expressão linguística concreta, que pode ser descrita como imagética, mas apenas na medida em que ela estará em melhores condições para possibilitar a *Darstellung* do sonho, que se dá, esta sim, em imagens sensoriais:

O imagético [*Bildliche*] é figurável [*darstellungsfähig*] pelo sonho, admite ser inserido numa situação em que a expressão abstrata ofereceria à figuração onírica [*Traumdarstellung*] dificuldades semelhantes àquelas que o editorial político de um jornal, por exemplo, ofereceria à sua ilustração.²³²

Ao argumentar como o interesse da condensação também é beneficiado por essa substituição, o texto de Freud confirma nossa interpretação acerca da natureza linguística da nova forma que toma o pensamento onírico abstrato:

Se o pensamento onírico, inútil em sua expressão abstrata, for convertido em uma linguagem imagética [*bildliche Sprache*], fica mais fácil do que antes estabelecer entre essa nova expressão e o material onírico os contatos e as identidades de que o trabalho do sonho necessita e que cria quando não existem, pois em todas as línguas [*Sprache*], em virtude de sua evolução, os

²³¹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 335, AE 345, LPM 363. Versão da L&PM.

²³² *Die Traumdeutung*, 1900, SA 335, AE 345-6, LPM 363-4. Versão da L&PM.

termos concretos são mais ricos em conexões do que os abstratos [begrifflichen].²³³

Estamos, portanto, no âmbito da linguagem²³⁴, de modo que temos, primeiro, uma linguagem abstrata, incolor, conceitual, transformada em uma linguagem concreta, imagética. Trata-se, então, de uma “transformação linguística” (*sprachliche Umformung*) dos pensamentos. Essa transformação da expressão pode dar-se de duas formas. Eis o que ocorre na primeira: “Um pensamento cuja expressão talvez tenha sido estabelecida por outras razões atuará de maneira distributiva e seletiva sobre as possibilidades expressivas de outro, e isso talvez de antemão, de modo semelhante ao que ocorre no trabalho do poeta”²³⁵. A outra forma se apóia na ambiguidade da expressão, e, assim, no *Witz*:

Em alguns casos, a troca de expressão serve à condensação onírica por um caminho ainda mais curto, permitindo encontrar uma combinação de palavras que, sendo ambígua [*zweideutig*], possibilita a expressão de vários pensamentos oníricos. Dessa forma, todo o âmbito do jogo de palavras [*Wortwitzes*] é colocado a serviço do trabalho do sonho.²³⁶

E as duas formas desse segundo tipo de deslocamento ainda mostram sua utilidade no sentido de driblar a censura: “Afinal, é enganador quando uma palavra equívoca [*zweideutig*] é

²³³ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 335-6, AE 346, LPM 364. Versão da L&PM.

²³⁴ Vale notar, porém, que afirmar que aqui se está no âmbito da linguagem não é o mesmo que afirmar que o sonho é uma forma de linguagem ou que está inteiramente contido no campo da linguagem. Apesar das comparações, feitas no início do capítulo VI, da distinção entre os pensamentos oníricos e o conteúdo onírico com duas línguas diferentes, podemos dizer que trata-se aí de analogias pertencentes ao âmbito do “como se”, enquanto Freud vai, na seção B do capítulo VII, por exemplo, ressaltar que o conteúdo onírico manifesto se dá em imagens sensoriais. Se, de fato, a transformação realizada pela consideração à figurabilidade de uma expressão linguística abstrata em uma imagética permanece no campo da linguagem, ela constitui, porém, apenas um estágio prévio que condiciona a regressão a imagens sensoriais. Ver, a esse respeito, a discussão crítica empreendida por Monzani, em “A teoria freudiana do sonho” (in: *Freud na filosofia brasileira*, São Paulo, Escuta, 2005, pp. 135-43). Ao retomar a afirmação, feita por Freud, de que o trabalho do sonho é o essencial no sonho, Monzani mostra que, de acordo com a concepção freudiana, “o sonho, essencialmente, não é uma estrutura comunicativa, e muito menos uma espécie qualquer e particular de linguagem” (ibid., p. 139).

²³⁵ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 336, AE 346, LPM 364. Versão da L&PM.

²³⁶ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 336, AE 346, LPM 364. Versão da L&PM.

colocada no lugar de duas palavras unívocas [*eindeutiger*], e a substituição de uma expressão banalmente sóbria por uma pictórica [*bildliche*] impede nossa compreensão”²³⁷.

Freud agora afirma que, como já apresentou vários exemplos de sonhos cuja *Darstellung* se apóia na ambiguidade da expressão, comunicará um sonho no qual reconhece um maior papel da transformação do pensamento onírico abstrato no imagético²³⁸. O sonho, que lhe foi relatado por uma senhora que era sua amiga, tem interesse na medida em que dois dos elementos presentes no conteúdo onírico (a torre e o carvão) são interpretados como o produto de uma modificação nos pensamentos oníricos, no sentido de procurar uma expressão figurável. Em termos breves, a senhora sonhara com uma apresentação de uma obra de Wagner, numa ópera. Na plateia, sentados numa mesa, estão o seu primo, que voltou de uma lua de mel com sua esposa, a qual trouxe consigo, publicamente, um aristocrata. No meio da plateia há uma torre alta, e em cima dela está o maestro, que rege a orquestra lá de cima, rodeado de grades. Enquanto a sonhadora está num camarote com uma amiga, a sua irmã mais nova quer lhe entregar, da plateia, um grande pedaço de carvão. A interpretação de partes do sonho é possibilitada pelos conhecimentos que Freud tinha da vida desta senhora, que “teve grande simpatia por um músico cuja carreira fora interrompida de modo prematuro por uma doença mental”²³⁹. Tomando a torre (*Turm*) “literalmente” (*wörtlich*), Freud afirmará que a senhora gostaria de ver nela o mencionado músico, que se destacaria, ante os demais, “alto como uma torre” (*turmhoch*, em tradução literal); ao mesmo tempo, porém, as grades no alto da torre figuram o desafortunado destino do músico, que poderia se ligar à torre pela palavra *Narrenturm* (literalmente, “torre de loucos”), termo antigo para designar hospício. Desse modo, os dois pensamentos sobre o músico

²³⁷ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 336, AE 347, LPM 365. Versão da L&PM.

²³⁸ Cf. *Die Traumdeutung*, 1900, SA 337, AE 347, LPM 365. A expressão que se refere a essa transformação aqui é a “*Verbildlichung des abstrakten Gedankens*”. Nessa passagem, sobretudo na tradução de Renato Zwick (“a transformação do pensamento abstrato em imagens”), o texto parece escapar à nossa compreensão do produto da transformação desse tipo de deslocamento, isto é, do seu entendimento como uma expressão *linguística* imagética, e não simplesmente como imagem. A compreensão que vimos expondo diferencia o processo de transformação desse segundo tipo de deslocamento da usual transformação do pensamento onírico em imagens sensoriais, que constituem o material da *Darstellung* do sonho. Devemos manter a questão em mente, para examinar se o prosseguimento do texto contradiz nossa compreensão, ou se o uso feito aqui por Freud do termo *Verbildlichung* não deve ser tomado no sentido de uma transformação em “imagem” (*Bild*), mas sim no “imagético” (*das Bildliche*), enquanto expressão linguística “concreta” do pensamento onírico. Adiantemos que uma passagem anterior fala em nosso favor: “O imagético [*Bildliche*] é figurável [*darstellungsfähig*] pelo sonho” (*Die Traumdeutung*, 1900, SA 335, AE 345-6, LPM 363-4, versão da L&PM). Se estivermos certos, portanto, aquilo que é imagem (*das Bild*) não deve ser confundido com aquilo que é imagético (*das Bildliche*), e assim a *Verbildlichung* poderia ser entendida como uma “imagnetização”.

²³⁹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 338, AE 348, LPM 366-7. Versão da L&PM.

haveriam encontrado, através da transformação de sua expressão linguística, pelos termos intermediários *turmhoch* e *Narrenturm*, um meio de figurar-se na imagem visual da torre.

O exemplo da análise do elemento da torre parece ser suficiente para ilustrar aqui o mecanismo da substituição em virtude da consideração pela figurabilidade, ao qual é dedicada a seção D, sendo então enunciado com todas as letras:

Com as explicações anteriores descobrimos finalmente um terceiro fator cuja participação na transformação dos pensamentos oníricos em conteúdo onírico não devemos subestimar: *a consideração pela figurabilidade [Rücksicht auf die Darstellbarkeit] no material psíquico peculiar do qual o sonho se serve*, ou seja, na maioria dos casos, a figurabilidade em imagens visuais [*visuellen Bildern*]. Entre as diferentes conexões secundárias [*Nebenanknüpfungen*] com os pensamentos oníricos essenciais, será escolhida aquela que permitir uma figuração visual [*visuelle Darstellung*], e o trabalho do sonho não teme o esforço de primeiro transvasar o pensamento esquivo em outra forma linguística [*sprachliche Form*], por mais incomum que seja, desde que possibilite a figuração e dessa maneira dê um fim às dificuldades psicológicas da limitada atividade do pensamento.²⁴⁰

A *Darstellung* do sonho, portanto, se serve de imagens, sobretudo de imagens visuais, e, para que os pensamentos oníricos encontrem um meio de serem figurados no conteúdo onírico, devem levar isso em consideração, muitas vezes transformando a sua expressão linguística. Neste ponto reside o tipo de deslocamento que a seção D descreve. Trata-se aí da transformação entre duas formas linguísticas, uma abstrata (não imagética) e uma concreta (imagética). Em uma etapa posterior, dá-se então a transformação do pensamento onírico (a partir de sua expressão linguística imagética²⁴¹) em conteúdo onírico (em forma de imagens). Se, como afirmávamos, o deslocamento descrito nesta seção permanece no âmbito da linguagem, *stricto sensu*, o conteúdo onírico já testemunha a transformação da expressão linguística em imagens.

²⁴⁰ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 339, AE 349-50, LPM 368. Versão da L&PM.

²⁴¹ A identificação geral e necessária do pensamento onírico com uma expressão linguística, porém, ainda não nos parece algo inteiramente claro. Uma observação contida em um artigo posterior sobre a interpretação de sonhos, que reproduzimos a seguir, parece falar a favor de uma identificação parcial, se tomarmos também como pressuposto a identificação entre os pensamentos pré-conscientes e a ligação com as representações de palavra, estabelecida em “O inconsciente”, mas já aludida na *Traumdeutung*: “uma parte destes pensamentos oníricos latentes correspondem a formações de pensamento pré-conscientes, inteiramente suscetíveis de consciência” (Freud, “Observaciones sobre la teoría y la práctica de la interpretación de los sueños”, 1923, *AE*, vol. 19, p. 116).

1.5.3. *Elaboração secundária*

A “elaboração secundária” (*sekundäre Bearbeitung*) é apresentada por Freud, na seção I, como o quarto fator a ser levado em conta na formação dos sonhos. Ela põe em jogo uma participação regular nos sonhos da instância psíquica responsável pelo nosso pensamento de vigília, que é também responsável pela censura onírica, mas, como veremos, não se limita a isso. O juízo de que “isso é só um sonho”, por exemplo, mostra a apreciação do sonho por essa instância crítica, que, ao se ver diante da realização de uma cena que a censura deixou escapar, procura atenuar a importância daquilo que é sonhado, e assim, como já não é capaz de reprimir a sua realização, tenta ao menos evitar a produção de angústia.

Aquilo que é inserido pela elaboração secundária serve para ligar os fragmentos do conteúdo onírico, possuindo menos vivacidade do que estes e apresentando menor retenção na memória. Quando possível, essas contribuições da instância crítica se apoiam nos pensamentos oníricos, e apenas mais raramente oferecem contribuições originais ao sonho. O seu trabalho é comparado, a partir de uma alusão a um poema de Heine, à tendência sistematizadora do filósofo alemão, que remenda as lacunas do mundo em um todo coerente. De modo análogo, a elaboração secundária procuraria remendar as lacunas do sonho, contornando a sua aparência absurda e incoerente e aproximando-o de uma “vivência compreensível” (*verständlichen Erlebnisses*)²⁴². Dessa maneira, de acordo com a medida do trabalho realizado pela elaboração secundária, haverão sonhos mais ou menos coerentes, desde os mais perfeitamente lógicos, onde o sucesso desse trabalho mascara radicalmente o sentido do sonho, até os mais absurdos, que testemunham o fracasso completo de seus esforços.

Um dos meios pelos quais a elaboração secundária cria uma fachada para o sonho a partir do material dos pensamentos oníricos é quando ela já encontra pronta nele uma fantasia. Esta seria o análogo do devaneio ou sonho diurno (*Tagtraum*), cujas semelhanças com o sonho noturno são notáveis. A elaboração secundária do sonho seria, aliás, testemunha da mesma atividade que produz os devaneios:

²⁴² *Die Traumdeutung*, 1900, SA 472, AE 487, LPM 516. Tradução nossa.

Na “elaboração secundária” que atribuímos ao nosso quarto fator formador de sonhos na relação com o conteúdo onírico, encontramos a mesma atividade que, na criação de sonhos diurnos [*Tagträume*], pode se manifestar sem ser inibida por outras influências. Poderíamos dizer simplesmente que nosso quarto fator procura criar *algo como um sonho diurno* a partir do material que lhe é oferecido.²⁴³

No caso em que já se encontra pronto um sonho diurno no material inconsciente, porém, lhe é poupado esse trabalho, de modo que bastará à elaboração secundária utilizar esse material acabado, como utilizaria qualquer outro. Freud analisará, então, um sonho que faz o emprego de duas fantasias na sua figuração, sonhado por um jovem paciente. As fantasias em questão são uma fantasia de encarceramento e uma fantasia de casamento. O sonhador estava sentado em sua taberna predileta, quando aparecem algumas pessoas para buscá-lo, e uma delas para prendê-lo. Ele diz aos amigos que voltará mais tarde para pagar, mas eles riem, afirmando que todos dizem isso, onde se transparece a situação relativa ao casamento sobreposta pela ideia de prisão. O sonhador é levado a um lugar onde encontra uma mulher com um bebê no braço, onde um dos funcionários lhe fará uma pergunta, a qual ele responderá afirmativamente, evidenciando novamente a figuração do casamento.

O uso de fantasias prontas também é evocado para explicar um sonho relatado por Maury, onde ele, “atingido por uma tabuinha na nuca, acorda com um longo sonho, um romance completo dos tempos da grande Revolução”²⁴⁴. A explicação dada por Freud para sonho é a de que o sonho poderia ter retomado uma fantasia que estava guardada há anos em sua memória e teria sido despertada com o estímulo que o levou a acordar.

Ao considerar as relações da elaboração secundária com os outros três processos atuantes na formação do sonho, Freud observa que seria pouco provável que a transformação do conteúdo onírico por este quarto processo ocorreria apenas posteriormente ao trabalho das outras exigências. Seria mais provável, por outro lado, que a instância do nosso pensamento normal impôsse desde o início esta exigência de inteligibilidade, a partir da qual se moldaria o conteúdo do sonho.

²⁴³ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 473-4, AE 489, LPM 518. Versão da L&PM.

²⁴⁴ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 476, AE 492, LPM 521. Versão da L&PM.

No seu artigo “Um sonho como meio de prova”, de 1913, Freud considera a possibilidade de tratar a elaboração secundária como exterior ao trabalho do sonho²⁴⁵, e em 1923, no verbete “Psicanálise”, afirma mais decididamente que a elaboração secundária “já não pertence propriamente ao trabalho do sonho”²⁴⁶. É estranho, contudo, que Freud não tenha registrado essa opinião em nenhum acréscimo às edições posteriores da *Traumdeutung*.

1.5.4. Outros aspectos dos sonhos

Na seção G do capítulo VI, Freud trata a questão do aspecto absurdo nos sonhos e da presença de produções intelectuais (*intellektuellen Leistungen*) nos sonhos. Os dois elementos mostram os extremos das ideias de que, no sonho, a psique trabalha com uma capacidade intelectual reduzida ou inteiramente ativa. O problema do absurdo se explica do seguinte modo: “os pensamentos oníricos nunca [*niemals*] são absurdos – não, pelo menos, no caso dos sonhos de pessoas normalmente sadias”, sendo que “o trabalho do sonho produz sonhos absurdos e sonhos com alguns elementos absurdos quando existem crítica, zombaria e sarcasmo nos pensamentos oníricos”²⁴⁷. E quanto às produções intelectuais figuradas no sonho, a solução seria a seguinte:

[...] *tudo o que se encontra nos sonhos como atividade aparente da função julgadora [Urteilsfunktion] não deve ser compreendido como produção intelectual [Denkleistung] do trabalho do sonho, mas faz parte do material de pensamentos oníricos, tendo entrado no conteúdo onírico manifesto como formação [Gebilde] pronta oriunda desse material.*²⁴⁸

²⁴⁵ Cf. Freud, “Un sueño como pieza probatoria”, 1913, *AE*, vol. 12, p. 288: “Aqui a elaboração secundária pela instância consciente é incluída no trabalho do sonho; não obstante, tomá-la separadamente não alteraria em nada nossa concepção. Nesse caso, teria de se dizer: o sonho, no sentido psicanalítico, abarca o trabalho do sonho propriamente dito e a elaboração secundária de seu resultado”.

²⁴⁶ Freud, “Dos artículos de enciclopedia: «Psicoanálisis» y «Teoría de la libido»”, 1923, *AE*, vol. 18, p. 237.

²⁴⁷ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 429, AE 443, LPM 469. Versão da L&PM.

²⁴⁸ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 430, AE 444, LPM 470. Versão da L&PM.

A seção H aborda a questão dos afetos no sonho, que, como na neurose, mostram que podem ser separados do conteúdo representacional a que estão normalmente ligados. Em virtude da ação da censura, o trabalho do sonho pode, em alguns casos, manter intacto o afeto ligado aos pensamentos oníricos, de modo que, em decorrência dos deslocamentos efetuados no conteúdo representacional, sua relação com os afetos torna-se irreconhecível, servindo portanto ao disfarce. Em outros casos, o afeto pode sofrer uma repressão ou mesmo uma inversão em seu contrário.

No final do capítulo VI, Freud resume as conclusões sobre o trabalho do sonho, partindo da questão “de saber se a psique [*Seele*] emprega plenamente todas as suas capacidades na formação do sonho ou apenas uma fração delas, inibida quanto ao seu desempenho”²⁴⁹. A questão, como afirmará, estava mal colocada, e sua aparente contradição será dissolvida a partir da distinção entre duas atividades psíquicas diferentes, que serão formuladas no capítulo VII como os processos primário e secundário. A formação dos pensamentos oníricos é realizada pela atividade secundária, correspondente ao nosso pensamento normal, dispondo de toda a nossa capacidade psíquica, mas se trata de algo exterior ao trabalho do sonho propriamente dito. Este, por sua vez, consiste na transformação dos pensamentos oníricos inconscientes no conteúdo do sonho:

Esse genuíno trabalho do sonho se afasta do modelo do pensamento de vigília muito mais do que pensaram mesmo os mais resolutos detratores do desempenho psíquico na formação do sonho. Ele não é mais negligente, mais incorreto, mais esquecido ou mais incompleto do que o pensamento de vigília; ele é algo inteiramente diferente do ponto de vista qualitativo, e por isso, antes de tudo, não é comparável com o pensamento de vigília. O trabalho do sonho absolutamente não pensa, calcula ou julga, mas se limita a transformar.²⁵⁰

Desse modo, Freud põe em relevo a positividade do processo psíquico em ação no sonho, que, ao ser distinguido radicalmente do pensamento de vigília, possibilita afirmar que a incoerência e aparente falta de sentido dos sonhos não se devem à negatividade de um desempenho psíquico debilitado, mas a um desempenho psíquico outro. Do mesmo modo, as notáveis

²⁴⁹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 485, AE 501, LPM 532. Versão da L&PM.

²⁵⁰ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 486, AE 502, LPM 533. Versão da L&PM.

produções intelectuais encontradas nos sonhos podem ser remetidas ao pensamento formado anteriormente e independentemente do trabalho do sonho.

Em uma nota acrescentada em 1925, Freud faz uma longa observação sobre o equívoco que alguns autores passaram a fazer, ao tomar os pensamentos oníricos como a essência do sonho. A advertência aqui parece dirigir-se especialmente aos casos de Adler e Jung, cujo referido equívoco se encontrava no rol das divergências que levaram à separação, como fica claro no artigo sobre a história do movimento psicanalítico²⁵¹. Em contrapartida, Freud afirmará o trabalho do sonho como o essencial:

No fundo, o sonho não é outra coisa senão uma *forma* especial [*besondere*] de nosso pensamento, possibilitada pelas condições do estado de sono. É o *trabalho do sonho* [*Traumarbeit*] que produz essa forma, e só ele é o essencial [*das Wesentliche*] no sonho, a explicação de sua singularidade [*Besonderheit*]²⁵²

²⁵¹ Cf. Freud, “Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico”, 1914, *AE*, vol. 14, p. 62: “Esta nova orientação revela, desde então, sua total ruptura com a psicanálise, por seu modo de tratar a repressão, que nos escritos de Jung é apenas mencionada; por seu erro sobre o sonho, o qual, assim como Adler, confunde com os pensamentos oníricos latentes, renunciando à psicologia do sonho; pela perda de discernimento com relação ao inconsciente, e, em suma, por todos os pontos em que eu situaria o essencial da psicanálise”.

²⁵² *Die Traumdeutung*, 1900, SA 486, AE 502, LPM 533. Versão da L&PM.

1.6. *A interpretação por meio do simbolismo: um método auxiliar*

O tema do simbolismo ocupa um lugar peculiar em *A interpretação dos sonhos*. Se a consideramos em sua estrutura, podemos dizer mesmo que o tema ocupa um lugar marginal, em especial na 1ª edição, na qual o simbolismo é tematizado de modo muito restrito. Os acréscimos e alterações sucessivos, realizados nas edições posteriores da obra, testemunham o progressivo reconhecimento da importância do simbolismo nos sonhos, o que torna necessário inclusive um remanejamento na estrutura da obra, feito na edição de 1914, quando é incluída, no capítulo VI, uma seção chamada “A figuração por meio de símbolos no sonho – Outros sonhos típicos” (seção E).

O tema nos interessa, em especial, na medida em que se coloca em contraposição à concepção da interpretação do sentido dos sonhos inicialmente exposta (sobretudo no capítulo II), que tomava o sentido de cada elemento do conteúdo onírico como uma peculiaridade singular ao sonhador e ao contexto específico no qual se dava o sonho, encontrando a universalidade apenas no fato de o conteúdo manifesto do sonho constituir-se sempre em uma realização de desejo, a qual seria produzida pelos mecanismos do trabalho do sonho, que, diante da censura, atuam na desfiguração dos pensamentos oníricos. Quando se põe em jogo a figuração por meio de símbolos, porém, o sentido de certos elementos do conteúdo onírico será tomado em um nível de generalidade, de constância, que contrasta claramente com o procedimento habitual da interpretação de sonhos, vindo a constituir, com efeito, um método auxiliar àquele apresentado de início.

O primeiro sonho que Freud analisa nesta seção, que já abordamos anteriormente, foi sonhado por uma senhora que era sua amiga. O sonho figurava uma situação numa ópera, onde dois elementos se destacavam por seu absurdo, a torre e o carvão, elementos que Freud interpreta a partir de suas relações simbólicas, isto é, a partir da substituição da expressão linguística dos pensamentos oníricos, como é formulado inicialmente nesta seção. O sonho não é interpretado a partir das associações da sonhadora, mas, como Freud mesmo afirma, a partir dos conhecimentos que ele tinha de suas relações pessoais. Como se vê, ele está deixando de lado aqui, ao menos em parte, as exigências estabelecidas pelo seu método de interpretação de sonhos, como exposto no capítulo II. Isso o leva, portanto, a fazer uma ressalva, antes do relato do sonho, marcando a

diferença entre o método de interpretação empregado no sonho a ser analisado e o método que recorria a uma chave arbitrária, enquanto ambos prescindem das associações do sonhador:

A diferença de tal interpretação de sonhos em relação à interpretação por meio do simbolismo [*Symbolik*] ainda pode ser determinada com precisão; na interpretação simbólica dos sonhos [*symbolischen Traumdeutung*], a chave da simbolização [*Symbolisierung*] é escolhida de modo arbitrário [*willkürlich*] pelo intérprete; nos nossos casos de disfarce linguístico [*sprachlicher Verkleidung*], essas chaves são de conhecimento geral [*allgemein*] e são dadas por usos linguísticos estabelecidos. Se dispusermos da ideia certa no momento adequado, podemos interpretar sonhos desse tipo integral ou parcialmente mesmo sem os pormenores fornecidos pelo sonhador.²⁵³

Enquanto, por um lado, mesmo nos acréscimos posteriores à obra, Freud mantém o cuidado em afastar o arbítrio do intérprete, notemos, por outro lado, que nessa passagem ele mantém os termos “simbolismo” e “interpretação simbólica”²⁵⁴ afastados do seu procedimento de interpretação, o que não parece se verificar de maneira tão decidida em outras passagens posteriores. É ainda com cautela que ele toca inicialmente no assunto, reservando os termos para designar um método de interpretação que se distingue do seu.

Tomando em consideração certas produções linguísticas presentes no cotidiano de parte das pessoas, Freud expressa suas expectativas acerca da frequência com que ocorra a substituição da expressão linguística dos pensamentos do sonho:

Em vista do papel representado por ditos chistosos [*Witzworte*], citações, canções e ditados na vida intelectual [*Gedankenleben*] das pessoas instruídas, seria perfeitamente justificado esperar que disfarces desse tipo fossem

²⁵³ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 337, AE 347-8, LPM 365-6. Versão da L&PM.

²⁵⁴ Aliás, caberia precisar a que Freud se refere, a partir daqui, com essas designações. O termo “simbolismo” (*Symbolik*) pode ser assimilado, sem maiores problemas, à concepção de Scherner, abordada anteriormente, mas a expressão “interpretação simbólica” pode dar margem a equívocos, pois poderia remeter ao “método simbólico” dos leigos, como descrito no capítulo II. Creio que essa segunda interpretação deva ser desencorajada, apesar de o método simbólico dos leigos também incorrer no problema da arbitrariedade. A referência aqui a uma “chave da simbolização”, escolhida arbitrariamente pelo intérprete, nos remete ao método de Scherner ou, se o quisermos, ao método de decifração usado pelos leigos, que usa chaves fixas e arbitrárias para interpretar os elementos do sonho, ao contrário do método simbólico dos leigos, que toma o conteúdo do sonho como um todo e cuja arbitrariedade repousa não no emprego de chaves fixas, mas na ausência de critérios gerais norteadores. Como veremos adiante, Freud tem em vista aqui o método de Scherner, e a confusão deve ser atribuída apenas a uma ambiguidade do vocabulário utilizado.

empregados com muita frequência [*überaus häufig*] para a figuração dos pensamentos oníricos.²⁵⁵

O seguimento do texto refere-se, então, ao “simbolismo” (*Symbolik*), de modo indiscriminado, ao que parece, com relação a esta figuração disfarçada. A concepção da substituição da expressão do pensamento onírico como uma espécie de simbolismo pode parecer implícita aqui, mas não devemos tomá-la ainda por evidente. Mantenhamos a questão em mente, pois o prosseguimento da obra poderá lançar alguma luz sobre ela. Continuemos acompanhando o trecho a que nos referíamos, onde Freud põe em questão a universalidade da figuração simbólica, isto é, a universalidade do significado dos símbolos:

Apenas para poucos temas se desenvolveu um simbolismo onírico universal [*allgemein gültige*], baseado em substituições de palavras e em alusões conhecidas por todo mundo [*allgemein bekannter*]. Aliás, o sonho compartilha uma boa parte desse simbolismo com as psiconeuroses, as lendas e os costumes populares.²⁵⁶

A universalidade do simbolismo, restrita aqui a poucos temas, é entendida, portanto, na medida em que os símbolos têm por base algo que é universalmente conhecido; remete não apenas aos ditos espirituosos (*Witzworte*), citações, canções, provérbios, alusões, mas também às neuroses, às lendas e aos costumes populares. A universalidade que cabe a alguns símbolos, portanto, não parece estar no mesmo âmbito da universalidade de uma teoria geral do sonho — isto é, não se trata de uma característica a ser atribuída a todos os sonhos ou aos sonhos em geral. A universalidade do significado do símbolo parece se colocar como algo exterior ao âmbito dos sonhos, relacionada de algum modo a produtos culturais conhecidos por todas as pessoas. Trata-se, de fato, de algo prévio ao trabalho do sonho, que já o encontra pronto para ser usado:

Quando se observa com mais atenção, é preciso reconhecer que com essa espécie de substituição o trabalho do sonho não faz absolutamente nada de original. Para alcançar seus fins – nesse caso, a figurabilidade livre de censura –, ele apenas trilha os caminhos que já encontra abertos no pensamento inconsciente, preferindo aquelas transformações do material recalcado [*verdrängten*] que também têm autorização para

²⁵⁵ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 340, AE 351, LPM 369. Versão da L&PM.

²⁵⁶ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 341, AE 351, LPM 369-70. Versão da L&PM.

se tornar conscientes sob a forma de chiste [*Witz*] e de alusão, e das quais todas as fantasias [*Phantasien*] do neurótico estão repletas.²⁵⁷

Isso quer dizer, e Freud procura enfatizá-lo, que o trabalho do sonho não compreende, entre os mecanismos que lhe são próprios, um que deva ser especialmente responsável pela simbolização. Se trazemos novamente para a discussão a questão da identificação da consideração pela figurabilidade com o simbolismo, ficamos diante de um impasse. Reconhecer essa identidade não seria, afinal, dizer que a consideração à figurabilidade não é um processo do trabalho do sonho? Mas Freud considera essa troca da expressão linguística dos pensamentos oníricos como um dos processos do trabalho do sonho. Se quisermos pôr nossa compreensão de acordo com isto, teremos de abrir mão, de algum modo, daquela identificação que pusemos em nosso horizonte. Eis o que parece ocorrer: os processos de simbolização já estão prontos no pensamento inconsciente, as relações já estão estabelecidas, as expressões já estão preparadas — isso não é obra do sonho; o que cabe ao processo descrito como a consideração à figurabilidade é apenas, servindo-se dessas relações já estabelecidas entre duas expressões linguísticas, deslocar o investimento de uma para outra, por um caminho que já está facilitado. Assim, ao mesmo tempo em que esse processo específico de deslocamento ou substituição pode ser atribuído ao trabalho do sonho, podemos entender como a questão do simbolismo fica tão intrincada a ele, a ponto de poder parecer indistinta.

Mas notemos ainda que, ao enfatizar, na passagem acima, o fato de que o simbolismo não é algo original e específico ao trabalho do sonho, Freud está se contrapondo à concepção de Scherner, que via no sonho o momento em que se expressava com total liberdade uma atividade especial, a saber, a atividade simbolizadora da fantasia. E não é por acaso que Freud invoca, em seguida, o nome de Scherner, para afirmar que se abria ali uma explicação para as suas interpretações, as quais admitiria apenas com a reserva de submetê-las à explicação que viria a desenvolver para o simbolismo. A explicação consiste em reafirmar que a produção dos símbolos

²⁵⁷ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 341, AE 351, LPM 370. Versão da L&PM. No seu artigo sobre a história do movimento psicanalítico, Freud retoma, de passagem, o caso clínico de Anna O., reconhecendo ali claramente o simbolismo sexual: “Aquele que à luz da experiência adquirida nos últimos vinte anos releia aquela história clínica redigida por Breuer julgará inequívoco o simbolismo das serpentes, do pôr-se rígida, da paralisia do braço, e, se leva em conta a situação da jovem junto ao leito de enfermo de seu pai, inferirá com facilidade a verdadeira interpretação dessa formação de sintoma” (Freud, “Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico”, 1914, *AE*, vol. 14, p. 11).

não se deve a algo próprio ao sonho, através do argumento de que a simbolização do corpo, que ocupa predominantemente a simbólica scherneriana, está também presente nas neuroses, segundo atesta a sua experiência: “Minhas análises me mostraram que esse fato é uma ocorrência normal [*regelmäßiges*] no pensamento inconsciente do neurótico e que pode ser atribuído à curiosidade sexual do jovem ou da jovem em desenvolvimento pelos genitais do sexo oposto, mas também do próprio”²⁵⁸. É recorrendo à sua experiência com pacientes neuróticos que Freud se estende, nesse sentido, acerca da simbolização do material sexual. E vemos, já aí, mais uma pista acerca da constituição dos símbolos:

[...] em todos os casos em que a neurose se serve de tais disfarces, percorre os caminhos que outrora, em antigos períodos da cultura, toda a humanidade trilhou, e de cuja existência, debaixo de um ligeiro encobrimento, ainda dão testemunho atualmente o uso da língua, a superstição e os costumes.²⁵⁹

Freud apresenta, então, o sonho de uma paciente, repleto de simbolismo sexual. Não desenvolve a sua análise, mas limita-se a destacar os elementos que devem ser interpretados em sentido sexual. Relembrando os problemas envolvidos na utilização de sonhos de neuróticos, Freud resigna-se em não explorá-los além disso, apesar de afirmar que é esse tipo de material que tem em grande quantidade. Contenta-se em fechar a seção reafirmando o contraponto à visão de Scherner:

Tudo conduz à mesma conclusão de que não é preciso supor nenhuma atividade simbolizadora especial da psique [*Seele*] durante o trabalho do sonho, mas que o sonho se serve dessas simbolizações, que já se encontram prontas no pensamento inconsciente, porque satisfazem melhor as exigências da formação do sonho em razão de sua figurabilidade e porque na maioria dos casos [*zumeist*] também não estão submetidas à censura.²⁶⁰

Tudo isso limita-se à primeira edição, ao ano de 1900. Até aqui, já fica claro o reconhecimento da presença do simbolismo nos sonhos, e não apenas como algo pontual, já que

²⁵⁸ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 341, AE 352, LPM 370. Versão da L&PM.

²⁵⁹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 342, AE 352, LPM 371. Versão da L&PM.

²⁶⁰ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 344, AE 355, LPM 373. Versão da L&PM.

Freud afirma que tem em abundância material de sonhos de pacientes neuróticos que envolvem o simbolismo. Os símbolos universalmente válidos, segundo se entende aqui, estão restritos a poucos temas, e não parece muito claro se se admite símbolos que não são em geral compartilhados. Já está estabelecida a ideia de que o simbolismo é algo independente do sonho, relacionado às neuroses e a diversos produtos culturais, como os chistes, alusões, lendas e costumes populares. Citando o sonho analisado no fim da seção D, Freud afirma, em 1925, na abertura da atual seção E:

A análise do último sonho biográfico é uma prova de que reconheci o simbolismo no sonho desde o início. No entanto, cheguei à inteira apreciação de seu alcance e de seu significado apenas de maneira gradativa mediante o aumento de minha experiência e sob a influência dos trabalhos de W. Stekel (1911) [...].²⁶¹

Nesta seção, Freud abordará o simbolismo enquanto um dos meios de figuração no sonho, e em seguida retomará a questão dos sonhos típicos. A seção é composta quase exclusivamente de acréscimos posteriores à primeira edição, cabendo-nos agora delinear qual o desenvolvimento que teve a questão do simbolismo, tendo em mente o modo como é tratada a universalidade do significado dos símbolos. Em um parágrafo de 1909, Freud afirma:

Depois de nos familiarizarmos com a abundante [*ausgiebigen*] aplicação do simbolismo na figuração de material sexual no sonho, é preciso perguntar se muitos [*viele*] desses símbolos, tais como as abreviações da estenografia, não se apresentam com uma significação [*Bedeutung*] fixada de uma vez por todas, e ficamos tentados a esboçar um novo livro de sonhos [*Traumbuch*] segundo o método da codificação [*Chiffriermethode*].²⁶²

²⁶¹ *Die Traumdeutung*, 1925, SA 345, AE 356, LPM 374. Versão da L&PM. Sobre este progressivo reconhecimento, Freud afirma, no artigo sobre a história do movimento psicanalítico: “Por causa da história desta descoberta, o simbolismo da linguagem onírica foi, de longe, o último a que tive acesso no sonho, pois para o conhecimento dos símbolos as associações do sonhador servem de pouco. Graças a meu hábito de pôr-me primeiro, e sempre, a estudar as coisas antes de revelá-las nos livros, pude me certificar do simbolismo do sonho antes que o escrito de Scherner [1861] chamasse minha atenção sobre ele. Só mais tarde apreciei este meio de expressão em todo seu alcance, em parte sob a influência dos trabalhos de Stekel, autor tão digno de mérito no princípio e tão inteiramente acrítico depois.” (Freud, “Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico”, 1914, *AE*, vol. 14, pp. 18-9).

²⁶² *Die Traumdeutung*, 1909, SA 346, AE 357, LPM 375. Versão da L&PM.

A simbolização de material sexual já havia sido tematizada com destaque, como vimos, em 1900, na seção anterior. Notemos que, ao pôr diante de si a questão da universalidade do significado dos símbolos, Freud não está se referindo a todos os símbolos, mas a “muitos” entre aqueles empregados para a figuração de material sexual. Ele retoma, em seguida, o argumento de que o simbolismo não é algo próprio ao trabalho do sonho, colocando a questão no âmbito da cultura:

A propósito disso, cabe observar que esse simbolismo não é próprio do sonho, mas do representar inconsciente [*unbewußten Vorstellen*], especialmente do povo, podendo ser encontrado no folclore, nos mitos, nas lendas, nos ditos, nos provérbios e nos chistes correntes de um povo de maneira mais completa do que no sonho.²⁶³

Não há, até aí, nada de essencialmente novo com relação ao que foi dito em 1900, na seção anterior. Em 1914, por sua vez, Freud acrescenta uma observação que aponta a necessidade de estudos que ultrapassem a *Traumdeutung* para abordar a questão do simbolismo corretamente, já que a gênese dos símbolos deve ser encontrada em outro âmbito que não o trabalho do sonho: “Precisaríamos, portanto, ir muito além da tarefa de interpretar sonhos se quiséssemos fazer justiça à significação do símbolo e discutir os numerosos problemas, em sua maioria ainda não resolvidos, que se relacionam com o conceito de símbolo”²⁶⁴. A observação se deve, provavelmente, à publicação, em 1913, do livro *Die Bedeutung der Psychoanalyse für die Geisteswissenschaften* (*A importância da psicanálise para as ciências humanas*), de Otto Rank e Hanns Sachs, ao qual Freud remete em nota de rodapé; em 1925, é acrescida a referência ao artigo de Ernest Jones, “The theory of symbolism”, publicado em 1916. Como a questão, como reconhece Freud, transborda os limites da *Traumdeutung*, também não poderemos tratá-la aqui com muita profundidade, limitando-nos a uma exposição que procure traçar as implicações mais imediatas para a relação entre singularidade e universalidade na teoria e método de interpretação de sonhos.

²⁶³ *Die Traumdeutung*, 1909, SA 346, AE 357, LPM 375. Versão da L&PM.

²⁶⁴ *Die Traumdeutung*, 1914, SA 346, AE 357, LPM 375. Versão da L&PM.

Uma observação de Freud parece indicar que as dificuldades ainda existentes em delimitar os contornos do conceito de símbolo estão relacionadas à proximidade que aparentam com a consideração à figurabilidade, descrita na seção D, mas adverte contra essa aproximação:

Queremos nos limitar a dizer aqui que a figuração por meio de um símbolo se encontra entre as figurações indiretas [*indirekten*], mas que somos advertidos por toda espécie de indícios a não misturar indiscriminadamente a figuração por símbolos com as outras espécies de figuração indireta sem ainda sermos capazes de apreender essas características distintivas com clareza conceitual.²⁶⁵

A pista para compreender a relação simbólica deve ser buscada na história da cultura humana, como já foi aludido antes:

Numa série de casos, o elemento comum [*das Gemeinsame*] entre o símbolo e aquilo [*dem Eigentlichen*] que ele substitui é evidente, em outros é oculto; a escolha do símbolo parece, então, enigmática. Precisamente esses casos devem ser capazes de lançar luz sobre o sentido último da relação simbólica; eles indicam que essa relação é de natureza genética [*genetischer*]. Aquilo que hoje se encontra ligado de modo simbólico provavelmente estava unido por identidade conceitual e linguística nos tempos primitivos [*Urzeiten*].²⁶⁶

Se antes não nos tinha ficado claro qual o grau de generalidade que Freud atribuía aos símbolos, se o próprio conceito de símbolo implicava na universalidade do seu significado, a passagem que segue nos traz bons esclarecimentos:

O sonho se serve, pois, desse simbolismo para a figuração disfarçada de seus pensamentos latentes. Entre os símbolos assim empregados, há sem dúvida muitos que, em geral [*regelmäßig*] ou quase geralmente [*fast regelmäßig*], significam [*bedeuten*] o mesmo. Só não podemos nos esquecer da singular plasticidade [*eigentümlichen Plastizität*] do material psíquico. Com bastante frequência [*oft genug*], um símbolo no conteúdo onírico pode ser interpretado não de maneira simbólica, mas em seu sentido [*Sinn*] próprio; outras vezes, um sonhador pode se

²⁶⁵ *Die Traumdeutung*, 1914, SA 346, AE 357, LPM 375. Versão da L&PM.

²⁶⁶ *Die Traumdeutung*, 1914, SA 346-7, AE 357-8, LPM 375-6. Versão da L&PM.

outorgar o direito, a partir de material mnêmico especial, de empregar como símbolo sexual tudo o que for possível e que em geral [*allgemein*] não é empregado assim.²⁶⁷

O que daí podemos depreender, portanto, é que, se a constância do significado dos símbolos se lança a um certo grau de generalidade, devemos reconhecer que é de um modo não tão incisivo. O que Freud afirma aqui é que o significado de muitos símbolos é o mesmo “regularmente” ou “quase regularmente”; isto é, nem a esse símbolos se está atribuindo um significado universal. E a lembrança da plasticidade do material psíquico, logo em seguida, marca a singularidade do trabalho do sonho — e, conseqüentemente, do trabalho da interpretação de sonhos — de modo que um elemento do conteúdo onírico usualmente interpretado segundo o sentido regular dos símbolos pode ter, “com bastante frequência”, um sentido próprio, a ser interpretado segundo o método exposto no capítulo II. Assim também, a despeito da regularidade com a qual se usa os símbolos comuns para a figuração de material sexual, é possível que sejam empregados, para figurar esse mesmo material no sonho, outros elementos que não os símbolos geralmente empregados, isto é, elementos cujo sentido seja compreendido a partir da configuração singular do material psíquico do sonhador. Desse modo, o conceito de símbolo abarcaria tanto relações regularmente constantes quanto relações estabelecidas de modo mais singular.

E mesmo no âmbito do uso dos símbolos compartilhados, Freud aponta a influência do contexto singular para a escolha do símbolo a ser usado na figuração:

Quando houver vários símbolos à sua escolha para figurar um conteúdo, ele se decidirá por aquele símbolo que também apresentar relações objetivas com o restante de seu material de pensamentos, ou seja, que permitir uma motivação individual [*individuelle*] além da motivação tipicamente [*typisch*] válida.²⁶⁸

E, ainda em contraste com a ideia de chaves fixas e universais para o significado dos símbolos, Freud reconhece que haverá dificuldades para a interpretação do seu sentido, devido

²⁶⁷ *Die Traumdeutung*, 1909, SA 347, AE 358, LPM 376. Versão da L&PM.

²⁶⁸ *Die Traumdeutung*, 1914, SA 347, AE 358, LPM 376-7. Versão da L&PM.

justamente à sua frequente plurivocidade e à indissociabilidade do seu contexto, ou seja, à necessidade de se levar em conta a complexa configuração singular de cada sonho:

Esses símbolos muitas vezes [*oft*] são multívocos e plurívocos [*viel- und mehrdeutig*], de modo que, tal como na escrita chinesa, apenas o contexto [*Zusammenhang*] possibilita a compreensão [*Auffassung*] correta em cada caso [*jedesmal*]. A essa multivocidade dos símbolos se soma a aptidão do sonho para admitir superinterpretações [*Überdeutungen*], para figurar num só conteúdo diversas formações de pensamento e moções de desejo, muitas vezes de natureza muito diferente.²⁶⁹

Agora parecemos ter um bom julgamento sobre o que a questão do simbolismo coloca para a compreensão do que há de singular e de universal nos sonhos, segundo a concepção de Freud. As observações seguintes, por sua vez, vêm delinear as suas implicações para o método de interpretação de sonhos, que não seria apenas facilitado, mas também dificultado por conta do problema dos símbolos. Como ocorria também com os sonhos típicos, a técnica da associação livre geralmente falha na tentativa de interpretar os símbolos, e não é admissível, porém, deixar a interpretação sob o arbítrio do intérprete. A solução encontrada, desse modo, repousa em uma “técnica combinada”:

Assim, os elementos existentes no conteúdo onírico que devem ser compreendidos simbolicamente nos obrigam a adotar uma técnica combinada [*kombinierten Technik*] que, por um lado, se apoia nas associações [*Assoziationen*] do sonhador e, por outro lado, completa aquilo que falta com a compreensão do intérprete acerca dos símbolos. A cautela crítica na decifração [*Auflösung*] dos símbolos e o estudo cuidadoso deles em exemplos de sonhos especialmente transparentes precisam se associar para enfraquecer a crítica de arbitrariedade na interpretação dos sonhos.²⁷⁰

Após ressaltar a importância de levar em conta o simbolismo, Freud faz uma ressalva contra a sua supervalorização, onde a ideia de uma técnica combinada é melhor precisada, na medida em que a interpretação simbólica é apresentada como uma técnica auxiliar:

²⁶⁹ *Die Traumdeutung*, 1914, SA 348, AE 359, LPM 377. Versão da L&PM.

²⁷⁰ *Die Traumdeutung*, 1914, SA 348, AE 359, LPM 377. Versão da L&PM.

No entanto, também gostaria de advertir expressamente que não se supervalorize a importância dos símbolos para a interpretação dos sonhos, restringindo o trabalho de tradução de sonhos à tradução de símbolos e renunciando à técnica de utilizar as ideias que ocorrem ao sonhador. As duas técnicas de interpretação de sonhos devem se completar; tanto prática quanto teoricamente, porém, permanece a primazia do primeiro procedimento descrito, que atribui a importância decisiva às palavras do sonhador, enquanto a tradução de símbolos que fazemos vem se somar como um auxílio [*Hilfsmittel*].²⁷¹

A expressão aqui é, literalmente, “meio auxiliar” (*Hilfsmittel*), mas, no início da seção D do capítulo V, Freud acrescenta uma nota, em 1925, que se refere à interpretação de símbolos como “um segundo método, um método *auxiliar* [*auxiliären Methode*]”²⁷². É interessante notar, contudo, que, enquanto essa ressalva à supervalorização do simbolismo, mantido como meio auxiliar, data de 1909, a frase que ressalta a sua importância foi adicionada em 1911, no mesmo parágrafo, o que parece testemunhar justamente um reconhecimento cada vez maior do papel do simbolismo. Freud diz ali que os exemplos que apresentará do emprego de símbolos “devem mostrar o quanto se torna impossível chegar à interpretação do sonho quando nos fechamos ao simbolismo onírico e de que maneira imperiosa este também se impõe em muitos casos”²⁷³. Mas o que devemos reter é que o texto estabelecido afirma a primazia do método de associação livre e atribui à tradução de símbolos o estatuto de método auxiliar, como testemunha o referido acréscimo de 1925.

Após essas considerações, podemos tratar dos exemplos de símbolos apresentados por Freud. Em um primeiro momento, é listada uma série de símbolos de modo breve e esquemático. O rei e a rainha são, na maioria das vezes, os pais do sonhador; todos os objetos longos, como bastões, troncos e armas afiadas representam o pênis; quartos representam mulheres, na maioria das vezes; subir e descer escadas simboliza o ato sexual; o chapéu feminino e a gravata também são com frequência símbolos do órgão genital masculino; a calvície, o corte de cabelos, a queda de dentes e a decapitação simbolizam a castração; crianças muitas vezes simbolizam os órgãos

²⁷¹ *Die Traumdeutung*, 1909, SA 354, AE 365, LPM 384. Versão da L&PM. Retomando as restrições de Freud à supervalorização da interpretação por meio do simbolismo, Peter Gay afirma que, em 1910, Freud “disse categoricamente a seu amigo suíço, o pastor e psicanalista Oskar Pfister: ‘O senhor conta com meu pleno acordo se suspeita de cada nova exigência de um símbolo’ – *Symbolzumutung* – ‘até que ele mesmo volte a se atirar sobre o senhor a partir da experiência’. Afinal, ‘o melhor conjunto de implementos da ψ A [psicanálise] é conhecer o dicionário do singular dialeto do inconsciente’.” (Gay, *Freud: uma vida para o nosso tempo*, 1989, pp. 118-9).

²⁷² *Die Traumdeutung*, 1925, SA 247, AE 252, LPM 263. Versão da L&PM.

²⁷³ *Die Traumdeutung*, 1911, SA 354, AE 365, LPM 384. Versão da L&PM.

genitais; e a cobra é “o símbolo mais significativo do membro masculino”²⁷⁴. A amostra que apresentamos aqui é ainda mais resumida e simplificada que a exposição de Freud. Notemos apenas como, em alguns desses exemplos, a frequência ou generalidade da constância da significação do elemento simbólico é descrita pelas expressões “na maioria das vezes” (*zumeist*), “todos” (*alle*) ou “com frequência” (*häufig*).

Em um segundo momento, Freud se detém extensamente na análise mais ou menos detalhada de diversos sonhos que empregam símbolos como meio de figuração. Nos ateremos aqui a apenas dois desses casos, a título de ilustração. O primeiro sonho apresentado por Freud exemplifica o uso do chapéu como símbolo do pênis e foi sonhado por uma mulher agorafóbica. No sonho, ela saía para passear com um chapéu de palha cuja parte central estava voltada para cima, enquanto as abas laterais pendiam para baixo, estando uma mais baixa do que a outra. Ela sentia-se segura e, passando por um grupo de oficiais, pensava que eles nada podiam fazer contra ela. Como a sonhadora não conseguiu relatar nenhuma ideia a partir do elemento do chapéu, Freud lhe disse que representava, provavelmente, um órgão genital masculino. Assim, como o marido dela teria genitais tão vistosos, ela não precisava desejar nada dos oficiais, e, como a sua fobia estaria relacionada a essa tentação, ela poderia caminhar sozinha sem qualquer medo. A mulher resiste à interpretação, de início, alegando que não dissera nada sobre as abas voltadas para baixo, mas, depois de um tempo, diz a Freud que o seu marido tem um dos testículos mais baixo do que o outro, confirmando a interpretação com esse detalhe que correspondia ao detalhe da diferença das abas do chapéu.

O segundo sonho analisado, da mesma paciente do sonho anterior, utiliza a criança para simbolizar o órgão genital. No sonho, a mãe da paciente manda a sua filha pequena embora, de modo que tenha de ir sozinha. A sonhadora e sua mãe andam juntas de trem, quando ela vê a sua filha ir em direção aos trilhos e ser atropelada, pelo que ela censura sua mãe. A paciente, de início, interpretou a viagem de trem de modo histórico, isto é, não de modo simbólico, mas como uma alusão a uma viagem de trem que fizera com a mãe, ao sair de uma clínica de doenças nervosas onde se apaixonou pelo diretor. Nesta viagem, a mãe presenciara o fato de que o diretor viera despedir-se dela com um buquê de flores, e assim a mãe se mostra como um obstáculo aos seus anseios amorosos. Segundo o relato do sonho, depois da filha ser atropelada, “ela se vira e

²⁷⁴ *Die Traumdeutung*, 1919, SA 351, AE 363, LPM 381. Versão da L&PM.

tenta ver os pedaços atrás”, frase a partir da qual a paciente se lembra que certa vez viu o pai nu de costas, onde se podia ver os seus órgãos genitais, o que não acontece no caso da mulher. Nesse contexto, a própria paciente interpreta a criança como os seus órgãos genitais. O sonho, assim, figura a exigência da mãe de que ela não tenha marido, de que não tenha relações sexuais. A partir da interpretação de outro sonho da mesma noite, Freud infere que mandar a filha embora também se refere à ameaça de castração e à censura à mãe por tê-la concebido como um menino.

1.7. O esquecimento dos sonhos como efeito da ação da censura

Na seção A do capítulo VII, intitulada “O esquecimento dos sonhos”, Freud tomará em consideração, antes de adentrar as formulações acerca do aparelho psíquico, uma questão que permanece ainda no âmbito em que a relação entre singularidade e universalidade se dá na articulação entre a particularidade da experiência e as teses gerais sobre o sonho. Freud aborda a questão do esquecimento dos sonhos, aqui, a partir das objeções ao seu método de interpretação de sonhos, assim como à sua explicação dos sonhos. As objeções ao método são respondidas a partir da apresentação da explicação da desfiguração dos sonhos (*Traumentstellung*) pela censura e pela resistência (conceitos que tendem aqui a se recobrir), e as objeções a essa explicação são respondidas com base em situações particulares da experiência de Freud na clínica ou na sua autoanálise.

A objeção que abre a seção é posta, em sua generalidade, como um problema epistemológico. Um problema que não decorre da relação entre o singular e o universal, mas põe em questão, mais radicalmente, o próprio fato de os sonhos chegarem ao nosso conhecimento: “Nos foi objetado, por mais de um autor, que nós não conhecemos de modo nenhum os sonhos que queremos interpretar, ou melhor, que não temos nenhuma garantia de conhecê-los como realmente [*wirklich*] ocorreram”²⁷⁵.

Após descrever as condições pelas quais seria justificável a desconfiança com relação a um conhecimento seguro dos sonhos, Freud inicia sutilmente a sua resposta à objeção, através da exposição de um aspecto da sua técnica de interpretação de sonhos que a coloca em franca oposição à atitude de dúvida dos críticos: “nós encontramos o convite [*Aufforderung*] para a interpretação não menos claramente [*vernehmlich*] nos componentes mais ínfimos, menos destacados e mais incertos do conteúdo do sonho do que naqueles conservados mais nítida e seguramente”²⁷⁶. Em seguida, ele menciona três de seus sonhos — o sonho da injeção de Irma, o sonho “aparentemente absurdo que trata a diferença entre cinquenta e um e cinquenta e seis como *quantité négligeable*”²⁷⁷ e o sonho “*Non vixit*” — para mostrar que foi a atenção a certos detalhes aparentemente desprezíveis do sonho que permitiu que se chegasse à sua solução. E

²⁷⁵ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 491, AE 507, LPM 539. Tradução nossa.

²⁷⁶ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 491-2, AE 507, LPM 540. Tradução nossa.

²⁷⁷ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 492, AE 508, LPM 540. Tradução nossa.

passa, então, dos sonhos singulares a uma perspectiva de generalidade: “Toda análise poderia provar [*belegen*] com exemplos como precisamente os traços mais insignificantes do sonho são indispensáveis para a interpretação”²⁷⁸. Desse modo, a enunciação da importância dos elementos do sonho aparentemente desprezíveis é amparada na apresentação de três casos e em uma afirmação geral que remete ao trabalho da análise.

Para esclarecer a razão pela qual dá grande atenção aos elementos triviais e trata o relato do sonho como texto sagrado (*heiligen Text*), Freud diz que a desfiguração (*Entstellung*) que imprimimos aos sonhos ao tentar reproduzi-los, que foi descrita como elaboração secundária (*sekundäre Bearbeitung*), “não é outra coisa que uma parte da elaboração à qual os pensamentos oníricos são regularmente submetidos em decorrência da censura do sonho”²⁷⁹, e que essa modificação não é arbitrária, mas determinada. E para ilustrar isso, Freud menciona como submete essa asserção a um exame, referindo-se aqui indeterminadamente à pluralidade das análises de sonhos de pacientes (*bei den Traumanalysen mit Patienten*): ele pede ao paciente que repita o relato do sonho, quando o primeiro relato feito não é muito compreensível, e toma as partes que foram substituídas pelo novo relato como “o ponto fraco do disfarce do sonho [*Traumverkleidung*]”²⁸⁰, pelo qual se pode iniciar a interpretação.

A questão da dúvida (*Zweifel*) com que se recebe o relato dos sonhos é tratada por Freud em sua generalidade, remetendo tal dúvida à censura²⁸¹. Em seguida, Freud faz uma analogia com uma situação histórica, comparando o modo como a dúvida ataca apenas os elementos indistintos do sonho com o estado de coisas que se instaurava após uma grande revolução numa das repúblicas da Antiguidade ou da Renascença. Deixando o discurso analógico, volta a relatar como procede “na análise de um sonho”, onde insiste “que se abandone toda a escala de avaliação da certeza” e trata “a mais ligeira possibilidade de que algo desse ou daquele tipo tenha aparecido no sonho como uma certeza plena”²⁸². A argumentação prossegue, até levar à

²⁷⁸ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 492, AE 508, LPM 540. Tradução nossa.

²⁷⁹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 493, AE 509, LPM 541. Tradução nossa.

²⁸⁰ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 493, AE 510, LPM 542. Tradução nossa.

²⁸¹ Aqui, a “censura onírica” (*Traumzensur*) é definida *en passant* como “a resistência à irrupção dos pensamentos oníricos na consciência” (*Die Traumdeutung*, 1900, SA 494, AE 510, LPM 543, tradução nossa).

²⁸² *Die Traumdeutung*, 1900, SA 495, AE 511, LPM 543. Versão da L&PM. Aqui, quando Freud diz “ao analisar um sonho”, “um sonho” é uma forma gramatical singular que, epistemologicamente, apresenta uma generalidade, pois, aqui, “um sonho” designa “qualquer sonho”, que é igual a “todo sonho”; “um sonho” é o exemplar de uma generalidade.

enunciação de uma regra geral da psicanálise: “A psicanálise é justificadamente desconfiada. Uma de suas regras reza: *Tudo o que perturba o progresso do trabalho é uma resistência*”²⁸³.

Ao afirmar como é necessário recorrer à censura psíquica para explicar o esquecimento dos sonhos, Freud fala principalmente a partir da generalidade, mas o âmbito geral em que se dá o tratamento da questão é matizado pelo emprego de algumas expressões relativas a uma frequência ou pluralidade de casos (“em uma série de casos”, “frequentemente”, “em um grande número de casos”)²⁸⁴, que não deixam a imprecisão da linguagem comum no aspecto da quantidade. Em uma nota de rodapé, ele descreve com detalhe o sonho de uma paciente (o sonho do *Pas de Calais*), para exemplificar o papel da dúvida e da incerteza nos sonhos.

Na sequência, Freud afirma que obteve uma “prova” (*Beweis*) de que o esquecimento do sonho está a serviço da resistência, o que é ilustrado pelo exemplo de um de seus sonhos. Esta comprovação de uma afirmação geral é obtida na pluralidade das análises (“*bei den Analysen*”) e em um aspecto particular da experiência analítica: na apreciação de um estágio prévio do esquecimento. São detalhadas, em alguma medida, as condições desta prova na experiência das análises, de modo que as situações mencionadas são matizadas por advérbios e locuções adverbiais que indicam frequência²⁸⁵, e que podem ser compreendidos num campo ou série situado entre o singular e o universal. Freud se debruça, então, sobre o sonho em que se vingou de dois desagradáveis companheiros de viagem, que ilustra a situação em que um fragmento esquecido do conteúdo do sonho surge posteriormente (*nachträglich*) na análise, tornando-se crucial para solucionar a interpretação do sonho. Ele indica a lembrança singular que serviu de modelo para o erro verbal do sonho, e fala que a substituição singular ocorrida no sonho (“esta substituição”) — a substituição do erro verbal da lembrança por outro erro verbal — não pode nos admirar depois de tudo o que soubemos sobre o trabalho dos sonhos. Desse modo, este saber sobre o trabalho dos sonhos, afirmado em um plano de generalidade, possibilita a compreensão de um caso singular. Freud avança nas associações que levam à interpretação do sonho, a qual, apesar de pressupor os mecanismos do trabalho do sonho, é marcada pela singularidade do seu

²⁸³ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 495, AE 511, LPM 544. Tradução nossa.

²⁸⁴ Cf. *Die Traumdeutung*, 1900, SA 495-6, AE 512, LPM 544.

²⁸⁵ O aspecto particularizado da experiência aqui tratado, isto é, o estágio prévio do esquecimento do sonho, refere-se às ocorrências em que um fragmento do sonho antes omitido emerge repentinamente — o que acontece “não raramente” (*gar nicht selten*) — e este fragmento se mostra, “todas as vezes” (*jedesmal*), o mais importante, levando ao caminho mais curto para a interpretação do sonho. Já o *einmal*, por sua vez, refere-se ao sonho singular discutido por Freud em seguida.

material (conteúdo do sonho e pensamento onírico) e do modo específico como se dá a sua transformação pelo trabalho do sonho²⁸⁶.

Continuando a argumentação, Freud afirma poder fornecer mais uma “prova” (*Beweis*) de que o esquecimento dos sonhos é em grande parte obra da resistência, através de uma *demonstratio ad oculos*. A demonstração é apresentada pelo relato de uma ocorrência com um paciente, em que este havia esquecido por completo um sonho, mas, após a superação de uma resistência durante o trabalho de análise, o sonho voltou à sua memória. Aqui, a prova, que refere-se ao fenômeno do esquecimento dos sonhos em geral, é apresentada por uma ocorrência singular de um paciente. E, em um adendo à questão, afirma que “ao chegar a certo ponto do trabalho o paciente pode se lembrar de um sonho que aconteceu três, quatro ou mais dias antes e até então descansara no esquecimento”²⁸⁷.

Freud afirma agora que a “experiência psicanalítica” (*psychoanalytische Erfahrung*) forneceu outra prova (*Beweis*) de que o esquecimento dos sonhos depende muito mais da resistência do que da estranheza entre os estados de vigília e de sono. A prova é obtida a partir de ocorrências “não raras” (*nicht selten*) e “frequentes” (*oft, häufig*), pela verificação de que o trabalho de interpretação, que é da mesma natureza do pensamento de vigília, é também esquecido, o que derruba a tese dos outros autores. Em seguida, é apresentada e rebatida a crítica que Morton Prince faz à sua explicação, a qual, segundo Prince, se referiria a apenas um caso especial das amnésias, e que não poderia ser transportada para outros tipos. Freud contra-argumenta, dizendo que Prince nunca tentou fazer uma explicação dinâmica dos estados dissociativos, e que se o fizesse descobriria o mesmo que ele. Desse modo, a exposição da prova, aqui, é marcada pelo matiz dos advérbios de frequência (*nicht selten, oft, häufig*) das ocorrências, que fazem a mediação entre a generalidade da proposição teórica e a singularidade das ocorrências na experiência. A crítica de Morton Prince, por sua vez, tem por alvo a universalidade da explicação de Freud do esquecimento dos sonhos, afirmando a sua especificidade ou particularidade, enquanto “um caso especial da amnésia para estados anímicos dissociados”²⁸⁸.

²⁸⁶ Cf. *Die Traumdeutung*, 1900, SA 496-8, AE 513-4, LPM 545-7.

²⁸⁷ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 498, AE 514, LPM 547. Versão da L&PM.

²⁸⁸ *Die Traumdeutung*, 1911, SA 499, AE 515, LPM 548. Tradução nossa.

Em seguida, Freud procura aproximar os sonhos das outras funções anímicas, com relação ao seu esquecimento e à sua retenção na memória. Argumentando, a partir da sua experiência em interpretar, um ou dois anos depois, sonhos seus que havia deixado não interpretados, ele afirma que teve maior facilidade em interpretá-los agora, o que poderia ser explicado pelo fato de ele ter superado algumas resistências internas que o obstruíam antes. A argumentação parte inicialmente de uma experiência específica de um indivíduo singular (Freud, no caso), procurando mostrar que os sonhos são retidos na memória tanto quanto outras operações anímicas, de modo que não haveria aquele abismo entre os estados de vigília e de sono. Além disso, o fato de os sonhos antigos serem mais facilmente interpretados hoje também fala em favor da explicação de Freud de que o esquecimento dos sonhos se deve às resistências. Além da sustentação da argumentação pela experiência de Freud com os próprios sonhos, em seguida ele se lembra que tinha o hábito de fazer com que pacientes seus interpretassem sonhos de anos anteriores, quando contados, obtendo o mesmo sucesso. E o sonho é também aproximado de outras operações anímicas na constatação de Freud de que ele se comporta como os sintomas neuróticos, já que os sintomas mais antigos são também mais fáceis de esclarecer do que os recentes.

Ao final da seção sobre o esquecimento dos sonhos, Freud apresenta ainda algumas considerações sobre a interpretação dos sonhos, fora do contexto mais restrito, para orientar os leitores que quiserem conferir as proposições dele por meio de seus próprios sonhos.

Freud apresenta o conceito de “sobreinterpretação” (*Überdeutung*), que se refere ao caso em que é possível uma outra interpretação do sonho, mesmo quando já se tinha uma interpretação que parecia completa. Faz, em seguida, uma crítica da afirmação de Silberer, segundo o qual “todo sonho – ou ao menos muitos [*zahlreiche*] sonhos e certos grupos deles – requer duas interpretações distintas, as quais mantêm até mesmo uma relação fixa entre si”²⁸⁹, e toca aí na questão que nos interessa, ao restringir a universalidade da proposição de Silberer, em favor da primazia da sua explicação. Silberer afirma haverem duas interpretações para os sonhos: uma interpretação *psicanalítica*, que “dá ao sonho uma interpretação qualquer, na maioria das vezes infantil-sexual”, e uma interpretação *anagógica*, que “indica os pensamentos mais sérios,

²⁸⁹ *Die Traumdeutung*, 1919, SA 501, AE 518, LPM 551. Tradução nossa.

amiúde [oft] profundos, que o trabalho do sonho tomou como material”²⁹⁰. Freud replica: “Silberer não demonstrou esta afirmação através da comunicação de uma série de sonhos [*einer Reihe von Träumen*] que ele tenha analisado nas duas direções. Eu devo objetar que tal fato não existe. A maioria dos sonhos não demandam sobreinterpretação e são particularmente insuscetíveis de uma interpretação anagógica”²⁹¹. Ele diz que pôde corroborar a afirmação de Silberer em “alguns casos” (*eine Anzahl von Fällen*), apenas, e conclui opondo a “interpretação abstrata” (anagógica) à “interpretação correta”, esta fornecida pelo seu método.

A pergunta se todo sonho pode ser interpretado é respondida por Freud com a negativa, o que é devido às resistências, as forças psíquicas responsáveis pela desfiguração do sonho. E Freud apresenta, em seguida, “outra série de objeções” ao seu método de interpretação de sonhos, que consiste no questionamento da garantia (*Gewähr*) de que as associações produzidas a partir dos elementos do sonho levem aos pensamentos oníricos, e não meramente a algo arbitrário. Para defender-se destas possíveis objeções, Freud recorre à “impressão provocada por nossas interpretações de sonhos”, às “surpreendentes ligações com outros elementos do sonho, que se dão enquanto perseguimos as representações singulares” e à “improbabilidade de que algo que se ajusta [*deckt*] ao sonho e o esclarece tão exaustivamente como uma de nossas interpretações de sonhos possa ser obtido de outro modo, senão seguindo ligações psíquicas já estabelecidas”²⁹²; e alega também que o seu método de interpretação de sonhos é o mesmo usado para a resolução dos sintomas histéricos, e neste caso a correção do método é garantida pela emergência e desaparecimento dos sintomas. E, diante do problema de como chegar a uma meta preexistente, seguindo uma cadeia de pensamentos arbitrária e desprovida de meta, Freud afirma que, no seu procedimento, apenas abandonamos “as representações-meta conhecidas” (*die bekannten Zielvorstellungen*), de modo que as representações-meta “desconhecidas” (*unbekannte*), ou “inconscientes” (*unbewußte*), passam a assumir o comando, determinando o curso das representações involuntárias, e assim levando-nos, através dos pensamentos intermediários, aos pensamentos oníricos. Toda a argumentação em torno da objeção e dos modos de justificação da correção do método psicanalítico é apresentada em sua generalidade.

²⁹⁰ *Die Traumdeutung*, 1919, SA 501, AE 518, LPM 551. Tradução nossa.

²⁹¹ *Die Traumdeutung*, 1919, SA 501-2, AE 518, LPM 551. Tradução nossa.

²⁹² *Die Traumdeutung*, 1900, SA 505, AE 521, LPM 555. Tradução nossa.

2. O SONHO, A PSICOPATOLOGIA, O APARELHO PSÍQUICO

A questão que comentamos agora diz respeito à relação entre singularidade e universalidade que se estabelece em outro nível além daquele que relacionava a singularidade ou pluralidade dos sonhos com proposições gerais ou particulares sobre o sonho em sua universalidade. Nesse segundo momento, trata-se de tomar este conjunto de teses ou características gerais do sonho, que naquele primeiro nível de articulação ocupavam o plano da universalidade — isto é, trata-se de tomar “o sonho” como o lado da singularidade, na medida em que nos aparece agora como *uma* formação psíquica entre outras. Por um lado, na *Traumdeutung*, serão estabelecidas relações entre o sonho e as formações psicopatológicas, na medida em que o primeiro é tomado como modelo para a explicação destas últimas; a partir de uma analogia entre o sonho e estas formações psíquicas, compõe-se um conjunto de formações que constitui um plano de universalidade representado por todas estas formações psíquicas, das quais o sonho é o modelo singular. Por outro lado, serão estabelecidas relações entre o sonho e as formulações sobre o aparelho psíquico, que ocupam aqui um plano mais elevado de universalidade, já que devem ser a base explicativa não apenas para as formações psíquicas patológicas ou anormais, mas também para a atividade psíquica normal — isto é, devem ser a base para *todas* as formações psíquicas.

Contudo, apesar de termos apresentado as relações que o sonho estabelece com estes dois termos como duas relações distintas, uma análise mais detida nos faz reconhecer que as relações estabelecidas na obra põem em jogo articulações entre os três termos, o sonho, a psicopatologia e o aparelho psíquico, e por isso acreditamos que o melhor modo de organizar nossa exposição é considerá-los em conjunto. A *Traumdeutung* apresenta a intenção de tomar o sonho em primeiro lugar, e, a partir da sua explicação teórica, obter uma contribuição para a explicação das formações psicopatológicas. O desenvolvimento desse plano epistêmico será explorado na primeira seção deste capítulo. Esse arranjo epistêmico, porém, encontra seus limites no contexto do desenvolvimento histórico das investigações e concepções teóricas de Freud, que partiram das neuroses para os sonhos, o que traz certas dificuldades para a exposição segundo a configuração epistêmica à qual Freud se propõe na obra. As relações constituídas segundo esse arranjo histórico serão tratadas na segunda seção. Uma abordagem combinada, por fim, que busca reunir

as múltiplas estratégias de sustentação epistêmica das quais Freud lança mão a fim de contornar os limites do plano da obra, mas também sem deixá-lo de lado, é o que procuramos desenvolver na última seção do capítulo.

2.1. O sonho em primeiro lugar: o plano epistêmico da obra

Começamos seguindo o plano epistêmico que a obra apresenta em suas primeiras linhas, isto é, na “Nota preliminar” à 1ª edição:

Ao tentar expor nesta obra a interpretação dos sonhos, creio não ter ultrapassado o âmbito dos interesses da neuropatologia. Pois no exame psicológico o sonho mostra ser o primeiro termo [*das erste Glied*] na série das formações psíquicas anormais de cujos termos seguintes – a fobia histérica, as ideias obsessivas e as delirantes – o médico precisa se ocupar por motivos práticos. Como veremos, o sonho não pode exigir uma importância prática similar; tanto maior, porém, é o seu valor teórico como paradigma [*Paradigma*], e quem não souber explicar [*erklären*] a origem das imagens oníricas também se esforçará em vão por compreender [*Verständnis*] as fobias, as ideias obsessivas e as delirantes, e, eventualmente, exercer uma influência terapêutica sobre elas.²⁹³

O sonho é apresentado, assim, como um paradigma teórico, já que a sua explicação será útil para a compreensão das formações psicopatológicas. Mas em que consiste essa explicação que se depreende a partir do sonho? E qual a razão deste ser apresentado como o modelo para a explicação teórica desse conjunto de formações psíquicas, como o primeiro dos seus membros a ser investigado?

No capítulo IV, ao iniciar a explicação da desfiguração do sonho (*Traumentstellung*), a partir da analogia com a censura, Freud introduz, pela primeira vez na obra, a suposição de duas “forças psíquicas” (*psychische Mächte*)²⁹⁴ que seriam responsáveis pela configuração do sonho: “uma delas dá forma ao desejo expresso pelo sonho, enquanto a outra exerce uma censura sobre esse desejo onírico, obrigando por meio dessa censura a uma distorção [*Entstellung*] de sua expressão”²⁹⁵. A prerrogativa pela qual a segunda instância psíquica exerce a sua autoridade sobre a primeira, afirma Freud, consiste no controle do acesso à consciência, e o tornar-se

²⁹³ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 21, AE 17, LPM 3. Versão da L&PM.

²⁹⁴ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 160, AE 162, LPM 165. Versão da L&PM. Freud também as descreve, nesse contexto, como correntes, sistemas ou instâncias psíquicas.

²⁹⁵ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 160, AE 162, LPM 165. Versão da L&PM.

consciente já aparece assim como “um ato psíquico particular” (*ein besonderer psychischer Akt*), e a consciência como um “órgão sensorial” (*Sinnesorgan*)²⁹⁶. Mais adiante, afirmará: “Neste ponto talvez sejamos tomados pela suspeita de que a interpretação dos sonhos seja capaz de nos dar explicações [*Aufschlüsse*] sobre a estrutura [*Bau*] de nosso aparelho psíquico [*seelischen Apparats*] que até agora esperamos em vão da filosofia”²⁹⁷.

Eis então, como vemos, que a explicação da *Traumentstellung* já envolveu suposições bastante incisivas sobre a estrutura e o jogo de forças do aparelho psíquico, as quais, porém, só serão desenvolvidas mais extensamente no capítulo VII — aí se encontra a resposta à primeira pergunta que formulamos acima. Outra observação, nessa passagem, nos confirma que aí reside o que há de valioso para a compreensão das formações psicopatológicas: “É possível demonstrar que a psicopatologia simplesmente não pode prescindir dessas hipóteses básicas [*Grundannahmen*]”²⁹⁸. Mas por que tomar o sonho em primeiro lugar, ao invés de construir estas suposições explicativas a partir do próprio material das formações psicopatológicas? A resposta à nossa segunda pergunta reside no fato de que o sonho é mais simples, estando a sua solução mais à mão, como transparece em outra passagem, onde Freud afirma que o seu propósito está “em fazer da resolução dos sonhos [*Traumauflösung*] um trabalho preliminar para a exploração dos problemas mais difíceis da psicologia das neuroses”²⁹⁹. Assim, o arranjo epistêmico que se configura toma em primeiro lugar o sonho, uma formação psíquica singular, a partir do qual se depreende explicações teóricas universais sobre o aparelho psíquico, as quais devem explicar também as formações psicopatológicas.

Se não fizermos por ora perguntas mais impertinentes, poderemos seguir para o capítulo VII, para acompanhar o modo pelo qual se desenvolve o esquema do aparelho psíquico, em relação com o conhecimento estabelecido acerca do sonho. Estamos em conformidade com a articulação epistêmica à qual a obra se propôs: reunamos o conjunto de teses relativas ao sonho e procuremos justificar, a partir delas, as formulações explicativas sobre o aparelho psíquico, das quais poderá se servir, em um trabalho futuro, a explicação de certas formações psicopatológicas.

²⁹⁶ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 160, AE 162-3, LPM 165. Versão da L&PM.

²⁹⁷ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 161, AE 163-4, LPM 166. Versão da L&PM.

²⁹⁸ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 160, AE 163, LPM 165-6. Versão da L&PM.

²⁹⁹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 124, AE 126, LPM 125. Tradução nossa.

É notável que a prosa freudiana abra o capítulo VII, o capítulo teórico por excelência, com o relato de um sonho, o que nos leva a uma observação prévia, já que o início do capítulo evoca a singularidade no âmbito que tratamos no capítulo anterior. Trata-se do sonho da criança em chamas (*brennenden Kind*), sonho que havia sido comunicado a Freud por uma paciente, que o ouviu em uma conferência. Freud se refere a ele como um *vorbildlich Traum*³⁰⁰, um sonho exemplar ou modelar, e nos relata qual a “peculiaridade” (*Eigentümlichkeit*) pela qual este sonho atrai o seu interesse:

As tarefas da interpretação dos sonhos estiveram até o momento no centro de nosso campo de visão. E agora topamos com esse sonho que não coloca nenhuma tarefa à interpretação, um sonho cujo sentido é dado abertamente [*unverhüllt*], e notamos que ele ainda conserva as características essenciais [*wesentlichen Charaktere*] pelas quais um sonho se diferencia chamativamente de nosso pensamento de vigília e estimula nossa necessidade de explicações [*Bedürfnis nach Erklärung*]. Só depois de eliminar tudo aquilo que diz respeito ao trabalho de interpretação é que podemos perceber o quanto ficou incompleta [*unvollständig*] nossa psicologia do sonho [*Psychologie des Traumes*].³⁰¹

Portanto, aquilo que é singular ou peculiar ao sonho do menino em chamas, aquilo que o diferencia de outros sonhos, é justamente o fato de não colocar problemas ao trabalho de interpretação³⁰², não nos obrigando assim a nos demorarmos nos detalhes dos sonhos singulares. Assim, a nossa atenção é atraída para certas características gerais do sonho, a saber, a sua apresentação em imagens e a realização de desejo. Estas características são, por outro lado, peculiares ao sonho, em contraste com o nosso pensamento de vigília, e desse modo o sonho se mostra como uma formação psíquica singular, cujas características nos incitam à explicação psicológica que permanece incompleta. Como observa Monzani, o preenchimento dessa incompletude aponta justamente para a universalidade da metapsicologia, que será articulada às

³⁰⁰ Cf. *Die Traumdeutung*, 1900, SA 488, AE 504, LPM 535. Não encontramos uma tradução plenamente satisfatória para a expressão. As traduções consultadas optam por “*sueño paradigmático*” e “sonho exemplar”. Nos parece que o sentido da expressão indica que este sonho pode ser tomado como um exemplo ou modelo dos sonhos em sua universalidade, para dar lugar à explicação metapsicológica.

³⁰¹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 489, AE 505, LPM 536-7. Versão da L&PM.

³⁰² A isto também deve se dever o fato nada usual de Freud utilizar um sonho que não teve a oportunidade de analisar a partir das associações do sonhador.

teses gerais sobre o sonho, conferindo-lhes um estatuto de universalidade, o que é particularmente visível no caso da realização de desejo³⁰³.

Notemos, portanto, que, por um lado, a abertura do capítulo VII testemunha o valor que os sonhos singulares possuem no texto freudiano em toda a sua extensão. Por outro lado, há de se notar também que o seu valor aqui está em ser tomado como modelo para a apreensão de certas características gerais dos sonhos, a partir das quais se desenvolverão as formulações metapsicológicas. Freud evocará, com efeito, ainda outros sonhos durante o capítulo, e a seção A, como vimos, é inteiramente dedicada às objeções relativas ao problema do esquecimento dos sonhos, respondidas a partir da tese geral sobre a ação da censura, que é articulada a demonstrações em casos singulares. Porém, o que ocupa o primeiro plano do capítulo é a segunda articulação que descrevemos, entre as teses gerais sobre o sonho e o esquema do aparelho psíquico. Estamos agora, por fim, livres para desenvolvê-la.

No início da seção B, intitulada “A regressão”, Freud resume os principais resultados a que chegou a sua investigação sobre os sonhos, que constituem o conjunto de teses gerais às quais nos referimos:

O sonho é um ato psíquico de inteira importância [*vollwichtiger*]; sua força impulsora [*Triebkraft*] é, todas as vezes [*alle Male*], um desejo a ser realizado [*zu erfüllender*]; sua irreconhecibilidade [*Unkenntlichkeit*] como desejo e suas muitas peculiaridades [*Sonderbarkeiten*] e absurdos se devem à influência da censura psíquica que experimentou durante sua formação; além da necessidade de evitar essa censura, cooperaram, na sua formação, uma exigência de condensação [*Verdichtung*] do material psíquico, uma consideração pela figurabilidade [*Darstellbarkeit*] em imagens sensoriais e – embora não regularmente [*nicht regelmäßig*] – uma consideração a dar uma aparência racional e inteligível à composição do sonho.³⁰⁴

Os resultados são apresentados aqui a partir do plano de universalidade relativo ao primeiro nível de articulação epistêmica, de modo que as teses podem ser afirmadas universalmente, como no enfático “todas as vezes” da realização de desejo, assim como podem

³⁰³ Cf. Monzani, *Freud: o movimento de um pensamento*, 1989, p. 112.

³⁰⁴ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 510, AE 527, LPM 561. Tradução nossa.

se afirmar em uma generalidade restrita, como no “não regularmente” da elaboração secundária. A característica geral dos sonhos que será tematizada na seção B, por sua vez, não é listada nessa passagem, pois não constitui estritamente um resultado original das investigações de Freud, tendo sido já notada por outros autores como “uma das principais peculiaridades da vida onírica”³⁰⁵. Por esta razão, nos parece, ela não havia recebido desenvolvimento no estabelecimento das teses acima enunciadas, apesar de que estava em jogo no tratamento da consideração pela figurabilidade. Trata-se do fato de que a figuração do sonho se dá predominantemente por meio de imagens, tendo sido apresentada já no primeiro capítulo:

O sonho, portanto, pensa de maneira predominante, embora não exclusiva, por imagens visuais [*visuellen Bildern*]. Ele também trabalha com imagens auditivas e, em menor escala, com as impressões dos outros sentidos. Muitas coisas, no sonho, também são simplesmente pensadas [*gedacht*] ou representadas [*vorgestellt*] (provavelmente, portanto, substituídas por restos de representações de palavra [*Wortvorstellungsreste*]), de modo idêntico ao que ocorre na vigília.³⁰⁶

Notemos, porém, que esta característica toma uma elaboração adicional na concepção freudiana do sonho, pois agora está em jogo a distinção entre o conteúdo latente e o conteúdo manifesto. Enquanto a apresentação imagética deste último era tudo o que os autores anteriores haviam considerado, trata-se agora de tomar em consideração, em especial, a transformação de um conteúdo no outro.

A característica é evocada, no capítulo VII, a partir do sonho da criança em chamas, cujos pensamentos oníricos foram figurados “em uma situação presente [*gegenwärtig*] e apreensível pelos sentidos como uma vivência da vigília”³⁰⁷. Esta, que seria “a característica psicológica mais geral [*allgemeinste*] e mais chamativa do sonhar”³⁰⁸, é aqui descrita por Freud nos seguintes termos: “um pensamento, via de regra [*in der Regel*] o pensamento desejado, é objetivado,

³⁰⁵ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 73, AE 73, LPM 66. Versão da L&PM.

³⁰⁶ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 73, AE 73, LPM 66-7. Versão da L&PM. Na seção C do capítulo VI, ao afirmar que o sonho não possui recursos para figurar as relações lógicas dos pensamentos oníricos, Freud atribui a razão disso à característica da figuração em imagens sensoriais, tecendo uma analogia com as artes figurativas, como a pintura e a escultura (cf. *Die Traumdeutung*, 1900, SA 311, AE 318, LPM 335).

³⁰⁷ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 510, AE 527, LPM 562. Tradução nossa.

³⁰⁸ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 510-1, AE 527, LPM 562. Tradução nossa.

apresentado como cena ou, como cremos, vivenciado no sonho”³⁰⁹. Ele ainda distingue aí, na verdade, duas características, pondo em xeque a diferenciação entre os sonhos e os devaneios (*Tagtraum*): a característica de representar o pensamento do sonho no presente (*Präsens*) é também compartilhada pelos devaneios ou sonhos diurnos, mas a peculiaridade que distingue o sonho ainda destes é a transformação do conteúdo do pensamento em imagens sensoriais. Enquanto a primeira está mais relacionada à realização de desejo, é especificamente a segunda que está em questão aqui.

Freud situa este caráter dos sonhos, com isso, entre dois polos epistêmicos — os sonhos singulares e o conjunto das formações psíquicas —, perante os quais ele se mostra sob dois aspectos: por um lado, esta característica dos sonhos é situada no âmbito de uma universalidade, apesar de que, mesmo apresentada como a “mais geral”, ela comporta exceções, como o sonho do “*Autodidasker* – a fantasia diurna com o Professor N.”; por outro lado, ela é tomada como algo bastante singular ao sonho, apesar de não ser absolutamente restrita a ele, diferenciando-o em geral do pensamento de vigília. Nestes dois aspectos, portanto, devemos dizer ainda que a transformação do pensamento em imagens não é nem absolutamente universal, nem absolutamente singular aos sonhos, sendo bem descrita como uma “peculiaridade característica do trabalho do sonho”³¹⁰, cuja compreensão, para Freud, parece não prescindir das formulações sobre o aparelho psíquico, que apresentamos a seguir.

Partindo da afirmação de Fechner de que “*o cenário [Schauplatz] dos sonhos seja diverso daquele da vida representacional de vigília*”³¹¹, Freud extrai a ideia de uma “localidade psíquica” (*psychischen Lokalität*), e, evitando determiná-la como uma localidade anatômica, afirma manter-se no terreno psicológico. A partir da analogia com o microscópio, o aparelho fotográfico ou o telescópio, ele extrai dessas máquinas a noção de uma “localidade ideal” (*ideelle Örtlichkeiten*), onde se produziriam suas imagens, para tornar mais compreensível a idéia de localidade psíquica. E esclarece sua intenção com estes símiles: “Estas metáforas [*Gleichnisse*] devem apenas nos auxiliar em uma tentativa de tornar compreensível a complicação da operação psíquica, ao decompor [zerlegen] esta operação e atribuímos aos

³⁰⁹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 511, AE 527-8, LPM 562. Tradução nossa.

³¹⁰ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 511, AE 528, LPM 562. Versão da L&PM.

³¹¹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 512, AE 529, LPM 564. Tradução nossa.

componentes singulares do aparelho cada operação singular”³¹². Freud afirma então não precisar, para essa primeira aproximação, de mais que “representações auxiliares” (*Hilfsvorstellungen*) e “hipóteses” (*Annahmen*).

Dando prosseguimento à tarefa de decomposição do instrumento anímico, Freud nomeia os seus componentes como “instâncias” ou “sistemas”, afirmando haver entre eles, se não uma relação espacial constante, ao menos uma sequencia temporal determinada, pela qual a excitação normalmente os atravessa. Esta ordem sequencial se expressa na afirmação de que “o aparelho psíquico deve ser estruturado como um aparelho reflexo”³¹³, tendo a atividade psíquica uma direção específica, correndo de uma extremidade sensorial para uma extremidade motora. “O processo do reflexo”, afirma, “permanece também como o modelo [*Vorbild*] de toda operação psíquica”³¹⁴. Freud ainda introduz, aqui, uma diferenciação entre sistemas, com base na retenção ou não de memória, diferenciando o sistema perceptual do sistema de memória, que vem depois dele. Introduz, ainda, outras diferenciações neste último, de modo que haveriam, na verdade, diversos sistemas de memória, que seriam responsáveis pelos diferentes tipos de associação entre as excitações, cujo percurso deixaria um registro em cada uma dessas instâncias. E, enquanto o sistema perceptual provê a consciência da diversidade de qualidades sensoriais, as recordações são em si inconscientes.

Tomando o sonho agora como “fonte de prova” (*Beweisquelle*) para o conhecimento da extremidade motora do aparelho, Freud vai retomar a distinção das duas instâncias do aparelho psíquico, feita já no capítulo IV: “Vimos que se tornou impossível para nós explicar a formação do sonho se não quiséssemos ousar a conjectura [*Annahme*] de duas instâncias psíquicas, uma das quais submete a atividade da outra a uma crítica, resultando disso uma exclusão da consciência [*Bewußtwerden*]”³¹⁵. Freud então incorpora essas instâncias como sistemas do seu esquema do aparelho psíquico, nomeando-os, a partir de sua relação com a consciência, como o “pré-consciente” (*Vorbewußte*) e o “inconsciente” (*Unbewußte*):

Chamamos o último sistema na extremidade motora de *pré-consciente* para indicar que nele os processos excitatórios podem chegar à consciência sem

³¹² *Die Traumdeutung*, 1900, SA 513, AE 530, LPM 564. Tradução nossa.

³¹³ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 514, AE 531, LPM 565. Tradução nossa.

³¹⁴ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 514, AE 531, LPM 565. Tradução nossa.

³¹⁵ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 516, AE 534, LPM 568. Versão da L&PM.

maiores obstáculos caso ainda sejam preenchidas certas condições – por exemplo, que se atinja certa intensidade, certa distribuição daquela função que cabe chamar de atenção etc. Ao mesmo tempo, é esse sistema que tem as chaves para a motilidade voluntária. Chamamos de *inconsciente* o sistema que se encontra por trás dele, pois não tem acesso à consciência *exceto pelo pré-consciente*, uma passagem que obriga seu processo excitatório a tolerar alterações.³¹⁶

Até aqui, o que foi desenvolvido foi o esquema do aparelho psíquico em seu aspecto que podemos chamar de tópico ou topológico³¹⁷, isto é, aquele no qual está em jogo uma localidade ou espacialidade psíquica. Para dar lugar à explicação da característica dos sonhos à qual a seção B é dedicada, porém, é preciso tematizar também o aspecto dinâmico do aparelho, isto é, o seu jogo de forças, como já havia sido descrito sumariamente na mencionada passagem do capítulo IV. Desse modo, Freud afirma que o “ímpeto” (*Anstoß*) ou a “força impulsora” (*Triebkraft*) dos sonhos encontra-se nos desejos provenientes do inconsciente, que tentarão avançar para o pré-consciente e obter acesso à consciência. Porém, o acesso ao pré-consciente está bloqueado, ao menos durante o dia, pela censura. O acesso dos pensamentos oníricos à consciência, portanto, poderia ser devido a uma diminuição da censura durante o sono, mas isso não explicaria justamente a característica que se quer aqui explicar, que é a transformação destes pensamentos em imagens sensoriais.

A explicação para esta característica seria, por outro lado, que as excitações se movem num sentido retrocedente ou regressivo, até alcançar a extremidade sensorial do aparelho, ao contrário do processo psíquico normal da vigília, que poderia ser descrito como progressivo. “Eis o que chamamos de regressão [*Regression*]: quando, no sonho, a representação [*Vorstellung*] volta a se transformar na imagem sensorial [*sinnliche Bild*] da qual certa vez resultou”³¹⁸. Porém, essa descrição relacionada ao esquema topológico linear não explica por que a regressão não costuma ocorrer também na vigília, onde a ação da censura teria ao menos a mesma força que no sonho. A explicação disso é buscada numa descrição que poderíamos chamar de econômica, que

³¹⁶ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 517, AE 534-5, LPM 568-9. Versão da L&PM.

³¹⁷ A respeito do uso destes termos, Paulo César de Souza comenta, em nota a sua tradução do artigo “O inconsciente”, que a tradução do termo *Topik*, usado por Freud, por “tópica” seria equivocada, já que o termo, em português, “designa o ramo da medicina que se ocupa dos remédios tópicos, aqueles cuja ação se dá no local em que são aplicados” (Freud, “O inconsciente”, 2010, p. 110).

³¹⁸ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 519, AE 537, LPM 571. Versão da L&PM.

tratará a diferença a partir de “alterações nos investimentos energéticos dos sistemas”³¹⁹. Com efeito, durante a vigília, corre um fluxo de excitações no sistema perceptivo a partir do exterior e em direção à motilidade, tornando-o intransitável no sentido inverso, o que não ocorre durante o sonho, quando o caminho está livre para ser percorrido no sentido regressivo. Esse é o fato do afastamento do mundo exterior, que havia sido apontado por outros autores como responsável por algumas características dos sonhos.

Esta característica dos sonhos, portanto, enunciada em primeiro lugar como a transformação dos pensamentos em imagens sensoriais, pode também ser enunciada como o caráter alucinatório dos sonhos ou como o seu caráter regressivo. Mas qual seria a utilidade em simplesmente dar o nome “regressão” a este fenômeno, pergunta-se Freud, “se isso não nos ensina nada de novo”³²⁰? Segundo ele, o seu valor estaria em relacionar este fenômeno com o esquema do aparelho psíquico, que possibilita a compreensão de outra peculiaridade dos sonhos³²¹, sem a ajuda de uma nova reflexão. Desse modo, o esquema metapsicológico mostra também a sua utilidade explicativa e tem confirmado o seu valor científico, que pode ser compreendido justamente pelo seu caráter de universalidade, já que, como estrutura que deve produzir as formações psíquicas em geral, o aparelho psíquico é tomado como o termo comum para a explicação de diferentes aspectos dos sonhos.

Na seção C, a característica geral dos sonhos da qual se parte é a realização de desejo. A teoria da realização de desejo será retomada a partir das dificuldades mais básicas em sustentá-la. Não só os sonhos de conteúdo desagradável e o sonho de angústia haviam se apresentado como objeções à tese, mas também o capítulo V estabeleceu que o sonho sempre figura certo material recente do dia anterior. Assim, de acordo com a definição de Aristóteles de que “o sonho é o pensamento que prossegue no estado de sono”³²², não seria possível, portanto, que alguns sonhos figurem outros atos psíquicos (“juízos, conclusões, refutações, expectativas, propósitos etc.”³²³) além de desejos? A relevância da questão se torna clara no sonho da criança em chamas, com o

³¹⁹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 519, AE 537, LPM 572. Versão da L&PM.

³²⁰ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 519, AE 537, LPM 571. Versão da L&PM.

³²¹ A outra peculiaridade seria “o fato constatado empiricamente de que todas as relações de pensamento dos pensamentos oníricos se perdem por ocasião do trabalho do sonho ou encontram apenas expressão custosa” (*Die Traumdeutung*, 1900, SA 519, AE 537, LPM 571, versão da L&PM). A esta questão é dedicada a seção C do capítulo VI.

³²² *Die Traumdeutung*, 1900, SA 525, AE 543, LPM 578. Versão da L&PM.

³²³ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 525, AE 543, LPM 578. Versão da L&PM.

qual Freud abre o capítulo, sonho que parece mostrar a preponderância de uma preocupação nos pensamentos oníricos transformados no conteúdo manifesto. Desse modo, esta seção buscará precisar melhor o papel da realização de desejo no sonho.

Em primeiro lugar, Freud recorda que se pode distinguir duas classes de sonhos, correspondentes àqueles tratados, respectivamente, no capítulo III e no capítulo IV:

Justamente a realização de desejo já nos levou a dividir os sonhos em dois grupos. Encontramos sonhos que se mostravam abertamente [*offen*] como realizações de desejo; outros, cuja realização de desejo era irreconhecível, muitas vezes [*oft*] ocultada [*versteckt*] por todos os meios. Nos últimos, reconhecemos a obra da censura onírica. Encontramos sonhos de desejo não distorcidos [*unentstellten*] sobretudo em crianças; sonhos de desejo *curtos* e francos também *parecem* – insisto nessa reserva – ocorrer em adultos.³²⁴

Freud se pergunta, então, qual a origem do desejo realizado no sonho, distinguindo quatro possíveis fontes de desejos. A primeira seria um desejo que surge durante o dia, mas não é satisfeito, ficando reservado para o sonho (este desejo é localizado no *Pcs*); um segundo caso seria um desejo que surge durante o dia, também no *Pcs*, mas é recalçado para o *Ics*; o terceiro caso é um desejo que desde já pertence ao *Ics*, sendo incapaz de aceder ao *Pcs*; o quarto seriam os desejos atuais, relativos aos estímulos como a sede ou a necessidade sexual, que atingem a psique do sonhador durante a noite. A exposição geral das quatro possíveis fontes de desejo é ilustrada na experiência, a partir de exemplos dos dois primeiros casos e de uma asseveração sobre a presença do terceiro em “numerosas análises”³²⁵.

A princípio, Freud afirma que “todos os desejos parecem ter o mesmo valor e o mesmo poder para a formação dos sonhos”³²⁶. Poderíamos mesmo grifar esse “parecem”, pois ele indica que esse aparente estado de coisas não satisfaz Freud teoricamente. “Não posso demonstrar [*beweisen*] aqui que no fundo as coisas são diferentes”, ele afirma, “mas me inclino [*neige*] muito para a hipótese [*Annahme*] de uma condicionalidade mais rigorosa do desejo onírico”³²⁷.

³²⁴ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 525-6, AE 543-4, LPM 579. Versão da L&PM.

³²⁵ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 527, AE 545, LPM 580. Tradução nossa.

³²⁶ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 527, AE 545, LPM 580. Versão da L&PM.

³²⁷ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 527, AE 545, LPM 580. Versão da L&PM.

Os sonhos infantis que realizam um desejo surgido durante o dia, de fato, tornam insustentável uma concepção teórica que postula de modo geral a necessidade de um desejo proveniente da vida psíquica inconsciente para a produção do sonho. Porém, com isso não se esgota a possibilidade de se especificar o desejo que produz o sonho. Freud argumenta que os desejos das crianças possuem uma força ou intensidade à qual os desejos dos adultos progressivamente renunciam, e afirma que acredita que, “em geral” (*im allgemein*), “o desejo diurno insatisfeito não bastará para criar um sonho no adulto”³²⁸. Desse modo, para o adulto, os desejos surgidos durante o dia ficam limitados ao papel de instigadores do sonho, sob a condição de buscarem reforço em um desejo proveniente do inconsciente: “*Imagino que o desejo consciente apenas se transforme em excitador do sonho quando consegue despertar um desejo inconsciente similar por meio do qual se reforça*”³²⁹.

Tenhamos em mente, porém, que essa afirmação parte de uma forte inclinação, mas não parece ser universalmente demonstrável na experiência. Por outro lado, ela encontra apoio na psicologia das neuroses:

Considero que esses desejos inconscientes, segundo as indicações obtidas da psicanálise das neuroses, estão sempre em movimento, sempre prontos a se expressar quando têm ocasião de se aliar a uma moção do consciente, de transferir [*übertragen*] sua intensidade [*Intensität*] maior à intensidade menor desta.³³⁰

Freud afirma então que esses desejos inconscientes ou recalçados — aqui não parece haver distinção — são “de origem infantil, segundo descobrimos [*erfahren*] pela investigação psicológica das neuroses”³³¹. Portanto, a *Erfahrung*, a experiência com a investigação das neuroses apoia a hipótese que temos em vista mesmo em casos insuspeitados, nos quais a realização de um desejo consciente encobre a realização de um desejo inconsciente infantil. Mas a enunciação anterior da hipótese que defende a necessidade do desejo inconsciente não pode valer universalmente, se levamos em conta os sonhos das crianças. A solução que permite de fato

³²⁸ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 527, AE 545, LPM 581. Versão da L&PM.

³²⁹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 527, AE 545, LPM 581. Versão da L&PM.

³³⁰ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 527, AE 545-6, LPM 581. Versão da L&PM.

³³¹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 528, AE 546, LPM 581. Versão da L&PM.

uma enunciação universal é atribuir a motivação do sonho a um desejo infantil: “gostaria de pôr de lado a tese [*Satz*] formulada anteriormente de que a origem do desejo onírico seria indiferente e substituí-la por esta outra: *o desejo figurado no sonho tem de ser um desejo infantil*”³³². A partir daí, então, a tese pode ser especificada com relação às instâncias do aparelho psíquico, se se distingue uma psicologia do adulto daquela da criança:

No caso do adulto, então, ele [o desejo figurado no sonho] provém do *Ics*; no da criança, em que ainda não existe a separação nem a censura entre o *Pcs* e o *Ics* ou em que elas se produzem apenas paulatinamente, é um desejo da vida de vigília, não realizado e não recalcado.³³³

Não fica claro aqui o estatuto que Freud atribui a sua afirmação, se o valor mais fraco de uma hipótese ou suposição — uma *Annahme*, uma inclinação, uma crença — ou o valor mais forte de uma tese (*Satz*), equiparável às diversas outras teses sobre o sonho apresentadas no decorrer da obra. O que ele afirma claramente é que ela não pode ser demonstrada universalmente na experiência:

Sei que essa concepção [*Anschauung*] não pode ser demonstrada [*erweisen*] de maneira geral [*allgemein*], porém sustento que pode ser demonstrada com frequência [*häufig*], mesmo em casos em que não se suspeitaria [*vermutet*] disso, e não pode ser refutada de maneira geral [*allgemein*].³³⁴

A experiência com a análise de sonhos, portanto, atribui a presença do desejo infantil nos sonhos ao âmbito do frequente e não do geral ou universal, mas o recurso à suspeita, apoiado em muitos casos que a mostraram justificada, parece dar certa força à proposição, que não se contenta com o estatuto que lhe deu a experiência e se afirma em um plano discursivo que se descola desta em alguma medida.

³³² *Die Traumdeutung*, 1900, SA 528, AE 546, LPM 581-2. Versão da L&PM.

³³³ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 528, AE 546, LPM 582. Versão da L&PM.

³³⁴ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 528, AE 546, LPM 582. Versão da L&PM. Aqui não é claro se o *allgemein* seria melhor traduzido por “de maneira geral” ou por “universalmente”.

Se Freud considera que os desejos que não sejam desejos infantis não são capazes de motivar a produção de um sonho, menos poder ele atribuí, certamente, aos restos diurnos que não têm o caráter de desejos. Para apresentar a condição a que estes “precisam se sujeitar para serem aceitos no sonho”³³⁵, ele retomará um dos seus sonhos analisados anteriormente na obra. Trata-se do sonho em que seu amigo Otto aparece com os sintomas da doença de Basedow, que teria sido incitado, no dia anterior, pela preocupação de Freud com a saúde de seu amigo, e que ilustra concretamente a questão mais geral:

O pensamento diurno, que na verdade não era um desejo, e sim, ao contrário, uma preocupação, precisou arranjar de algum modo a ligação com um desejo infantil, agora inconsciente e reprimido [*unterdrückten*], que então o fez “nascer” [*entstehen*] para a consciência, embora consideravelmente deformado.³³⁶

Este desejo infantil teria sido o desejo da megalomania, que se sobrepõe ao seu desejo atual de se tornar professor adjunto. A partir deste sonho exemplar, Freud estabelece o papel do desejo infantil não como a única formação psíquica que pode incitar um sonho ou ser nele figurada, mas como a “força impulsora” (*Triebkraft*) sem a qual um sonho não poderia ser produzido:

Admito a existência de toda uma classe [*Klasse*] de sonhos cuja *incitação* [*Anregung*] provém de maneira predominante ou mesmo exclusiva dos restos da vida diurna, e acho que até meu desejo de finalmente me tornar professor adjunto [*Professor extraordinarius*] poderia ter me deixado dormir em paz naquela noite se a preocupação com a saúde de meu amigo não tivesse permanecido ativa noite adentro. Mas só essa preocupação não teria produzido um sonho; a *força impulsora* [*Triebkraft*] de que o sonho precisava teve de ser fornecida por um desejo; era assunto da preocupação arranjar tal desejo para o papel de força impulsora.³³⁷

³³⁵ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 530, AE 548, LPM 583. Versão da L&PM.

³³⁶ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 530, AE 548, LPM 584. Versão da L&PM.

³³⁷ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 534, AE 552-3, LPM 589. Versão da L&PM.

A questão é ilustrada com uma analogia “econômica”, onde as figuras do empresário e do capitalista tomam o lugar, respectivamente, dos atos psíquicos que incitam o sonho e dos que fornecem a sua *Triebkraft*. Nesse contexto, Freud afirma que o capitalista “que disponibiliza o gasto psíquico para o sonho é sempre [*alle Male*] e inegavelmente [*unweigerlich*], qualquer que seja o pensamento diurno, *um desejo provindo do inconsciente*”³³⁸. Aqui, a universalidade da tese é afirmada de modo incisivo, destoando da sua atribuição anterior ao “frequente”, quando se considerou a sua comprovação na experiência, como vimos; além disso, Freud despreza a particularidade da aplicação da distinção entre inconsciente e pré-consciente ao aparelho psíquico do adulto.

Uma interpretação desta dissonância que visasse dissolver a aparente contradição entre as duas enunciações da tese poderia consistir, em primeiro lugar, em atribuir esta última enunciação ao domínio mais particular da psicologia do adulto. Afinal, ali já haveria a distinção entre inconsciente e pré-consciente, enquanto, a rigor, a tese não faria sentido se atribuída ao caso da criança. Poderíamos dizer, então, que trata-se apenas de um breve descuido em especificar que se trata da psicologia do adulto, que talvez seja aqui o objeto privilegiado do discurso freudiano. Essa parece uma boa leitura, mas não resolve nosso maior problema, pois, afinal, mesmo se tomamos a afirmação geral de que o sonho é motivado por um desejo infantil, é justamente nos sonhos dos adultos que a universalidade da tese não pode ser comprovada na experiência — é o que parece ter-nos dito Freud. A aplicação da tese aos sonhos do adulto, como havíamos dito, é feita a partir de uma inclinação ou uma crença, e matizada inicialmente por um “em geral”. Em seguida, porém, é afirmada universalmente, sem uma problematização explícita; e a tese mais geral, que deve abarcar os casos dos adultos e das crianças, ainda antes de ser afirmada como frequente, é afirmada universalmente: “*o desejo figurado no sonho tem de ser um desejo infantil*”³³⁹. O que vemos se configurar, portanto, poderia ser formulado como um descompasso entre dois planos discursivos, entre um discurso teórico e o discurso da experiência. Mas deixemos para discutir o significado disso mais adiante; vejamos como se desenvolve a seção.

³³⁸ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 535, AE 553, LPM 589. Versão da L&PM.

³³⁹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 528, AE 546, LPM 582. Versão da L&PM. Do mesmo modo se dá a sua afirmação no início da seção E: “em nossa teoria do sonho, atribuímos ao desejo oriundo do infantil o papel de motor imprescindível para a formação dos sonhos” (*Die Traumdeutung*, 1900, SA 560, AE 579, LPM 617, versão da L&PM).

Freud retomará agora o esquema do aparelho psíquico. A argumentação que precede a retomada de sua exposição consiste no seguinte: o desejo do sonho foi derivado do inconsciente, o que parece ser tomado como bem estabelecido, e agora resta buscar a solução para o enigma de “por que o inconsciente não pode oferecer, no sono, nada além da força impulsora [*Triebkraft*] para uma realização de desejo”³⁴⁰. A resposta “deve ser proporcionada pelo esquema do aparelho psíquico” e “deve lançar uma luz sobre a natureza psíquica do desejar”³⁴¹.

O aparelho é apresentado aqui a partir de seu desenvolvimento. Em um estágio anterior, ele “obedecia à tendência de se manter tão livre de estímulos quanto fosse possível”³⁴², de modo a ter sido construído inicialmente de acordo com o modelo do aparelho reflexo, direcionando à descarga as excitações que o atingiam a partir do exterior. Porém, desde cedo, as necessidades da vida, sob a forma de excitações internas, perturbam essa tendência, pois, como esses estímulos são constantes e não apenas ocasionais, a sua descarga não é capaz de fazer cessar a estimulação. As vias de descarga motora usadas inicialmente seriam as da alteração interna e da expressão de emoções. Quando, através da ajuda de outrem, a criança experimenta a vivência de satisfação, a estimulação interna cessa. Com isso, o traço mnêmico da estimulação interna estabelece uma associação com a impressão ocorrida junto com a satisfação, a qual será reanimada na próxima vez que surgirem os estímulos. À moção psíquica que pretende reinvestir aquela impressão Freud chama desejo, ao passo que a reanimação alucinatória dos traços mnêmicos da vivência de satisfação seria uma realização de desejo. Porém, como esta realização de desejo, levada a cabo pela via mais curta, não faz cessar a fonte estimuladora, este modo de trabalho do aparelho precisará ser substituído por um modo mais eficiente, que possa de fato realizar alterações no mundo exterior que interrompam a estimulação interna. Para isso, será necessário que um segundo sistema psíquico aja no sentido de inibir a reanimação alucinatória dos traços mnêmicos, que deverão ser investidos apenas até certa medida, para que a partir da atividade de pensamento se possa buscar a repetição da percepção experienciada com a primeira satisfação, mas agora a partir de alterações no mundo externo. Mesmo essa atividade secundária, porém, permanece a serviço da realização de desejo:

³⁴⁰ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 538, AE 557, LPM 593. Tradução nossa.

³⁴¹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 538, AE 557, LPM 593. Versão da L&PM.

³⁴² *Die Traumdeutung*, 1900, SA 538, AE 557, LPM 593. Versão da L&PM.

[...] toda a complicada atividade de pensamento que segue da imagem mnêmica [*Erinnerungsbild*] até a produção da identidade perceptiva através do mundo exterior apresenta-se como apenas um *rodeio para a realização de desejo*, tornado necessário com a experiência. O pensar, de fato, não é outra coisa senão o substituto do desejo alucinatório, e torna-se evidente que o sonho é uma realização de desejo, posto que somente um desejo pode impelir [*anzutreiben*] nosso aparelho anímico ao trabalho.³⁴³

Desse modo, a exposição do esquema do aparelho psíquico em seu desenvolvimento desenha uma concepção na qual o sonho só pode ser uma realização de desejo, apresentando outro plano discursivo que se coloca de acordo com a referida tese. Não estava muito claro até aqui, porém, se havia a intenção de estabelecer uma relação de fundamentação epistêmica entre a experiência com os sonhos e o esquema do aparelho, e, se houvesse, qual seria. A passagem que segue posiciona-se mais claramente a esse respeito:

Aceitamos a explicação [*Aufklärung*] de que o sonho sempre [*jedesmal*] é uma realização de desejo por ser uma produção do sistema *Ics*, que não conhece outra meta para seu trabalho a não ser a realização de desejo e que não dispõe de outras forças a não ser as das moções de desejo.³⁴⁴

Aqui, portanto, o fundamento epistêmico da tese universal sobre a realização de desejo não é a experiência, mas o plano mais geral da metapsicologia. Afinal, como afirma Monzani, “a interpretação não pode, por si mesma, realizar o trabalho de fundamentação teórica”³⁴⁵, deixando em aberto o estatuto de universalidade da tese, como vimos no impasse engendrado pelas objeções do capítulo IV. Assim, o trabalho da interpretação permanece como o campo de emergência das teses, enquanto caberia à explicação a sua fundamentação no plano da universalidade.

Diante da afirmação de Ricoeur de que haveria, na *Traumdeutung*, uma subordinação da explicação à interpretação, Monzani procura interpretar o sentido da noção de subordinação que aí se pode entender, formulando uma primeira hipótese, descrita como “a mais simplista”:

³⁴³ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 540, AE 558-9, LPM 594-5. Tradução nossa.

³⁴⁴ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 541, AE 560, LPM 596. Versão da L&PM.

³⁴⁵ Monzani, *Freud: o movimento de um pensamento*, 1989, p. 113.

[...] tendo-se em conta que o trabalho da interpretação já fez, por ele mesmo, com que as teses sobre a estrutura e o funcionamento do aparelho psíquico emergissem [...], tratar-se-ia agora, então, de sistematizar, sintetizar e colocar numa linguagem teórica o conjunto dessas descobertas de tal modo que seja possível formar agora uma representação clara da estrutura e do funcionamento desse aparelho.³⁴⁶

Porém, o autor afirma que, se esta hipótese estivesse correta, não seria necessária “a introdução de novas suposições teóricas”³⁴⁷ e as explicações sobre o aparelho psíquico não trariam qualquer dificuldade. Com efeito, se basearmos uma primeira leitura em semelhante concepção, nos colocaremos diante da constatação de que o âmbito da interpretação não nos fornece a forma precisa das construções metapsicológicas³⁴⁸, assim como frente à constatação feita por Ricoeur, que afirma que a sistematização do capítulo VII é, em certo sentido, “a imposição de uma teoria que permanece um pouco exterior ao material que ela reúne e coordena”³⁴⁹.

Nesse sentido, talvez nos pareçam estranhas as relações epistêmicas que vimos se configurar na seção C, se lembrarmos também o plano de articulação epistêmica ao qual a obra se propunha em suas primeiras linhas. O que Freud propõe não seria, afinal, a partir da investigação dos sonhos, fundamentar certa explicação psicológica, a qual, por sua vez, servirá de base para a explicação de certas formações psicopatológicas? Segundo esta interpretação, que seguimos inicialmente, tratar-se-ia de um arranjo epistêmico que envolve uma subordinação da explicação metapsicológica à interpretação de sonhos, como queria Ricoeur, mas a seção C parece pôr em cheque os limites desta concepção. Além disso, a afirmação de que o sonho é uma produção do inconsciente, ou que deve ser motivado por um desejo infantil, é feita em um plano teórico que parece se descolar da experiência, apesar de encontrar apoio e indicações nela, e essas afirmações parecem encontrar apoio na psicologia das neuroses, a qual não deveria sustentar a teoria do sonho, mas, ao contrário, servir-se da explicação estabelecida pela

³⁴⁶ Ibid., p. 110.

³⁴⁷ Loc. cit.

³⁴⁸ Cf. Politzer, *Crítica dos fundamentos da psicologia*, 1998 [1928], p. 105: “Ora, se a maneira como Freud articula seu pensamento é ditada por necessidades ‘indutivas’, estas últimas nada podem fornecer além do motivo, *mas não explicam a forma precisa das noções que Freud faz intervir*”.

³⁴⁹ Ricoeur, *De l'interprétation*, 1965, p. 109. Tradução nossa.

interpretação de sonhos. Ademais, o esquema do aparelho psíquico, como vimos, não mantém apenas o estatuto de uma construção explicativa a ser justificada alhures, mas passa a ser também fundamento da universalidade de uma tese sobre os sonhos, pondo em jogo, como afirma Monzani, “uma subordinação recíproca entre interpretação e explicação”³⁵⁰. Todas estas questões apontam para certo limite dessa primeira leitura acerca do arranjo epistêmico da *Traumdeutung*, e indicam a necessidade de levar em conta outras perspectivas aludidas na obra quanto à relação entre o sonho, as formações psicopatológicas e o aparelho psíquico.

³⁵⁰ Monzani, op. cit., p. 114.

2.2. Os limites epistêmicos do plano da obra

Como vimos, a seção C mostrou alguns indícios de que as relações de subordinação epistêmica que apresentamos como o plano da obra não parecem se manter em toda a extensão da *Traumdeutung*. Por um lado, se recorre à psicologia das neuroses para sustentar a teoria do sonho, e por outro lado o esquema do aparelho psíquico já não está apenas subordinado às teses estabelecidas pelo trabalho de interpretação, mas também vem ajudar a sustentá-las, o que Monzani caracterizou como uma “subordinação recíproca”³⁵¹. O plano epistêmico da obra, que punha o sonho em primeiro lugar na ordem de fundamentação, parece encontrar certos limites, incitando-nos a buscar outras estratégias de leitura.

2.2.1. Dos sintomas neuróticos aos sonhos

Na “Nota preliminar” à 1ª edição, após expor o plano de tomar o sonho como paradigma para a explicação das formações psicopatológicas, Freud logo aponta os limites desse arranjo epistêmico:

No entanto, o mesmo nexa [*Zusammenhang*] ao qual nosso tema deve a sua importância também pode ser responsabilizado pelas deficiências do presente trabalho. Os pontos de ruptura, que serão encontrados com tanta abundância nesta exposição, correspondem a outros tantos pontos de contato em que o problema da formação do sonho [*Traumbildung*] se relaciona com problemas mais amplos da psicopatologia que não puderam ser tratados aqui e que deverão ser elaborados posteriormente se o tempo e as forças o permitirem e se surgir mais material.³⁵²

³⁵¹ Monzani, *Freud: o movimento de um pensamento*, 1989, p. 114.

³⁵² *Die Traumdeutung*, 1900, SA 21, AE 17, LPM 3. Versão da L&PM.

Se não demos atenção a essa questão anteriormente, isso foi possível apenas “traindo” o texto de Freud nesse aspecto, com o propósito de isolar e acompanhar certo empreendimento epistêmico até o seu limite. Pois desde o início Freud indica explicitamente, como vemos, os limites do plano ao qual se propõe na *Traumdeutung*. Apesar de não deixar muito claro do que se trata especificamente, o trecho passa a ideia de que a explicação do sonho depende, em certos pontos, da explicação das formações psicopatológicas.

Além disso, devido ao fato de Freud haver se proposto a pôr a explicação dos sonhos em primeiro lugar na ordem das razões, isto o impede de utilizar o material de sonhos de seus pacientes neuróticos, já que isso colocaria em jogo desde já a explicação das neuroses: “Fui impedido de usar este último material pela circunstância de que nesse caso os processos oníricos estavam sujeitos a uma complicação indesejável causada pela mescla de características neuróticas”³⁵³. Contudo, Freud não permanece estritamente fiel a essa intenção, já que, em diversos momentos da obra, utiliza sonhos de seus pacientes e chega a discutir os mecanismos dos sintomas neuróticos.

As dificuldades postas por esse arranjo epistêmico planejado para a *Traumdeutung* parecem se dever, como veremos, ao contexto histórico no qual surge a investigação freudiana dos sonhos. Já no capítulo II, ao relatar como se deparou com a interpretação de sonhos e como chegou ao seu método, Freud nos diz que este surgiu a partir da investigação psicanalítica dos sintomas neuróticos:

Os pacientes que obriguei a me comunicarem as ideias [*Einfälle*] e pensamentos que lhes ocorriam a propósito de um determinado tema me narraram seus sonhos e assim me ensinaram que estes podem ser inseridos no encadeamento psíquico a ser seguido retrospectivamente na memória a partir de uma ideia patológica. Era natural tratar o próprio sonho como um sintoma e aplicar-lhe o método de interpretação elaborado para os sintomas.³⁵⁴

³⁵³ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 21, AE 18, LPM 3. Versão da L&PM.

³⁵⁴ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 121, AE 122, LPM 122. Versão da L&PM.

A questão do contexto histórico em que surgiu a interpretação de sonhos não é tratada, no desenrolar da obra, como algo de especial importância. Contudo, no início da seção E do capítulo VII, Freud reconhece as dificuldades trazidas pela renúncia a uma exposição histórica:

Quando ousei a tentativa de penetrar mais fundo na psicologia dos processos oníricos, empreendi uma tarefa difícil da qual também minha arte expositiva mal dá conta. Reproduzir descritivamente a simultaneidade de uma concatenação [*Zusammenhang*] tão complexa por meio de uma sucessão e ao mesmo tempo parecer desprovido de pressupostos [*voraussetzungslos*] a cada afirmação é algo que ameaça ir além das minhas forças. Sou punido pelo fato de na exposição da psicologia dos sonhos não poder seguir o desenvolvimento histórico [*historischen Entwicklung*] de minhas concepções. Os pontos de vista para a compreensão do sonho me foram dados por trabalhos anteriores sobre a psicologia das neuroses, aos quais não devo me referir aqui e, no entanto, sempre preciso me referir, enquanto gostaria de avançar na direção contrária e, a partir do sonho, obter a conexão com a psicologia das neuroses.³⁵⁵

A ênfase posta no interesse de uma exposição segundo o “desenvolvimento histórico” de suas concepções, da qual Freud abriu mão nesta obra, nos leva a indagar se não seria mais frutífero para uma compreensão epistemológica da obra considerar de fato esse desenvolvimento, tomando como justificativa a referência que a própria *Traumdeutung* faz a ele³⁵⁶. Afinal, a menção ao esforço em “parecer desprovido de pressupostos” sugere que a configuração epistêmica proposta na obra seria algo “aparente”, enquanto a questão poderia ser melhor compreendida se tomada segundo a articulação epistêmica “efetiva” dada no desenvolvimento histórico³⁵⁷. Afinal, o que a consideração histórica de Freud parece pôr em jogo é que a partir da psicologia das neuroses que teria sido possível construir a teoria do sonho, o que pareceria caracterizar uma inversão da ordem epistêmica apresentada anteriormente, que colocava o sonho

³⁵⁵ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 559, AE 578, LPM 616. Versão da L&PM.

³⁵⁶ Com a referência a um desenvolvimento histórico, contudo, não acreditamos que seja necessário aqui o recurso a uma historiografia da psicanálise que conteste as considerações históricas de Freud. A ideia de que foi a partir da investigação das neuroses que Freud iniciou a investigação dos sonhos não é passível de qualquer polêmica, de modo que mesmo as breves indicações históricas da *Traumdeutung* podem ser suficientes para apontar, em termos gerais, a relação epistêmica entre o sonho e a neurose que estava em questão.

³⁵⁷ Devemos observar também que a referência a um desenvolvimento histórico “efetivo” não tem a intenção de tomar as considerações históricas de Freud como reflexo de uma efetividade. Quisemos apenas apontar o contraste entre o aparente e o efetivo que pode ser discernido neste trecho do texto freudiano.

em primeiro lugar. Segundo a perspectiva histórica da relação de subordinação epistêmica entre os dois termos, a psicologia do sonho basear-se-ia em conhecimentos obtidos com a investigação dos sintomas neuróticos. Portanto, concomitantemente à aplicação ao sonho do método de investigação dos sintomas, teria havido também uma transposição teórica. Exploremos essa linha de leitura, mas adiantando também a sua provável parcialidade e seus prováveis limites, na medida em que se trata de uma perspectiva aludida em um contexto específico da obra.

Se acompanharmos a seção E do capítulo VII, veremos que, após se queixar das dificuldades decorrentes da renúncia a uma exposição histórica, Freud vai se deter, de início, no reconhecimento de dois processos psíquicos distintos no próprio sonho. Há, ali, processos normais ou corretos, reconhecidos nos pensamentos oníricos, e processos anormais ou incorretos, que seriam os processos do trabalho do sonho, que transformam os pensamentos oníricos no conteúdo manifesto do sonho. Freud retomará então uma descrição do processo de formação do sonho³⁵⁸ para, a partir daí, descrever os processos do trabalho do sonho, que são organizados de uma maneira em que podem ser identificados aos processos da formação do sintoma histérico, e assim torna-se possível formular de modo mais claro uma analogia entre as duas formações psíquicas³⁵⁹. Afinal, Freud afirma que foi com a investigação das neuroses, e em especial da histeria, que teria sido possível explicar o processo psíquico anormal que, tanto no sonho como no sintoma histérico, se apodera de pensamentos normais, transformando-os por meio de processos comuns às duas formações psíquicas, apresentados aqui como a condensação, a formação de compromisso, as associações superficiais, o encobrimento das contradições e a regressão (sendo esta apenas eventual na histeria). A partir dessa analogia entre os processos que

³⁵⁸ No meio tempo dessa descrição, há uma conclusão geral, que pode ser tirada tanto dos sonhos como dos sintomas histéricos e obsessivos, que diz que “*as mais complexas produções do pensamento são possíveis sem a participação da consciência*” (*Die Traumdeutung*, 1900, SA 563, AE 582, LPM 621. Versão da L&PM.). Em outros termos, os processos secundários são independentes do tornar-se consciente. Parece uma reverberação (ou correlato) da advertência do *Projeto* contra a identificação entre processos primários e processos inconscientes.

³⁵⁹ No capítulo VI, Freud havia apresentado os processos do trabalho do sonho como a condensação, o deslocamento, a consideração à figurabilidade e a elaboração secundária. Aqui, os processos apresentados são também quatro, mas de certo modo diferentes ou apresentados de outra forma: compressão ou condensação, formação de representações intermediárias ou compromissos, associações frouxas ou superficiais e a desconsideração das contradições. Freud diz que a condensação é “o principal responsável pela impressão de estranheza do sonho” (*Die Traumdeutung*, 1900, SA 565, AE 585, LPM 623, versão da L&PM), e não o deslocamento. Talvez ele esteja unindo aqui a condensação e o deslocamento em um único processo, sob o título do primeiro. O que é apresentado como representações intermediárias ou compromissos é o que estava incluído no processo de condensação como as formações mistas ou identificações. Os outros dois processos são as associações frouxas e o encobrimento das contradições.

levam às duas formações psíquicas, Freud justifica uma transposição de pressupostos teóricos de uma a outra:

Considerando a completa identidade [*vollen Identität*] entre as peculiaridades [*Eigentümlichkeiten*] do trabalho do sonho e da atividade psíquica que termina nos sintomas psiconeuróticos, nos julgaremos autorizados a transferir para o sonho as conclusões a que a histeria nos obriga.

Da teoria da histeria tomamos a tese [*Satz*] *de que tal elaboração psíquica anormal de uma cadeia normal de ideias só ocorre quando esta se tornou a transferência* [*Übertragung*] *de um desejo inconsciente que provém do infantil e se encontra recalcado* [*in der Verdrängung*]. Por consideração a essa tese [*Satz*], construímos a teoria do sonho sobre a hipótese [*Annahme*] de que o desejo onírico impulsor [*treibende*] sempre [*allemale*] provém do inconsciente, o que, como nós mesmos admitimos, não é possível demonstrar de maneira geral [*allgemein*], embora também não possa ser refutado.³⁶⁰

Essa transposição teórica, aliás, parece esclarecer aquela discrepância entre teoria e experiência que vimos se configurar na seção C, com relação justamente ao desejo infantil, mas deixando claro, agora, que estamos diante de um novo arranjo epistêmico. Isto é, anteriormente, quando tínhamos em vista a ideia de fundamentar as teses sobre os sonhos na experiência com a interpretação de sonhos, a afirmação de que todo sonho é impulsionado por um desejo inconsciente infantil parecia injustificada por ser indemonstrável na experiência. Agora, sem dúvida, tal discrepância parece mais compreensível e mais justificada, se a entendemos a partir da transposição de uma tese teórica da histeria para os sonhos, de modo que já não se trata de fundamentar a explicação das neuroses na explicação do sonho, como propunha Freud no início da obra, mas sim o inverso.

Porém, enquanto na teoria da histeria tratava-se de uma tese (*Satz*), a sua transposição para a teoria do sonho implica em que aí ela venha a ter o estatuto de hipótese (*Annahme*), pelo que nos deixa entrever o texto reproduzido acima. Poderíamos nos perguntar, porém, qual o sentido de insistir nesse estatuto de generalidade desta hipótese teórica, se não é possível demonstrá-la de maneira geral a partir da experiência. Não seria mais coerente simplesmente

³⁶⁰ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 567-8, AE 587, LPM 626. Versão da L&PM.

atribuir à hipótese o estatuto de frequente, pondo-a assim de acordo com a experiência e elevando-a ao estatuto de uma tese³⁶¹? O que Freud estaria realizando aqui seria uma transposição teórica que poderia ser explicada unicamente pelo vetor epistêmico que vai da teoria da neurose à teoria do sonho, apoiada na analogia entre as duas formações psíquicas? A distinção que Freud mantém entre os estatutos de “tese” e “hipótese” parece indicar que não se trata bem disso, apontando-nos também os limites da importância deste arranjo epistêmico.

Mas nos atenhamos por ora a essa relação epistêmica e àquilo que a sustenta. É a consideração de uma “completa identidade” entre os mecanismos formadores do sintoma neurótico e do sonho, vale dizer, que justifica a transposição da referida tese de uma formação psíquica para outra. Com efeito, as semelhanças entre os sonhos e as perturbações mentais receberam atenção desde cedo por outros autores, como nota Freud em sua revisão da literatura feita no primeiro capítulo³⁶². Já são encontradas observações a esse respeito em autores como Kant, Cabanis, Maine de Biran, Hagen, Schopenhauer, Lélut, Moreau, Krauss e Wundt. Trata-se sobretudo de analogias entre o sonho e a psicose, a partir de uma série de características comuns, que são listadas por Maury, Radestock e Spitta. Mas é apenas em uma observação de Griesinger que Freud afirma ter encontrado a expressão da característica comum aos sonhos e à psicose à qual suas investigações apontaram: a realização de desejo³⁶³.

De fato, a realização de desejo é aquilo que, em primeiro lugar, estabelece a analogia entre o sonho e as formações psicopatológicas. Griesinger a atribuíra à psicose, mas o que interessa a Freud aqui, especialmente, são os sintomas neuróticos. No Manuscrito N, enviado a Fliess em 31 de maio de 1897, com efeito, Freud já afirma que “os sintomas, tal como os sonhos,

³⁶¹ Se a isso fosse objetado que o estatuto de tese, para Freud, requeriria a universalidade, poderíamos evocar, como exemplo contrário, a tese de que o sonho figura, muitas vezes, uma impressão indiferente do dia anterior, que se afirma no âmbito do frequente.

³⁶² Cf. *Die Traumdeutung*, 1900, SA 110-3, AE 111-4, LPM 110-3.

³⁶³ Uma observação ao final desta seção do primeiro capítulo ainda expressa o propósito de Freud em, a partir da explicação do sonho, fundamentar a explicação das formações psicopatológicas, cujo domínio mais amplo não se restringe às neuroses: “é provável que uma concepção diferente do sonho deva influenciar nossas opiniões sobre o mecanismo interno das perturbações psíquicas, de modo que podemos dizer que trabalhamos na explicação das psicoses quando nos esforçamos por esclarecer o mistério do sonho” (*Die Traumdeutung*, 1900, SA 113, AE 114, LPM 113, versão da L&PM). Em um acréscimo de 1914 ao capítulo VII, é citada uma frase de Hughlings Jackson, que teria sido ouvida diretamente dele por Ernest Jones: “Descubra tudo sobre os sonhos e terá descoberto tudo sobre a loucura” (*Die Traumdeutung*, 1914, SA 542, AE 560, LPM 597, tradução nossa).

são a realização de um desejo”³⁶⁴. Na *Traumdeutung*, a questão será tratada detidamente na seção C do capítulo VII:

[...] a teoria de todos os sintomas psiconeuróticos culmina na tese de que *eles também devem ser compreendidos como realizações de desejo do inconsciente*. Por meio de nossa explicação, o sonho se transforma apenas no primeiro termo de uma série extremamente importante para o psiquiatra, série cuja compreensão significa a solução da parte puramente psicológica da tarefa psiquiátrica.³⁶⁵

Desse modo, os sonhos e os sintomas psiconeuróticos formam uma série, um conjunto de formações psíquicas cujo termo comum a todos os seus membros (*allgemein*) é a realização de desejo. Porém, se, por um lado, a realização de desejo coloca-se como característica comum deste conjunto de formações psíquicas, Freud também observa que parece haver uma característica dos sintomas histéricos que não seria observada no sonho. Além da realização do desejo inconsciente, haveria a necessidade, na histeria, da realização de um desejo do pré-consciente, que se forma como uma reação ao primeiro. Semelhante formação reativa só é encontrada nos sonhos ocasionalmente, mas ainda é possível encontrar um desejo do pré-consciente indispensável à produção do sonho: o desejo de dormir. Este desejo pode ser claramente identificado no sonho da criança em chamas, nos sonhos de despertar e nos sonhos de comodidade. Aliás, diz-nos Freud, a presença universal do desejo de dormir faz com que todos os sonhos tenham o direito de serem denominados sonhos de comodidade. Com o reconhecimento do desejo de dormir, o sonho se apresenta como uma formação de compromisso, assim como os outros membros da série de formações psíquicas onde Freud o inclui.

Assim, esse conjunto de formações psíquicas possui como característica comum não apenas a realização de desejo, mas a característica de serem um compromisso entre um desejo do

³⁶⁴ Masson (Ed.), *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess — 1887-1904*, 1986, p. 252. Vale notar que Breuer, no seu relato do caso de Anna O., ainda que esteja longe de tocar na realização de desejo, tece uma comparação entre os sonhos e a histeria, com relação a um dos estados que sua paciente apresentava: “Durante todo o percurso da enfermidade subsistiram um junto ao outro os dois estados de consciência: o primário, no qual a paciente era inteiramente normal psiquicamente, e o estado segundo, que bem podemos comparar com o sonho por sua riqueza em fantasmas {*Phantasme*} e alucinações, pelas grandes lacunas que apresentava sua recordação e pelo fato de que suas ocorrências careciam de inibição e de controle” (Breuer e Freud, *Estudios sobre la histeria*, 1895, *AE*, vol. 2, p. 68).

³⁶⁵ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 541-2, AE 560, LPM 596-7. Versão da L&PM.

inconsciente e um desejo do pré-consciente. Na seção E, como vimos, a analogia entre o sonho e o sintoma histérico é estabelecida a partir da distinção das noções de um processo psíquico normal e um anormal (processos primário e secundário), de modo que a definição comum a esta classe de formações psíquicas é enunciada como a elaboração psíquica anormal de um pensamento normal. A partir da analogia fundamentada nesse termo comum, Freud justifica a transposição da tese universal sobre o desejo infantil recalcado.

2.2.2. *Do Projeto de 1895 ao esquema do capítulo VII*

O descompasso entre teoria e experiência caracterizado na seção C, com relação à tese sobre o desejo infantil, foi esclarecido em alguma medida pela perspectiva do desenvolvimento histórico das concepções teóricas de Freud, pondo explicitamente em jogo uma subordinação epistêmica da teoria do sonho à psicologia da neurose. Porém, ainda não abordamos a modificação que parece se impor ao plano epistêmico da obra quando reconhecemos que o esquema do aparelho psíquico vem sustentar a universalidade da teoria da realização de desejo, passando, ao que parece, do estatuto de subordinado ao de fundamento. Isto nos faz lembrar também a exterioridade que foi notada entre as exposições do esquema do aparelho psíquico e as considerações reguladas pela experiência com a interpretação de sonhos.

Para Ricoeur, como vimos, a exposição metapsicológica do capítulo VII não está bem alinhada com o conjunto orgânico da obra. Monzani afirma, por outro lado, que só veremos “uma espécie de desalinhamento entre o capítulo VII e o restante da obra se insistirmos em fazer da construção teórica um puro resultado do trabalho da interpretação, o que não é o caso”³⁶⁶. Como afirma o autor, apesar de a explicação metapsicológica ser orientada pelo trabalho da interpretação, a sua construção deve ser entendida a partir de outras regras: “O trabalho de orientação é claro, mas deve ser claro, também, que essas hipóteses são reguladas por outro regime discursivo. Não é por outro motivo que muitos autores [...] salientam, com razão, o

³⁶⁶ Monzani, *Freud: o movimento de um pensamento*, 1989, p. 114.

caráter hipotético-dedutivo das construções teóricas do capítulo VII³⁶⁷. Desse modo, compreendendo que a construção dos esquemas metapsicológicos não pode simplesmente surgir do trabalho da interpretação, fica claro que o seu regime discursivo deve ser buscado em outro lugar: a saber, no *Projeto* de 1895, onde encontramos também o seu conteúdo em grande parte inalterado. Com o recurso ao *Projeto*, assim como à carta a Fliess de 6 de dezembro de 1896 (Carta 52), torna-se bem mais compreensível a aparente exterioridade com que a exposição do esquema se encaixa na *Traumdeutung*.

Na introdução de Strachey ao *Projeto*, ele escreve:

[...] o “Projeto”, apesar de ser, em sua face ostensível, um documento neurológico, contém em si o núcleo de grande parte das ulteriores teorias psicológicas de Freud. Neste aspecto, seu descobrimento não só teve um interesse histórico, mas de fato iluminou pela primeira vez algumas das mais obscuras entre as hipóteses fundamentais de Freud.³⁶⁸

Com efeito, afirma Strachey, “o ‘Projeto’ —ou melhor, seu invisível espectro— está silenciosamente presente em toda a série de escritos teóricos de Freud, até o final³⁶⁹. “Não é exagero dizer”, escreve em sua introdução à *Traumdeutung*, “que grande parte do sétimo capítulo de *A interpretação dos sonhos*, e, de fato, dos estudos ‘metapsicológicos’ posteriores de Freud, só se tornou inteiramente inteligível após a publicação do ‘Projeto’³⁷⁰. Isso se aplica não apenas a diversas noções encontradas no capítulo VII, como “investimento” (*Besetzung*), “energia” (*Energie*), “excitação” (*Erregung*), processos primário e secundário, mas também a descrições como a da vivência de satisfação e da constituição do desejo, que podem ser encontradas no *Projeto* quase sem alterações.

O *Projeto* também já apresenta uma teoria do sonho que contém grande parte dos elementos básicos da teoria apresentada na *Traumdeutung*, o que se coaduna com a afirmação de Freud de que esta obra “estava pronta no essencial no começo de 1896³⁷¹. Uma longa nota de

³⁶⁷ Ibid., p. 113-4.

³⁶⁸ Freud, *Proyecto de psicología*, 1895, *AE*, v. 1, p. 333.

³⁶⁹ Freud, *Proyecto de psicología*, 1895, *AE*, v. 1, p. 333.

³⁷⁰ Strachey, “Editor’s Introduction”, *SE*, v. 4, 1971, p. xv. Tradução nossa.

³⁷¹ Freud, “Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico”, 1914, *AE*, vol. 14, p. 21.

rodapé aos *Estudos sobre a histeria*, contudo, inclui a primeira observação pública de interesse teórico nos sonhos³⁷², apesar de ser ainda algo incipiente. A teoria do sonho apresentada nas seções 19, 20 e 21 da Parte I do *Projeto*, por sua vez, já lista uma série de características dos sonhos que serão retomadas na *Traumdeutung*: a realização de desejo, o caráter alucinatório explicado pela regressão, a paralisia motora decorrente do estado de sono, o mecanismo do deslocamento e a similaridade com os mecanismos dos sintomas neuróticos. Haveria ainda que se acrescentar a isso, contudo, alguns elementos teóricos importantes: a descoberta do complexo de Édipo, em 1897, assim como o reconhecimento da importância dos desejos infantis recalçados no sonho; o reconhecimento da elaboração secundária, também em 1897; e a universalidade do desejo de dormir, anunciada apenas em junho de 1899³⁷³. Mas não é esse histórico do desenvolvimento das concepções sobre o sonho que nos interessa especialmente aqui, mas aquilo que, no esquema do capítulo VII, remete a uma construção que vai além da teoria do sonho, o que poderemos encontrar no *Projeto* e em algumas cartas a Fliess.

Se partimos do próprio texto do capítulo VII, nele mesmo encontramos indicações de que algumas das formulações ali tratadas não se tornam inteligíveis estritamente a partir da interpretação de sonhos. Na seção B, logo antes de tomar o sonho como fonte de prova para a distinção entre o pré-consciente e o inconsciente, Freud afirma: “O que até agora supomos sobre a composição do aparelho psíquico na extremidade sensível ocorreu sem levar em conta o sonho e as explicações psicológicas dele deriváveis”³⁷⁴. Isso deixa bem claro que as elaborações anteriores não têm fundamento na investigação do sonho, de modo que sua compreensão deve ser buscada em outro lugar. É essa reconstituição que tentaremos fazer agora.

Ao afirmar que “o aparelho psíquico deve ser estruturado como um aparelho reflexo”³⁷⁵, Freud fala que isso é apenas uma exigência “que conhecemos há tempo”, o que indica uma

³⁷² Cf. Cf. Breuer e Freud, *Estudios sobre la histeria*, 1895, AE, v. 2, pp. 89-90. Apesar desta observação sobre os sonhos ainda não ser, evidentemente, muito elaborada, ela possui um interesse, na medida em que ressalta uma das características que o sonho possui em comum com o sintoma histérico, listada na passagem da seção E do capítulo VII que comentamos na seção anterior. Trata-se da “compulsão a conectar umas com as outras as coisas presentes no mesmo estado de consciência” (ibid., p. 90), apresentada nos *Estudios* como “ligações falsas” e na *Traumdeutung* como “associações superficiais”.

³⁷³ Estas indicações, com base na correspondência com Fliess, já se encontram no editorial de Strachey (op. cit.), mas podem também ser seguidas no artigo de Green (“De l’*Esquisse à L’Interprétation des rêves*”, 1972) e na obra de Monzani, onde se encontra um estudo mais completo da passagem do *Projeto à Traumdeutung* (cf. Monzani, op. cit., pp. 57-141).

³⁷⁴ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 516, AE 533-4, LPM 568. Versão da L&PM.

³⁷⁵ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 514, AE 531, LPM 565. Tradução nossa.

fundamentação a partir de algo alheio ao sonho. No *Projeto*, com efeito, já havia sido estabelecida uma relação entre o “princípio de inércia” e o movimento reflexo³⁷⁶. A exigência da diferenciação entre o sistema perceptual e o sistema de memória, com base no fato de possuírem ou não a capacidade de retenção, é remetida à observação de “outro autor”, o que seria uma referência a Breuer, mais precisamente a uma nota de rodapé à sua contribuição teórica aos *Estudos sobre a histeria*³⁷⁷. No *Projeto*, pouco posterior aos *Estudos*, Freud formula a distinção entre dois sistemas de neurônios, responsáveis pela percepção e pela memória, com base na maior ou menor facilidade com que os neurônios permitem a passagem de quantidade³⁷⁸. A Carta 52, que contém, como afirma Strachey, uma “versão inicial”³⁷⁹ do esquema apresentado na *Traumdeutung*, testemunha a elaboração das diferenciações dos diversos sistemas de memória, caracterizados a partir de distintos modos de associação entre as excitações. A partir da suposição de que os traços mnêmicos experimentam, de tempos em tempos, uma “reordenação” (*Umordnung*) ou “transcrição” (*Umschrift*), Freud apresenta, nesta carta, três “inscrições” (*Niederschriften*) distintas: enquanto a primeira chama-se “signos de percepção”, o segundo e o terceiro já recebem os nomes “inconsciência” (*Unbewußtsein*) e “pré-consciência” (*Vorbewußtsein*)³⁸⁰.

Vale dizer que o esquema da Carta 52 já recebe uma representação gráfica em uma disposição linear das diversas transcrições, assim como no esquema da seção B do capítulo VII, onde as retranscrições serão designadas como instâncias ou sistemas. E, assim como veremos novamente no capítulo VII, a apresentação do esquema de 1896 é precedida de uma ressalva quanto à sua espacialidade e provisoriamente:

Ilustrei tudo isso com o esquema [*Schema*] seguinte, no qual se supõe que as diversas inscrições [*Niederschriften*] estão separadas também segundo seus portadores neuronais (de uma maneira não necessariamente tópica [*topisch*]). A

³⁷⁶ Cf. Freud, *Entwurf einer Psychologie*, trad. Osmyr F. Gabbi Jr., 2003, p. 176; Freud, *Proyecto de psicología*, 1895, *AE*, v. 1, p. 340.

³⁷⁷ Cf. Breuer e Freud, *Estudios sobre la histeria*, 1895, *AE*, v. 2, pp. 200-1.

³⁷⁸ Cf. Freud, *Entwurf einer Psychologie*, trad. Osmyr F. Gabbi Jr., 2003, pp. 178-9; Freud, *Proyecto de psicología*, 1895, *AE*, v. 1, pp. 343-4.

³⁷⁹ Cf. Freud, *The interpretation of dreams*, 1900, *SE*, v. 5, p. 540.

³⁸⁰ Cf. Masson (Ed.), *Sigmund Freud Briefe an Wilhelm Fliess 1887-1904*, 1999, pp. 217-8; Freud, “Carta 52”, *AE*, v. 1, pp. 274-5.

suposição [*Annahme*] talvez não seja necessária, mas é a mais simples e pode-se admiti-la provisoriamente.³⁸¹

Como se pode notar, a ressalva aí presente se refere à espacialidade neurológica. Por sua vez, é apenas na carta de 9 de fevereiro de 1898 que aparece a menção a Fechner, cuja observação sobre os sonhos constituirá o recurso para se estabelecer a metafórica espacialidade psíquica³⁸² na qual se afirma o esquema da *Traumdeutung*: “A única palavra sensata ocorreu ao velho Fechner, em sua elevada simplicidade. O processo do sonho se passa em um outro terreno psíquico [*psychischen Terrain*]”³⁸³.

Na exposição sobre o aparelho psíquico feita na seção C do capítulo VII, como vimos, Freud faz uma descrição do aparelho a partir de seu desenvolvimento, com o fim de prover uma descrição psicológica do desejo e de sua importância decisiva. A tendência do aparelho a manter-se livre de estímulos pode ser remetida à seção 1 da Parte I do *Projeto*, cuja descrição segue até as carências da vida que perturbam a tendência primária e exigem a ação específica. Esse estado de coisas será retomado na seção 11, onde é descrita a vivência de satisfação, retomada na exposição da *Traumdeutung*. Aqui, caminhamos até à reanimação alucinatória da imagem mnêmica da vivência de satisfação, produzida pelo estado de desejo, e que causa a desilusão, por não satisfazer a estimulação interna. Será necessário, portanto, um sistema que exerça uma inibição do investimento alucinatório, o que é apresentado como o “eu” (*Ich*), na seção 14 do *Projeto*, enquanto, no capítulo VII, o sistema responsável por essa função é chamado “pré-consciente”.

Já o pensamento secundário, que é descrito em detalhe nas seções 16, 17 e 18 da Parte I do *Projeto*, assim como na Parte III, é referido brevemente no capítulo VII como uma “complicada atividade de pensamento” que seria “apenas um *rodeio para a realização de desejo*”³⁸⁴. Em conformidade com isto, Freud afirma, no início da Parte III do *Projeto*, que os estados de desejo e de expectativa “contêm a *justificativa biológica* de todo pensar”³⁸⁵. A Carta

³⁸¹ Masson (Ed.), *Sigmund Freud Briefe an Wilhelm Fliess 1887-1904*, 1999, p. 218; Freud, “Carta 52”, *AE*, v. 1, p. 274.

³⁸² Vale lembrar, porém, que mesmo a espacialidade psíquica da *Traumdeutung* cede prioridade ao aspecto da temporalidade, isto é, da sequência pela qual a excitação percorre as instâncias psíquicas.

³⁸³ Masson (Ed.), *Sigmund Freud Briefe an Wilhelm Fliess 1887-1904*, 1999, pp. 325-6. Tradução nossa.

³⁸⁴ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 540, AE 558, LPM 594-5. Tradução nossa.

³⁸⁵ Freud, *Entwurf einer Psychologie*, trad. Osmyr F. Gabbi Jr., 2003, p. 236.

39, de 1º de janeiro de 1896, estabelece com ainda maior firmeza a primazia da fonte endógena como a força que move o aparelho, ao supor que os estímulos recebidos através dos órgãos sensoriais não conduzem quantidade: “A nova hipótese [*Annahme*] também se ajusta melhor ao fato de que os estímulos sensoriais objetivos são tão ínfimos que é difícil derivar a força de vontade [*Willenskraft*] dessa fonte, de acordo com o princípio da constância”³⁸⁶. Portanto, se a sensação “não leva nenhuma Q para ψ ”, haveria de se admitir que “a fonte de energia [*Energie*] de ψ são as vias de condução orgânicas [endógenas]”³⁸⁷. E é de acordo com essa concepção que Freud afirmará, em 1900, que “somente um desejo pode impelir nosso aparelho anímico ao trabalho”³⁸⁸, o que não deixa ao sonho — nem a qualquer outro ato psíquico — a alternativa de ser outra coisa senão uma realização de desejo.

Pode-se dizer que a concepção da consciência como “um órgão sensorial para a apreensão [*Auffassung*] de qualidades psíquicas”³⁸⁹, como é apresentada na seção D do capítulo VII, está de acordo com as formulações das seções 7 e 8 da Parte I do *Projeto*. Ali, a consciência era atribuída ao sistema de neurônios ω , envolvendo a difícil noção de “período” e diversos detalhamentos que não são retomados na *Traumdeutung*. Na seção 12 do *Projeto*, encontramos a descrição da vivência de dor, que é retomada na seção E do capítulo VII, sob o nome de “vivência de pavor” (*Schreckerlebnis*), e encontramos também uma descrição da liberação de afeto, retomada na seção D. A seção 15 do *Projeto*, por sua vez, apresenta a formulação dos processos primário e secundário, rerepresentados na seção E do capítulo VII.

Quisemos, aqui, apenas indicar como grande parte das construções teóricas expostas no capítulo VII da *Traumdeutung* remetem a um regime discursivo que não é derivado diretamente do trabalho da interpretação de sonhos, apesar de não estar desvinculado do apoio na experiência. É instrutivo o que Freud fala a respeito, no início da Parte II do *Projeto*, antes de abordar mais diretamente os problemas da psicopatologia: “A Parte I deste projeto continha o que de certo modo podia derivar-se *a priori* das suposições fundamentais, modelada e corrigida

³⁸⁶ Masson (Ed.), *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess — 1887-1904*, 1986, p. 161; Masson (Ed.), *Sigmund Freud Briefe an Wilhelm Fliess 1887-1904*, 1999, p. 167.

³⁸⁷ Masson (Ed.), *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess — 1887-1904*, 1986, p. 161; Masson (Ed.), *Sigmund Freud Briefe an Wilhelm Fliess 1887-1904*, 1999, p. 167.

³⁸⁸ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 540, AE 559, LPM 595. Tradução nossa.

³⁸⁹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 547, AE 566, LPM 602. Tradução nossa. No capítulo IV, a consciência é apresentada como “um órgão sensorial que percebe um conteúdo dado em outro lugar” (*Die Traumdeutung*, SA 160, AE 163, LPM 165, tradução nossa).

de acordo com diversas experiências factuais”³⁹⁰. Desse modo, parte-se dos postulados do neurônio e da quantidade, construindo um discurso cujo primeiro plano se afirma em um caráter hipotético-dedutivo, mas se articula e se modela a partir de material da experiência. Monzani afirma, por exemplo, que não haveria diferença na natureza da relação entre interpretação e explicação que se estabelece entre a tese da realização de desejo e a exposição metapsicológica do desejo (*Traumdeutung*), por um lado, e entre a observação das ideias hiperintensas na histeria e a formulação do princípio de inércia (*Projeto*), por outro³⁹¹. Haveria, entre as duas obras, apenas uma diferença de grau nesta relação. Assim, na *Traumdeutung*, é necessário, do mesmo modo, o espaço teórico da explicação metapsicológica, cujas “hipóteses são reguladas por outro regime discursivo”³⁹², mas se articulam como fundamento explicativo das características gerais dos sonhos.

³⁹⁰ Freud, *Entwurf einer Psychologie*, trad. Osmyr F. Gabbi Jr., 2003, p. 221.

³⁹¹ Cf. Monzani, *Freud: o movimento de um pensamento*, 1989, p. 114-5.

³⁹² *Ibid.*, p. 113.

2.3. O sonho, a psicopatologia e o aparelho psíquico: estratégias de sustentação epistêmica

O que fizemos na seção anterior foi indicar os limites que o plano epistêmico da obra apresenta, se entendido como a fundamentação, a partir da interpretação dos sonhos, da explicação do aparelho psíquico e dos sintomas neuróticos, o que, se levado ao seu extremo, pareceria nos levar a um abandono da tentativa de compreensão da articulação epistêmica da *Traumdeutung* naqueles termos. Contudo, acreditamos que é possível superar os limites colocados pela primeira leitura do arranjo epistêmico da obra, assim como a tendência a compreendê-la a partir de um arranjo radicalmente diferente. Em uma terceira leitura, procuraremos fazer o que consideramos uma justa apreciação epistemológica desta obra de Freud, levando em conta a prudência demonstrada diante dos limites epistêmicos quanto ao que ultrapassa a experiência com os sonhos, assim como a complexidade das estratégias de sustentação epistêmica das quais se lança mão para contornar essas dificuldades.

Em primeiro lugar, com relação ao esquema do aparelho psíquico, devemos retornar à introdução do capítulo VII, onde encontraremos uma passagem que explicita o caráter hipotético e conjectural das construções teóricas a serem feitas, assim como as dificuldades em justificá-las apenas a partir dos sonhos:

De modo algum podemos chegar a *explicar* [*aufzuklären*] o sonho como processo psíquico, pois *explicar* [*erklären*] significa reconduzir ao conhecido, e no momento não há nenhum conhecimento psicológico ao qual poderíamos subordinar aquilo que se pode deduzir do exame psicológico dos sonhos como princípio explicativo [*Erklärungsgrund*]. Estaremos obrigados, pelo contrário, a apresentar uma série de novas suposições [*Annahmen*] que tocam com conjecturas [*Vermutungen*] a estrutura do aparelho anímico e o jogo das forças nele atuantes, e com relação às quais devemos ter o cuidado de não desdobrá-las muito além da primeira articulação lógica, caso contrário o seu valor cairia no indeterminável. Mesmo se não cometermos nenhum erro no raciocínio [*Schließen*] e levarmos em conta todas as possibilidades logicamente resultantes, a provável incompletude [*Unvollständigkeit*] na indicação dos elementos nos ameaça com o completo fracasso do cálculo. Uma conclusão [*Aufschluß*] sobre a construção e modo de trabalho do instrumento anímico não poderá ser obtida, ou ao menos fundamentada [*begründen*], através da mais cuidadosa investigação do

sonho ou de uma outra operação *isolada* [*vereinzelten*], mas, para essa finalidade, dever-se-á reunir aquilo que, através do estudo comparado de toda uma série de operações psíquicas [*psychischen Leistungen*], se mostra como constantemente necessário.³⁹³

O caráter conjectural das formulações sobre o aparelho psíquico, portanto, coloca a sua construção sob a condição de explicar a operação psíquica do sonho. Porém, aqui é problematizada a singularidade do sonho, não enquanto *uma* formação psíquica, mas enquanto uma operação psíquica *isolada* (*vereinzelt*)³⁹⁴, diante do plano de universalidade de um aparelho psíquico que deve ser responsável por diversas formações psíquicas. Diante dessa impossibilidade de *fundamentar* ou justificar o esquema do aparelho psíquico apenas a partir do sonho, veremos agora que Freud buscará contornar, em alguma medida, a exigência expressa na passagem acima, relacionando o esquema a outras formações psíquicas além do sonho. Além disso, poderemos apontar também uma formulação sobre um aspecto do aparelho que, de fato, não pode ser nem mesmo *obtida* através da investigação do sonho.

Na seção B, onde o esquema linear do aparelho psíquico se articula à explicação da regressão dos pensamentos oníricos a imagens sensoriais, Freud buscará fortalecer a justificação do esquema a partir das indicações de que essa característica dos sonhos também está presente em outros âmbitos:

[...] lembremos aqui que tal transformação de representações [*Vorstellungen*] em imagens sensoriais [*Sinnesbilder*] não é própria apenas do sonho, mas igualmente das alucinações e das visões, que podem aparecer de maneira independente na saúde ou como sintomas de psicose. Em suma, a relação que aqui investigamos não é exclusiva [*ausschließliche*] em nenhum sentido [...].³⁹⁵

Em outro momento, ele argumentará que o caráter regressivo dos sonhos está presente também, ainda que em menor medida, no funcionamento normal. “Essa regressão é”, diz Freud,

³⁹³ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 490, AE 506, LPM 537-8. Tradução nossa.

³⁹⁴ A singularidade do isolamento se expressa, na língua alemã, a partir da semelhança morfológica e semântica entre *vereinzelt*, isolado, e *einzel*, singular, cujos sentidos se recobrem em alguns de seus usos.

³⁹⁵ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 512, AE 529, LPM 563. Versão da L&PM.

“seguramente uma das propriedades psicológicas do processo onírico”; mas nos lembra que essa característica não se limita aos sonhos, mas também está presente em alguns processos psíquicos da vida de vigília, como a rememoração deliberada. Porém, nesse caso, a regressão só vai até as imagens mnêmicas, não chegando a alcançar as imagens perceptivas e aluciná-las.

A associação da regressão às alucinações na histeria e na paranoia, assim como nas visões de pessoas normais, serve certamente como apoio à justificação do esquema tópico. Porém, por outro lado, ela vem como uma contribuição à teoria do sonho a partir da psicopatologia, envolvendo a suposição de que seria necessário que os pensamentos que sofrem a regressão estejam ligados a lembranças reprimidas. Freud havia argumentado que uma diminuição da censura durante o sono não seria capaz de explicar o caráter alucinatório dos sonhos, pois se assim fosse teríamos sonhos semelhantes ao nosso pensamento de vigília. Por outro lado, o que ocorre seria uma regressão aos sistemas psíquicos anteriores, até o sistema perceptivo. Porém, como, na vigília, a censura também exerce o seu poder na fronteira entre o pré-consciente e o inconsciente, e nem assim os pensamentos costumam tomar o sentido regressivo, haveria de se explicar por que o fazem no sonho. Uma possível explicação disso estaria em supor uma modificação nas condições de excitação, já que o fluxo energético da percepção cessaria durante o sono, portanto esta via estaria livre para ser percorrida em seu sentido inverso. Porém, diz-nos Freud, “ao explicar a regressão do sonho precisaremos considerar aquelas outras regressões que ocorrem em estados patológicos da vigília”³⁹⁶, onde o fluxo de excitações da percepção continua ativo. Assim, Freud afirma que as alucinações ocorridas na vigília, nos estados patológicos ou em pessoas normais, precisam cumprir a exigência de que os pensamentos transformados em imagens sensoriais estejam ligados a recordações suprimidas ou que permaneceram inconscientes, que seriam, em sua maioria, lembranças infantis. Ele dá dois exemplos de análise de alucinações de pacientes histéricos que ilustram e corroboram a sua explicação, remetendo também a mais material. E, tendo em mente “o papel que as experiências infantis ou as fantasias nelas baseadas desempenham nos pensamentos oníricos, a frequência [*häufig*] com que seus fragmentos reaparecem no conteúdo do sonho, e como o próprio desejo onírico frequentemente [*häufig*] deriva delas”, Freud acolhe, também para o sonho, a “possibilidade” de que a atração exercida pelas lembranças inconscientes seja um fator causal das alucinações oníricas. E, desse modo, formula que o sonho

³⁹⁶ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 520, AE 537-8, LPM 572. Versão da L&PM.

poderia ser descrito como “*o substituto da cena infantil, alterado pela transposição ao recente*”³⁹⁷. O estatuto dessa formulação parece dúbio, se tomado universalmente, mas pensamos que ela deve ser entendida como uma hipótese ou suspeita, transposta ao sonho a partir de conhecimento bem estabelecido na investigação das psiconeuroses, como vimos detidamente na seção anterior.

Freud resume as conclusões a que chegou sobre o caráter alucinatório dos sonhos, ou seja, a sua propensão a transformar os pensamentos oníricos em imagens sensoriais. Este aspecto dos sonhos é explicado pelo conceito de regressão, para o qual são discernidos três fatores causais: a resistência que impede a penetração de um pensamento na consciência pela via normal, a atração exercida nos pensamentos pelas recordações que mantêm vivacidade sensorial, e a cessação da corrente progressiva que, durante o dia, parte dos órgãos sensoriais. O primeiro e o segundo fatores, vale notar, são responsáveis pela regressão enquanto um fenômeno mais geral, já que as regressões que ocorrem durante a vigília não contam com o auxílio da cessação do fluxo da percepção. Em um acréscimo de 1914, Freud ainda busca ressaltar a importância da regressão para a teoria dos sintomas neuróticos, colocando-a mais uma vez como um fenômeno que transvasa o âmbito restrito dos sonhos. Ele distingue aí três tipos de regressão, a tópica, a temporal e a formal, que no fundo seriam uma só.

Desse modo, o que vemos se delinear é que, a partir de uma característica geral dos sonhos, Freud encadeia uma exposição do esquema do aparelho psíquico, apesar de este esquema ser construído, como vimos, sob outro regime discursivo. Mas, como o aparelho psíquico não pode ser responsável apenas pela produção de sonhos, Freud o articula ao caráter regressivo de diversas outras formações psíquicas, patológicas e normais, que, junto ao caráter alucinatório dos sonhos, confirmam o valor epistêmico do esquema tópico. Assim, em certo sentido, a explicação de algumas formações psicopatológicas está sendo fundamentada na explicação do sonho; contudo, também a compreensão das formações patológicas retroagirão na explicação da regressão onírica, legando-lhe a hipótese sobre a atração exercida pelas lembranças infantis. A relação epistêmica entre teoria do sonho e teoria da neurose parece ter de ser descrita, portanto, como uma via de mão dupla, ou, se o quisermos, poderia também ser descrita como uma relação de subordinação recíproca.

³⁹⁷ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 522, AE 540, LPM 574. Tradução nossa.

Na seção C, como vimos, a argumentação se descola em alguma medida da experiência, afirmando não apenas que o sonho é sempre uma realização de desejo, mas que é a realização de um desejo do inconsciente, ou, enunciado de modo mais geral, de um desejo infantil. A partir daí, Freud lança mão do esquema do aparelho psíquico, que vem sustentar no plano metapsicológico a universalidade da referida tese. Como vimos na seção E, aquilo que vem apoiar a afirmação da universalidade do desejo inconsciente infantil é a transposição de uma tese proveniente da psicologia das neuroses para os sonhos, o que é justificado a partir de uma analogia entre o sonho e os sintomas neuróticos. Aqui, do mesmo modo como vimos na seção B, se caracteriza uma certa subordinação da teoria do sonho à teoria das neuroses. Porém, enquanto a experiência da clínica das neuroses amparava a generalidade da referida tese, não se dá o mesmo com os sonhos, onde o desejo infantil é comprovado frequentemente, mas não de modo tão geral. Por isso, o que, na teoria das neuroses, era uma tese, passa ao estatuto de uma hipótese, de modo que a teoria do sonho permanece atenta à experiência e respeitando-a — motivo pelo qual não se afirma simplesmente a referida proposição como uma tese —, mas em certa medida a teoria do sonho permanece “insubordinada” à experiência mais evidente, devido à suspeita que se mostrou justificada em muitos casos, e que se justifica também a partir da psicologia das neuroses. O que podemos observar é, portanto, mais uma vez, uma subordinação recíproca entre a teoria do sonho e a teoria das neuroses.

E, partindo desta hipótese sobre a universalidade do desejo inconsciente infantil, o esquema do aparelho psíquico vem também em apoio dela, o que caracteriza, por sua vez, uma subordinação da teoria do sonho à explicação metapsicológica, como mostrou Monzani, fundando a universalidade da tese da realização de desejo, que havia sido enunciada e defendida nos primeiros capítulos da obra. A afirmação que se segue na seção C, por outro lado, vem indicar uma subordinação em sentido inverso, ao pôr o direito de cidadania do esquema do aparelho psíquico sob a condição de explicar não apenas o sonho, mas também outras formações psíquicas:

Se agora quisermos insistir, ainda que por apenas mais um momento, no direito de desenvolver especulações [*Spekulationen*] psicológicas tão amplas a partir da interpretação dos sonhos, temos a obrigação de mostrar que por meio delas

inserimos o sonho numa concatenação que também pode abranger outras formações psíquicas.³⁹⁸

Desse modo, o esquema metapsicológico, tendo seu estatuto epistêmico sido posto diante de uma questão de direito, encontra nos sintomas neuróticos, sem dificuldades, a justificativa de que necessita enquanto recurso explicativo:

Se existe um sistema do *Ics* – ou algo análogo [*Analoges*] a ele para nossas explicações –, então o sonho não pode ser sua única manifestação [*Äusserung*]; todo [*jeder*] sonho pode ser uma realização de desejo, mas ainda têm de existir, além dos sonhos, outras formas anormais de realização de desejo. E, de fato, a teoria de todos os sintomas psiconeuróticos culmina na tese [*Satz*] de que *eles também devem ser compreendidos como realizações de desejo do inconsciente*.³⁹⁹

Portanto, a concepção do aparelho psíquico com algo que só pode ser movido por um desejo encontra apoio não apenas nos sonhos, mas também na explicação dos sintomas neuróticos — na explicação de uma série de formações psíquicas, como exigia Freud na introdução do capítulo VII. Assim, segundo nos parece, isto também se põe de acordo com a formulação de Monzani de uma subordinação recíproca entre interpretação e explicação. Além do papel desempenhado pela explicação metapsicológica de fundamentação da universalidade da tese, estaria em questão a subordinação do esquema não só à explicação dos sonhos, mas também de outras operações psíquicas, e assim o âmbito da interpretação ou da experiência se expande ao menos para a série de formações psíquicas que inclui o sonho e os sintomas neuróticos.

Continuando com a exposição do capítulo VII, adentramos a seção D, onde se encadeará formulações metapsicológicas gerais com a explicação do sonho, em especial a questão da função do sonho e do sonho de angústia. Ao fazer uma retomada resumida do processo de formação do sonho, Freud intercala uma observação metapsicológica sobre a consciência. Como já havia sido enunciado no capítulo IV, de modo passageiro, a consciência é concebida como

³⁹⁸ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 541, AE 560, LPM 596. Versão da L&PM.

³⁹⁹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 541-2, AE 560, LPM 596-7. Versão da L&PM.

“um órgão sensorial para a apreensão [*Auffassung*] de qualidades psíquicas”⁴⁰⁰. Mas aqui se desenvolve melhor a questão. A consciência possuiria duas superfícies sensoriais: uma voltada para a periferia do aparelho, para o sistema perceptivo, e outra voltada para o interior do aparelho, inicialmente limitada às excitações de prazer e desprazer. Freud adota a hipótese de que haveria uma regulação automática dos investimentos a partir das excitações de prazer e desprazer. No entanto, com a necessidade de um modo de operação mais refinado, independente das excitações de desprazer, o pré-consciente teria se associado com o sistema mnêmico dos signos linguísticos, que seria dotado de qualidade e portanto capaz de atrair a consciência para alguns processos de pensamento do interior do aparelho.

A partir daí, Freud supõe que, no sono, a superfície da consciência voltada para o pré-consciente torna-se menos excitável, o que se coaduna com o interesse do desejo de dormir, em virtude do qual o pré-consciente não quer ser incomodado pela atividade do pensamento. Porém, uma vez que o pensamento do sonho tomou a via regressiva e retornou sob a forma de percepção, é atingida a superfície da consciência voltada para o sistema perceptivo, de modo a acionar a atenção do pré-consciente. Desse modo, apesar do desejo de dormir, o sonho sempre desperta, em alguma medida, o pré-consciente, mas esse despertar é ainda compatível com aquele desejo, provavelmente por representar um menor dispêndio energético do que o esforço em reprimir o desejo inconsciente durante toda a noite. Aqui, Freud afirma não conhecer as relações de energia em questão, mas diz que “provavelmente” se trata de uma economia de energia. A passagem revela um cuidado na construção da explicação metapsicológica, que, ainda que não seja realizada a partir de uma observação empírica mais direta das relações de energia em questão, não é feita de modo desregrado, mas a partir de certos princípios reguladores.

Com a consideração à afirmação de que os desejos inconscientes permanecem sempre ativos, o que foi depreendido da observação das neuroses, sobretudo da histeria, surge uma questão que levará a uma formulação metapsicológica geral e a um esclarecimento sobre a função dos sonhos. Afinal, se o desejo inconsciente foi capaz de despertar em alguma medida o pré-consciente, com a formação do sonho, o que faz com que ele não continue perturbando o sono repetidamente, como uma mosca que sempre retorna após ser enxotada?

⁴⁰⁰ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 547, AE 566, LPM 602. Tradução nossa. No capítulo IV, a consciência é apresentada como “um órgão sensorial que percebe um conteúdo dado em outro lugar” (*Die Traumdeutung*, 1900, SA 160, AE 163, LPM 165, tradução nossa).

A formulação geral concerne à distinção entre os estados ligado e livre da excitação, e é seguida de um esclarecimento de como isso se aplica na metapsicologia do sonho:

Portanto, há duas saídas para cada processo inconsciente de excitação. Ou ele fica entregue a si mesmo, finalmente irrompe por um lugar qualquer e consegue uma descarga na motilidade para sua excitação, ou é submetido à influência do pré-consciente e sua excitação é *ligada* por este em vez de *descarregada*. *Essa ligação, porém, é o que acontece no processo onírico*. O investimento que, da parte do *Pcs*, vai ao encontro do sonho (transformado em percepção) porque foi dirigido até ele pela excitação da consciência liga a excitação inconsciente do sonho e a torna inofensiva como perturbação.⁴⁰¹

Esse processo de ligação havia sido descrito em detalhe no *Projeto*⁴⁰², e é justamente ele que, para Freud, caracteriza a função do sonho:

[O sonho] assumiu a tarefa de colocar novamente sob o domínio [*Herrschaft*] do pré-consciente a excitação do *Ics* deixada livre; nisso, ele descarrega a excitação do *Ics*, serve-lhe de válvula de escape e ao mesmo tempo protege o sono do pré-consciente em troca de um pequeno gasto de atividade de vigília.⁴⁰³

Na medida em que realiza os desejos das duas instâncias psíquicas, o sonho se apresenta como um compromisso, assim como os sintomas neuróticos, sendo aí onde reside a sua identidade com eles, como já vimos. É isso o que há de universal, de “comum a todos” (*allgemein*) os membros deste gênero de formações psíquicas. E, se o sonho assumiu a função de pôr a excitação do inconsciente sob o domínio do pré-consciente, Freud também afirmara que a psicoterapia da histeria (ou das neuroses em geral) “*não pode tomar outro caminho senão o de submeter o Ics ao domínio [Herrschaft] do Pcs*”⁴⁰⁴.

⁴⁰¹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 550-1, AE 569-70, LPM 606-7. Versão da L&PM.

⁴⁰² Cf. Freud, *Entwurf einer Psychologie*, trad. Osmyr F. Gabbi Jr., 2003, p. 242.

⁴⁰³ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 551, AE 570, LPM 607. Versão da L&PM.

⁴⁰⁴ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 550, AE 569, LPM 606. Versão da L&PM.

Há o caso, porém, em que há uma incompatibilidade entre os dois desejos cuja realização é levada a cabo pelo sonho. O sonho não é capaz de levá-los a uma solução de compromisso. Trata-se do caso do sonho de angústia, no qual o desejo inconsciente que busca a sua realização perturba o pré-consciente de um modo excessivamente intenso, despertando-o plenamente através da geração de angústia. Nesse caso, a função do sonho fracassa, mas este não deixa de ser uma realização de desejo. Os sonhos de angústia, que seriam a mais forte objeção à tese da realização de desejo, são explicados do seguinte modo: “o desejo pertence a um sistema, o *Ics*, enquanto o sistema do *Pcs* rejeitou [*verworfen*] e reprimiu [*unterdrückt*] esse desejo”⁴⁰⁵, o qual é, por isso, sentido pelo *Pcs* como desprazeroso.

A questão da angústia leva Freud à explicação metapsicológica geral sobre os afetos, em sua relação com o recalçamento:

[...] vamos propor a tese de que a repressão [*Unterdrückung*] do *Ics* se torna necessária sobretudo porque o fluxo de representações no *Ics*, deixado a si mesmo, liberaria um afeto que originalmente tinha o caráter de prazer, mas desde o processo do recalçamento [*Verdrängung*] leva o caráter de desprazer. A repressão [*Unterdrückung*] tem a finalidade [*Zweck*], mas também o resultado, de impedir essa geração de desprazer.⁴⁰⁶

A exposição continua, detendo-se sobre o mecanismo de liberação do afeto, que, no *Projeto*, constava sob a rubrica dos “neurônios-chave”, cuja alusão aqui pode ser facilmente notada:

Serve-nos de base aqui uma hipótese [*Annahme*] bem determinada sobre a natureza da geração de afeto. Essa liberação é vista como uma função [*Leistung*] motora ou secretória, cuja chave de inervação [*Innervationsschlüssel*] se encontra nas representações do *Ics*. Mediante a dominação [*Beherrschung*] por parte do *Pcs*, essas representações são por assim dizer estranguladas, inibidas na emissão de impulsos [*Impulse*] geradores

⁴⁰⁵ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 552, AE 571-2, LPM 608-9. Versão da L&PM.

⁴⁰⁶ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 553-4, AE 573, LPM 610. Versão da L&PM. Se não se considerasse uma distinção entre *Unterdrückung* e *Verdrängung*, haveria aqui uma explicação circular do surgimento do recalçamento: ele haveria se tornado necessário desde que, *depois dele*, certas representações produzem o desprazer.

de afetos. O perigo, quando cessa o investimento [*Besetzung*] por parte do *Pcs*, consiste assim em que as excitações inconscientes liberem tal afeto, que – em consequência do recalçamento [*Verdrängung*] antes efetuado – pode ser percebido apenas como desprazer, como angústia.⁴⁰⁷

É a esse perigo que se está exposto no sonho, explicará Freud. É apenas por conta da libertação do inconsciente durante o sono que o tema dos sonhos se relaciona com a questão da geração de angústia, e por isso obriga Freud a dedicar-lhe algumas linhas, mas ele insiste que este não é um problema da teoria do sonho, mas da psicologia das neuroses. Após a explicação metapsicológica, são apresentadas as análises de alguns sonhos, com o fim de indicar a origem sexual da angústia neles. Trata-se de um sonho do próprio Freud, um sonho de um paciente de 27 anos e um sonho de um garoto de 13 anos, este relatado por Debacker e tomado por Freud como exemplo da incompreensão mostrada pelos outros autores.

As relações epistêmicas que se caracterizam aqui, em primeiro lugar, mostram a subordinação recíproca entre a interpretação de sonhos e a explicação metapsicológica, quando as formulações sobre a consciência e sobre os estados ligado e livre da excitação se articulam à descrição do processo de ligação da excitação que caracteriza a função do sonho. Não se deve deixar de notar, ainda, que a força irrefreável dos desejos inconscientes, observada a partir das neuroses, tem também aí um papel importante na argumentação, colocando a necessidade de uma explicação para o fato de o desejo não acordar inteiramente o pré-consciente. Ademais, a descrição metapsicológica desse processo de ligação, entendido como um processo de dominação, é articulado não só à função dos sonhos, mas também à psicoterapia das neuroses, estendendo mais uma vez o âmbito da interpretação. Quando se toca na questão dos sonhos de angústia, articulado também a uma exposição metapsicológica (sobre a natureza dos afetos), a relação com as neuroses passa a ser mais íntima, colocando as dificuldades às quais Freud se queixava quanto aos pontos em que a teoria do sonho se relaciona com a teoria da neurose, tornando difícil decidir-se até que ponto entrar no problema dos sintomas neuróticos.

Na seção E, após estabelecer a identidade entre os processos formadores do sonho e dos sintomas histéricos, de modo a justificar a transposição para o sonho da tese que afirma a necessidade do desejo infantil recalçado para a produção desses processos, Freud adentra

⁴⁰⁷ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 554, AE 573, LPM 610. Versão da L&PM.

novamente o esquema metapsicológico geral, para agora enunciar a formulação dos processos primário e secundário e do recalçamento. Sabemos que estas concepções têm seu precedente histórico, por um lado, na clínica dos sintomas neuróticos e, por outro, no *Projeto*, de modo que, a estes dois suportes de sua sustentação epistêmica, se acrescenta, naturalmente, o sonho.

“Aprofundamo-nos na ficção [*Fiktion*] de um aparelho psíquico primitivo [*primitiven*]”, diz Freud, “cujo trabalho é regulado pelo esforço de evitar a acumulação de excitação e se conservar o mais livre possível de excitações”⁴⁰⁸. Freud retoma a exposição, feita nas seções anteriores, do aparelho em seu desenvolvimento, que descreve a vivência de satisfação, o desejo, a regulação pelas sensações de prazer e desprazer e a realização alucinatória do desejo. Como esta não era capaz de fazer cessar a estimulação interna, foi necessário um segundo sistema ou atividade, que agora inibiria a alucinação e direcionaria a excitação por outras vias, buscando modificar o mundo externo de tal modo que a realização do desejo fosse alcançada mediante uma percepção real do objeto desejado. Isso é o que já foi formulado até o momento. “Prossigamos agora com nossas hipóteses [*Annahmen*]”⁴⁰⁹, diz Freud.

O segundo sistema, que lança e recolhe seus investimentos, testando os caminhos de pensamento disponíveis que possam levar à percepção desejada, precisa ter acesso a todo o material mnêmico disponível. Porém, não seria interessante que ele deixasse escoar, em cada uma dessas vias, uma grande quantidade de energia, pois é preciso manter armazenado um certo nível de quantidade para a realização da modificação do mundo externo. Desse modo, Freud postula que o sistema enviaria apenas pequenas parcelas da quantidade de energia disponível, mantendo o resto em repouso, e, enfim, quando encontrasse o caminho correto e obtivesse a percepção desejada, liberaria o escoamento da excitação através da motilidade. Após uma observação sobre o desconhecimento da mecânica dos processos descritos⁴¹⁰, Freud enuncia

⁴⁰⁸ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 568, AE 587, LPM 626. Versão da L&PM. Acreditamos que não se deva tomar essa caracterização do esquema como uma “ficção” como a evidência de uma ficcionalidade estrita das formulações metapsicológicas em geral, mas apenas como uma renúncia à pretensão de realidade deste “aparelho psíquico primitivo”, a partir do reconhecimento de que não temos notícia de um aparelho que não possua processos secundários. Dirá Freud mais adiante: “É verdade que até onde sabemos não existe um aparelho psíquico que tivesse apenas o processo primário, e nesse sentido ele é uma ficção teórica [*eine theoretische Fiktion*]” (*Die Traumdeutung*, 1900, SA 572, AE 592, LPM 631, versão da L&PM).

⁴⁰⁹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 569, AE 588, LPM 627. Versão da L&PM.

⁴¹⁰ “A mecânica desses processos é completamente desconhecida para mim; quem quisesse levar essas ideias a sério deveria escolher analogias físicas [*physikalischen Analogien*] e abrir um caminho para a ilustração [*Veranschaulichung*] do processo de movimento que ocorre na excitação neuronal [*Neuronenerregung*]” (*Die Traumdeutung*, 1900, SA 569, AE 589, LPM 627-8, versão da L&PM).

aquilo que mais especialmente lhe interessa nesse contexto, que é a distinção entre uma inibição e um livre escoamento das excitações:

Apenas me ateno à ideia de que a atividade do primeiro sistema ψ está orientada para o *livre escoamento das quantidades de excitação* e que o segundo sistema, por meio dos investimentos que partem dele, produz uma *inibição [Hemmung]* desse escoamento, uma transformação em investimento em repouso, certamente com uma elevação de nível.⁴¹¹

A consideração da “vivência externa de pavor” (*äussere Schreckerlebnis*), o correlato da vivência de satisfação, leva a uma questão importante, ao relacionar essa atividade de inibição com o aqui chamado “princípio de desprazer” (*Unlustprinzip*). Se ocorrer ao aparelho um estímulo perceptivo que seja a fonte de uma estimulação dolorosa, se seguirão descargas motoras desordenadas que, eventualmente, resultarão na cessação da dor e no desaparecimento da percepção a ela relacionada, e, se porventura esta percepção se repetir no futuro, o aparelho executará as mesmas manifestações motoras que levaram ao desaparecimento da dor. No caso da vivência de pavor, ao contrário da vivência de satisfação, onde haveria uma tendência a reinvestir a percepção que está em jogo, haveria, por outro lado, uma tendência a evitar o investimento do traço mnêmico relacionado à percepção tida como a fonte da excitação dolorosa, pois isso levaria à produção de desprazer. “Esse afastamento fácil e normal [*regelmäßig*] do processo psíquico em relação à lembrança daquilo que foi desagradável”, que é facilitado pelo fato de esta não possuir qualidade suficiente para atrair o investimento da atenção, “nos dá o modelo [*Vorbild*] e o primeiro exemplo do *recalcamento psíquico [psychischen Verdrängung]*”⁴¹².

Os processos acima descritos estavam relacionados a um “aparelho primário”, isto é, ao primeiro sistema. O segundo sistema, por sua vez, que precisa dispor de todo o material mnêmico para o seu processo de pensamento, incluindo as recordações desprazerosas, tem de encontrar um meio de inibir o desprazer que decorreria do investimento delas, pois também ele

⁴¹¹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 569, AE 589, LPM 628. Versão da L&PM.

⁴¹² *Die Traumdeutung*, 1900, SA 570, AE 590, LPM 628-9. Versão da L&PM.

não pode ignorar o princípio do desprazer. A afirmação que Freud fará em seguida é apresentada como “a chave da teoria do recalçamento”:

[...] *o segundo sistema apenas pode investir uma representação quando é capaz de inibir a geração de desprazer que parte dela.* O que escapasse dessa inibição também permaneceria inacessível ao segundo sistema, seria abandonado de imediato em consequência do princípio do desprazer. Entretanto, a inibição do desprazer não precisa ser completa; um começo de desprazer precisa ser admitido, pois indica ao segundo sistema a natureza da lembrança e talvez sua falta de aptidão para o fim buscado pelo pensar.⁴¹³

Freud apresenta agora o processo psíquico relacionado ao primeiro sistema, caracterizado pelo livre escoamento da energia, como *processo primário*, enquanto o processo relacionado ao segundo sistema e caracterizado pela inibição que ele exerce nas excitações é denominado *processo secundário*. O processo primário busca satisfazer as excitações internas através de uma reanimação alucinatória da imagem mnêmica relacionada à vivência de satisfação, isto é, através de uma *identidade perceptiva*; o processo secundário, por sua vez, busca essa satisfação explorando os caminhos de pensamento que possam levar a uma modificação do mundo externo, isto é, busca uma *identidade de pensamento*, que não deixa de ser um rodeio para a realização do desejo. Porém, como a geração de desprazer relacionada a algumas recordações pode trazer eventualmente dificuldades ao processo de pensamento, será necessário inibir a quantidade de afeto liberada no processo a apenas um mínimo que possa servir de sinal da natureza desprazerosa de um traço mnêmico específico. Esse refinamento do processo de pensamento é obtido através de um “superinvestimento” (*Überbesetzung*) da atenção conduzida pela consciência, que passa a regular o processo a partir de uma outra série de qualidades que não a de prazer-desprazer.

Freud dirá que esse processo de pensamento refinado não chegará a dominar completamente nem mesmo a vida psíquica normal, de modo que o pensar permanece suscetível ao erro em virtude da influência do princípio do desprazer. Mas “a lacuna na capacidade

⁴¹³ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 571, AE 590, LPM 629-30. Versão da L&PM.

funcional” do aparelho que possibilita a formação dos sonhos e dos sintomas histéricos reside em algo mais fundamental, estando no bojo da explicação do recalçamento:

A insuficiência resulta da conjunção de dois fatores oriundos de nossa história evolutiva, dos quais um deles cabe inteiramente ao aparelho psíquico e exerceu uma influência decisiva sobre a relação entre os dois sistemas, e o outro se impõe numa proporção variável e introduz forças impulsoras [*Triebkräfte*] de origem orgânica na vida psíquica [*Seelenleben*]. Ambos provêm da vida infantil e são um sedimento da alteração que nosso organismo psíquico [*seelischer*] e somático [*somatischer*] sofreu desde os tempos infantis.⁴¹⁴

O primeiro fator decorreria do fato de que, enquanto os processos primários existem no aparelho desde o começo, os processos secundários “se constituem apenas gradativamente no decorrer da vida, inibem e recobrem os primários e talvez alcancem domínio completo sobre eles apenas no apogeu da vida”⁴¹⁵. Assim se explica, portanto, a limitação no âmbito de ação e de acesso do pré-consciente:

Em consequência dessa chegada retardada dos processos secundários, o cerne de nosso ser [*der Kern unseres Wesens*], constituído de moções de desejo inconscientes, permanece inapreensível e não passível de inibição para o pré-consciente, cujo papel é limitado de uma vez por todas a indicar os caminhos mais adequados às moções de desejo provindas do inconsciente. [...] Em consequência desse retardamento, uma grande região do material mnêmico também permanece inacessível ao investimento pré-consciente.⁴¹⁶

E a observação seguinte enuncia a concepção do recalçamento como uma transformação do afeto:

⁴¹⁴ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 572, AE 592, LPM 631. Versão da L&PM.

⁴¹⁵ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 572, AE 592, LPM 631. Versão da L&PM.

⁴¹⁶ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 572-3, AE 592-3, LPM 631. Versão da L&PM. A frase que omitimos na citação dessa passagem também tem um outro interesse, pois parece ser uma antecipação da concepção da sublimação: “Esses desejos inconscientes representam uma coação para todas as aspirações psíquicas posteriores, à qual têm de se submeter e que talvez possam se empenhar em desviar e dirigir a metas mais elevadas”.

Entre essas moções de desejo indestrutíveis e não passíveis de inibição oriundas do infantil também se encontram aquelas cujas realizações entraram numa relação de contradição com as representações-meta [*Zielvorstellungen*] do pensar secundário. A realização desses desejos não produziria mais um afeto de prazer, e sim um afeto de desprazer, e justamente essa transformação do afeto constitui a essência [*Wesen*] daquilo que chamamos de “recalcamento” [*Verdrängung*].⁴¹⁷

Com essa formação retardada do processo secundário, as recordações que, investidas a partir do desejo inconsciente, geram afeto de desprazer, nunca foram acessíveis ao pré-consciente, que não pode, assim, investi-las de modo a inibir a liberação de desprazer, e portanto não pode investi-las de modo nenhum. Se estas representações transferiram (*übertragen*) sua força de desejo (*Wunschkraft*) a certos pensamentos pré-conscientes, também não podemos acessá-las através deles, pois, em virtude do princípio do desprazer, o pré-consciente também abandona o investimento desses pensamentos, que, outrora disponíveis ao pré-consciente, encontram-se agora “recalcados” (*verdrängt*). Desse modo, afirma Freud, “a existência de um patrimônio mnêmico infantil, subtraído desde o início ao *Pcs*, se torna pré-condição do recalcamento [*Verdrängung*]”⁴¹⁸. Nesse caso de pensamentos pré-conscientes que tiveram transferido para si o investimento do inconsciente e portanto foram recalcados, interrompendo a liberação de desprazer, pode-se considerar que o princípio de desprazer atuou de modo adequado. Porém, se o desejo inconsciente, o qual transfere sua intensidade para aquele pensamento, encontra um “reforço orgânico” (*organische Verstärkung*), ele pode impelir os pensamentos recalcados a irromper no pré-consciente, que então procurará defender-se por meio de um “contra-investimento” (*Gegenbesetzung*). Como resultado desse conflito, se dará então a irrupção desses pensamentos⁴¹⁹ “sob uma forma qualquer de compromisso por meio de formação de sintoma”⁴²⁰, o que se realizará sob o domínio do processo primário.

A articulação da explicação metapsicológica do recalcamento, como vemos, passa a ser articulada aos sintomas neuróticos. “Descobrimos anteriormente de maneira empírica

⁴¹⁷ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 573, AE 593, LPM 632. Versão da L&PM.

⁴¹⁸ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 573, AE 593, LPM 632. Versão da L&PM.

⁴¹⁹ Ao longo dessa passagem, Freud refere-se a esses pensamentos que têm o investimento energético do desejo inconsciente transferido para si com a expressão *Übertragungsgedanken*.

⁴²⁰ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 574, AE 594, LPM 633. Versão da L&PM.

[*empirisch*]", afirma Freud, "que os processos incorretos descritos ocorrem apenas com pensamentos que se encontram recalçados [*in der Verdrängung*]"⁴²¹. Estamos, portanto, na articulação epistêmica que, assim como o fez no caso do desejo infantil, transpõe das neuroses para o sonho a tese sobre o recalçamento. Com efeito, é às neuroses que Freud recorrerá aqui para a explicação do recalçamento, introduzindo as "forças sexuais" — as "pulsões sexuais", se quisermos adiantar o futuro — para indicar, ao que parece, aquilo a que havia aludido como um "reforço orgânico":

A teoria das psiconeuroses afirma com segurança excludente [*ausschließender*; leia-se universal] que apenas moções sexuais de desejo [*sexuelle Wunschregungen*] oriundas do infantil podem experimentar o recalçamento (transformação do afeto) nos períodos de desenvolvimento da infância, ser capazes de uma renovação em períodos de desenvolvimento posteriores – seja em consequência da constituição sexual, que afinal se forma a partir da bissexualidade original, seja em consequência de influências desfavoráveis sobre a vida sexual – e assim fornecer as forças impulsoras [*Triebkräfte*] para toda formação psiconeurótica de sintoma. Apenas mediante a introdução dessas forças sexuais [*sexuellen Kräfte*] é que podemos preencher as lacunas ainda apresentadas pela teoria do recalçamento.⁴²²

Vemos que a sexualidade infantil, descoberta empiricamente a partir das neuroses, é o que seria capaz de completar a explicação do recalçamento. Porém, Freud não empreenderá aqui mais uma transposição teórica das neuroses aos sonhos, mantendo-se mais cauteloso quanto a esse aspecto: "Quero deixar em aberto se as exigências do sexual e do infantil também podem ser feitas à teoria do sonho; deixo-a incompleta nesse ponto porque já com a hipótese [*Annahme*] de que o desejo onírico provém sempre [*jedesmal*] do inconsciente dei um passo além do demonstrável [*Beweisbare*]"⁴²³. Aqui parece ficar mais claro que este momento da explicação metapsicológica já não se articula preferencialmente ao sonho, mas às neuroses, apesar de ainda

⁴²¹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 574, AE 594, LPM 633. Versão da L&PM.

⁴²² *Die Traumdeutung*, 1900, SA 574-5, AE 595, LPM 633-4. Versão da L&PM modificada. Onde o texto alemão diz "*sexuelle Wunschregungen aus dem Infantilen*", a versão da L&PM diz "moções de desejo oriundas do infantil". Há um lapso que omite o "sexuais".

⁴²³ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 575, AE 595, LPM 634. Versão da L&PM.

manter-se, certamente, como um plano explicativo que pode ser articulado a toda uma série de formações psíquicas que, naturalmente, inclui o sonho.

A cautela e o reconhecimento de certa incompletude na teoria do sonho põe o acento nas limitações do empreendimento epistêmico da obra. Aqui, uma nota de rodapé lista outros pontos lacunares. Um dos problemas no qual não adentrou, diz Freud, foi a razão pela qual “os pensamentos oníricos também sofrem a distorção pela censura no caso em que renunciam ao avanço progressivo até a consciência e se decidem pelo caminho da regressão”⁴²⁴; afirma também ter evitado “a interpretação de sonhos com conteúdo manifestamente sexual”, pois para isso precisaria se “envolver profundamente nos problemas ainda não esclarecidos da perversão e da bissexualidade”⁴²⁵. Além disso, Freud evitou precisar uma distinção entre o emprego dos termos *unterdrückt* e *verdrängt*, mas afirma que esta deveria ser entendida no sentido de que “a última [*verdrängt*] acentua com mais força do que a primeira o pertencimento ao inconsciente”⁴²⁶.

Invertendo a ênfase anterior em uma atitude mais cautelosa, em uma indicação de certos limites epistêmicos, Freud lança-se agora a uma tendência de generalização epistêmica. Trata-se de uma questão de importância capital, que, como Freud reconhece, submete de algum modo toda a elaboração anterior: “apenas por causa desse ponto incluí aqui todas as discussões sobre os dois sistemas psíquicos, seus modos de trabalho e o recalçamento”⁴²⁷. Uma observação aponta que não importa o grau de correção dessas formulações, passíveis de serem modificadas, mas que “permanece válido que tais processos estão ativos na formação do sonho e que no essencial [*im wesentlichen*] mostram uma grandíssima analogia [*die größte Analogie*] com os processos reconhecidos na formação histórica de sintomas”⁴²⁸. Portanto, parece que a atitude de Freud com relação às suas formulações metapsicológicas não se caracteriza como um realismo estrito que toma sua construção teórica como algo definitivamente adequado à realidade, mas também rejeita um antirrealismo ou ficcionalismo que excluísse a visada de uma referência a processos efetivamente existentes⁴²⁹. Mesmo que o esquema não descreva o real de modo inteiramente

⁴²⁴ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 575, AE 595, LPM 634. Versão da L&PM.

⁴²⁵ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 575, AE 595, LPM 634. Versão da L&PM.

⁴²⁶ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 575, AE 595, LPM 634. Versão da L&PM.

⁴²⁷ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 576, AE 596, LPM 635. Versão da L&PM.

⁴²⁸ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 576, AE 596, LPM 635. Versão da L&PM.

⁴²⁹ Para uma discussão extensa da questão, cf. Simanke, “Realismo e antirrealismo na interpretação da metapsicologia freudiana”, 2009.

acertado, algumas afirmações de Freud levam-nos a pensar que ele poderia ser entendido como uma construção “aproximadamente correta” daquilo que está em ação no processo do sonho. Além disso, a passagem enuncia “a maior analogia” entre os processos de formação do sonho e do sintoma histérico. O uso desta expressão para caracterizar a relação das duas formações psíquicas já contrasta um pouco com a atribuição de uma “completa identidade”, como foi feito anteriormente, e, além disso, Freud também alude aqui à “diferença no jogo das forças psíquicas” que estão em jogo na formação de ambas, o que põe em xeque a incompletude dessa identidade. Esta passagem nos leva por um caminho interessante, que poderia resolver o problema da interpretação dessa identidade, na medida em que afirma que esta se encontraria “no essencial” dos processos característicos das duas formações psíquicas. Haveria, portanto, na relação entre o sonho e os sintomas neuróticos, espaço para a identidade e para a diferença.

Mas deixemos de lado, por ora, a digressão por esses dois pontos — a pretensão de realidade dos esquemas e a analogia entre o sonho e a neurose — e voltemos à questão em razão da qual Freud afirma ter entrado em todas estas formulações metapsicológicas. Trata-se, se bem entendemos, de um movimento epistêmico que, a partir do sonho, se alça a um maior nível de generalidade, mostrando o notável papel estratégico desempenhado pelo sonho. Pois, como veremos, uma formação psíquica singular será a base para a justificação de duas teses nos âmbitos mais gerais da psicologia normal e da psicologia das neuroses. Vejamos a razão disso.

Apesar da analogia com as neuroses, dirá Freud, “o sonho não é um fenômeno patológico [*pathologisches Phänomen*]”, isto é, “não pressupõe nenhuma perturbação do equilíbrio psíquico” e “não deixa nenhuma debilitação da eficiência”⁴³⁰. É isso que o torna apto a justificar conclusões relativas à psicologia normal⁴³¹:

Os dois sistemas psíquicos, a censura de passagem entre eles, a inibição e a sobreposição de uma atividade pela outra, as relações de ambas com a consciência – ou o que uma interpretação mais correta das condições efetivas possa fornecer em seu lugar –, tudo isso pertence à construção normal [*normalen Aufbau*] de nosso instrumento psíquico [*Seeleninstrument*], e o

⁴³⁰ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 576, AE 596, LPM 635. Versão da L&PM.

⁴³¹ Freud afirma que pode-se desconsiderar a objeção que afirma que o material de sonhos dele próprio e de seus pacientes neuróticos não permitiria “tirar conclusões sobre os sonhos de pessoas saudáveis” (*Die Traumdeutung*, 1900, SA 576, AE 596, LPM 635, versão da L&PM).

sonho nos mostra um dos caminhos que levam ao conhecimento da sua estrutura [*Struktur*].⁴³²

Contudo, o sonho não é, para Freud, apenas um caminho qualquer entre outros; como afirmará adiante, “*a interpretação dos sonhos é a via regia para o conhecimento do inconsciente na vida psíquica*”⁴³³. E, do mesmo modo, estende-se a teoria do recalçamento à vida psíquica normal, ainda que aqui a ênfase esteja no termo *unterdrückt*:

Se quisermos nos contentar com um mínimo de aumento plenamente garantido de nossos conhecimentos, diremos que o sonho nos prova [*beweisen*] *que o reprimido [Unterdrückte] também continua existindo no homem normal [normalen] e permanece capaz de produções psíquicas*. O sonho é ele próprio uma das manifestações desse reprimido [*Unterdrückte*]; segundo a teoria, ele o é em todos os casos [*allen Fällen*]; segundo a experiência palpável [*greifbaren*], pelo menos em um grande número deles, que justamente ostentam da maneira mais clara as notáveis características da vida onírica.⁴³⁴

Se o sonho é uma manifestação do *Unterdrückte*, e todas as pessoas normais sonham, portanto, o suprimido permanece ativo também nelas, e não apenas nos neuróticos. E, desse modo, como tanto a divisão entre os dois sistemas como a ação do suprimido estão presentes na constituição normal do aparelho, a explicação dos sintomas neuróticos não pode estar em uma alteração tópica do aparelho, mas em uma alteração de sua dinâmica:

Pois a doença – pelo menos aquela chamada com razão de funcional – não tem como pressuposto a destruição desse aparelho, a produção de novas cisões [*Spaltungen*] em seu interior; cabe explicá-la *dinamicamente* pelo reforço e pelo enfraquecimento dos componentes do jogo de forças, do qual tantos efeitos estão ocultos durante a função normal.⁴³⁵

⁴³² *Die Traumdeutung*, 1900, SA 576, AE 596, LPM 635. Versão da L&PM.

⁴³³ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 577, AE 597, LPM 636. Versão da L&PM.

⁴³⁴ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 576, AE 596-7, LPM 635. Versão da L&PM.

⁴³⁵ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 577, AE 597, LPM 636. Versão da L&PM. A defesa da explicação dinâmica das neuroses insere-se em uma polêmica contra Janet, como aponta Mezan (cf. *Freud: a trama dos conceitos*, 2008, p. 77).

Desse modo, a explicação dinâmica das neuroses segue-se como uma consequência da tese que, a partir dos sonhos, afirma que a cisão do aparelho faz parte da psicologia normal. Porém, o sonho não parece fornecer maiores indicações sobre o aparelho psíquico para além das formulações metapsicológicas expostas no capítulo VII. O conhecimento do aparelho que pôde ser fornecido pelo sonho, “um conhecimento bem pequeno, sem dúvida”, constitui-se no “primeiro passo para, a partir de outras formações – que cabe chamar de patológicas –, continuarmos avançando na sua desmontagem”⁴³⁶, diz-nos Freud. O sonho é apresentado, assim, como o primeiro termo ou a primeira formação psíquica cuja investigação serve de base para o conhecimento do aparelho psíquico, e, por não ser uma formação patológica, permite justificar conclusões acerca da psicologia normal.

Mas o sonho, dirá ainda Freud, “não é o único fenômeno que permite fundamentar [*begründen*] a psicopatologia sobre a psicologia”⁴³⁷. Se por “psicologia” entendemos aqui “psicologia normal”, devemos esperar que os outros fenômenos aos quais se refere Freud não são fenômenos patológicos. Eles são apresentados como fenômenos “cotidianos”, como o esquecimento e as lembranças encobridoras, analisados em dois artigos anteriores à *Traumdeutung*, que serão, mais tarde, reunidos com análises dos lapsos de fala e equívocos, entre outros, em *A psicopatologia da vida cotidiana*⁴³⁸. Portanto, essas formações psíquicas vêm em apoio ao sonho no sentido de fundamentar essa “psicologia”, a qual, segundo a afirmação de Freud, seria o fundamento sobre o qual se sustentaria a psicopatologia, o que parece estar de acordo com o plano epistêmico ao qual a *Traumdeutung* se propõe desde suas primeiras linhas.

Porém, mesmo aqui há algo que soa estranho, pois, se tais fenômenos reunidos na obra de 1901 não seriam patológicos, por que a obra teria sido intitulada *A psicopatologia da vida cotidiana*? Esta reunião de fenômenos mais inofensivos sob o signo da psicopatologia nos lembrará, porém, a aproximação dos sonhos às formações psicopatológicas, e a transposição, a partir da psicopatologia, do método e de teses teóricas para a psicologia do sonho, de modo a inverter a ordem epistêmica que havíamos apresentado como o plano epistêmico da

⁴³⁶ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 577, AE 597, LPM 636. Versão da L&PM.

⁴³⁷ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 577, AE 597, LPM 636. Versão da L&PM.

⁴³⁸ Anteriormente, em outro lugar desta seção, Freud também invoca o riso, relacionado ao cômico, como um apoio à concepção do funcionamento do aparelho segundo os processos primário e secundário, tema que seria tratado posteriormente em seu livro sobre o *Witz*.

Traumdeutung. A isso parece se dever também, como vimos, a discrepância entre teoria e experiência, mantida no caso da tese de que o desejo do sonho deve ser recalcado e provir do inconsciente, o que parece tornar de algum modo irredutível o reconhecimento de uma ordem epistêmica que fundamenta o sonho a partir das neuroses.

O que a seção E põe em jogo, portanto, é, em primeiro lugar, um reconhecimento da importância da psicologia das neuroses para a compreensão do sonho, em sentido inverso ao que se havia proposto no início da *Traumdeutung*. Tendo sido historicamente anterior à investigação dos sonhos, o recurso à investigação das neuroses também se torna incontornável no plano da sustentação epistêmica da psicologia do sonho. Nesta seção, após o estabelecimento da analogia entre sonho e sintoma, é a teoria dos sintomas neuróticos que se articula à explicação da teoria do recalçamento. A extensão da importância do recalçamento, reconhecida universalmente pela experiência no caso das neuroses, chega ao sonho como uma hipótese teórica, cuja universalidade ganha força justamente a partir da teoria das neuroses.

O movimento posterior da seção, como vimos, consiste em generalizar a presença e atuação do “reprimido” ou “suprimido” (*das Unterdrückte*) às pessoas normais em geral, o que é sustentado a partir do sonho, um fenômeno comum a todos. O conhecimento obtido para a psicologia normal, assim, traz um lucro para a psicologia das neuroses, tornando necessário que a sua explicação seja dada de forma dinâmica, já que a cisão da estrutura do aparelho psíquico que está em questão nas neuroses estaria presente também em todos os seres humanos normais.

Continuemos, porém, até a seção F, “O inconsciente e a consciência – A realidade”. A abertura da seção retoma a questão da pretensão de realidade das construções teóricas, expressando o que poderíamos caracterizar como um aproximativismo, como aludimos anteriormente:

Se prestarmos bem atenção, as discussões psicológicas das seções precedentes não nos sugeriram a hipótese [*Annahme*] de que existem *dois sistemas* próximos à extremidade motora do aparelho, e sim *dois processos* ou *modos de fluxo da excitação*. Isso é indiferente para nós, pois devemos estar sempre preparados a abandonar nossas representações auxiliares [*Hilfsvorstellungen*] quando nos acreditarmos em condições de substituí-las por alguma outra coisa

que esteja mais próxima [*besser angenähert*] da realidade desconhecida [*unbekannten Wirklichkeit*].⁴³⁹

A concepção topológica dos dois sistemas se expressara também nos termos *verdrängen* (recalcar, desalojar) e *durchdringen* (irromper). Assim, as ideias de um pensamento pré-consciente ser desalojado para o inconsciente e de um pensamento inconsciente tentar irromper na consciência nos passavam a impressão de que esses pensamentos eram realmente movidos de um lugar psíquico para outro. Mas esta não é, segundo Freud, a representação mais adequada da realidade:

Substituímos essas imagens [*Gleichnisse*] por aquilo que parece corresponder melhor [*besser zu entsprechen*] ao estado real das coisas [*realen Sachverhalt*], a saber, que um investimento de energia [*Energiebesetzung*] é colocado em certo arranjo ou retirado dele, de modo que a formação psíquica cai sob o domínio de uma instância ou é subtraída dela. Mais uma vez, substituímos um modo tópico [*topische*] de representação por um dinâmico; não é a formação psíquica que nos parece como algo móvel, e sim sua inervação.⁴⁴⁰

A representação topológica, porém, não é abandonada, mantendo-se justificada na medida em que se tem em mente o seu limite epistêmico:

Apesar disso, considero oportuno [*zweckmäßig*] e justificado manter a representação plástica [*anschauliche*] dos dois sistemas. Evitaremos qualquer abuso desse modo de figuração se nos recordarmos que representações, pensamentos e formações psíquicas em geral absolutamente não podem ser localizados em elementos orgânicos do sistema nervoso, e sim *entre eles*, por

⁴³⁹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 578, AE 598, LPM 637. Versão da L&PM.

⁴⁴⁰ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 578, AE 598, LPM 637-8. Versão da L&PM. Uma nota de rodapé de Freud, aqui, dá mais um exemplo dessa atitude epistemológica que toma as concepções teóricas como provisórias, sujeitas sempre a um aperfeiçoamento. Trata-se da modificação realizada nessa concepção, no artigo “O inconsciente”, de 1915, quando Freud passa a considerar que “a característica essencial de uma representação pré-consciente é a ligação com restos de representação de palavra” (*Die Traumdeutung*, 1900, SA 578, AE 598, LPM 638, versão da L&PM). A própria *Traumdeutung*, porém, já havia indicado essa ligação do pensamento pré-consciente com os traços mnêmicos verbais, o que também já havia sido elaborado no *Projeto*, onde, contudo, não havia ainda o advento do pré-consciente.

assim dizer, onde resistências e facilitações [*Bahnungen*] constituem seu respectivo correlato.⁴⁴¹

Em seguida, Freud vai contextualizar suas formulações psicológicas diante das outras concepções teóricas existentes sobre o assunto. Em primeiro lugar, é patente e enfático o distanciamento com relação aos filósofos, ou à concepção que Freud a eles atribui em geral: a identificação do psíquico com o consciente, a afirmação de que “a consciência é o caráter imprescindível do psíquico”⁴⁴². Os sonhos e as neuroses se impõem ao médico, diz Freud, como fonte de prova do contrário:

[...] uma única observação compreensiva da vida psíquica de um neurótico ou uma única análise de um sonho deve lhe impor a convicção inabalável de que os processos de pensamento mais complexos e mais corretos, aos quais, no entanto, não se recusará o nome de processos psíquicos, podem ocorrer sem excitar a consciência da pessoa.⁴⁴³

Porém, como só temos notícia desses processos psíquicos inconscientes quando eles exercem algum efeito na consciência, o qual pode se mostrar com um caráter divergente do processo inconsciente mesmo, o médico “precisa se resguardar o direito de avançar do efeito sobre a consciência até o processo psíquico inconsciente mediante um *processo de inferência* [*Schlußprozeß*]”⁴⁴⁴.

Uma concepção que abandona essa superestimação da consciência atribuída aos filósofos é encontrada em Theodor Lipps:

⁴⁴¹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 579, AE 598-9, LPM 638. Versão da L&PM. Essa passagem expressa com clareza o aspecto de continuidade que há entre o *Projeto* e a *Traumdeutung*. A atribuição da localização das formações psíquicas entre os elementos do sistema nervoso (os neurônios) remete ao que, no *Projeto*, eram as “barreiras de contato”, em cujas diferenças de resistência e facilitação se encontraria a explicação da memória. Os conceitos de *Widerstand* (resistência) e *Bahnung* (facilitação, trilhamento) são apresentados aqui no mesmo sentido que possuem no *Projeto*, ainda que, vale observar, o conceito de resistência na *Traumdeutung* é também apresentado no sentido clínico e dinâmico.

⁴⁴² *Die Traumdeutung*, 1900, SA 579, AE 599, LPM 639. Versão da L&PM.

⁴⁴³ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 579, AE 599, LPM 639. Versão da L&PM.

⁴⁴⁴ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 580, AE 600, LPM 639. Versão da L&PM.

Conforme expressão de Lipps, o inconsciente deve ser tomado como base universal [*allgemeinen Basis*] da vida psíquica. O inconsciente é o círculo maior que abrange em si o círculo menor da consciência; tudo o que é consciente tem um estágio prévio inconsciente, enquanto o inconsciente pode permanecer nesse estágio e ainda assim reclamar o valor pleno de uma produção psíquica. O inconsciente é o psíquico propriamente real, *tão desconhecido para nós segundo sua natureza interna quanto o real do mundo externo; ele nos é dado pelos dados da consciência de maneira igualmente tão incompleta quanto o mundo externo pelas informações de nossos órgãos sensoriais.*⁴⁴⁵

A posição de Lipps, portanto, derruba a concepção atribuída aos filósofos, que consiste na identificação do psíquico ao consciente, mas não vai até onde avança a concepção freudiana. Enquanto apenas a vida psíquica diurna normal é suficiente para estabelecer a concepção do inconsciente defendida por Lipps, aquilo que Freud traz de novidade através da investigação dos sonhos e das neuroses vai além da concepção dos psicólogos:

O que a análise das formações psicopatológicas, e já de seu primeiro membro, o sonho, nos ensinou de novo consiste em que o inconsciente – ou seja, o psíquico – existe como função de dois sistemas separados, o que já ocorre na vida psíquica normal. Portanto, há *dois tipos de inconsciente*, uma distinção que os psicólogos ainda não fizeram. Ambos são inconscientes [*Unbewußtes*] no sentido da psicologia; em nosso sentido, porém, um deles, que chamamos de *Ics*, é incapaz de se tornar consciente, enquanto o outro, o *Pcs*, foi chamado assim por nós porque suas excitações podem chegar à consciência, sem dúvida também obedecendo a certas regras, talvez apenas superando uma nova censura, porém sem levar em conta o sistema *Ics*.⁴⁴⁶

Com relação à consciência, que antes recobria todo o domínio do psíquico, Freud relegará a ela, como já havia sido dito antes, o papel de “*um órgão sensorial para a percepção de qualidades psíquicas*”⁴⁴⁷, que está voltado para o exterior, recebendo as qualidades provenientes do sistema perceptivo, assim como para o interior do aparelho psíquico, através das

⁴⁴⁵ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 580, AE 600, LPM 639-40. Versão da L&PM.

⁴⁴⁶ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 582, AE 602, LPM 642. Versão da L&PM.

⁴⁴⁷ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 583, AE 603, LPM 643. Versão da L&PM.

qualidades da série prazer-desprazer, decorrentes das alterações quantitativas dos processos em curso. Esta concepção da consciência como um órgão sensorial ainda distingue Freud de concepções que superam a identificação entre o psíquico ao consciente, mas não são capazes de atribuir à consciência uma função, tomando-a como “um reflexo supérfluo do processo psíquico consumado”⁴⁴⁸. Para Freud, porém, a consciência encontra sua utilidade na regulação do investimento de atenção, realizada inicialmente em função das qualidades de prazer e desprazer. Porém, haverá ainda, posteriormente, o advento da regulação dos investimentos a partir de uma nova série de qualidades, “que constitui a prerrogativa dos homens frente aos animais”⁴⁴⁹. Trata-se da associação dos processos de pensamento, em si inconscientes, com recordações de palavra (*Wortinnerungen*), “cujos restos de qualidade bastam para atrair a atenção da consciência e a partir dela proporcionar ao pensar um novo investimento móvel”⁴⁵⁰.

A questão da consciência coloca em jogo a ideia, que havia sido mencionada na introdução do capítulo VII, de que o sonho por si só não é capaz de prover o conhecimento sobre o aparelho psíquico em todos os seus aspectos, sendo a histeria aqui invocada para discernir a existência de uma censura entre o pré-consciente e a consciência:

Toda a variedade dos problemas da consciência apenas pode ser abrangida decompondo os processos históricos de pensamento. Recebe-se então a impressão de que a passagem do pré-consciente ao investimento consciente também está ligada a uma censura, análoga à censura existente entre *Ics* e *Pcs*.⁴⁵¹

Freud ainda comunica, aqui, a análise de dois casos em que se transparece essa censura entre o pré-consciente e a consciência, mostrando o valor que o singular ainda mantém em seu discurso, mesmo no contexto do capítulo VII, o capítulo teórico por excelência.

E, caminhando para o fim de seu livro sobre os sonhos, reafirma o plano epistêmico que propõe no início da obra: “Assim, eu buscaria o valor teórico da ocupação com o sonho nas

⁴⁴⁸ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 583, AE 603, LPM 643. Versão da L&PM.

⁴⁴⁹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 584, AE 604, LPM 645. Versão da L&PM.

⁴⁵⁰ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 584-5, AE 605, LPM 645. Versão da L&PM.

⁴⁵¹ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 585, AE 605, LPM 645. Versão da L&PM.

contribuições ao conhecimento psicológico e na preparação para a compreensão das psiconeuroses”⁴⁵².

Em conexão com a questão da realidade, temos ainda o que se segue: “Não sei dizer se cabe reconhecer *realidade* [*Realität*] aos desejos inconscientes”, diz Freud. “Naturalmente” continua, “cabe negá-la a todos os pensamentos intermediários e de transição”⁴⁵³. Na edição de 1909, de acordo com nota de Strachey, a isso seguia-se um acréscimo que afirmava a necessidade de levar em conta que “a realidade psíquica tem mais de uma forma de existência”; em 1914, essas duas formas de existência aparecem como a contraposição entre uma “realidade psíquica” e uma “realidade fática”; e em 1919, por fim, temos o texto atual, que substitui apenas o “fática” pelo “material”:

Depois que temos os desejos inconscientes diante de nós, em sua expressão última e mais verdadeira [*wahrsten*], deve-se dizer que a realidade *psíquica* [*psychische Realität*] é uma forma especial de existência [*eine besondere Existenzform*] que não deve ser confundida com a realidade *material* [*materiellen Realität*].⁴⁵⁴

⁴⁵² *Die Traumdeutung*, 1900, SA 586, AE 606, LPM 647. Versão da L&PM.

⁴⁵³ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 587, AE 607, LPM 647. Versão da L&PM.

⁴⁵⁴ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 587, AE 607, LPM 647. Versão da L&PM.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomemos agora a questão que procuramos investigar na *Traumdeutung*, após a análise da obra em detalhe. Tomando a questão de um modo amplo, pretendíamos avaliar qual o papel e como se relacionam os âmbitos da singularidade mais radical que se afirma na *Traumdeutung*, expressa na análise detalhada de um sonho que se detém nas suas diversas determinações, e o plano de universalidade em que se afirma a formulação teórica do esquema do aparelho psíquico. Entre estes dois âmbitos epistêmicos, interpomos o plano onde se afirmam as teses gerais sobre o sonho, que se mostra como o plano de uma universalidade, se posto diante das análises de sonhos singulares, mas se mostra como o plano da singularidade, se colocado diante das diversas formações psíquicas pelas quais é responsável o aparelho psíquico.

Tendo em vista estes três termos ou planos epistêmicos, distinguimos dois momentos onde analisamos a relação entre singularidade e universalidade. Em um primeiro momento, analisamos a relação entre *um sonho* e *todos os sonhos*, isto é, entre a análise detalhada de um sonho singular e as teses gerais sobre o sonho. Em um segundo momento, analisamos as relações postas em jogo quando se toma o sonho como *uma formação psíquica* singular, entre outras, estabelecendo relações epistêmicas com as formações psicopatológicas e com o aparelho psíquico, este que deveria ser, no limite, responsável por *todas as formações psíquicas*.

Com a análise das relações epistêmicas constituídas no primeiro momento, deveríamos identificar, de imediato, que o discurso freudiano se impõe duas exigências. É necessário, por um lado, a exposição detalhada da análise de um sonho, em sua singularidade concreta, sem retirá-lo do seu contexto. Só assim é possível evidenciar as articulações que se tem em vista. A esse respeito, o sonho da injeção de Irma é apresentado de modo extremamente detalhado, e a sua análise não se dá de modo fragmentado, ainda que não seja uma análise completa, como reconhece Freud. Porém, devemos notar que mesmo este sonho, cuja análise se apresenta quase como se fosse a sua própria razão de ser, já é colocado em função de questões gerais sobre o sonho. Em primeiro lugar, a sua análise serve para ilustrar o método freudiano de interpretação de sonhos e, além disso, serve como uma ilustração exemplar para a tese de que o sonho possui um sentido e mesmo para a tese de que o sonho é uma realização de desejo.

Este plano epistêmico onde se afirmam as teses gerais sobre o sonho constitui a outra exigência do discurso freudiano na *Traumdeutung*, que se organiza a partir de diversas questões gerais sobre os sonhos. O capítulo III, como vimos, detém-se sobre a tese de que o sonho é uma realização de desejo e poderá afirmar, com base em breves análises de sonhos simples de realização de desejo, que o sonho muitas vezes se mostra como uma realização de desejo. O capítulo IV, por sua vez, tem diante de si duas questões gerais do sonho: tanto a universalidade da tese da realização de desejo, que se verá agora diante de objeções, como a questão da desfiguração do sonho, que virá responder tais objeções. Estes aspectos gerais dos sonhos são, evidentemente, articulados a inúmeras análises de sonhos singulares, que têm sua função no discurso subordinada à exposição das teses gerais. Vejamos, por exemplo, que o sonho “meu amigo R. é meu tio”, o sonho analisado mais extensamente neste capítulo, não tem sua interpretação levada a cabo inteiramente aqui, mas ela é interrompida e fragmentada, diante das exigências do discurso que se organiza a partir de questões gerais. A análise do sonho será retomada, por outro lado, na seção B do capítulo V, que tratará do material infantil, aprofundando a interpretação deste sonho até um desejo infantil que ainda não havia sido evocado. Além do sonho da injeção de Irma e do sonho “meu amigo R. é meu tio”, diversos sonhos são analisados de modo bastante detalhado, servindo como sonhos exemplares para a ilustração de determinada característica geral dos sonhos, como também o sonho da “monografia de botânica”, que ilustra a questão do material recente e indiferente no sonho. Este, além da função principal na qual se insere inicialmente, também é evocado para ilustrar o material infantil e o trabalho da condensação. No capítulo VI, encontramos outras características gerais que conduzem a exposição da obra, isto é, os mecanismos do trabalho do sonho, que, além da condensação, incluem o deslocamento, a consideração à figurabilidade e a elaboração secundária. E, abrindo o capítulo VII, que adentrará o plano mais geral da metapsicologia, temos ainda o sonho exemplar da “criança em chamas”, que deixa transparecer, em sua simplicidade, as características gerais da figuração em imagens sensoriais e a realização de desejo.

Assim, o discurso freudiano se vê sempre diante desta dupla exigência: enquanto se organiza a partir de questões gerais sobre o sonho, tem de se deter minuciosamente nos casos singulares. Com relação a isso, é especialmente instrutiva uma passagem do primeiro capítulo onde Freud enfatiza a necessidade de deter-se longamente em cada caso singular para encontrar a explicação dos sonhos. Ele afirma que a “peculiar predileção da memória onírica pelo indiferente

[...] nas vivências diurnas” deve dificultar a “comprovação” (*Nachweis*), “em cada caso singular” (*in jedem einzelnen Falle*), da dependência do sonho com relação à vida diurna; diz ainda que “Hildebrandt tem razão quando afirma (1875) que poderíamos explicar geneticamente todas as imagens oníricas sempre que dedicássemos em cada caso [*jedesmal*] tempo e concentração suficientes para rastrear sua origem”, mas lamenta o fato de este autor não ter seguido tal caminho, pois, se o fizesse, este “o haveria levado diretamente ao centro da explicação dos sonhos”⁴⁵⁵.

No início da seção F do capítulo VI, Freud põe explicitamente em questão a dificuldade colocada pela concomitância de duas exigências: a exigência da inserção de uma análise singular no contexto mais amplo em que se dá o sonho, levando a uma extensa comunicação pormenorizada que se contrapõe à exigência colocada pelo contexto da obra no qual se insere, isto é, a exposição organizada a partir de questões ou teses gerais sobre o sonho:

Na exposição anterior sobre o trabalho do sonho, tornou-se bastante difícil provar [*erweisen*] meus resultados com exemplos. Os exemplos para cada uma das teses só têm força probatória [*beweiskräftig*] no contexto [*Zusammenhang*] da interpretação de um sonho; arrancados do contexto, perdem sua beleza, e uma interpretação, ainda que pouco profunda, logo se torna tão longa que faz perder o fio da discussão para cuja ilustração [*Illustrierung*] devia servir.⁴⁵⁶

Desse modo, enquanto a interpretação de um sonho deve servir à ilustração ou comprovação de uma questão específica, o seu aprofundamento subverteria esta função de ilustração de uma tese geral, por um lado, mas, por outro, a falta de aprofundamento e descontextualização lhe tirariam a força probatória, o seu valor de evidência.

O reconhecimento dessa dupla exigência do discurso, no espaço epistêmico que se situa entre um sonho e todos os sonhos, deve ser entendida, em primeiro lugar, como a exigência da afirmação dos dois planos epistêmicos. Na medida em que as dificuldades geradas pela concomitância das duas exigências, como expresso na passagem acima, conformem alguma relação de subordinação entre elas, essa relação deve ser entendida sobretudo no plano da

⁴⁵⁵ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 46, AE 46, LPM 34. Tradução nossa.

⁴⁵⁶ *Die Traumdeutung*, 1900, SA 395, AE 407, LPM 431. Versão da L&PM.

exposição da obra. Se tomamos a ideia de subordinação no sentido de uma fundamentação epistêmica de um plano pelo outro, devemos precisar o que pensamos poder ser depreendido do texto de Freud. As teses gerais são sustentadas, em certa medida, pela experiência atestada por Freud. Assim, a exposição de uma tese é, em geral, ilustrada em detalhe por um sonho exemplar, que seja especialmente claro no aspecto em questão, e geralmente seguida de exemplos diversos menos detalhados, quicá de uma afirmação que ateste o grau de generalidade da tese a partir da experiência freudiana em sua totalidade. Desse modo, uma descrição do procedimento epistêmico da *Traumdeutung* como uma generalização a partir de caso único não parece ser a mais adequada, apesar de ser clara a preferência, em grande parte da obra, a explorar a fundo um caso singular, que poderia ser tomado como um “caso típico”⁴⁵⁷, na medida em que apresenta mais claramente determinada característica geral. O que vemos em Freud parece ser mais bem descrito como uma combinação da exploração aprofundada do caso singular com a exploração menos detida da pluralidade dos casos, mais ou menos como defende Widlöcher⁴⁵⁸.

Assim, na *Traumdeutung*, parece haver um emprego complementar dos dois procedimentos epistêmicos. Freud lança mão, na análise do sonho da injeção de Irma, assim como em outros sonhos, dessa incursão detida no caso singular, que o permite evidenciar a novidade sobre o sentido e a realização de desejo no sonho, e em seguida explora a tese da realização de desejo no campo da pluralidade dos casos, que mostra a sua regularidade. No entanto, agora, se tomamos a questão da universalidade da tese da realização de desejo, posta em cheque pelas objeções que se lhe apresentam no capítulo IV, devemos precisar essa relação epistêmica que, como afirmávamos, recorre à singularidade e à pluralidade da experiência para sustentar, em certa medida, as teses gerais sobre o sonho.

Esse ponto-chave da articulação epistêmica da obra, como vimos, foi tratado por Monzani, e coloca a necessária mediação entre o plano epistêmico que tratávamos e a explicação metapsicológica geral do capítulo VII. Afinal, diante do impasse colocado pelas objeções à tese de que todo sonho é uma realização de desejo, essa tese será retomada na seção C do capítulo VII, quando é inserida no espaço teórico onde recebe a sua fundamentação. Desse modo, as teses produzidas nos primeiros capítulos da obra, mesmo se enunciadas na forma de uma universalidade, permanecem em um plano cuja sustentação se dá apenas pela singularidade e

⁴⁵⁷ Cf. Honda, “O caso clínico e a constituição da metapsicologia freudiana”, 2008.

⁴⁵⁸ Cf. Widlöcher, “La méthode du cas unique”, 1999, p. 199.

particularidade da experiência. Nesse sentido, “a esfera da interpretação é o campo produtor, o campo de emergência dessas teses”, mas “a interpretação não pode, por si mesma, realizar o trabalho de fundamentação teórica”⁴⁵⁹, tornando necessário o recurso ao plano da metapsicologia para a fundação de sua universalidade, e caracterizando, assim, “uma subordinação recíproca entre interpretação e explicação”⁴⁶⁰.

Passamos, desse modo, ao momento epistêmico em que tomamos o sonho como *uma* formação psíquica singular, procurando conceber as relações que ele estabelece com as formações psicopatológicas e com o esquema do aparelho psíquico desenvolvido no capítulo VII, partindo desta relação colocada em jogo já pela teoria da realização de desejo e formulada por Monzani. Como vimos, uma primeira leitura da obra, que tentasse derivar o esquema do aparelho psíquico apenas a partir da interpretação dos sonhos, se depararia com o fato de que a experiência com os sonhos não dá a forma destas construções teóricas, e que a exposição do esquema transparece uma certa exterioridade em relação ao contexto da obra. Isso é claro, pois, de fato, a construção do esquema metapsicológico é regida por outro regime discursivo, e encontra-se praticamente pronta no *Projeto* e nas cartas a Fliess, de onde é transposta e articulada ao contexto da interpretação de sonhos. Do mesmo modo, esta primeira leitura, que se fiava na intenção inicial de Freud em fundamentar a explicação das formações psicopatológicas na explicação do sonho, deve se ver diante de um limite quanto a esse arranjo epistêmico que colocava o sonho em primeiro lugar no plano da fundamentação. Afinal, quando estamos diante da questão da universalidade da importância do desejo infantil para a formação do sonho, é apenas com o apoio da psicologia das neuroses que Freud poderá sustentar esta tese no domínio da teoria do sonho. Com a justificação baseada na analogia entre o sonho e os sintomas neuróticos, a proposição universal sobre o desejo infantil é transposta da teoria da histeria, onde era uma tese confirmada pela experiência, para a teoria do sonho, onde a experiência a confirma frequentemente, mas não universalmente.

Procurando reunir as múltiplas estratégias de sustentação epistêmica empreendidas por Freud na *Traumdeutung*, o nosso intento, por fim, foi caracterizar tanto as articulações que se dão conforme o plano inicial da obra, como aquelas das quais se lança mão para contornar as limitações desta proposta. Assim, além da subordinação recíproca entre a experiência constituída

⁴⁵⁹ Monzani, *Freud: o movimento de um pensamento*, 1989, p.113.

⁴⁶⁰ *Ibid.*, p. 114.

pelo trabalho de interpretação dos sonhos e a explicação metapsicológica, pensamos poder identificar uma subordinação recíproca entre a teoria do sonho e a teoria das neuroses. Pois, como vimos, de acordo com a intenção inicial de Freud, a interpretação de sonhos permite estabelecer uma série de explicações sobre a estrutura e o jogo de forças do aparelho psíquico, a partir das quais se pode basear também a psicologia das neuroses. Porém, a experiência com a investigação dos sonhos permite apenas ir até certo ponto, como a afirmação da teoria da realização de desejo, fundamentada no esquema do aparelho psíquico. Quando se trata de afirmar a universalidade do desejo infantil e do recalçamento, é preciso que a teoria das neuroses retroaja sobre a psicologia dos sonhos, servindo-lhe então de sustentação epistêmica nesse aspecto.

Além disso, Freud manifesta certa prudência ao afirmar a necessidade de justificar o esquema do aparelho psíquico não apenas através dos sonhos, mas através de uma série de formações psíquicas. Ele empreenderá essa justificação, como vimos, através da articulação dos esquemas não apenas a características dos sonhos, mas também de formações psicopatológicas e mesmo da operação psíquica normal. E, assim, o âmbito da interpretação ou da experiência, onde incluíamos de início o sonho em geral, deve abranger todas as formações psíquicas pelas quais deve ser responsável o nosso aparelho psíquico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBELLI, Izabel. *Metapsicologia e clínica psicanalítica: um estudo sobre as relações entre os princípios clínicos e as construções metapsicológicas*. 101f. Tese (Doutorado em Filosofia) — Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

BREUER, Josef; FREUD, Sigmund. Estudios sobre la histeria [1893-95]. Tradução de José L. Etcheverry. In: _____. *Obras completas*. vol. 2. 2ª ed. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992.

ESTÊVÃO, Ivan R. *Sobre a universalidade na psicanálise: um estudo da teoria freudiana do complexo de Édipo*. 295 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) — Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

FERRATER MORA, José. *Dicionário de filosofia*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FERRATER MORA, José. *Dicionário de filosofia*, tomo IV (Q-Z). 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2004.

FREUD, Sigmund. Proyecto de psicología [1895]. Tradução de José L. Etcheverry. In: _____. *Obras completas*. vol. 1. 2ª ed. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992. pp. 323-436.

FREUD, Sigmund. *Entwurf einer Psychologie* [1895]. Tradução de Osmyr F. Gabbi Jr. In: GABBI JR., Osmyr. *Notas a Projeto de uma Psicologia: as origens utilitaristas da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2003. pp. 171-260.

FREUD, Sigmund. *The interpretation of dreams* [1900]. In: _____. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. v. 4-5. London: The Hogarth Press, 1971. pp. xi-627.

FREUD, Sigmund. La interpretación de los sueños [1900]. Tradução de José L. Etcheverry. In: _____. *Obras completas*. vols. 4-5. 2ª ed. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1991. pp. 1-612.

FREUD, Sigmund. Die Traumdeutung [1900]. In: _____. *Studienausgabe*. Band II. 10. ed. Frankfurt am Main: Fischer, 1996.

FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos* [1900]. 2 vols. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2012.

- FREUD, Sigmund. Un sueño como pieza probatoria [1913]. Tradução de José L. Etcheverry. In: _____. *Obras completas*. vol. 12. 2ª ed. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1991. pp. 279-91.
- FREUD, Sigmund. Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico [1914]. Tradução de José L. Etcheverry. In: _____. *Obras completas*. vol. 14. 2ª ed. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992. pp. 1-64.
- FREUD, Sigmund. Lo inconciente [1915]. Tradução de José L. Etcheverry. In: _____. *Obras completas*. vol. 14. 2ª ed. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992. pp. 153-213.
- FREUD, Sigmund. O inconsciente [1915]. Tradução de Paulo César de Souza. In: _____. *Obras completas*. vol. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. pp. 99-150.
- FREUD, Sigmund. Más allá del principio de placer [1920]. Tradução de José L. Etcheverry. In: _____. *Obras completas*. vol. 18. 2ª ed. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992. pp. 1-62.
- FREUD, Sigmund. Dos artículos de enciclopedia: «Psicoanálisis» y «Teoría de la libido» [1923]. Tradução de José L. Etcheverry. In: _____. *Obras completas*. vol. 18. 2ª ed. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992. pp. 227-54.
- GABBI JR. Osmyr F. A leitura freudiana das teorias pré-psicanalíticas sobre o sonho. In: PRADO JR., Bento (Org.). *Filosofia da psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1991. pp. 139-62.
- GAY, Peter. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GREEN, André. De l'Esquisse à L'Interprétation des rêves: coupure et clôture. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, Gallimard, Paris, n. 5, p. 155-80, 1972.
- HONDA, Hélio. O caso clínico e a constituição da metapsicologia freudiana. In: LEITE, N.; TROCOLI, F. (Orgs.). *Um retorno a Freud*. Campinas: Mercado de Letras; FAPESP, 2008. pp. 177-94.
- HONDA, Hélio. O estatuto do caso clínico na psicanálise de Freud: notas sobre a metodologia freudiana. In: SIMANKE, Richard T. et al. (Orgs.). *Filosofia da psicanálise: autores, diálogos, problemas*. São Carlos: EdUFSCar, 2010. pp. 361-75.

- HONDA, Hélio. Entre ficcionalidade e objetivismo: o caso clínico como *locus* de elaboração conceitual do material fático. *Revista de Filosofia Aurora*, Curitiba, jul./dez. 2011, v. 23, n. 33, pp. 329-43.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, livro I: os escritos técnicos de Freud, 1953-54*. Tradução de Betty Milan. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- LANGENSCHIEDT. *Taschenwörterbuch Portugiesisch. Dicionário de Bolso Português*. Berlin, München: Langenscheidt, 2011.
- MASSON, Jeffrey M. (Ed.). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess — 1887-1904*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- MASSON, Jeffrey M. (Ed.). *Sigmund Freud Briefe an Wilhelm Fliess 1887-1904: Ungekürzte Ausgabe*. 2. ed. Frankfurt a. M.: Fischer, 1999.
- MEZAN, Renato. *Freud: a trama dos conceitos*. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- MONZANI, Luiz R. *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.
- MONZANI, Luiz R. Discurso filosófico e discurso psicanalítico: balanço e perspectivas [1988]. In: PRADO JR., Bento (Org.). *Filosofia da psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1991. pp. 109-138.
- MONZANI, Luiz R. A teoria freudiana do sonho. In: FULGENCIO, Leopoldo; SIMANKE, Richard T. (orgs.). *Freud na filosofia brasileira*. São Paulo: Escuta, 2005. pp. 135-43.
- MONZANI, Luiz R. O que é filosofia da psicanálise?. *Philosophos*, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 11-19, jul./dez. 2008.
- POLITZER, Georges. *Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise*. Tradução de Marcos Marciolino e Yvone M. C. Teixeira da Silva. Piracicaba: Unimep, 1998 [1928].
- PONTALIS, J.-B. La pénétration du rêve [1972]. In: _____. *Entre le rêve et la douleur*. Paris: Gallimard, 1992 [1977]. pp. 19-38.
- RICOEUR, Paul. *De l'interprétation: essai sur Freud*. Paris: Éditions du Seuil, 1965.

RICOEUR, Paul. *Le conflit des interprétations: essais d'herméneutique*. Paris: Éditions du Seuil, 1969.

SIMANKE, Richard T. Realismo e antirrealismo na interpretação da metapsicologia freudiana. *Natureza Humana*, v. 11, n. 2, pp. 97-152, jul.-dez. 2009.

SIMANKE, Richard T. O que a filosofia da psicanálise é e o que ela não é. In: SIMANKE, R. T. *et al.* (Orgs.). *Filosofia da psicanálise: autores, diálogos, problemas*. São Carlos: EdUFSCar, 2010. pp. 13-32.

SORIA, Ana Carolina S. *Interpretação, sentido e jogo: um estudo sobre a concepção de fantasia (Phantasie) em Sigmund Freud*. 2010. 199 f. Tese (Doutorado) — Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SORIA, Ana Carolina S. *Do indivíduo à cultura: um estudo sobre Freud*. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

STRACHEY, James. Editor's Introduction. In: FREUD, Sigmund. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. v. 4. London: The Hogarth Press, 1971. pp. xi-xxii.

WIDLÖCHER, Daniel. La méthode du cas unique. FÉDIDA, Pierre; VILLA, François (Orgs.). *Le cas en controverse*. Paris: PUF, 1999.

ZIMMERMANN, R. Allgemeines/Besonderes. In: RITTER, Joachim (Ed.). *Historisches Wörterbuch der Philosophie*. Basel: Schwabe & Co., 1971.